

água da fonte





Av. Brasil Oeste, 792
CEP 99025-003 Passo Fundo, RS

Presidente:

Antonieta Rovena O. G. Dias

Vice-presidente:

Ironi Gozzi de Andrade

Secretária-geral:

Elisabeth Souza Ferreira

1ª Secretária:

Patrícia Godoy Ritter de Bairos

2ª Secretária:

Luciana Marinho Albrecht

1ª Tesoureira:

Dilse Piccin Corteze

2ª Tesoureira:

Marilise Brockstedt Lech

Membros

Adelvino Parizzi
Agostinho Both
Alberto Rebonatto (emérito)
Aleixo da Rosa
Alex Antônio Vanin
Alexandre da Rosa Vieira
Carlos Antonio Madalosso
Cleuza Rejane Ochôa Ughini
Daniel Viuniski
Djiovan Vinícius Carvalho
Eládio Weschenfelder
Elmar Luiz Floss
Fernando B. Severo de Miranda
Francisco Mello Garcia
Gilberto Rocca da Cunha
Helena Rotta de Camargo (emérito)
Hugo Roberto Kurtz Lisboa
Irineu Gehlen
Ivaldino Antonio Tasca
Jabs Paim Bandeira
Janaina Rigo Santin
Júlio César Perez (correspondente)
Luis Carlos Dale Nogari dos Santos
Luiz Carlos Tau Golin (correspondente)
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo
Marco Antonio Bomfoco de Almeida
Marcos Antônio Bulgos de Andrade
Marcos Antônio Damian (correspondente)
Mauro José Gaglietti
Nei Alberto Pies
Odilon Garcez Ayres (correspondente)
Osvandré Luiz Canfield Lech
Paulo Domingos da Silva Monteiro
Pia Elena Borowski
Ricardo José Stolfo (emérito)
Romeu Carlos Alziro Gehlen
Roque Gilberto Annes Tomasini
Santo Claudino Verzeleti (emérito)
Silvana Alba Scortegagna
Simone Müller Cardoso (correspondente)
Sueli Gehlen Frosi

Editorial

Vinte e dois anos, vinte anos e dez anos depois

Iniciativas, na área cultural, que possam ser contabilizadas em décadas de duração, seja em Passo Fundo ou em outro lugar qualquer do mundo, são raras. Por isso, nesse editorial, cabe enaltecer três projetos da Academia Passo-Fundense de Letras que, desde iniciados, duram 22 anos, 20 anos e 10 anos. São eles: **Água da Fonte**, **Literatura Local e Identificando Talentos**, respectivamente.

Água da Fonte, o periódico cultural da Academia Passo-Fundense de Letras, a exemplo de jornais e revistas que, quando nascem, têm a pretensão de vida longa, iniciou com a sua edição princeps, o número ZERO, em dezembro de 2003. Surgiu no vácuo deixado pelos Anuários da Academia Passo-Fundense de Letras, que tiveram três edições (1975, 1976 e 1977), pelo jornal Voz de Passo Fundo, que teve quatro edições, em 1996, e pelo o jornal O Guarani, criado em 1997, que circulou por dois anos, publicando quatro números. Ao completar 22 anos, desde que começou a circular, em dezembro de 2003, **Água da Fonte** tem destoado da efemeridade que caracterizou os seus congêneres anteriores. Qual o segredo dessa longevidade? Talvez a pluralidade editorial e a abertura para receber contribuições de escritores, especialmente locais, fora dos quadros da Academia. E assim, se constituindo em retrato fiel da literatura, fora do circuito comercial, que tem sido produzida em Passo Fundo nos anos 2000.

O programa de entrevistas **Literatura Local**, foi criado em 2005, via parceria entre a Academia Passo-Fundense de Letras e a Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Está há 20 anos no ar. No início, pelo canal 16 da Net TV Passo Fundo e, atualmente, no canal da TV Câmara PF no YouTube (@tvcamarapf). Nessas duas décadas, contabilizam-se, em arquivo, entre 600 e 700 entrevistas. Cada uma, indubitavelmente, deixou a sua marca. Passaram pelo programa, desde aspirantes às letras até escritores consagrados, além de artistas de várias áreas, como teatro e ativistas culturais, e políticos com projetos relacionados ao tema. O programa, pelo legado que tem deixado e a longevidade, indubitavelmente, pode ser considerado um marco, em se tratando de literatura e cultura, na televisão brasileira.

Identificando Talentos, cuja primeira edição foi em 2016, é mais uma parceria exitosa entre a Academia Passo-Fundense de Letras e a Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo, que completou 10 anos incentivando e formando escritores, a partir de encontros semanais, com estudantes da rede municipal, na sede da Academia, ao longo dos dois semestres letivos. O processo termina com a publicação e lançamento de um livro, nas Feiras do Livro de Passo Fundo, com as contribuições dos estudantes, encerrando o ciclo completo com a formatura de cada turma.

Oxalá outros projetos da Academia Passo-Fundense de Letras, a exemplo dos relativamente recentes **Seniores de Literatura**, **Cine-Literatura** e **Mateada Literária** alcancem as longevidades, contabilizadas em décadas, de **Água da Fonte**, **Literatura Local e Identificando Talentos!**

GILBERTO R. CUNHA & PAULO D. S. MONTEIRO

Editores

ISSN 1980-2986 (edição impressa)

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 20/21, n. 23/24, dez 2025.

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Anos 20/21 – Números 23/24 – Dezembro de 2025

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo D. S. Monteiro

Capa: Luiz Carlos Barbieux Oliveira – Aquarela fachada da Academia Passo-Fundense de Letras

Arte-final e diagramação: Everaldo Lemos Siqueira

Fotos: Arquivo Academia Passo-Fundense de Letras e autores

Tiragem: 500 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.

água da fonte



Sante Uberto Barbieri 2024 e 2025

A distinção honorífica máxima da Academia Passo-Fundense de Letras, a Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri, é entregue, anualmente, na sessão solene de abertura de cada ano acadêmico, a personalidades que se destacaram por terem dado contribuições relevantes à cultura local. Nos dois últimos anos, os galardoados com a distinção foram, em 2024, o atual prefeito de Passo Fundo, Sr. Pedro Almeida, e, em 2025, o psiquiatra, escritor e cineasta, Dr. Jorge Alberto Salton. Pedro Almei-

da, antes da exitosa carreira política, se destacou como artista e compositor, a música tema das jornadas literárias é de sua autoria, e como empresário que, no seu estúdio de gravação, impulsionou o início de carreira de vários artistas locais. E Jorge Alberto Salton é reconhecido como intelectual de escol, autor de vários livros e roteirista e diretor de filmes premiados, cujo conjunto da obra, indiscutivelmente, o qualifica como merecedor da Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri.



Entrega da Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri ao Sr. Pedro Almeida, 2024



Entrega da Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri ao Dr. Jorge Alberto Salton, 2025

Excelência Acadêmica Delma Rosendo Gehm

FOTOS: ACERVO APLETRAS



Agostinho Both agraciado com a primeira Medalha de Excelência Acadêmica Delma Rosendo Gehm

A primeira “Medalha de Excelência Acadêmica Delma Rosendo Gehm”, uma nova distinção honorífica da Academia Passo-Fundense de Letras, foi entregue, na abertura do ano acadêmico 2025. A honraria coube ao professor, pesquisador, escritor e acadêmico Agostinho Both, cuja trajetória de vida, especialmente como autor de uma vasta obra literária e dedicação ao ensino e aos projetos da APLetras, o fez merecedor desta medalha.

Encontro de Patronos



Gilberto Cunha e Ivaldino Tasca, Feira do Livro Passo Fundo, 2025

Nas dependências da 37ª Feira do Livro de Passo Fundo, em 2025, junto ao Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto, foi registrado o encontro dos acadêmicos Gilberto Cunha, Patrono da 23ª Feira do Livro, em 2009, e Ivaldino Tasca, Patrono da 37ª Feira do Livro, 2025. O inusitado encontro serviu para atestar quanto os quadros da Academia Passo-Fundense de Letras têm sido fonte de patronos para a Feira do Livro de Passo Fundo, conforme a relação que segue: Antonio Augusto Meirelles Duarte (2007, in memoriam), Gilberto R. Cunha (2009), Luiz Carlos Tau Golin (2011), Paulo Monteiro (2013), Jorge Alberto Salton (2015, ex-acadêmico), Pablo Morenno (2019, ex-acadêmico) e Ivaldino Tasca (2025).

Literatura Local, 20 anos!



Fernanda Verissimo e Aleixo da Rosa, Programa Literatura Local alusivo aos 120 anos de Erico Verissimo, 2025

O programa de entrevistas sobre literatura, criado em 2005, por intermédio de uma parceria entre a Academia Passo-Fundense de Letras e a Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo, completou, em 2025, 20 anos no ar, pela TV Câmara. Nesse ínterim, contabilizam-se, em arquivo, entre 600 e 700 entrevistas. Cada uma, indubitavelmente, deixou a sua marca.

Diretoria 2026-2027



A Academia Passo-Fundense de Letras terá uma nova direção, a partir do dia 1º de janeiro de 2026. Em eleição ocorrida no dia 8 de novembro de 2025, por unanimidade dos acadêmicos votantes, foram eleitos para dirigir o Sodalício das letras locais, nos próximos dois anos, os seguintes acadêmicos: Gilberto Rocca da Cunha (presidente); Marilise Brockstedt Lech (vice-presidente); Eládio Wilmar Weschenfelder (secretário-geral); Elisabeth Souza Ferreira (primeira secretária); Silvana Alba Scortegagna (segunda secretária); Dilse Piccin Corteze (primeira tesoureira); e Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias (segunda tesoureira).

Conversas com os candidatos a prefeito de Passo Fundo

Dando prosseguimento ao que havia ocorrido na eleição municipal de 2020, na ocasião, pela pandemia da Covid-19, na modalidade online, novamente, em 2024, a Academia Passo-Fundense de Letras abriu as suas portas para receber e conversar com os candidatos a prefeito e vice-prefeito de Passo Fundo. Nos encontros, pautados pela civilidade e espírito republicano, os candidatos apresentaram as suas pautas para área cultural e recolheram sugestões para o aprimoramento dos seus programas de governo. Respectivamente, nos dias 17 de agosto, 24 de agosto e 31 de agosto de 2024, estiveram na Academia Passo-Fundense de Letras, os candidatos Airton Dipp e Júlio Stobbe; Márcio Patussi e Cláudio Dóro; e Pedro Almeida e Volnei Ceolin.

Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo apoiando a cultura local



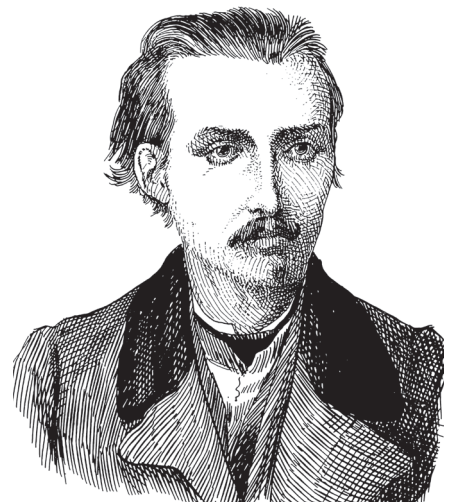
Obras de acessibilidade na sede da APLetras tiveram apoio da Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo



Lançamentos de livros apoiados pela Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo

O apoio da Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo à cultura local, em 2025, deixou a sua marca indelével. Por intermédio de emendas impositivas capitaneadas pelo ex-vereador Saul Spinelli e pelas atuais edis Ada Cristina Munaretto e Eva Valéria Lorenzato, a Academia Passo-Fundense de Letras levou a bom termo obras de acessibilidade universal na sua sede e a publicação de nove livros de autores locais. Nosso reconhecimento à Câmara de Vereadores de Passo Fundo e, em especial, aos representantes do povo que foram os proponentes dessas emendas.

Sumário



O livro que nenhum passo-fundense vivo, até então, havia lido.....	6
Passo Fundo deve se assumir Cidade Educadora?.....	13
Liciane T. D. Bonatto: A mulher que tinha alma de artista.....	16
O Presidente e o Aspirante.....	18
Era uma vez uma cidade que amava livros!.....	20
Fatos reais.....	21
O “embranquecimento de Machado de Assis.....	22
A prática da matemática sem números.....	25
A cama.....	28
O marinheiro.....	31
Um gesto de reconhecimento.....	34
Nosso docinho.....	35
Paixão.....	36
A caminho.....	37
Surpreendido.....	37
Memórias da Escola Notre Dame.....	38
Os sonhadores.....	39
Contemplando a escola.....	40
Nós e o Projeto Sênior de Literatura.....	42
O início de uma longa jornada.....	43
Cem anos do falecimento de Reymont.....	44
Águas de maio.....	47
Homenagem ao acadêmico Daniel Viuniski.....	48
Homenagem a Marilise Lech.....	49
Sabores que atravessam continentes.....	50
Tábua de passar roupa.....	52
Infinito.....	54

Eu escalei a Torre Eiffel.....	55
Adeus Dona Amélia!.....	56
Interstício.....	58
A morte da sereia.....	58
Goethia.....	59
Anjo em chamas.....	59
35ª Feira do Livro de Passo Fundo: um marco cultural na história da cidade e da APLetras.....	60
O hino nacional brasileiro e sua intrigante introdução.....	62
Cemitérios.....	63
Solstício de Verão.....	63
Egito: um mergulho no berço da civilização.....	64
Artista da capa.....	67
As reminiscências de Welci Nascimento e Clair Lisboa.....	68
Esmoleiros do amor.....	70
Não invente de pensar.....	71
E também por nada ter dito.....	71
O surrado nunca esquece.....	71
O caranhoto na calçada.....	72
Um pingo, dois pingos, três.....	73
Entre o bem e o mal: Graham Greene e John le Carré no mundo da espionagem e do suspense.....	74
Pretexto para falar de cavalos.....	78
Lobos.....	80
Com Rita Leenda nos anéis de Saturno.....	81
Sem abelhas, não há colheita.....	82
A biblioteca de Machado de Assis.....	84



O intelectual público Paulo Monteiro87

A saga dos maragatos91

Sete décadas de vida (13.06.1955 - 13.06.2025)93

Como ler e entender o Finnegans Wake de James Joyce94

Rei que nunca tem trono95

Vida e poesia de Casimiro de Abreu.....96

E se a morte não fosse o fim?99

Reminiscências100

Pandemia101

Maconha plantada na Avenida Brasil102

Voo no avião Electra da Varig.....103

Liberdade.....103

Guilhermina, minha avó!104

Imigração alemã no Rio Grande do Sul.....106

O caso do Meleca: um processo e um casamento....116

Innamorata117

Os bons jogos eletrônicos e a boa aprendizagem....118

Os sons do silêncio120

O tio Antônio nas guerras dos maragatos e chimangos122

Um jornal centenário, independente e comprometido124

Cada qual com seus danos126

Libélula Especial127

Ato 1 – O Envelhecimento nas linhas de Deus na Escuridão128

Educação e novas tecnologias: formação crítica em tempos de fake news133

Eu tirei umas férias no Hospital da Cidade134

O Cascão de Alho136

Uma poesia esquecida de Mario Quintana138

O Rio Grande de Jayme Caetano Braun.....143

Justiça Comunitária em Passo Fundo:
Um Modelo de Eficácia no Tratamento Adequado das Desavenças144

Elegia a Dércio Marques.....149

A criança e o sueD150

Centauro centenário.....151

Aprendendo com os animais152

Urubu matreiro156

Boca156

A pampa chorou!.....157

A teoria interpessoal do desenvolvimento cognitivo de Henri Wallon.....158

Anabel e o livro.....161

Aplicação da lei no tempo nas relações de trabalho162

Para isso não tem saída163

A árdua caminhada para a construção do porto marítimo do litoral norte – Arroio do Sal, RS164

Chimarrão espuma verde171

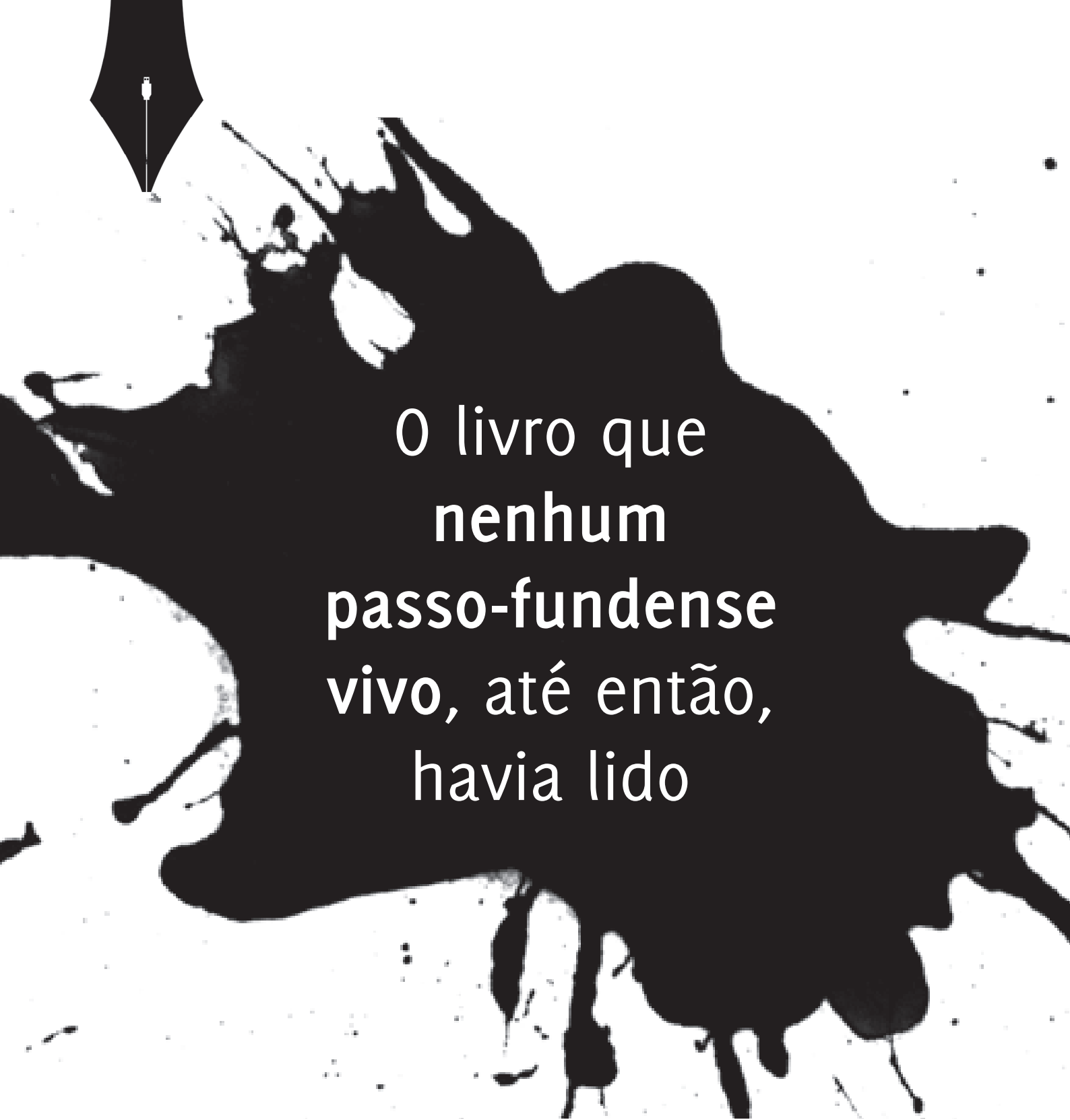
Um romance inusitado em Cardiff172

Tertúlia de canto e música173

O poema de Borges que Borges nunca escreveu174

Cruz Alta175

Em vez do gato de Schrödinger, o gatinho preto de Machado176



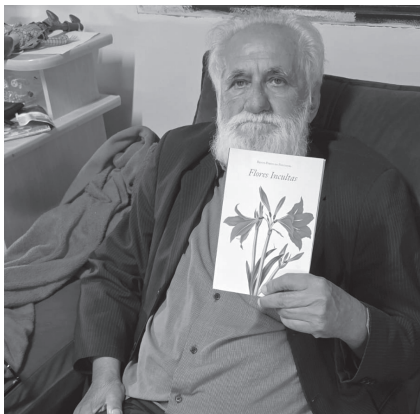
O livro que nenhum passo-fundense vivo, até então, havia lido

GILBERTO R. CUNHA

Impossível afirmar, embora seja muito provável, que, se há um livro que nenhum passo-fundense vivo, até então, nesse começo de século XXI, havia lido, esse é Flores Incultas, de Bento Porto da Fontoura. Durante muito tempo, essa obra, publicada em 1875, foi considerada - erroneamente frise-se - a primeira de um autor passo-fundense. E bastou eu ter feito menção a esse fato, na coluna que semanalmente assino

em O Nacional, na edição de 7 de abril de 2023, para que a suspeição sobre essa afirmação fosse, novamente, levantada. Então, só nos restou buscar as origens dessa assertiva e tentar desvendar o mistério, se, efetivamente, Flores Incultas foi ou não foi o primeiro livro escrito e publicado por um passo-fundense.

Não há dúvida que, localmente, a relação entre Flores Incultas, Bento Porto da Fontoura e Passo Fundo, foi popularizada por textos e falas do acadêmico Paulo Monteiro. Mas, de onde Paulo Monteiro tirou essa informação? Quais fontes que



Paulo Monteiro

ele consultou? Não casualmente, Paulo Monteiro e sua peculiar generosidade, distribuindo cultura e livros à mancha, presenteou-me com três obras do seu acervo pessoal, nas quais encontrei o que eu buscava e, até um pouco mais, o caminho para seguir adiante.

A primeira dessas obras foi o livro *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar, publicado pela Editora Globo, de Porto Alegre, em 1956. Uma preciosidade, autografada, no lançamento, pelo autor. Nesse livro, o célebre professor Guilhermino Cesar esmiúça autores e livros do Rio Grande do Sul, cobrindo o período 1737-1902. E, na página 244, vamos encontrar: “Anote-se também, somente para documentar a descentralização literária que aludimos em vários passos dessa obra, o aparecimento, na vila de Passo Fundo, de Bento Porto da Fontoura, com as suas *Flores Incultas*. Livro soberanamente cacete, de forma dura e inspiração tarda, seu único mérito é lembrar o pai do autor, a grande figura moral de Antônio Vicente da Fontoura, a quem o filho consagra algumas rimas lamentáveis: Foi o oito de setembro/ Que o feroz assassino/ No templo do Senhor/ Matou-me o pai tão dino”.

Os outros dois livros, que Paulo Monteiro ofertou-me, são assinados pelo bibliógrafo Pedro Leite Villas-Bôas. Dois clássicos da literatura sul-rio-grandense: *Notas de Bibliografia Sul-Rio-Grandense*, publicado em 1974, em Porto Alegre, pela Editora Nação em coedição com o Instituto Estadual do Livro, sob os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. E o *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*, de 1991, publicado pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (EST) em parceria com a Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda



FOTOS: ACERVO APLETRAS

Lançamento Flores Incultas no IHPF, 2025

(Edigal), em Porto Alegre.

Pedro Leite Villas-Bôas foi figura de proa do Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL), fundado em Porto Alegre, em 1966. Dedicou-se à coleta de elementos bibliográficos e à ordenação de verbetes sobre autores e obras. Visitava bibliotecas públicas e particulares em busca de obras e confidenciou, pessoalmente, a Paulo Monteiro, que havia manuseado todas as obras que havia feito citações. Nos seus dois catálogos, sobre Bento Porto da Fontoura, ainda que com a marca da dúvida, posta pelo ponto de interrogação, foi taxativo: “Passo Fundo, RS, 12 de janeiro de 1840 (?) - Rio de Janeiro, GB, 25 de janeiro de 1913. Poeta, Bib: *Flores Incultas*, livro de rimas, 1ª Ed. 1875, 87 pág. Tip. Jornal do Comércio, P. Alegre”.

Até aqui nada errado. Mas, não podemos ignorar que Guilhermino Cesar e Pedro Leite Villas-Bôas não são fontes primárias, que mereçam crédito incondicional a tudo que escreveram. Foi então que, depois de ter lido o que eu havia escrito, recebi uma mensagem de áudio da historiadora Mirian Ritzel, de Cachoeira do Sul, dizendo que Cachoeira também reivindicava ser a terra natal de Bento Porto da Fontoura, além de acrescentar muitas outras informações adicionais. Afinal, ele tinha uma forte relação com a cidade, por intermédio do pai Antônio Vicente da Fontoura (o articulador da paz entre os revolucionários Farrapos e o Império), além de ter atuado como advogado e dirigido o jornal *Cachoeirense* e ter colaborado com *O Commercio*. A dúvida de Mirian era se ele teria nascido em Cachoeira do Sul ou em Alegrete.

Nesse interim, entrou na conversa, os historiadores e acadêmicos Alex Antônio Vanin e Djiovan Vinícius Carvalho, que, em consulta a uma fonte primária, o livro de registros de casamentos da

Igreja Nossa Senhora da Conceição Aparecida, desvendaram, de vez, a ligação de Bento Porto da Fontoura e Passo Fundo. Ele não nasceu aqui. Não é passo-fundense. Nasceu e foi batizado em Alegrete, conforme declaração dele próprio. Viúvo de Virgínia Rosalina Macedônia, com quem não deixou descendentes, se casaria, em segundas núpcias, na paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, no dia 22 de maio de 1873, com Virgília Ferreira Prestes, que era irmã do advogado, líder político e militar passo-fundense Antonio Ferreira Prestes Guimarães. Inclusive, no “prefácio” de *Flores Incultas*, ao encerrar com “Vosso cunhado e amigo, Antonio Ferreira Prestes Guimarães / Passo Fundo, 14 de Agosto de 1873”, isso fica, cabalmente, comprovado. Ou seja, a ligação de Bento Porto da Fontoura com Passo Fundo, que deu causa à confusão, foi de casamento e não de nascimento.

Ninguém, em Passo Fundo, que eu tivesse conhecimento, vivendo nos tempos atuais, havia manuseado ou lido o livro *Flores Incultas*. Todavia, sabia-se da existência de um exemplar dessa obra no acervo da Biblioteca Central Irmão José Otão na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre. O título em questão faz parte da Coleção Júlio Petersen, que ao longo da vida tratou de reunir um vasto acervo bibliográfico sobre o Estado do Rio Grande do Sul, sobretudo, publicações das áreas de história, geografia e literatura. Após seu falecimento, a PUCRS adquiriu dos herdeiros o conjunto, disponibilizando-o à comunidade. O exemplar do *Flores Incultas* inicialmente fazia parte da coleção privada de Petersen, confrade de Villas-Bôas no CIPEL, sendo, possivelmente, o mesmo que foi manuseado

pelo autor de *Notas de Bibliografia Sul-Rio-Grandense*.

Seguindo a praxe demandada para obter acesso ao acervo de obras raras da PUCRS, finalmente, em 2025, Alex Vanin conseguiu, finalmente, tocar e fotografar, página por página, o raríssimo exemplar do livro de Bento Porto da Fontoura. Iniciava o périplo da nova edição de *Flores Incultas*.

De imediato, digitou-se a obra conforme a versão original, obedecendo à grafia da língua portuguesa do século XIX. Ao mesmo tempo, iniciou-se a atualização da grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009, e começou a busca por informações complementares sobre Bento Porto da Fontoura, para compor uma biografia do



autor, ainda que breve. Alex Vanin localizou, em São Paulo, a Sra. Amaryllis Schloenbach, bisneta de Bento Porto da Fontoura, mas que, apesar da boa vontade, em função da idade avançada e dificuldades de visão e locomoção, não pode colaborar muito, pois desconhecia a história familiar. Todavia, ficou muito feliz em saber do lado poético do bisavô, uma vez sendo ela também poeta com livros publicados. Não foi sem motivos então, que, apesar das muitas possibilidades, a escolha, para ilustrar a capa da nova edição de *Flores Incultas*, recaiu em uma imagem de uma flor da espécie *Amaryllis reginae*, planta ornamental nativa da América do Sul. Um tributo, pela solicitude e disposição a colaborar, à bisneta de Bento Porto da Fontoura, a Sra. Amaryllis Schloenbach.

Não se dispunha de fotografia de Bento Porto da Fontoura. Eis outra busca tão desafiadora quanto a obtenção de informações fidedignas sobre o autor de *Flores Incultas*. Foi então que eu lembrei de Pedro Paulo Pons, misto de filósofo e historiador amador, que havia conhecido no ambiente das casas de estudante da UFRGS, no começo dos anos 1980. O abnegado Pedro Paulo Pons, figura por demais conhecida no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e no Arquivo Público de Porto Alegre, saiu à cata de informações e da fotografia de Bento Porto da Fontoura. Vasculhou documentos, arquivos públicos e privados, levantou informações até então ignoradas ou pouco conhecidas sobre Bento Porto da Fontoura e, no acervo particular do médico Ronaldo Bastos, conseguiu a fotografia do autor de *Flores Incultas*, que ora ilustra a biografia do escritor nessa nova edição da obra. Nossa gratidão a Pedro Paulo Pons e ao Dr. Ronaldo Bastos! Enquanto, nesse entremeio, ao Professor Eládio Weschenfelder, foi solicitada uma análise sobre a obra e a filiação literária de Bento Porto da Fontoura, como poeta do século XIX, que também está incluída na edição do livro que ora é publicada.

Por fim, compete registrar o esmero e a qualidade do trabalho feito pelo his-



Bento Porto da Fontoura



toriador e editor Alex Vanin, que, além do bom-gosto para a estética apurada da apresentação do livro, foi cirúrgico no aporte de notas editoriais que valorizaram sobremaneira a obra. A nova edição de *Flores Incultas*, o primeiro livro escrito em Passo Fundo, sai, em 2025, pelo selo Lettere, da Acervus Editora, 150 anos depois dessa obra ter sido, originalmente, publicada em Porto Alegre. E ficou um primor!

Finalmente, compete deixar explicitado o apoio dado à publicação desse livro pela Câmara de Vereadores de Passo Fundo, por intermédio de emenda parlamentar, de autoria da nobre edil Eva Valéria Lorenzato, direcionada à publicação de obras relevantes para a cultura local. E *Flores Incultas*, indiscutivelmente, faz parte desse grupo de obras.

Sinta-se privilegiado ou privilegiada em poder manusear e ler o primeiro livro escrito em Passo Fundo.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)



Hoje, por razões justificadas, o patrono dessa cadeira mudou, surgindo em seu lugar, um nome, que, aliás, é remoto parente meu, o poeta Gonçalves Dias.

FOTO: ACERVO APLETRAS



ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA GONÇALVES DIAS

Excelentíssima Senhora Miriê Tedesco Secretária Municipal de Cultura, representando o Sr. Prefeito Municipal de Passo Fundo; e Excelentíssimo Senhor Saul Spinelli, representando a Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo; permitam-me que, em seus nomes, eu saúde todas as demais autoridades civis, militares e eclesiásticas já nomeadas pelo Protocolo.

Ilustríssima Senhora Marilise Lech, destacadíssima ex-presidente de nossa Academia; permita-me, em seu nome, saudar os demais acadêmicos, adultos e mirins, aqui reunidos;

Senhoras e senhores...

Certa vez, eu escrevi: “No relógio da vida, o tempo vai transportando o ponteiro da hora, enquanto o dedo de Deus vai escrevendo a minha história”.

Sim, Senhoras e Senhores, certa vez, eu escrevi: “No relógio da vida, o tempo vai transportando o ponteiro da hora, enquanto o dedo de Deus vai escrevendo a minha história”.

Não tenho nenhuma dúvida de que, depois de o tempo ter transportado tantas e tantas vezes o ponteiro da hora, há um dedo de Deus escrevendo um novo capítulo na história de minha vida.

No momento em que assumo a presidência da Academia Passo-Fundense de Letras, com o compromisso de dar continuidade à gestão da acadêmica, professora, doutora Marilise Lech, tenho

consciência do grande desafio que me espera e tenho, também, a humildade de pedir sabedoria ao eterno Pai e auxílio aos queridos parceiros deste Sodalício.

À confrreira, ex-presidente Marilise, e aos demais membros desta instituição, prometo manter altivo o nome de nossa Academia, preservando-a física, cultural, ética e moralmente. Prometo, também, apoiar todos os projetos, atuais e futuros, e, igualmente, manter uma parceria compartilhada com o município, com a Academia Rio-Grandense de Letras e com todas as demais Academias de Letras do Estado. Mas, em especial, hei de promover uma boa convivência e uma saudável vizinhança com as instituições que compõem o Espaço Roseli Doleski Pretto.

Mas é evidente que o enfrentamento a tão árduos propósitos requer competência, liderança e, muito trabalho. E foi para isso que procurei montar uma competente Diretoria. Nela, mais do que nomes, figuram pessoas como o Ironi Andrade (vice-presidente), a Elisabeth Ferreira (secretária-geral), a Patrícia de Bairos (primeira-secretária), a Luciana Albrecht (segunda-secretária), a Dilse Corteze (primeira-tesoureira) e a Marilise Lech (segunda-tesoureira).

Além disso, e consciente de meu desafio, preocupei-me, igualmente, em montar uma excelente nominata para compor nossa Comissão de Contas e Patrimônio. Para essa instância, também, preocupei-me em reunir pessoas de comprovado talento e indiscutível competência, como o Gilberto Cunha (presidente), o Daniel Viuniski (relator) e o Eládio Weschenfelder (conselheiro). Mais os suplentes: Pia Elena Borowski, Roque Tomasini e Mauro Gaglietti.

Por fim, esmerei-me na nomeação de responsáveis pelas comissões: Social, Cultural, de Infraestrutura, de Captação de Recursos, de Divulgação e da Biblioteca.

Creio que, agora, envoltos no lema “**Letras impulsionando obras**”, a diretoria, as comissões, cujos membros declaro-os também empossados neste momento, e os demais acadêmicos poderemos garantir uma gestão, não tão profícua quanto o foi essa que ora se encerra, que isso seria pretensão demasiada, mas, mesmo assim, capaz de manter altivo o nome de nossa instituição.

Permitam-me, agora, falar um pouquinho sobre minha trajetória de vida.

Sou natural do interior de Espumoso. Iniciei o ensino superior em Cruz Alta.



Como sua ardente admiradora e incansável defensora do Meio Ambiente, que sou, quero homenageá-lo com uma de suas milhares de frases: **minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá!**

Fiz parte da rede municipal e estadual de ensino. Vim, com minha família, residir em Passo Fundo, em 1985. Nesta cidade que nos acolheu muito bem, dei continuidade à formação superior, estudando na Universidade de Passo Fundo.

Na Academia Passo-Fundense de Letras, meu ingresso se deu em 2015. Em 2016 e 2017, auxiliei o Projeto Identificando Talentos e realizei algumas outras tarefas, na gestão da ex-presidente Dilse Corteze. Em 2018, fui eleita primeira-secretária, na gestão do ex-presidente Odilon Garcez. No biênio 2020-2021, fui reeleita primeira-secretária, na gestão do ex-presidente Gilberto Cunha.

Foi no mandato da confrreira Marilise, entretanto, que um turbilhão de fatos inesperados aconteceu, fazendo com que eu executasse múltiplas funções e cargos. Inicialmente, fui conselheira suplente e, depois conselheira titular da Comissão de Contas e Patrimônio. Com o falecimento da então vice-presidente, querida Marisa Zílio, galguei o cargo de segunda-tesoureira. Meses depois, com o falecimento do primeiro-tesoureiro, Luís Lopes de Souza, passei ao cargo de primeira-tesoureira.

Pois bem, vejam que progressão de cargos exerci em poucos anos de Casa e especialmente na última gestão da diretoria que ora se despede!

Quando ingressei, era muito tímida e quase não me pronunciava. Eu até tinha algumas ideias, mas sequer as sugeria. O tempo passou e confirmou-se o adágio “**Quer conhecer alguém, dê-lhe poder**”! E talvez seja isso que justifique o fato de, hoje, eu estar sendo empossada como Presidente desta quase centenária Instituição!

Vale recordar, ainda, que, quando fui empossada, ocupei a cadeira número um, cujo patrono era Paulo Setúbal. Cadeira que já havia sido ocupada, antes, pelos saudosos acadêmicos Athos da Rosa, Antônio Donin e Craci Dinarte. Hoje, por razões justificadas, o patrono dessa cadeira mudou, surgindo em seu lugar, um nome, que, aliás, é remoto

parente meu, o poeta Gonçalves Dias.

Como sua ardente admiradora e incansável defensora do Meio Ambiente, que sou, quero homenageá-lo com uma de suas milhares de frases: **minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá!**

Quero também registrar a presença de meus familiares, agradecendo, em especial, minha sobrinha Eduarda Carolina Vargas que, dentro desta Casa, me acompanhou, com disposição e carinho, pelo período de uns três anos, vindo a tornar-se acadêmica-mirim. Valeu Duda!

Agradeço, ainda, a presença de meu círculo de amizade, de minhas ex-colegas e também de meus irmãos da Quinta Igreja do Evangelho Quadrangular, sobretudo nosso Superintendente Regional, Pr. Jaci Ferreira de Jesus, ou seu representante, que possa estar em nosso meio, e os demais pastores.

Mas confesso que encerro essa minha prece de posse extremamente emocionada e agradecendo, um a um, todos que aqui estão, mas muito carinhosamente os colegas acadêmicos, permitindo que eu vivenciasse a emoção deste dia, deste momento.

Dentre meus colegas de sodalício, contudo, deixo um agradecimento muitíssimo especial à nossa ex, mas sempre, presidente Marilise Brockstedt Lech, com quem convivi mais de perto e em quem destaco, entre suas qualidades: o trabalho, a disponibilidade, o dinamismo, a criatividade, o humor, apoiando-me, incentivando-me e sempre apostando em mim.

Obrigada e uma confissão: quando eu crescer, quereirei ser ao menos um pouco parecida contigo, querida Marilise!

Muito obrigada a todos os presentes
E que Deus vos abençoe!

Passo Fundo, 15 de dezembro de 2023

(Antoneita Rovena Oliveira Gonçalves Dias é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2024-2025.)



Enquanto os cabos passam por baixo das águas oceânicas para formar uma rede mundial de computadores, nós aqui na superfície terrestre, folhamos nossas páginas ou escrevemos.

FOTO:ACERVO APLETRAS



ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA GONÇALVES DIAS

Boa Noite a todos!
“Até aqui nos ajudou o Senhor”. 1 Samuel 7:12.
Se a Palavra de Deus assim afirma, é porque Ele continuará nos sustentando. Reforço aqui as boas-vindas a todos os presentes, que talvez com esforços, e fazendo jus ao nosso convite, aqui estão!

De uma forma muito especial, quero registrar aqui a presença de uma pessoa que, surgindo no meu caminho, um leque se abriu em várias áreas da minha vida, estou falando da professora aposentada e, entre outras tantas qualificações: psicoterapeuta, consteladora familiar e master trainer sistêmica, Madalena Noêmia Hansen. Sou grata por tudo Noêmia! Que nesta noite, você represente todo o meu círculo de amizades.

Seguindo, agradeço aos membros da diretoria bem como aos demais acadêmicos que têm nos ajudado a levarmos a bom termo a proposta de trabalho que foi encampada pela Gestão 2024-2025. Nada construímos sozinhos. Somos cientes da nossa gratidão para com todos os membros deste Sodalício.

A palavra ACADEMIA provém de uma escola de filosofia da Grécia Antiga, especificamente da ACADEMIA que foi fundada por Platão no ano 387 a.C.. Nada mais correto então, quando usamos o termo academia, (lá na academia), ou lá na Escola de Letras, pois é lá, ou melhor, é aqui que as letras mostram todo o seu poder. Onde a teoria e a prática se encontram, envolvendo a palestra, o ouvinte, o debate, o conhecimento, a experiência, o convívio, etc.

A data de hoje é especial, marcante, pois, ante-



cipadamente, estamos comemorando o 7 de abril, a data natalícia do nosso Sodalício: 7 de abril de 1938. Deveríamos estar saboreando hoje um bolo e apagando 86 velinhas. Sim, são 86 anos que já ficaram para trás, mas que deixaram em letras e ações uma bela história registrada. Pois não existe história se não existir tempo atrás.

Importante lembrar que por aqui, pela porta mais alta do RS, já se passaram mais de duzentos acadêmicos, cujos nomes estão todos bordados na toalha, que cobre aquela mesa de honra. Membros que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para o crescimento intelectual desta Instituição.

Desde que o homem se entendeu como tal na Terra, muitas coisas começaram a acontecer. Foram muitas invenções, descobertas singulares. O ser humano, física e intelectualmente, não para.

Desde a descoberta do fogo, a invenção da roda e da escrita, mais de 11.000 anos se passaram e muitos outros eventos aconteceram ao longo dos tempos. Não vamos listar agora porque são muitos.

Nossa Instituição surgiu como Grêmio Passo-Fundense de Letras. O que ela pode ver de perto ou de longe, bem como usufruir ou sofrer as consequências, desde a data de sua criação, foi, por exemplo: a invenção da televisão, a 2ª Guerra Mundial, a invenção do computador, a invenção da Internet, a 1ª Conferência Mundial do Meio Ambiente, a era da globalização, a pandemia Covid 19, a robótica, e hoje, estamos vendo com nossos olhos a Inteligência Artificial.

Agora vejamos: - o homem criar ou descobrir algo que é mais sábio do que ele próprio?

Até onde vamos chegar com tantos avanços tecnológicos? - Não sabemos!

Esses são os principais acontecimentos que nasceram juntos ou após o nascimento desta Academia de Letras, os quais nos levam a viver simultaneamente.

Citando aqui apenas duas das invenções que já fizeram o homem pensar, entre elas:

1ª) Que, com o surgimento da televisão: o rádio deixaria de existir! O rádio permanece aí!

2ª) Que, com o surgimento da Internet, o livro deixaria de existir. Porém enquanto os cabos passam por baixo das águas oceânicas para formar uma rede mundial de computadores, nós aqui na superfície terrestre, folhamos nossas páginas ou escrevemos, ou nos inspiramos ainda mais.

- Pois para o escritor, tudo é motivo para escrever!

Em tempos, como nos dias atuais em que buscamos mais acessos, mais liberdade, tanto os jovens, quanto as mulheres, ou outros segmentos buscando inclusão, junto ao desafio de manter os valores conciliando com a modernidade, inserido na tecnologia superavançada, nasce nesta casa, projetos internos, mas que ultrapassam estas paredes, seja de forma oral, escrita, impressa ou digital.

E assim os acadêmicos seguem com suas ideias.

Como o lema desta gestão: Letras impulsionando obras, são as letras organizadas em comissões, em coordenações

de trabalhos, trazendo resultados.

Falo agora da menina dos olhos desta Academia: Projetos que faço questão, de pelo menos, mencionar seus nomes e ano em que foram criados:

- 1- Revista Água da Fonte - 2003
- 2- Programa Literatura Local - Parceria com a TV Câmara - 2005
- 3- Concurso Literário - 2008
- 4- Café Filosófico - 2009
- 5- Momento Cultural - 2012
- 6- Identificando Talentos - 2016
- 7- Acadêmicos Mirins - 2017
- 8- Mateada Literária - 2017
- 9- Contação de Histórias - 2022
- 10- Guardião das Letras - 2022
- 11- Chá das "5" - 2023
- 12- Cine-Literatura - 2023
- 13- Minibiblioteca Móvel - 2023
- 14- Apoio à Feira do Livro - 2023

Poderíamos contar a história de cada um desses projetos através de seus coordenadores, porém o tempo não nos permite. E como as letras também estão sempre em movimento, outros projetos estão nascendo.

No entanto estamos assistindo em cada uma de nossas reuniões, aos sábados, às 10h30min, no espaço MOMENTO CULTURAL, a temporada da explanação desses projetos, aberto ao público. Fica o convite!

Encerro aqui minha fala, com muita gratidão também pela presença de todos!

Que tenhamos um ótimo encontro, enquanto valorizamos a literatura passo-fundense.

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2024-2025.)

Passo Fundo deve se assumir Cidade Educadora?



NEI ALBERTO PIES

Cidade Educadora não é, em definitivo, um título, uma logomarca ou um projeto com fim em si mesmo, mas uma prática política que procura fomentar a participação social, o espírito de coletividade e a responsabilidade de todos e todas no processo de educação como forma de melhorar, substancialmente, a qualidade de vida da população das cidades.

Sabemos que são grandes os desafios dos gestores municipais quando aderem à “Carta de princípios das Cidades Educadoras”, movimento que nasceu em Barcelona, com a intenção de promover maiores e melhores condições de viver e conviver nas cidades.

Esta proposta implica uma metodologia, uma abordagem, uma prática de gestão que considere o protagonismo e o reconhecimento dos diferentes sujeitos sociais que fazem parte da cidade. Não é, em definitivo, um título, uma

logomarca ou um projeto com fim em si mesmo, mas uma prática política que procura fomentar a participação social, o espírito de coletividade e a responsabilidade de todos e todas no processo de educação. A Cidade Educadora não é um projeto de governo, mas um conjunto de políticas públicas e metodologias com vistas a transformação do território em espaço educativo.

O embrião do movimento Cidades Educadoras foi originalmente lançado em Barcelona, em novembro de 1990, no I Congresso das Cidades Educadoras. As cidades presentes pactuaram a luta em prol de um objetivo: trabalhar juntas em projetos e atividades para melhorar a qualidade de vida dos habitantes.

O documento norteador para as cidades que fazem parte do projeto, a “Carta das Cidades Educadoras”, foi lançado nesse mesmo Congresso e contou como principais referências: a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e

Culturais (1966), a Declaração Mundial da Educação para Todos (1990) e a Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001). Dentre os princípios da Carta, destacam-se:

Trabalhar a escola como espaço comunitário;

Trabalhar a cidade como grande espaço educador;

Aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas;

Valorizar o aprendizado vivencial;

Priorizar a formação de valores.

Nossa cidade, Passo Fundo, fez adesão à “Carta de princípios das Cidades Educadoras” no ano de 2021, quando a Câmara de Vereadores de Passo Fundo aprovou, em 19 de abril, o Projeto de Lei nº 18/2021, de autoria do Executivo Municipal, que autorizou a adesão do Município à Carta das Cidades Educadoras e o ingresso na Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE).

Deste período para cá, muitas questões têm sido levantadas e problematizadas em nossa cidade, a partir do que

se anuncia como Cidade Educadora.

Os professores e professoras municipais, por exemplo, ainda não vislumbram, com clareza, qual é o seu papel numa Cidade Educadora? Como uma Cidade Educadora não valoriza mais seus professores e professoras? Por outro lado, organizações sociais e populares que atuam em pautas de cidadania e de direitos humanos na cidade reclamam que não foram ouvidas nem convidadas para discutir e apropriar-se desta ideia da Cidade Educadora, que não deve restringir-se às ações, iniciativas ou programas governamentais.

A não valorização dos professores e a ausência das organizações sociais e populares nesse debate fere um dos princípios da Carta das Cidades Educadoras, qual seja, a prática da cidadania democrática, a ser pautada pelo respeito, pela tolerância, pela participação, pela responsabilidade e interesse pela coisa pública e todos os seus projetos, serviços, bens ou programas.

Registramos, na sequência deste texto, reflexões e apontamentos realizados por pessoas, sindicatos e por organizações sociais nos últimos anos, sobretudo objetivando ações mais objetivas e claras para que sejamos realmente uma Cidade Educadora.

Adria Brum de Azambuja, secretária de educação da cidade gaúcha de Soledade, uma das primeiras cidades do norte do RS a aderir à Cidades Educadoras, ao ser questionada sobre o que é essencial para que uma cidade vivencie as intencionalidades e os princípios da Carta acima referida, responde: “uma Cidade Educadora não se limita a vivenciar os recursos pedagógicos somente nas escolas, mas se estende como agente educativo por todo seu território e a todos os seus cidadãos, é uma cidade que se relaciona com todo seu potencial estético, ambiental, de comunicação e criação, mediante o diálogo intersetorial com e para a cidade”.

E acrescenta: “pensar a cidade na perspectiva educadora supera a ideia de mais um projeto coletivo ou uma temática participativa, mas configura-se numa intencionalidade política que demanda ações planejadas e articuladas a partir do processo educativo. Não é algo dado, não está pronto, não é tarefa fácil nem uma tarefa individual”⁽¹⁾.

Márcio Taschetto, professor universitário, entusiasta e estudioso do tema

Cidades educadoras, em convite para I Encontro sobre Cidades Educadoras e Inteligentes: desafios dos municípios do século XXI, em Passo Fundo, 13 e 14 de setembro de 2017, assim escreveu: “na Cidade Educadora e Inteligente, a escola é parte essencial do processo educativo e assume o território como campo de pesquisa, currículo e lugar de estudo. Aberta à comunidade, ela envolve locais e se reconhece no território, atuando em prol de suas transformações”⁽²⁾ Tiago Machado, em outra publicação, também referiu sobre o



tema afirmando que “cidade Educadora não é, de longe, uma ação específica da Secretaria Municipal de Educação, os professores/as e as suas escolas, a partir das respectivas comunidades escolares, podem fazer importantes ligações e interfaces com as demandas e as necessidades das comunidades locais. A escola pode se tornar um centro irradiador de estudos, de articulações e de realização de atividades que reúnam os diferentes sujeitos sociais das comunidades. Os professores e professoras de uma Cidade Educadora precisam ser valorizados, reconhecidos e convidados para serem também os protagonistas da mudança das realidades, a partir dos territórios que circundam as comunidades escolares”.⁽³⁾

A partir das reflexões acima suscitadas, depreende-se que uma cidade será Cidade Educadora quando a mesma for vivenciada como território educativo. O elemento humano, nesse cenário, desempenha papel fundamental; eis que sem ele não há cidade nem tampouco

Cidade Educadora. Antes de qualquer coisa, para que a Cidade seja Educadora há necessidade de humanizá-la. É o humano que nos torna iguais e nos confere o sentido de pertencimento à cidade e ao território.

Esperamos que os propósitos de nossos governantes estejam sempre sustentados nos princípios da Carta das Cidades Educadoras. Esperamos que se levantem questões sobre o que ainda precisamos fazer para que Cidade Educadora não fique apenas em anúncios, viagens de intercâmbio ou ações e iniciativas governamentais como a implantação de Escolas Públicas (de Música, de Trânsito, Escola das Profissões, ...). Que se abram espaços para a participação popular onde se discuta sobre a cidade que queremos, sobre projetos e ações públicas que efetivamente melhorem a qualidade de vida de nossos habitantes.

Ao renovar nosso amor pela cidade, exercemos dever cívico de construí-la inclusiva, com participação social, com reconhecimento de todos os sujeitos sociais, indistintamente.

Que a educação seja promotora de mudanças necessárias para que Passo Fundo seja um lugar bom de viver, de sonhar e de realizar dignidade humana, cidadania e felicidade. Que sejamos, de fato e de direito, uma Cidade Educadora a partir de nossa participação cidadã individual e coletiva, a partir das categorias do protagonismo e do reconhecimento.

Educadora é a cidade que articula, reconhece e promove todas as formas de educar, como também os atores sociais que fazem parte destas. Não exclui escolas do processo de educação global, mas considera as mesmas referências irradiadoras e aglutinadoras de cultura, arte e educação popular, a partir das comunidades onde estão inseridas.

Passo Fundo deve se assumir uma “Cidade Educadora”?

Referências:

1. www.neipies.com/cidade-educadora-e-pedagogias-dialogicas-e-humanizadoras/
2. www.neipies.com/por-uma-cidade-educadora-e-inteligente/
3. www.neipies.com/por-onde-passa-o-futuro-das-cidades-educadoras/
4. www.edcities.org/pt/carta-das-cidades-educadoras/

(Nei Alberto Pies é professor, escritor e editor do site www.neipies.com. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

LICIANE

Na tarde gris daquela sexta-feira, 23 de maio de 2025, quando Liciane Toazza Duda Bonatto morreu, os plátanos da Praça Tamandaré, a poucos metros de onde o seu último suspiro fora registrado, poeticamente, como, eu imagino, ela gostaria, aceleraram a queda das folhas e deram o sinal que um quase final de outono e a sua despedida de Passo Fundo haviam chegado. Afinal, quem foi essa mulher, cujo talento artístico e sensibilidade poética, nela, eram predcados indissimuláveis?



Por isso canto/ O meu canto,
/ Aqui do meu canto./ Enquanto canto/
Me encanto/ E sou feliz.

Liciane T. D. Bonatto

A mulher que tinha alma de artista





GILBERTO R. CUNHA

Liciane Bonatto é filha do casal Leonildo Almerin Duda e Adélia Irma Toazza Duda (ambos in memoriam), sendo irmã do médico cardiologista Norberto Toazza Duda (in memoriam) e de Beatriz Toazza Duda Hall (agrônoma/bancária). Deixou a pranteira a sua memória o geólogo e professor Daltro Bonatto, com quem teve dois filhos: Marcos Vinícius, publicitário, que reside no Canadá, e a odontóloga Fernanda Duda Bonatto, atualmente vivendo em Atlanta, nos EUA.

Dona de sensibilidade artística e técnica apurada, Liciane Bonatto foi figura de destaque nas artes plásticas de Passo Fundo. O talento inato, possivelmente, havia herdado do pai, que, como ela costumava frisar, tinha como hobby desenhar. As suas pinturas foram vencedoras de inúmeras edições do Festival de Arte & Cidadania da Embrapa. Também se dedicou à criação de logomarcas para eventos (ilustrou o material publicitário de muitos congressos da área de Agronomia, nos últimos 40 anos) e à produção de capas de livros e telas de softwares (maioria editada pela Embrapa). Eu destaco a criação da logomarca do Jornal do Plantio Direto, que ela fez a pedido de Gilberto Borges (in memoriam), no final dos anos 1980, e a imagem que, anualmente, identifica as reuniões da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, composta pelo mapa do Brasil e uma espiga de trigo estilizada e sobreposta transversalmente no território nacional.

Mais além das artes plásticas, Liciane também se aventurou no mundo das letras (poesia e conto). A primeira poesia que escreveu, “Canto”, ficou entre as quinze selecionadas no projeto “Poemas nos Ônibus” realizado pela empresa Coleurb de Passo Fundo. Por ter sido o seu primeiro poema, “Canto”

foi muito significativo para Liciane. A inspiração, segundo ela, “surgiu logo depois do término de um ensaio do coral da Embrapa Trigo. Saímos em três pessoas e continuamos a cantar pelo corredor. Nossas vozes se projetaram de uma forma relativamente mística causando um encantamento às pessoas que estavam no andar superior. Acabei registrando o momento em forma de poesia”. Eis alguns versos de “Canto”: Em cada canto,/ Há um encanto./ Mas, qual é o canto/ Que tenho que cantar/ Pra encantar o meu canto?/ Pra fazer do meu canto/ Um encanto? (...) Por isso canto/ O meu canto,/ Aqui do meu canto./ Enquanto canto/ Me encanto/ E sou feliz. Outro poema da Liciane, que reflete muito da personalidade dela, é “Lua”: Vesti-me de lua,/ Em meus momentos escuros;/ Mas vi que em mim não havia ninguém./ Só névoas e fios de esperança/ Envolviam o que restava de mim.// Tinha me vestido de lua minguante.../ Pena!// Por que escolhi essa lua?! Eu destacaria a epígrafe, selecionada por ela, do poema “Olhares”: Através do olhar transmitimos o que trazemos na alma...E os versos finais: Olhares, olhares!// ah! esses olhares!

Liciane Bonatto foi artista na mais completa acepção da palavra. Considerava como finalidade da arte: “transmitir harmonia, paz, energia, alegria, beleza, promover o encantamento. Caso o espectador ou leitor, depois de entrar em contato com um trabalho artístico, sair igual ou mais alegre, ou mais em harmonia consigo mesmo e nunca deprimido, o objetivo foi atingido. Já se tem muitas razões na vida para se ficar triste, de vez em quando”, como ressaltou em algumas das muitas conversações que eu tive o privilégio de compartilhar com ela.

Liciane era formada em Desenho e Plástica, pelo Instituto de Artes da Universidade de Passo Fundo (UPF), na turma de 1976. Na Embrapa, onde a conheci, começou a trabalhar como

Programadora Visual em 26 de janeiro de 1977. E essa função ela exerceu, com maestria, até a aposentadoria em 28 de setembro de 2009. Na cena artística local, atuou na Confraria das Artes, seja no espaço da Gare ou emprestando o seu talento para embelezar, através de pinturas, espaços públicos da cidade, como as escadarias da Brahma, da Rua Independência e do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto, entre outros locais. Era uma pessoa engajada, discretamente, como convém, com as causas sociais. Não se furtava de dizer o quanto apreciava a companhia das amigas Graça, Carla, Ellen e Gisele e os chás de final de semana que, regularmente, compartilhavam.

Eu, admito, fui um privilegiado. Liciane, a meu pedido, generosamente, ilustrou publicações, assinou capas de livros, da Revista Água da Fonte (edições número zero, dezembro de 2003, e a alusiva aos 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras, novembro de 2013) e, recentemente, presenteou-me com um exemplar do livro *Los Genios*, que encomendou ao filho Marcos no Canadá, e cuja dedicatória muito me envaidece.

Liciane era leitora contumaz dessa coluna de O NACIONAL. Não raro, lia e enviava comentários. Assim, ousou imaginar, ainda que seja pouco provável, que ela, onde estiver, possa ler esse texto e que, se não sabia, tome ciência do quanto foi querida por todos que a conheceram.

Professor Daltro, Marcos e Fernanda, a Liciane não passou em vão aqui pela Terra. Ela, com o seu jeito de ser e com o seu toque de arte, deixou marcas indeléveis por onde passou. Nossos respeitos à memória dessa magistral artista passo-fundense. Que ela em paz descanse!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

O Presidente e o Aspirante



O último adeus ao presidente. Fonte: Arquivo d'O Globo

ALEX ANTÔNIO VANIN

Como é fato celebrizado e muito conhecido, em 24 de agosto de 1954, há 70 anos, o então presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, cometeu suicídio, por volta das 8h da manhã, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Em sua famosa carta-testamento, registrou que deixava “a vida, para entrar para a História” e explicou suas razões para o ato extremo, responsabilizando grupos internacionais e inimigos internos.

Naquele momento, o cenário da política nacional estava desfavorável ao presidente, com o crescimento da oposição e a veiculação de críticas na imprensa nacional, guiadas sobretudo por Carlos Lacerda, político e jornalista proprietário do Tribuna da Imprensa. Contra Lacerda, um atentado malsucedido, ocorrido à rua Toneleros, em que o jornalista saiu ferido, resultou na morte do oficial da Aeronáutica Rubens Vaz.

O caso fez feito recrudescer ainda mais o desgaste de Vargas, com seus opositores valendo-se do caso para acusá-lo de uma suposta perseguição política. Nos círculos das Forças Armadas, emergiam também vozes quase uníssonas que exigiam a renúncia do presidente, prenunciando um golpe de Estado. A saída de Vargas para a crise política foi a de tirar a própria vida, em uma morte que foi, a um só tempo, um suicídio e um ato político.

A morte do presidente, anunciada ainda na manhã do dia 24 de agosto, causou uma estrondosa reação na população brasileira, como previra o próprio Vargas. “A reação do povo virá nas ruas...”, escrevera o presidente, em um primeiro rascunho da carta-testamento. E assim o foi. Como consequência do suicídio, a comoção popular se fez, em um povo que havia vivido sob quase duas décadas de governos Vargas, marcados sobretudo pelas benesses outorgadas aos trabalhadores, via legislação trabalhista. Nas cidades, a população liderou protestos

ACERVO INSTITUTO HISTÓRICO DE PASSO FUNDO



Túlio Fontoura, s/d

contra as representações diplomáticas estadunidenses e contra veículos da imprensa opositores ao defunto presidente.

Em Passo Fundo, não foi diferente. Horas após o suicídio de Vargas, parte da população se voltou contra a redação do jornal Diário da Manhã, de propriedade do jornalista Túlio Fontoura, opositor declarado de Vargas desde a década de 1930. Logo, um quebra-quebra generalizado se fez notar, ali, no coração da cidade, com tiroteios e apedrejamento daquela redação. Dada a seriedade dos

FONTE: REVISTA BRIGADA GAÚCHA - ANO I – N. 1, 1954. PROJETO PASSO FUNDO.



O Aspirante Jenner Saldi de Oliveira Leite, s/d. 1954

FONTE: REVISTA BRIGADA GAÚCHA - ANO I – N. 1, 1954. PROJETO PASSO FUNDO.



Inauguração do obelisco em homenagem ao Aspirante Jenner, em 1955. Na ocasião, além do oficialato da Brigada Militar, esteve presente o então governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti

FOTO CZAMANSKI. ACERVO INSTITUTO HISTÓRICO DE PASSO FUNDO (IHPPF).



Na marcação, a localização da redação do jornal Diário da Manhã, de Túlio Fontoura, à época situada na esquina entre as ruas Coronel Chicuta e Independência. 1957

fatos, a Brigada Militar e o Exército Federal foram convocados para conter a situação. Por volta das 20h, em meio às ações para conter a turba, o jovem aspirante a oficial Jenner Saldi de Oliveira Leite, membro do 3º Regimento da Brigada Militar, foi atingido por um disparo de revólver de origem desconhecida, que o levou a óbito em seguida. A identidade do assassino jamais foi descoberta, não obstante a instauração de um inquérito para apuração dos fatos, naquele mesmo ano.

O aspirante Jenner nasceu em Dom

Pedrito/RS, a 10 de outubro de 1928. Ingressou na carreira militar em 1949, quando assentou praça, mesmo ano em que matriculou-se em curso no Centro de Formação de Oficiais, na capital do estado, ao cabo do qual tornou-se aspirante, em 18 de dezembro de 1953. Após a formatura, Jenner foi designado para servir no 3º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar, em Passo Fundo. Incorporado ao regimento em janeiro de 1954, Jenner exerceu as funções de secretário da unidade e, ao tempo de sua morte, era o almoxarife das obras

de construção do novo quartel, que instalava sua sede à Avenida Mauá, onde atualmente se encontra o 3º Regimento de Polícia Montada (3ºRPMon).

O velório de Jenner ocorreu ainda no fim da noite do dia 24 e em parte da madrugada do dia 25, no gabinete do comando do Quartel da Brigada, velado por seus companheiros oficiais e pela família de sua noiva, Maria Teresinha Knoll, com a qual deveria contrair matrimônio dali dez dias, em 4 de setembro. Ainda naquela madrugada, o corpo de Jenner foi transportado para Porto Alegre, onde foi velado mais uma vez, agora no Quartel General da Brigada Militar. Após os rituais fúnebres, Jenner foi sepultado no Cemitério São Miguel e Almas. Uma semana depois, no sétimo dia ao passamento do aspirante, uma grande missa foi mandada celebrar pelo oficialato da Brigada Militar na Catedral Metropolitana de Porto Alegre, oficiada pelo arcebispo D. Vicente Scherer.

A morte do policial causou comoção nos meios militares locais e estaduais, em especial pela até então promissora carreira e destaque no desempenho das funções, o que rendeu ao falecido aspirante uma promoção post-mortem a segundo-tenente, dias mais tarde. Na esteira das homenagens, na mesma ocasião em que se inaugurou o Quartel da Brigada Militar, em 1955, foi descortinado, em seu pátio, um obelisco em memória de Jenner. Mais lembrada, contudo, é a homenagem prestada ao aspirante pela municipalidade que, em dezembro de 1954, denominou parte da rua Minas Gerais como “Rua Aspirante Jenner” - depois tornada avenida – que singraria parte dos bairros Lucas Araújo e Santa Maria, à época ainda em formação.

Por uma coincidência, os destinos de Vargas e Jenner se cruzaram, ainda que nenhum dos dois jamais o tenha sabido. Os dois encontraram seu fim no derradeiro dia 24 de agosto e, em Passo Fundo, se encontram toponimicamente até hoje – em uma outra coincidência – no cruzamento junto ao Instituto Estadual Cecy Leite Costa, entre a Avenida Aspirante Jenner e a Avenida Presidente Vargas, antiga Avenida Mauá, renomeada em dezembro de 1955, em homenagem ao ex-presidente.

(Alex Antônio Vanin é membro do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Academia Passo Fundense de Letras. Historiador e editor da Acervus Editora, de Passo Fundo, RS.)

Era uma vez uma cidade que amava livros!

FOTO:ACERVO APLETRAS



MIRIÊ TEDESCO

Era uma vez a Feira do Livro mais querida que, todos juntos, pudemos fazer.

Era uma vez uma Academia de Letras, uma prefeitura e suas Secretarias de Cultura e de Educação, uma Biblioteca Municipal, uma Coordenadoria Regional de Educação, um Instituto Histórico e uma unidade do SESC, todos muito encantados com livros, letras e literatura.

Todas as pessoas desse grupo habitavam uma cidade que era Capital Nacional da Literatura e se chamava Passo Fundo.

Nesta cidade havia um espaço muito bonito chamado Roseli Doleski Pretto,

onde ficavam os prédios da cultura, bem no centro da cidade.

O grupo que gostava de livros, letras, literatura, começou a montar uma feira pra mostrar quanta coisa maravilhosa estava acontecendo no mundo da literatura e resolveu chamar Roger Castro para ser o MC – o mestre de cerimônia.

Vieram os escritores Antônio Schimeneck, Luciana Marinho, Eleonora Medeiros, Pablo Morenno, Simoni Giehl, e deu uma mistura muito pop, porque veio um tal de Chiquinho Divilas, que era rapper e tinha um lado escritor, assim como os dois músicos Thedy Corrêa e Duca Leindecker, que também transitavam pelo mundo das letras, e pronto, já estava montada uma parte muito, muito importante da feira: os escritores convidados.

E aí começaram a pensar: e os escritores que tem livros pra lançar? E os contadores de histórias? Temos que chamar também. Temos que trazer para a feira o café filosófico, espetáculos teatrais, artesanato literário...

Beleza, então vamos ao check list:

- Lugar para a feira? Positivo.
- Escritores? Tá na mão.
- Contadores de histórias? Fechou.
- Lançamento de livros? Tudo belezinha.
- Espetáculos teatrais? Já é.
- Artesanato literário? Demorô.

Tá, mas e quem é que a gente vai homenagear?

A resposta parecia um jogral: tem que



ser de Passo Fundo. Aqui está cheio de gente e instituições que nos enchem de orgulho.

Silêncio, silêncio, e a fumacinha branca apareceu: habemus Amigo do Livro e era a Gráfica e Editora Padre Berthier.

Mais um fumacê branco surgiu no ar e o nome era da professora Josenira Ferreira como Educadora Emérita.

Já tinha gente tossindo com tanta fumaça, quando saiu o nome do Educador Motivador: professor Aleixo da Rosa.

Faltava o Patrono. Ah, o Patrono, quem será o Patrono? E a fumacinha veio ali dos lados da Paissandú. - Que

massa, a EENAV, a escola que completava 95 anos, a escola das normalistas, era a Patronesse da feira.

Ah, mas agora sim, a feira do livro estava do balacobaco! Só que, do nada, chegou uma notícia: 18 mil alunos da rede de ensino do município terão 40 Reais, cada um, para comprar livros na feira. Era o vale livro, um programa da Prefeitura de Passo Fundo. E a feira que era do balacobaco ficou do ziriguidum também.

Alguém do grupo parecia o burro do Shrek e perguntava insistente: já dá pra começar a feira? Ainda não. Tá pronta

a feira? Não, ainda não. E agora, dá pra começar? Aff...

Estava faltando o tema da feira, claro! Aquela frase pra convidar, pra mostrar o espírito da coisa, e aí foi dureza. Vou contar pra vocês, bem baixinho... De um lado estavam os mano da quebrada e, do outro, aquele pessoal que fala certinho, que usa o 's' quando é plural. Meuuu, que embate rolou. Mas a turma estava de boa e ajeita daqui, arruma dali, entenderam que o tema da feira tinha que ser leve, fácil, bom de dizer e assim nasceu o Bora lá, Bora lê!

Tudo montadinho no Espaço Roseli, chegou o domingo, dia 20 de outubro.

Que dia bonito foi aquele! Finalmente a 36ª Feira do Livro estava acontecendo.

Vieram as autoridades, crianças, amigos.

E quando a feira começou, quando o primeiro ônibus chegou, cheio de crianças, o livreiro fez a primeira venda de um livro, quando a primeira criança escutou uma contação de histórias, o primeiro jovem saiu feliz com o autógrafo e o primeiro adulto ouviu, atento, o escritor, todos entenderam porque feiras do livro não morrem.

Essa história é de 2024, mas poderia ser de 1997, porque tudo sempre se repetirá enquanto alguém encontrar um banco, uma mesa, um cantinho, abrir um livro e criar um mundo.

Era uma vez a Feira do Livro mais querida que, todos juntos, pudemos fazer.

(Miriê Tedesco foi secretária municipal de Cultura de Passo Fundo, RS, gestão 2021-2024).

Poesia

ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA GONÇALVES DIAS

Fatos reais

Cenário de dilúvio?
Ou de guerra?
Quantos pensamentos dispersos!
Haja inspiração para o poeta gaúcho
Elaborar os seus versos!

Sonhos que ficaram para trás:
Móveis, imóveis,
Plantas, familiares, animais,...
Está além de um filme,
São fatos reais!

Quando o vento sopra,
Ou a água avança!
O difícil mesmo
É se fazer o balanço!

Entre receita e despesa,
Causas e consequências,
Saldo positivo é ver mãos dadas
Sem olhar pras diferenças!

Voluntários, Defesa Civil,
Forças Armadas:
Por água, terra e ar.
A esperança teve resgate
Com o poder de continuar.

Não será quando baixar a poeira.
Talvez quando os pássaros cantarem!
Quero escrever uma poesia inteira
Quando as águas baixarem!

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2024-2025.)

O “embranquecimento” de Machado de Assis

GILBERTO R. CUNHA

A discussão sobre a cor da pele daquele que é considerado “a mais alta expressão do nosso gênio literário”, de todos os tempos, Joaquim Maria Machado de Assis, conforme é destacado por José Veríssimo, na sua *História da Literatura Brasileira*, de 1916, vem de longa data. Iniciou quando Machado de Assis ainda era vivo, se acirrou imediatamente após a sua morte e, pasmem, chegou até os nossos dias.

Antes de retrocedermos na história, cabe rememorar dois acontecimentos, um relativamente recente e outro atual. Muitos hão de lembrar que, em 2011, no rastro das comemorações dos 150 anos da Caixa Econômica Federal (CEF), essa instituição financeira patrocinou um comercial, com narração da atriz Glória Pires, que aparecia Machado de Assis, sabidamente, por ter explicitado em testamento, possuidor de caderneta de poupança, um cliente da CEF, porém, no vídeo, representado por um ator branco. A peça publicitária recebeu críticas. A CEF pediu desculpas, tirou o comercial do ar e foi produzido outro, com um ator preto, também não sem críticas, fazendo o papel do Bruxo do Cosme Velho. E, em 2024, a própria Academia Brasileira de Letras (ABL) reascendeu a discussão, ao patrocinar a produção, com o uso de Inteligência Artificial, de um avatar digital de Machado de Assis, com capacidade de conversar com os visitantes, que, chamou a atenção pelo tom da pele notadamente mais claro do que seria o original do primeiro presidente da instituição mater das letras pátrias. Diante da polêmica, a ABL e a empresa responsável pela criação do avatar digital vieram a público esclarecer que o “embranquecimento” de M.de.A era um efeito da iluminação do vídeo e não intencional. Explicação dada, o tempo se encarregará de mostrar se será aceita.

Machado de Assis, pela origem, filho de pai preto e mãe branca, seria, por razões evidentes, considerado, na atualidade, um afrodescendente. A sua ascensão social, como escritor e funcionário público, a temática das suas obras, relatando a elite social da época, mas, acima de tudo, pelo casamento com a “branquíssima” Carolina Augusta Xavier de Novais, portuguesa de nascimento e educação, que, segundo alguns biógrafos, teria lhe ensinado a dominar a língua inglesa, deu azo a acusações dos seus contemporâneos, que, mesmo presentes quando o escritor era vivo, recrudesceram e vieram a público quase imediatamente após a sua morte.

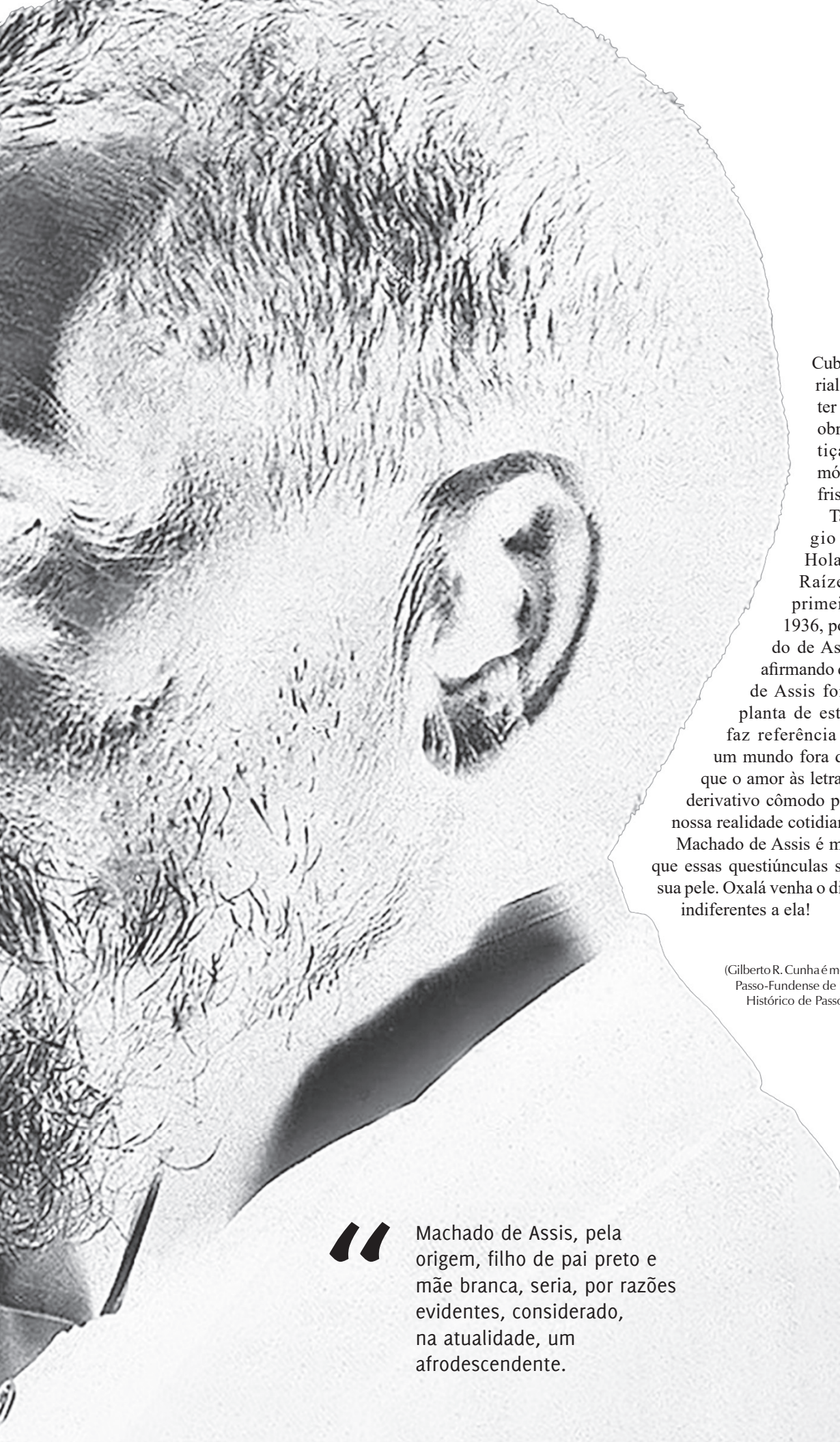
Afinal, engrossaram o coro das críticas, Machado de

Assis, ao ascender na escala social se afastou do núcleo familiar do Morro do Livramento, especificamente da madrasta, uma mulher preta, nunca dedicou uma linha sequer à memória dos seus antepassados e teria ficado indiferente, nas suas obras, ao sofrimento dos escravizados, os seus irmãos de raça, em tempos de fervorosas discussões abolicionistas. Há um certo exagero nisso. Machado de Assis, ainda que de forma sutil e elaborada, não ignorou a mácula da escravidão dos africanos trazidos à força para o Brasil.

A imagem clichê de Machado de Assis, retratado como um respeitável senhor branco, usando pince-nez com corrente, barba e cabelo alisados e bem cuidados, e vestindo um impecável traje, foi construída ao longo do século XX e, pelo que parece, continua no atual, como parte do processo de escondimento da sua origem afrodescendente. Ainda que no atestado de óbito de M.de.A apareça “cor branca”, José Veríssimo, no necrológio que assinou, rotulou-o de “mulato” - “mulato, foi na realidade um grego dos tempos áureos” - , tendo sido advertido com veemência por Joaquim Nabuco, que insistiu na tese “Machado para mim era um branco, e creio que tal ele se considerasse”.

Ninguém foi mais atroz na crítica a Machado de Assis do que o professor Hemetério José dos Santos, em carta aberta na *Gazeta de Notícias* (16/11/1908). Não casualmente, Hemetério era preto e, post-mortem de Machado de Assis, destilando ódio, atacou tanto o homem (pelo procedimento com a madrasta e a indiferença pela sorte da raça que pertencia) quanto o escritor, rotulando-o de primário e dono de um vocabulário pobre, insistindo que quem ler três páginas de *Dom Casmurro*, do Brás





Cubas e de Memorial de Aires deve ter lido toda a sua obra. Uma injustiça com a memória de M.de.A, frise-se.

Tampouco Sérgio Buarque de Holanda, no seus Raízes do Brasil, primeira edição de 1936, poupou Machado de Assis de crítica, afirmando que “Machado de Assis foi a flor dessa planta de estufa”, quando faz referência à criação de um mundo fora do mundo, em que o amor às letras instituiu um derivativo cômodo para o horror à nossa realidade cotidiana.

Machado de Assis é muito maior do que essas questiúnculas sobre a cor da sua pele. Oxalá venha o dia que sejamos indiferentes a ela!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

“

Machado de Assis, pela origem, filho de pai preto e mãe branca, seria, por razões evidentes, considerado, na atualidade, um afrodescendente.

A prática da matemática

ALBERTO ROSTAND LANVERLY

Muito cedo aprendi, serem os livros ferramentas capazes de oferecer ao leitor conhecimentos necessários para alcançar algo de novo em sua caminhada, como simples diversão, novos aprendizados ou, até mesmo inspiração. O certo é que, ler, presenteia a quem pratica tal ato, alguma sensação, boa ou ruim, mas, sempre, algo novo. Esse é o poder da leitura.

Outro dia, mergulhado no conteúdo do best seller “O Homem que Calculava” escrito por Júlio César de Mello Costa, que, sob o pseudônimo de Malba Tahan, deslumbrou o país com a doçura dos seus textos, impressionei-me como, através da fantasia e do encantamento, ele consegue solucionar problemas reais do cotidiano.

O livro conta a história de Beremiz, jovem árabe que descobriu sua enorme habilidade matemática ao pastorear ovelhas e calculando a quantidade de folhas das árvores a seu redor. Determinado dia, inicia uma viagem a Bagdá. Ao longo da jornada, vai conhecendo lugares e, em cada um deles, soluciona diversos problemas através de suas habilidades numéricas: a partilha de trinta e cinco camelos por três herdeiros, a divisão de vinte e um vasos, trazendo conteúdos diferentes, por três sócios, dentre outras demandas.

O viajante encontra muitas pessoas importantes e a todos impressiona por sua inteligência e forma prática de resolver questões relacionadas à ciência dos números. Chegando ao destino, após desvencilhar-se brilhantemente dos questionamentos propostos por sete sábios, conhece, se apaixona e casa com a filha do Califa, que também passará a admirá-lo fortemente.

Analisando o conjunto da obra, conclui-se, a mesma fundamentara-se em uma matemática sem números, embora com muita lógica, sempre baseada no raciocínio da figura principal do enredo. “O Homem que Calculava” mostra, com isso, ser a disciplina não um conjunto de fórmulas decoradas, podendo o conhecimento solucionar questões do dia a dia. O romance indica sobretudo, serem os problemas da vida facilmente resolvidos, com perseverança, coragem de querer, racionalidade e pitadas de sorte.

Assim, ao fechar a derradeira página do livro, convenci-me ser a leitura não apenas modificadora de hábitos, mas que prende ideias, molda pensamentos e pinta arco-íris na imaginação. Pensei, então, em minha própria existência, e vi-me através dos tempos, tanto como estudante ou engenheiro, professor de cursos secundário e nível superior, diretor do Centro de Tecnologia da UFAL ou viajante pelas universidades do mundo em busca de aprender mais. Enxerguei-me, nos dias atuais como Presidente da Casa das Casas da Cultura na Terra dos Marechais, e relembrei os sonhos sempre acalentados em meu coração.



Foi na Universidade Federal de Alagoas, onde forjei minha personalidade profissional, ao conviver com mentes brilhantes de nosso Estado. Cada um com suas características, mas todos possuindo, como arma de defesa e ataque, não apenas suas canetas, mas, principalmente inteligências. Ali vivi anos dourados, tendo através de concurso público, iniciado a docência, aos vinte e quatro anos de idade, quando estive apto a requerer a aposentadoria, o fiz na certeza, não somente do dever cumprido, como principalmente, por entender que, com o passar dos tempos, é mais salutar responder ao questionamento: “porque saiu tão jovem?”, do que: “ainda continua ensinando apesar de tanto tempo?”. A fila andou e novos desafios foram encarados.

Em minha infância, a Academia Alagoana de Letras era, para mim, um sonho distante. Seus integrantes simbolizavam verdadeiros Deuses do Olimpo. Algo inatingível, a não ser na imaginação. Mas, seguindo os caminhos da vida, como nada acontece por acaso, repetindo os passos traçados por Beremiz, praticando uma matemática sem números, dediquei-me à literatura. Escrevi treze livros; Desde janeiro de 2004, semanalmente publiquei artigos, ininterruptamente, em diferentes jornais impressos e eletrônicos do Estado. Contribuí com matérias para revistas, blogs e trabalhos literários coletivos. Até que o grande dia chegou.

Meu coração tremeu. Vários candidatos disputavam a cadeira de número três, que tem Ambrósio de Lira como patrono. Ao término do pleito, eu fora escolhido. Lembro de estar postado de joelhos, aos pés de São Benedito, na Igreja dos Capuchinhos, quando recebi ligação da então vice-presidente da Instituição, Solange Lages. Meus olhos se encheram de lágrimas, fui abraçado fortemente pela

sem números

grande mola mestra e incentivadora em minha caminhada, minha genitora, que me acompanhava desde cedo, naquele dia em que, senti muito a ausência de meu pai, falecido no ano anterior. Imediatamente informei a alegre notícia a Ana, Bruna, Larissa e Flávia, meus quatro anjos de candura.

Como em outras situações já vividas, entendi existir na realidade de cada ser humano uma força de vontade que pode estar reprimida, distorcida ou inativa, mas existe e é mais forte até que os próprios sonhos. Sempre que surge um conflito entre ambos, a primeira vence. Isto aconteceu.

Dias após o resultado do pleito, enviei para cada membro integrante à época do quadro de sócios efetivos da Casa de Demócrito, o colégio eleitoral, o seguinte texto:

“Nos últimos tempos, bem que tentei fugir de meus pensamentos, mas sempre me via com eles voltados para você. Já se passaram seis longos meses desde que lhe postei aquela correspondência intitulada “espalhando sonhos”, onde relatava a minha expectativa em fazer parte do mais importante e seletivo grupo de literatos da terra que

tanto amo. Hoje tudo acabou com um simples telefonema de uma pessoa amiga, dando conta que fora o escolhido, perante uma plêiade de tantos alagoanos, cujos nomes enaltecem qualquer colegiado cultural de nosso país.

Se os pensadores afirmam que sonhar é acordar-se para dentro, eu lhes digo que escolher é a virtude que vem de nós mesmos, pois, quando um homem perde a capacidade de escolher, se vê divorciado de uma das mais nobres características que possui: exercer em plenitude a prerrogativa que somente a ele pertence e que deve vir do fundo do seu coração.

Pablo Neruda um dia falou que você é livre para fazer suas escolhas, mas prisioneiro das consequências de seus atos. Eu complemento este pensamento afirmando que nós somos a soma das nossas decisões. Desta feita, humildemente lhe agradeço, o importante voto que em meu nome foi sufragado, mas, acima de tudo, reitero que estou chegando na expectativa de criar laços e ter responsabilidade, para juntos não somente sermos história, mas para fazermos com que ela aconteça, escrevendo-a.

Se um dia joguei meus sonhos aos seus pés, hoje os resgato fortalecidos na certeza de que nos tempos futuros que ora iniciam, caminharemos ombreados não somente como pares, que desfrutaram da grandeza daquilo o que representa a Academia Alagoana de Letras, mas principalmente unidos em busca de uma afirmação cada vez maior desta casa, que jamais será minha e nunca poderá ser sua, pois a ninguém pertence, por ser infinitamente maior do que todos nós reunidos, por se tratar do mais importante templo da cultura em nosso estado das Alagoas. Feliz e agradecido, beijo o seu coração.”

Meses depois, em minha posse, ante centenas de convidados que lotavam o majestoso auditório da Instituição, situado na Praça Deodoro, tendo Solange Lages, com o seu sorriso simpático sempre a lhe enfeitar o rosto, como oradora, Ricardo Nogueira, fazendo as vezes de Mestre de Cerimônia e Carlos de Barros Méro como Presidente, tive a oportunidade de externar todo o meu louvor de passar a pertencer à tão elevado grupo cultural da Terra dos Marechais, cujos membros nunca negligenciaram da divina tarefa de fazer permanecer viva a chama do saber um dia acesa no início do século vinte por brilhantes figuras alagoanas.

Os tempos passaram, e seguindo a mesma técnica de sempre praticar uma matemática sem números, de repente inspirado no teor de “O Homem que Calculava” escrito por Malba Tahan, entendendo que os livros também servem para mostrar ao ser humano que aqueles seus “pensamentos originais”, não são tão novos assim, afinal fui vivendo e à medida que as oportunidades surgiram estava ali para servir. E da mesma forma como um dia assumi os destinos do Centro de Tecnologia da UFAL, posto anteriormente ocupado por figuras históricas das ciências exatas, como Fernando Gama, Aloysio Freitas Melro, Amaro Monteiro,



Anselmo Botelho e outros, substituí Solange Lages, que por motivos de foro íntimo desistira de permanecer exercendo a vice-presidência da AAL.

Como diretor do Centro de Tecnologia da UFAL, período no qual, com a ajuda de todos, muita fé, pedidos, sorrisos, e poucas tristezas, acompanhei sempre em equipe, inúmeros benefícios para a comunidade que representava: docentes, discentes e funcionários, dentre elas, a concessão de verba federal, em quantia suficiente para a construção de moderna estrutura física, repleta de salas de aula, laboratórios diversos, restaurante, e outras benfeitorias que hoje acomodam confortavelmente os cursos de engenharias em especialidades várias e arquitetura, que engrandecem o status da universidade.

Carlos Méro, um dos homens mais inteligentes das alagoas, verdadeiro artesão das letras, exercendo a presidência, já há

quase uma década, para preocupação de todos, em viagem de recreio através de países europeus, já no derradeiro dia de viagem, viu-se surpreendido por um acidente vascular cerebral, que tanto fragilizou temporariamente a sua saúde (drama este contado em um dos seus mais interessantes livros: “Dias assombrados em Roma”, já em sua segunda edição). Ao retornar a Maceió, mesmo já recuperado das agruras que vivenciara, optou por abdicar ao posto. Como seu substituto imediato, mais uma vez fui convocado pelo destino, aceitando o desafio, primeiramente por saber que nunca estaria sozinho nesta árdua caminhada, e em segundo plano porque acho que nada ocorre por acaso, pois na verdade, os acontecimentos fazem parte de planos secretos, previamente traçados quando nascemos, embora muitas vezes não os aceitemos ou não queiramos entendê-los.

Fundada em 1919, durante os primeiros cinquenta anos a mais importante Casa da Cultura Caeté, hospedou em uma das dependências do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, para, depois, habitar o casarão onde funcionou por quase cem anos o Grupo Escolar Dom Pedro II, localizado no centro de Maceió, defronte à Praça e ao Teatro que levam o nome de Deodoro da Fonseca, para finalmente, no final da primeira década do século XXI, aportar na Casa Jorge de Lima, na Praça Sinimbu,

Nas dez décadas de sua existência, quinze presidentes se sucederam, desde Moreira e Silva, até a presente data. Quarenta cadeiras com igual número de patronos, foram ocupadas durante este período, por cento e sessenta e três sócios, dos quais dezenove do sexo feminino, protagonizando através dos tempos, turbilhões de vozes e ideias, cada um com sua história e cada história recheada de verdades irrefutáveis

E ali estava eu, com a responsabilidade de substituir grandes nomes, exuberantes homens, dentre eles Ib Gatto Falcão, possuidor de uma visão empreendedora inigualável, que, por onze anos dirigiu a Academia, deixando como legado, não somente três imóveis, uma biblioteca respeitada, e, principalmente, a certeza de que heróis são pessoas aptas a fazerem o necessário para chegar ao sucesso, enfrentando qualquer consequência, e ensinando que paciência requer muita prática, conforme contam os que com ele conviveram.

E, se a Academia Alagoana de Letras viveu época de ouro sobre a batuta de Dr Ib, como era chamado, os tempos mudaram, recursos escassearam. E o bloco do “eu sozinho”, não mais funcionou. Para sorte de todos, a máxima do “juntos seremos fortes” prevaleceu nos últimos tempos. E já lá se vão quase três anos.

Trinta e seis meses de muita alegria, mas também de inúmeros percalços. Neste período, nossas sedes foram roubadas em três oportunidades, em duas delas levaram toda fiação elétrica da casa Jorge de Lima, em outra carregaram o busto em bronze de Jayme de Altavilla, um dos grandes literatos alagoanos de todos os tempos. O revestimento do forro de um dos ambientes ruiu, as águas da chuva inundaram salas e degradaram fotos antigas dependuradas em suas paredes. Cupins atacaram impiedosamente livros da nossa importante coleção, sem falar em dívidas para com funcionários, receita federal, previdência social e órgãos estatais diversos, não quitados no tempo certo, devido à falta de verba. Fatos que geraram inclusive a





penhora de prédios de sua propriedade, para a quitação das pendengas.

E o grêmio cultural fundado por Costa Rego, Guedes de Miranda e outros, voltou a ser pujante... inicialmente, seus dirigentes da hora passaram a tratá-la como uma empresa, possuidora de direitos e deveres. Funcionários voltaram a ter obrigações após quase dez anos de férias, sendo a metade deles demitidos, o patrimônio físico apossado pelo juiz federal, para servir de garantia à execução de dívidas, foi resgatado, uma vez que as mesmas foram parceladas e aos poucos integralmente quitadas, nove novos sócios chegaram à casa substituindo Imortais que faleceram, três concursos literários aconteceram. Cinco livros escritos conjuntamente por grande parte dos acadêmicos, publicados. Mensalmente, palestras foram oferecidas ao

público, todas ministradas por figuras de destaque na Terra dos Marechais, sempre enfatizando a importância da cultura. A Academia saiu de seus muros, chegando às comunidades e às escolas de Alagoas. Convênios e parcerias abundantemente firmados e, por fim, voltou a obter o apoio da sociedade civil organizada, fato importante na celebração do centenário da Instituição.

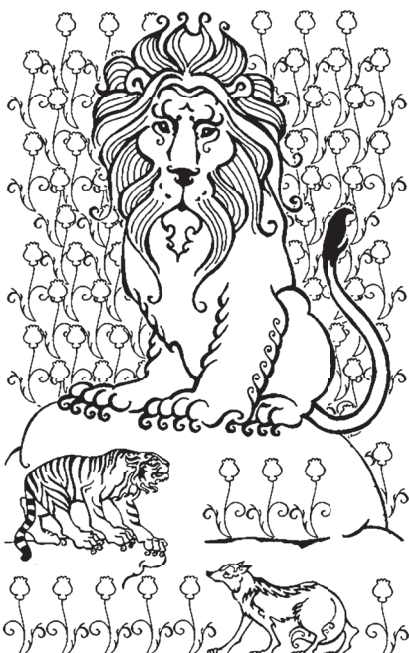
Cem anos de fundação do respeitado sodalício, festejada de modo grandioso. Noite de glória. Todos os membros efetivos presentes, joviais, alegres, usando a medalha e a pelerine, símbolos da Instituição. A presença do presidente da Academia Brasileira de Letras abrilhantou o evento. E o sucesso continuou... Projetos literários foram desenvolvidos: Dois dedos de Prosa e Poesia, parceria com a Editora Graciliano Ramos, evento no qual o escritor alagoano é valorizado. A criação da Academia Alagoana de Letras Mirim, uma iniciativa pioneira no país, que visa fortalecer no jovem de dez a treze anos o interesse pela cultura. A Academia Alagoana de Letras, mais alagoana do que nunca, ação que visa a interiorização da agremiação, através de reuniões trimestrais, acontecidas em cidades polo, de cada uma das regiões de Alagoas.

Apoio irrestrito da imprensa em todos os níveis. Vários eventos transmitidos ao vivo por canal de televisão. Cadernos de jornal dedicados aos feitos da Instituição. Programas de rádio e Tv demonstram interesse em divulgar os feitos da Academia. É a casa de Ledo Ivo brilhando e, sendo respeitada cada vez mais, e o que é importante: voltando a ser o sonho de consumo de ilustres catedráticos alagoanos.

Tudo isso, só foi possível, por nova-

mente haverem prevalecido os ensinamentos da matemática sem números, de “Homem que Calculava”, por Malba Tahan. Imitando o protagonista do romance famoso, hoje, todos os sócios efetivos que integram a Academia Alagoana de Letras podem falar, em alto brado, que os problemas surgidos foram quase todos resolvidos, com perseverança, coragem de querer, pitadas de sorte, paciência, muita coerência e trabalho em equipe, pois seguindo à risca o que ensinou o poeta, em todas as oportunidades nas quais a Instituição, nestes últimos tempos, ensejou naufragar, soçobrando no talassa voraz do insucesso, juntos, seus componentes, os quarenta, souberam resgatá-la, com muita força de vontade, na arca flutuante de suas emoções.

(Alberto Rostand Lanverly é presidente da Academia Alagoana de Letras, Maceió, AL.)



Moreira era proprietário de quatro fazendas de gado e alguns lingotes de ouro que guardava no cofre que tinha em casa. Tudo fruto de herança e do trabalho com a pecuária e a agricultura realizados arduamente nas fazendas. O ouro representava uma reserva para os dias difíceis e fora ideia de um tataravô muito precavido, cuja sabedoria vinha sendo utilizada de geração em geração. “Ouro é ouro em qualquer tempo”, dissera o parente antigo e a frase ia sendo repetida pelos sucessores.

Mas como riqueza não compra a imortalidade, Moreira foi acometido de uma grave doença. Tinha setenta e poucos anos quando isso aconteceu. O competente e confiável médico que o fazendeiro procurou na cidade não gostava de fazer rodeios com seus clientes e foi sincero ao dizer-lhe a verdade após submetê-lo a meticolosos e irrefutáveis exames. E a verdade nua e crua era que o velho Moreira tinha pouco tempo

Desde cedo Lúcio, o caçula, demonstrara que não tinha aptidão para viver na fazenda, nada de bosta de boi na sua vida, como ele costumava dizer. Acordava tarde, levava carão do pai, mas nem ligava, a reprimenda entrava por um ouvido e saía pelo outro. Ia para a cidade se divertir nos bares e no cabaré, era o queridinho das prostitutas por ser filho de um dos homens mais ricos daquelas bandas. E não adiantava o pai tirar-lhe a mesada, pois a mãe sempre achava um jeito de botar às escondidas dinheiro no bolso do caçulinha querido e mimado.

Mas quando a mãe de Lúcio morreu daí a alguns anos ele passou por maus bocados, já que o pai não aprovava sua vida de boemia. Sem dinheiro, o rapaz deixou de fazer suas farras e vivia cochilando pelos cantos da casa da fazenda. Ou senão ia para a sombra de uma árvore, estirava-se no chão forrado de folhas secas, e logo estava a roncar. Seus roncos espantavam as lagartixas e os passarinhos tão fortes eram. Outras vezes levava consigo um dos romances que sua mãe, D. Rute, boa leitora, comprava na livreria da

A cama

de vida pela frente. Naquele momento Moreira odiou o médico por ele ser competente, confiável e tão sincero, então chamou-o de mentiroso, de charlatão, vomitou mais alguns impropérios, em seguida deixando o consultório de maneira estabanada. O médico ficou petrificado com aquela reação bruta e inusitada para ele, acostumado mais com prantos e desmaios quando transmitia aquele tipo de notícia.

Alguns dias depois, mais conformado, Moreira refletiu bastante e tratou de fazer um testamento para que não houvesse briga entre seus herdeiros: os cinco filhos. E queria também pregar uma peça no seu caçula, que só lhe dava desgosto e decepção. A ideia veio-lhe quando ia passando pelo quarto de Lúcio e avistou, pela porta aberta, a cama na qual o rapaz dormia.

cidade e ia colocando numa prateleira da estante da sala. Mas após a morte de Rute, os livros passaram a ser apenas um enfeite na estante. Depois foi que Lúcio, naquela fase de marasmo, sonolência e bocejos, interessou-se em pegar algum com a intenção de mergulhar na leitura da história, mas acabava era mergulhando num sono de pedra. A não ser quando um personagem tipo “malandro bem-sucedido”, chamava-lhe a atenção, a leitura passando a ser repentinamente prazerosa.

Havia momentos em que o velho Moreira tinha dúvidas se Lúcio era mesmo seu filho. O cabrinha safado e preguiçoso era muito diferente dele e dos irmãos. E, prestando bem atenção, até fisicamente falando. Será que a finada lhe corneara com algum vaqueiro? Talvez sim, pois ela gostava de ler, e aqueles

livros podiam ter botado minhoca na cabeça da infeliz. Lembrava-se de um tal de Raimundinho que botara para correr da fazenda. Um zé-ninguém que viera não sei de onde e pedira emprego de vaqueiro, mas era um desastre, aboiava mais do que tangia gado. À noite fazia cantoria no casebre onde fora pousar, mexia nas cordas da viola que trouxera consigo, atraindo os outros vaqueiros para uma roda de cachaça. Aquilo não era bom sinal, aquele cabra não prestava, era um malandro desgraçado! E já o pegara rondando sua casa. Será que era um ladrão que soubera da existência de seu ouro e armara aquela situação com o intuito de roubá-lo? Mas o pior era que certa vez sua mulher defendera Raimundinho depois que ele dissera que o cabra estava botando a perder os outros vaqueiros com suas noitadas de forró e cachaça.

– Oxente! Quer dizer que você tem a coragem de defender aquele malandro, mulher?

– Eu? De jeito maneira! Tou só dizendo que ele dá um pouco de alegria aos caboclos cantando loa e tocando viola.

que eles até ficavam com um ciúme danado quando isso acontecia na vista deles.

Mas, com o passar dos dias, um fato novo viera aliviar o sofrimento do velho Moreira, pois ele passou a pensar que Lúcio, com a nova atitude que tomara, jamais poderia ser filho do tal Raimundinho.

Incentivado pela mãe, quando ela ainda era viva, Lúcio passara uns anos estudando na cidade. D. Rute sonhava ver o filho formado, não queria morrer antes de vê-lo doutor de anel reluzente no dedo, mas morrera sem isso acontecer, pois quem não estuda não passa no vestibular, e Lúcio tinha ojeriza a estudo. E a cada fracasso do filho nos estudos, Moreira passava na cara da esposa que aquela história de doutor era uma ilusão besta, uma fantasia da cabeça dela, então o que o malandro devia fazer era deixar os livros de lado e vir para a lida da fazenda como faziam os irmãos dele, que, a bem da verdade, não gostavam nadinha daquela vida de moleza do irmão caçula e se sentiam injustiçados.

Pois bem, certo dia, enquanto lia um

Então, já não se aguentando mais de tanta curiosidade, o velho Moreira foi falar com o filho no quarto dele.

– O que é isso agora, Lúcio? Que munganga é essa?

Lúcio sentou-se na beirada da cama:

– Não tem munganga nenhuma, pai... É que eu resolvi dar um jeito na minha vida, num sabe?

– E que jeito é esse?

– Não quero mais ser motivo de vergonha pro senhor. E devo isso à minha querida e finada mãe, que queria que eu estudasse pra ser doutor, e eu resolvi que vou ser doutor dê no que der. Agora ou vai ou racha. O senhor ainda vai se orgulhar de mim, pai.

Moreira passou ainda uns dias sem acreditar naquela decisão de Lúcio, devia haver carçoço naquele angu, mas terminou se dando por vencido quando o viu continuar no quarto agarrado aos seus livros. Ele já não ia mais se balançar na rede do alpendre ou roncar embaixo da árvore do terreiro. E estava até ficando mais magro de tanto estudar. Foi isso que levou Moreira a acreditar que Lúcio não tinha nada a ver com o

Que é que tem isso?

Então ele fora obrigado a botar o cabra para longe da fazenda senão a desgraça estava feita, todo mundo entrando na folia da viola do malandro, endoidecendo por causa das toadas que ele cantava. Até dentro de sua própria casa a influência perniciososa do infeliz entrava. Tinha cabimento isso?

E agora, muito tempo depois, vinha-lhe essa suspeita desgraçada de que o cabra o chifrara e que Lúcio era filho dele. Mas suspeita não é verdade confirmada, então Moreira passou a sofrer por causa disso. Havia ocasiões em que tratava tão mal o caçula, que os outros irmãos ficavam se entreolhando e pensando de onde vinha tanta raiva. Tudo bem, o irmão era preguiçoso, pensavam eles, mas ficara assim porque a mãe o mimara além da conta, mimara-o tanto

romance, balançando-se na rede do alpendre – outro lugar de sua predileção – Lúcio teve uma ideia para sugar dinheiro do pai. Era uma ideia roubada do livro que tinha nas mãos.

– Sim, é isso o que vou fazer também – disse ele, sentindo um alvoroço dentro de si.

Ele tinha as apostilas e os livros que comprara para fazer os vestibulares em que fracassara, então foi até seu quarto e tirou tudo de dentro de uma caixa de papelão, deitou-se na cama, e pôs-se a simular que estava estudando. Passava horas a fio no quarto, a porta aberta para que fosse notado por quem passava pelo corredor. A empregada ia chamá-lo para almoçar, ele respondia que não podia agora, estava muito ocupado, estudando, e ainda reclamava que não queria ser interrompido.

malandro que um dia viera cantar viola na sua fazenda e fora expulso antes que contaminasse com sua indolência a caboclada. E devia ser imaginação da sua atormentada cabeça quando via traços físicos do malandro na cara de seu caçula.

Depois o tempo traria para o velho Moreira dois sérios baques. Primeiro descobriu que tudo não passara de um golpe bem arquitetado por Lúcio para sugar-lhe dinheiro e voltar a ter de volta a sua vida de malandragem e boemia, agora na capital, onde fora estudar na Faculdade de Direito, assim pensava quem nele acreditava. Advocacia era a sua vocação, alardeava Lúcio, que arditamente montou uma farsa para enganar o pai e os irmãos “matutos e ignorantes”, como costumava referir-se aos parentes. Houve até uma festa na fazenda para comemorar o seu êxito no vestibular de Direito. O velho Moreira chegou a se emocionar de tanto orgulho pelo futuro filho doutor e, intimamente, pediu perdão à finada Rute, que sempre acreditara no filho.

Contente da vida, Moreira passou a financiar com gorda mesada os estudos do filho na capital. Isso até o dia em que resolveu fazer-lhe uma visita de surpresa na pensão onde ele dizia morar, e foi aí que toda farsa foi descoberta e o filho desmascarado.

Revoltado, o velho Moreira pensara em deserdar Lúcio, mas, após pensar melhor, achou por bem botá-lo para trabalhar como simples vaqueiro na fazenda. Lúcio aceitou o castigo. Que podia fazer se não tinha mais para onde ir? Mas outro pensamento já andava pela sua cabeça ao aceitar aquela proposta para ele absurda noutras circunstâncias: que não demoraria muito para embolsar o dinheiro de uma bela herança, uma vez que o pai já vinha apresentando os sintomas e sofrendo as dores da doença que o médico sem mais delongas lhe dissera ser fatal num curto espaço de tempo.

E a notícia de que teria pouco tempo de vida pela frente fora o segundo baque que o velho Moreira sofrera logo após padecer o primeiro.

A cama de Lúcio tinha uma cabeceira oca, e foi ali que Moreira enfiou uns lingotes de ouro após tirá-los do cofre. O fazendeiro fez isso certa manhã em que estava sozinho na casa. Recolocou os parafusos nas tábuas emendando-as novamente. Ao cabo da tarefa estava exausto, pois a doença o deixara bastante debilitado. Já providenciara o testa-



mento noutra dia em que fora a cidade e procurara um advogado conhecido, pedindo-lhe sigilo. Que a história do testamento só viesse à tona após sua morte.

Moreira pensara em não deixar nada para Lúcio, mas teve medo de ir para o inferno por ser tão desalmado – e olhe que a morte já lhe acenava tão próxima estava. E ainda levado pelo medo, quando estava moribundo em cima da cama mandou chamar Lúcio para revelar-lhe o segredo de que dentro da cabeceira da cama tinha ouro suficiente para comprar uma fazenda, mas só conseguiu balbuciar duas ou três palavras ininteligíveis na boca do caçula antes de dar o último suspiro.

Moreira deixou as quatro fazendas que possuía para os quatro filhos mais velhos. E para Lúcio: a cama em que ele dormia. Todos ficaram estupefatos e mudos na sala onde o advogado reunira a família para ler o testamento.

– Véio fio da peste! Infeliz da costa oca! Que arda no fogo do inferno! – esbravejou Lúcio passado o momento de torpor. E para os irmãos: – Bando de urubus! Vão também pro inferno todos vocês!

Dali ele foi para a cidade e começou a beber no bar que costumava frequentar. A cada gole de cachaça, maldizia o finado pai. Cerca de uma hora depois, já meio embriagado, tinha feito amizade com um homem de seus cinquenta anos que retornara àquelas plagas recentemente e fora cantar toada e tocar viola na sua mesa.

– Vocês dois é cagado e cuspidado um a cara do outro, parece intê ser pai e fio – disse o dono do bar quando veio trazer uma cerveja.

Raimundinho, agora os cabelos grisalhos, fez uma proposta ao rapaz que acabava de conhecer para saírem por esse mundão afora e Lúcio topou, pois queria distância daquela terra maldita. E com o intuito de conseguir algum dinheiro para gastar na viagem, o rapaz acabou vendendo a cama que herdara. O comprador era um homem que adquiria móveis usados e enquanto ele transportava numa carroça de burro a cama desmontada, viu a cabeceira oca cair no chão do caminho deserto e se abrir, pois Moreira, sem forças, deixara alguns parafusos frouxos. Expostos, os lingotes de ouro reluziram na manhã ensolarada.

(Jorge Tenório é membro da Academia Alagoana de Letras, autor de 11 romances e duas peças teatrais, de Maceió, AL.)



ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

O marinheiro

ARNALDO PAIVA FILHO

RETORNOU A SUA CIDADE NATAL para morrer. Da vida nada mais esperava. Após uma existência nômade, como marinheiro solitário, estava pronto para enfrentar o epílogo de sua existência terrena. Conheceu o mundo a bordo dos navios. Singapura, Xangai, Hong Kong, Gênova, Istambul, Hamburgo, Nova Iorque, Roterdã... Viagou pelos mares de todos os oceanos e desembarcou em inúmeros portos, cujos nomes nem mais se lembrava. De porto em porto, vivenciou muitos amores. Alguns suaves, outros intensos, mas todos frívolos e efêmeros.

Constatou que nunca amou verda-

deiramente a ninguém. Suas paixões foram de todos os matizes e cores, raças e nacionalidades, mas não desabrocharam, transformando-se em ancoradouros onde pudesse deitar âncoras e repousar o corpo, perenemente, em terra firme.

Hoje, velho e celibatário, sentia-se preparado para enfrentar o seu fenecimento. Não mais alimentava sonhos, antes se desfazia deles. A aproximação do óbvio, com o decorrer do tempo, colocava-o frente a frente com a realidade. Não apascentava mais as ilusões da juventude, ou a esperança de encontrar a fortuna numa ilha distante, como acontecia na Ilha do Tesouro, livro de Robert Louis Stevenson, ou experimentar as aventuras de Peter Pan e seus amigos na “Terra do Nunca”, ilha mágica ameaça-

da pelo terrível “Capitão Gancho”. Ao invés do que imaginara naquelas estórias contadas por sua mãe, nas noites tépidas e úmidas dos trópicos, refrescadas, apenas, pela brisa marítima ou pela chuva torrencial, sob o clarão bruxuleante do candeeiro a querosene, e que povoavam a sua imaginação de criança pobre, deparara-se com as misérias infames dos homens e mulheres que frequentavam os prostíbulos das zonas portuárias das cidades e das vilas, mundo afora; conhecera as doenças tropicais que molestavam os navegantes e ceifavam as suas vidas nos confins dos mares, trazendo consigo o suplício indesejado do decesso; ou a dureza de uma rotina solitária, nas cabines apertadas e sem conforto das embarcações, entre ondas

e tempestades atroz. Mas, também, presenciara crepúsculos em alto-mar, de belezas indescritíveis; ou, nas noites sem lua, cascatas de meteoros incontáveis, de cores cambiantes, que traziam magia e encanto em meio às constelações que povoam o Universo e, muitas vezes, amanheceres de um sol escarlate e nuvens iridescentes, que contagiavam de esperança as almas penadas de seus companheiros de cruel sorte.

Com o torso hercúleo e forte, forjado nas cordas e correntes dos barcos, todavia curvado pelos percalços sofridos durante uma vida errante, sem parentes próximos ou riquezas acumuladas, exceto as lembranças trazidas na memória como um fardo nos ombros, avistava, com frequência, e ao longe, como se fora um condor no alto dos píncaros rochosos onde rebatem as ondas do mar bravio, o ponto aonde deveria retornar: o rincão onde nascera, o local sagrado onde desejava, para sempre, ver sepultado o seu arcabouço carcomido.

Assim que pisou no torrão em que viera ao mundo, a ideia fixa da finitude agigantou-se nele. Na pensão do Rubens, desfez-se da bagagem e pôs-se nas ruelas da vila a indagar sobre os antigos moradores de quem ainda guardava vívidas recordações. Daqueles de quem teve notícias, soube que partiram dali ou tinham os despojos enterrados no cemitério do alto da colina que divisava o Manguaba, rio utilizado pelos invasores batavos na conquista de Porto Calvo, em 1632, sob a liderança do mulato Domingos Fernandes Calabar, considerado um traidor pelos colonizadores portugueses.

Achou a cidade pouco mudada no meio século que mediou a sua partida e o retorno inglório. Ao largo, vislumbrou os casarões antigos, mercedores de reparos, a pracinha defronte à igreja matriz, com o mato crescido a ladear a calçada, e as casinhas de portas e janelas a reclamarem caiação e pintura. “O espelho da decadência”, pensou consigo, sentado num tamborete no bar da Nissô, na foz do rio, entre um trago de pinga e uma baforada de fumo de palha.

Quem sabe, no futuro, quando se fosse desse mundo, a cidade encontraria um destino redentor que não lhe fora permitido conhecer. Afinal de contas, havia muita riqueza naquele lugar, em contraste gritante com a pobreza de seus habitantes. A natureza na região era exuberante, nos tons verdes dos vastos coqueirais frutíferos que balouçavam, ao sabor do vento, margeando paradisíacas praias, de areias finas e alvas, de um mar calmo e límpido, de tonalidades mutantes do verde esmeralda ao azul piscina, protegido da fúria oceânica por extensos arrecifes de coral que margeiam sítios de coqueiros de uma extensa planície, na espera de uma valorização imobiliária e exploração turística redentoras.

Mas não estava ali para pensar em tais assuntos. O seu objetivo premente era desencarnar na terra em que nascera e onde viveram os seus antepassados. Em poucas horas, caminhou por toda a cidade: o cais – local de ancoragem das canoas e da balsa da prefeitura, as praias do Patacho e de Tatuamunha, o farol, a cadeia secular, as igrejas de Nossa Senhora da Glória (padroeira da cidade) e da Piedade, e o cemitério. Anos a fio, imaginara como seria a sua reação naquele momento e, dado o reencontro, sentiu-se tomado por abissal vazio. Nada de especial aconteceu. Seus sentimentos continuavam entorpecidos, como na época em que decidiu deixar Porto de Pedras. Achava-se um exilado naquele lugar. Era como se nunca houvesse retornado. Sentia-se um estrangeiro em sua própria terra ou, pior, um zumbi.

Tudo aconteceu com a intensidade e energia de um relâmpago na borrasca. Com o corpo escorado no tronco e na raiz do que restou de um coqueiro derrubado pela força das marés, situado diante de uma choupana de taipa inabitada, o velho lobo do mar viu aproximar-se na areia da praia deserta e virginal, que se estendia para as bandas da Croa do Tubarão, como uma assombração medonha, a silhueta de

“

Constatou que nunca amou verdadeiramente a ninguém. Suas paixões foram de todos os matizes e cores, raças e nacionalidades, mas não desabrocharam, transformando-se em ancoradouros onde pudesse deitar âncoras e repousar o corpo, perenemente, em terra firme.



uma mulher envolta num lençol branco, de textura transparente, que se comprimia ao seu corpo de largas ancas, açoitado pelo morno vento terral que soprava naquela noite, a ressaltar os seus contornos curvilíneos de extrema formosura. Caminhava em sua direção, resoluta e em marcha acelerada, mas cambaleante, como se estivesse bêbada, segurando, na mão direita, uma foice. Da posição em que se encontrava, não podia visualizar o seu rosto, apenas o vislumbre de seus braços finos e longos, em movimentos suaves e ritmados, iluminados pelo leve clarão da lua minguante. De súbito, ela começou a gritar o que pareceu ser, a princípio, palavras desconexas, mas repetitivas, e que se amplificavam, mais e mais, levadas pela forte brisa marinha, à medida que se aproximava. “Etrom, etrom, etrom”. A sua aparente desorientação não camuflava a sensualidade que emanava de seu corpo seminu, antes a exaltava, causando calafrios de pavor e de desejo enrustido. Teria ele encontrado, finalmente, o que tanto procurava? A razão de ter retornado, na velhice, às suas origens? Ou seria aquele, somente, mais um devaneio, de tantos e tantos que experimentara durante a vida? Os gritos da mulher pareciam sair do fundo de uma caverna. Reverberavam. Assemelhavam-se a ganidos de cães, gemidos desesperados de alguém ensandecido. Agora podia ver o seu rosto. Estava pálido, de uma languidez apavorante, lividez de um cadáver. Os olhos negros esbugalhados, grandes e redondos, e o nariz adunco, sobressaíam-se num rosto magro, comprido e vincado de rugas profundas, decerto pela exposição contumaz à ação do sol causticante. Havia nela o que se poderia definir como “o belo disforme”, pois o encantamento de seu corpo era desproporcional a feiura de seu rosto. Parecia que coexistiam, ali, duas pessoas numa só. Aquele corpo melífluo, de uma sereia, não podia pertencer àquela face esquelética e àquela voz gutural. Não combinavam.

O marinheiro pôs-se a vociferar, também, à aproximação daquele vulto fora do comum. – Quem é? O que deseja de mim? Como não houvesse resposta, levantou-se, num salto, espargindo areia para todos os lados, com uma agilidade instintiva de um felino, habilidade que acreditava não mais possuir. – Vade retro, vade retro, bradou a plenos pulmões, fitando aquela fêmea sobrenatural que estacou diante dele, empunhando aquela arma em sinal de ataque. Os olhos fora

de órbita, sob os cabelos desgrenhados, emprestavam-lhe uma aparência de louca. Era a caricatura da morte, eternizada naquele instante. Após segundos que pareceram anos, ela emitiu, novamente, aquele som esganiçado e enigmático: “Etrom”. E levantou a ferramenta cortante para os céus, ameaçadora. Diante daquela visão aterradora, que nunca tinha sonhado se deparar, um dia, o marinheiro recuou, tropeçando no tronco de coqueiro que servira de lastro para o seu corpo, caindo de costas na areia fofa. Ele cerrou os olhos, aguardando-a desferir o golpe terminal. Mas, ao contrário do que era esperado, a mulher deu meia-volta e desapareceu na escuridão. Então, o marinheiro, acovardado, preferiu ficar imóvel, fingindo-se morto, e aguardar o amanhecer.

Permaneceu deitado, horas a fio, a escutar o marulhar das ondas e o movimento das palhas dos coqueiros. Finalmente, notou algumas nuvens visíveis no alvorecer e o som do farfalhar das asas das aves que começavam a deixar os seus ninhos à procura de alimento. Ainda sentia no estômago o ardor do rum ingerido na véspera. Depois, o sol matinal começou a esquentar e fustigar os seus olhos cansados de marujo. Ergueu-se, com dificuldade, e começou a procurar, em volta, vestígios da aparição noturna. Não havia rastros na areia. Talvez a preamar os tivesse apagado. Começou a duvidar do que vira, de sua sanidade. Sentia-se tonto, agoniado. Um velho vergastado pela idade. “Que a minha mente permaneça lúcida!”, desejou com fervor. Seria aquela visão consequência do efeito do álcool, a causar-lhe alucinações? Ou motivada pela senilidade advinda com a velhice? O marinheiro saiu dali, andando sem rumo, sem camisa e descalço, pela praia desabitada. Quem sabe, deparar-se-ia com aquela mulher, novamente. Dessa feita, ela não sentiria pena e deceparia a sua cabeça com um golpe certeiro, como era costume tratar os inimigos na época da invasão holandesa. Poria fim aos seus dias incontáveis, dos quais queria se libertar, desde que retornou àquele lugar. Mas não havia quase ninguém naquelas praias, exceto alguns pescadores com os seus apetrechos de pesca, como redes, iscas, anzóis e arpões. Havia, também, algumas embarcações fundeadas próximas à costa, ou dispostas no solo arenoso da praia, em locais protegidos da ação das marés. Além disso, somente a natureza a coexistir com a sua solidão.

A partir daquela noite, começou a nutrir um ódio profundo por aquela sícrana, que permitiu a continuação de seu infortúnio terreno. Por qual razão o poupou? Ele estivera a sua mercê, indefeso, caído na areia, inerme e vencido. Mas, mesmo assim, ela deixou-o permanecer vivo e infeliz. Não deu cabo de sua vida. Agira da mesma maneira como fizeram todas as mulheres que exerceram poder sobre ele. Que o tiveram em suas camas, sob o jugo da sedução de suas carícias e feminilidade. Mulheres que tomaram para si o seu corpo viril, descartando-o, depois do uso, como a um tesouro fútil, uma teteia. Por que razão não se apoderaram de seu coração e de sua alma? Por que não o fizeram se apaixonar? Sentir por elas idêntica fascinação que gozava ao escutar, na infância, as estórias de piratas contadas por sua mãe? Ao invés disso, deixavam-no partir, sozinho, numa cruzada sem sentido, a singrar os oceanos como uma nau de condenados, fantasmagórica, de velas toscas e remendadas, sem âncoras, sem bússola, sem porto seguro, sem nada. Infelizmente, de tudo o que provou na vida, restou apenas a amargura da procura do amor que não teve, da felicidade que não veio.

Desde então, como não tinha mais o que fazer naquela terra, e conforme o passar dos dias Thanatos não viesse ao seu encontro, na forma ansiada – e sem ter como matar o tempo, pôs-se a vagar a esmo, a fumar um e outro cigarro na sombra do centenário Oitizeiro, onde descansou Dom Pedro II, nos idos de 1860, em sua visita à província das Alagoas; ou a fitar, da ribanceira areenta, o rio moroso, mas repleto de histórias, seguir o seu rumo ao sabor da correnteza. Ou a rezar, contrito e ardentemente, na capela de Nossa Senhora da Piedade, com a frente voltada para a imagem do dragão – guardião dos tesouros esquecidos, e esculpido em madeira no alto da parede defronte ao altar-mor, a suplicar a concessão da graça de abreviar os seus intermináveis dias.

Os nativos daquela cidadezinha do litoral norte alagoano, que bem conhecem a sina do conterrâneo que vive, sem descanso, a caminhar erraticamente, anos e anos, pelas praias, becós e vielas, dizem que ele é o caçador da dita-cuja, cansado de estar a finar-se entre eles.

(Arnaldo Paiva Filho é membro da Academia Alagoana de Letras, Maceió, AL.)



FOTO:ACERVO APLETRAS



Um gesto de reconhecimento

PIA ELENA ZANCANARO BOROWSKI
AGOSTINHO BOTH

Que nos anima, neste PROJETO SÊNIOR DE LITERATURA de nossa Academia, são as atividades e as formas de desenvolver a literatura de professores aposentados. Não é somente prestigiar quem ministrou literatura ao reviver o que realizaram nas escolas. Eles e elas serão convidados, de maneira informal, para mostrar a produção da literatura no tempo de suas atividades nas escolas e na vida atual. Os membros do projeto acima citado agradecem a Academia Passo-Fundense de Letras e à coordenação da Revista ÁGUA DA FONTE a oportunidade de nossa produção literária.

Assim, revela-se o quanto faz bem ler os esforços do professorado, especialmente das professoras de literatura e outros voltados para a literatura. O projeto busca

reconhecer os esforços e também reviver, reproduzir e renovar a alegrias dos feitos realizados reconhecendo-os ainda que tardiamente.

Os principais objetivos deste projeto, que são:

Oferecer aos professores na área de literatura ou não a oportunidade de aprendizado e cultivo da literatura e língua portuguesa;
Promover a escrita em suas diversas formas de expressão, objetivando a produção de textos na área literária;
Promover a visibilidade dos professores ou escritores na área de letras, aproximando-os dos objetivos da APL;
Dar continuidade ao prazer da escrita de escritores e leitores em torno da Literatura.

(Pia Elena Z. Borowski e Agostino Both são professores aposentados, membros da Academia Passo-Fundense de Letras e coordenadores do Projeto Sênior de Literatura.)



Nosso docinho

IEDA MARIA FORTES FIEBIG

Muito se usa a expressão “que a vida seja doce”, várias vezes usei-a.

Hoje, essa expressão provoca-me um certo desconforto. Ponho-me a refletir sobre a mesma. O principal e maior motivo é que o destino colocou em minha vida alguém literalmente doce, não apenas em gestos, palavras e atitudes, mas de “sangue doce”. Sim, uma doçura excessiva circulava em suas veias desde a sua juventude.

Lembro-me, quando nos preparávamos para o casamento, alguns familiares dizer que eu estava louca em me casar com uma pessoa doente, que provavelmente nossos filhos herdariam a doença do pai, que minha vida seria complicada, com cuidados constantes na alimentação – justo eu que gostava de cozinhar e criar novas receitas... Foram vários outros argumentos na tentativa de convencer-me a mudar de ideia.

Sem dar ouvidos, seguimos adiante. Casamos, construímos uma linda família com três filhos; um de susto (feito antes do casamento), uma planejada e, outro, de metido (chegou após uma laqueadura mal sucedida). Pensem na vontade dessa criatura vir ao mundo! hoje, são eles meu porto seguro.

Apreendi a conviver com a doçura do João. Ensinei também nossos filhos a terem tais cuidados e a observarem as atitudes do pai. Se alguém mais estava em casa, também sabiam de tais cuidados. Nos tornamos especialistas em detectar quando as coisas estavam saindo do prumo: bastava um olhar e já sabíamos da real situação.

Sempre acreditei que tinha bons anjos a me auxiliar, pois mesmo dormindo, de súbito acordava e ao colocar as mãos sobre seu corpo, sentia o excesso de suor, era

uma hipoglicemia. Até nossa cachorrinha de estimação, certa vez foi a portadora do alerta de que papai não estava bem. Foram muitos sustos, muitas corridas até a cozinha em busca de água doce, mel, sache de glicose... Um alerta constante!

Com o tempo, o excesso de doçura complicou olhos, coração, rins. Alterou a pressão e dores constantes nas pernas, nos pés se apresentavam, causando desconfortos gerais, ora num lugar, ora noutro. Houve alteração no humor, um pouco de depressão e cansaço. Chegou o cansaço também do convívio dos 45 anos com o diabetes. Em meio a todos esses fatores, um dos médicos comparou-o à uma bomba. Sim, uma bomba prestes a explodir.

No início de 2021, nossa bomba rompeu a válvula de segurança e aos poucos foi se esvaíndo. Não explodiu repentinamente. Nos deu tempo para acostumar-nos com a ideia de sua ausência. E, assim, nosso docinho nos deixou.

Não foi fácil para nenhum de nós. Ainda é difícil.

Sou grata por tudo que vivi e os bons momentos que compartilhei com meu doce docinho, mas digo com todo amor: a vida não precisa ser doce, não dessa maneira. A vida tem de ser vivida.

Foi isso que fizemos durante 33 anos! Vivemos, nós e nosso docinho.

(Ieda Maria Fortes Fiebig é professora aposentada e integra o Projeto Sênior de Literatura.)

Paixão



AGOSTINHO BOTH

A coisa mais louca se chama paixão. Ela pode ser vista em duas formas: quando se pensa em política ou nas relações afetivas. Que o digam os nazistas, que o digam Romeu e Julieta: se tudo não se acaba em morte, geralmente causa uma depressão profunda pela perda do objeto amado.

Gostei de Elizabeth Gilbert no romance *Comprometida*. Quando fala de suas paixões, ela percebe o quanto estas a deixaram aos pedaços. Dr. Jorge Alberto Salton apresenta um belo texto em seu livro *Maniqueísmo em nossas vidas*, no qual mostra as facetas de quando uma pessoa se fixa numa realidade a ponto de torná-la absoluta. A paixão é uma forma de maniqueísmo, quando a afetividade vira crença, deixando os apaixonados sem eira nem beira. Quando a paixão é política, ela pode se tornar pior ainda, deixando um rastro de agressividade

em muitas pessoas e mortes de todos os lados.

Gilbert relata o seguinte exemplo: “Pobre Goethe: Nem ele foi imune à paixão, nem com toda sua sabedoria e experiência. Esse velho alemão, aos 71 anos, apaixonou-se pela inadequada Ulrike, uma beldade de 19 anos que recusou suas investidas ardentes de casamento, deixando o gênio tão envelhecido e desolado a ponto de escrever um réquiem à vida: perdi o mundo inteiro, perdi a mim”.

O senso da realidade é perdido nos apaixonados, pois a contemplação do objeto amado consome o espírito crítico, causando lágrimas e depressão, leve ou grave, conforme o nível de noradrenalina e hormônios sexuais perdidos. Quando ficamos apaixonados, perdemos o senso de realidade, e o próprio Goethe diz de si haver uma zona de sua vida com perda de sanidade: “quando duas pessoas ficam realmente felizes por demais uma com a outra em geral podemos supor

que estão enganadas”. A paixão é dita, também, de outra forma: como o amor de perdição. E, quando a pessoa volta ao normal, deixa atrás de si um monte de dores e descrédito em torno do pobre crente afetivo. Percebo, porém, que o apaixonado político geralmente reúne companheiros em torno do mesmo objeto de paixão, e sua crença deixa-a ainda mais cerceado e pobre de espírito. De outro modo, o apaixonado afetivo perde a confiança de sua família e de amigos, conseguindo a irreverência de inimigos, a ponto de sofrer duras críticas pelo resto da vida e ficar com um monte de culpa por carregar. Pobre Goethe, em sua tardia loucura narcísica. Pobre humanidade, vítima de tais compulsões. Os estragos não são poucos. Que atire a primeira pedra quem já não caiu em tentação?

(Agostino Both é professor aposentado, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e coordenador do Projeto Sênior de Literatura.)



Surpreeendido

AGOSTINHO BOTH

Acho que ando de outra ética, de costumes velhos, muito velhos e de conhecimentos não mais aceitos. Assim me sinto e comprovo por observações. No ano passado, obtive os passos necessários para a declaração do IR. Por eles, realizei com sucesso minha bendita declaração. Tudo certo. Neste ano de 2023, os passos não me concederam os caminhos de meus pilas recebidos. Vou, então, ao meu declarador, ver com ele os procedimentos exigidos pelo senhor governo. Só consegui os dados do BB, mas o RS e o INSS não me concederam licença para retirada

dos dados para declarar meus proventos. Marquei data com uma empresa para ver e pagar o serviço a ser feito.

Buenas! Também sinto dificuldade em entender a rápida mudança dos costumes em torno das relações afetivas dos jovens. Eles andam ligeiros em sua sexualidade. Mal se conhecem, lá vão eles para a cama, para ver se ajustam seus interesses. Depois, parece, vem a autorização silenciosa dos pais, para ver no que vai dar. Preferem os filhos na cama a serem ameaçados em outros lugares. As igrejas e o Estado são espaços de terceira via, o que garante muito pouco. Realmente, o sociólogo Zygmunt Bauman tem razão: vivemos num mundo líquido, em que nada mais

é como era. Mal acontece, já foi.

Assim estou me sentindo ao lidar com meu imposto de renda e semelhante ao que era imposto para ir para a cama: não vale mais o que foi ano passado. As mudanças são ágeis, e os mais velhos se perdem. Isso que eu sempre fui pouco admirador dos costumes tradicionais e também das inovações.

Estou semelhante a um cusco perdido em procissão: erguendo os olhos a ver se encontra seu dono. Os tempos são outros, e as pernas e os passos não são mais conhecidos.

(Agostino Both é professor aposentado, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e coordenador do Projeto Sênior de Literatura.)

Poesia

LURDES GALLI

A caminho

Já está ficando tarde
E é continua a caminhada
Há dias em que o frio é intenso
E outros, o sol quente arde!

Sinto que as forças diminuíram
Fico facilmente cansada
Mas vou em frente, mesmo devagar
E, se for preciso, faço uma parada!

Olho para mim, me vejo inteiramente
Sou ainda aquela menina que fui
Aquela jovem de antigamente
Que pensa, que ama, que cria e vai em frente!

Meus olhos procuram outros olhos
E ando por aí... ninguém me vê
Mas a vida não deveria ser assim
Porque amanhã quem estará em mim será você!

Sou velha, muito velha
Me permito deixar aos jovens um conselho
Que amanhã poderei ser para você
Apenas o verso do seu espelho!

(Lurdes Galli é professora aposentada e integra o Projeto Sênior de Literatura.)

Memórias da Escola Notre Dame



FÁTIMA BRESOLIN

Naquele tempo dos anos 1950, meus pais trabalhavam muito, sem trégua... Tinham comércio na cidade.

Hoje, dia 23 de julho de 2024, fiz uma visita “divina”. Fui ao Colégio Notre Dame reencontrar minha história: das lembranças e dos lugares onde vivi. Era o ano de 1958, quando lá fui morar.

Ah, quantas saudades!... Afinal, foram anos da minha infância, morando no internato do Colégio.

- INTERNATO?! Como assim?

- Sim, Internato! Pra quem nunca ouviu falar e deseja saber, me siga!

Eu tinha 6 anos e vivia lá. No colégio, eu dormia, estudava, brincava, tomava longos banhos e me deliciava com as comidinhas gostosas das refeições diárias.

Acordávamos às 6 horas da manhã, ao som de uma sineta que ecoava pelo dormitório. Em jejum mesmo, íamos para a Capela assistir à missa do dia! Minha barriguinha roncava.

A Capela era linda, encantadora! Tinha, no altar, uma enorme Cruz com Jesus Crucificado. Logo após a missa, nosso caminho era o café da manhã. Andávamos pelos longos corredores,

em fila, uma atrás da outra, até chegarmos no refeitório e ficávamos, de “olho comprido”, esperando para nos servirem: café, com pão quentinho, bolinhas de manteiga e bolachas recheadas com leite condensado.

As aulas começavam às 8 horas. Eu estava no Jardim da Infância.

Passava as manhãs com muitas atividades de rotina: contos de fadas; histórias contadas; fábulas; lendas e brincadeiras do folclore: Ovo Choco; pega- Pega; Polícia Ladrão; Gato e o Rato; Estátua e outros.

Os Contos de Fada! -João e Maria; -Soldadinho de Chumbo; Cinderela; A Bela Adormecida; Dama e o Vagabundo. Extraordinários clássicos da Literatura Inglesa, Alemã, Italiana e Grega, sendo que muitas delas se tornaram filmes de Wall Disney.

E as Fábulas do Esopo?!

A Cigarra e a Formiga; A Lebre e a Tartaruga; O Leão e o Rato; A Raposa e as Uvas... Eram tantas histórias, muita atenção, um grande prazer de ouvir. Eu sonhava entrar dentro delas.

As Fábulas do Esopo, foram inspiradas nas histórias contadas por um escravo grego, que vivia nas ruas da Grécia (620 a 560 a.C). Se chamava ESOPHO e suas histórias eram sempre de animais

falantes, personificados.

No Jardim de Infância, virei personagem. Participei de duas peças teatrais infantis: Cinderela e A Bela Adormecida. Quanta aprendizagem, quanto significado existiam nestas histórias! Na ludicidade vivida, valores e crenças eram presentes. Mal eu sabia, que ouvindo, brincando, cantando, correndo até virar “Estátua” eu estava construindo minha moral, meu senso de respeito e justiça, com as verdades de então. As histórias me transportavam ao universo imaginário: significados especiais para formação do “meu eu” e de meu ser cognitivo. Os personagens despertavam sentimentos de alegrias, tristezas, carências, amor e ódio, sentimentos humanos que aproximavam o imaginário do real.

Ah!! e o internato?! Lugar ímpar para se viver e sentir tantas emoções. Após a aula da manhã, era servido o almoço às 12 horas, num amplo refeitório. Comidinha gostosa, preparada pelas novinhas. (moças que estavam em formação religiosa, dentro do colégio). À tarde, tínhamos um compromisso estudantil com a SALA DE ESTUDOS. Longas horas de estudo com temas de casa e leituras. Nesta sala, as mesas(classes) eram individuais, todas iguais, feitas em madeira, pintadas de marrom, com

tampa móvel. Ai guardávamos nosso material escolar. Nada podia quebrar o silêncio, ou interromper a concentração. Sair da sala, só apontando o dedo e falando ao pé do ouvido da irmã, muito baixinho, o motivo.

Algumas tardes, principalmente nos finais de semana, fazíamos passeios, em grande grupo e a pé, por locais programados pela coordenação. A Cadeia Pública, Chácara das Freiras, hoje Casa Santa Cruz, lá comíamos muita jaboticaba, era uma festa. Na Casa de Retiros, no Bosque Lucas Araújo, participávamos de cerimônias religiosas e de Retiros programados. Chorei muitas vezes durante os Retiros. À noite, sentia muito medo.

O Colégio era imenso, corredores compridos, escadas, salas e lugares secretos, como a “CLAUSURA”. Um lugar enigmático. Com portas fechadas, janelas encortinadas e um silêncio assustador. Ninguém ousaria abrir uma frestinha da porta para espiar. Era um lugar privado onde as irmãs realizavam suas atividades de rotina. O que acontecia lá dentro era puro mistério.

A refeição noturna era cedo e pelas 18:30 íamos novamente rezar na Capela. Hora da Bênção, ritual religioso de 30 minutos. Às 21 horas, direto para o dormitório. Em seguida, as luzes eram apagadas e o silêncio dominava aquele lugar de quarenta camas. A minha era a primeira, ao lado da ‘cela’ da irmã Pulquéria. Cella era um espaço reservado, todo fechado com cortinas brancas, lugar das irmãs que eram também responsáveis pelo dormitório das internas. Após apagarem as luzes, iniciava-se a ‘vigília’.

Um Internato perfeito!

Sonhei, vivi e aprendi valores e sentimentos puros, que permanecem em mim e me acompanham até agora (7.2 anos).

Tenho certeza do quanto sou fruto da formação que recebi dos meus pais e de todos os ensinamentos, que fortaleceram minha identidade, tornando-me uma pessoa íntegra, consciente da minha responsabilidade na construção de um mundo melhor.

PS: O Internato no Colégio Notre Dame de Passo Fundo, foi mantido até o ano de 1988.



Os sonhadores

AGOSTINHO BOTH

Lembro Borges e suas histórias. Ele narra um sonho de seu sobrinho. O piá, em sonhos, havia estado numa casa. Mostra, então, Borges o quanto as crianças confundem os sonhos como se fossem em vigília: confundem ambas as realidades. Narrava seu sobrinho sobre um sonho que tivera. Andava dentro de uma casa com muitas escadas. Sonhou ter entrado na casa e lá encontrou o tio, a quem narrava seu sonho. Inesperadamente, perguntou ao tio: o que você estava fazendo lá? Assim se fazem os pensamentos das crianças. Uma fantasia não deixa de ser semelhante a uma realidade em sonhos, passando a crer em ficções como se fossem a própria realidade. Pois bem, nem tanto infantil, portanto, podem ser os pensamentos sonhadores de qualquer vivência dos adultos. Tive um amigo que me disse amar sinceramente a mulher de um amigo seu. Não bastasse esta vivência tentadora, narrou ter posto as mãos estreitamente em suas costas, apreciando o início das formas suaves. Falei-lhe se não exagerava em sua narrativa. Confessou, então, estar confuso. Assim, possivelmente, as grandes descobertas não deixam de iniciar como sonhos, antecipando o sucesso da descoberta. A diferença dos sonhos infantis se assemelha aos sonhos dos cientistas, buscando apaixonadamente realidades não existentes. O pensamento humano é deveras multiforme. A diferença está na qualidade deles, quando confrontada com a realidade. O pensamento infantil não distingue entre o sonho e a realidade. O pensamento do cientista é um sonho a ser comprovado, aquele de um profeta promete apenas uma realidade, assim como a dos amantes em busca de um desejo intenso, forçando um sonho a se tornar realidade. Acrescentei ao meu amigo: o teu sonho é muito perigoso. Conheço o marido da mulher que você pretende. Vou parar por aqui, pois o que escrevi não leva a muita coisa.

Mas acima de tudo existem sonhos para criação ou melhoria das instituições. Estes sonhos brotam da mente cheia de boa vontade e se tornam realidade se existir disposições com virtudes para levá-los em frente. Vi muitos deles se tornar realidade. Cito os sonhos do Pe. Alcides Guareschi em criar uma Universidade. Sonhou criar uma Universidade Estadual. Não conseguindo tal intento sonhou com uma Universidade Federal. Também não chegou a tanto. Sonhou com uma Universidade Comunitária, ainda que fosse como prêmio de consolação. Eu, seu discípulo, sei da força dos sonhos de Pe. Alcides. Aí nasceu a Universidade de Passo Fundo. Nesta Universidade sonhei com professores em ter um espaço universitário para os mais velhos. Aí nasceu O CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS E ATIVIDADES PARA TERCEIRA IDADE. Dele nasceu o DAATI, departamento da Secretaria de Serviços Sociais do município de Passo Fundo com mais de três mil alunos. Viver não é preciso, sonhar é preciso. Alcançá-los ainda mais.

(Agostino Both é professor aposentado, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e coordenador do Projeto Sênior de Literatura.)

(Fátima Bresolin é professora aposentada e integra o Projeto Sênior de Literatura.)

Contemplando a escola

DINAIR FERNANDES PIRES

Desde os quatro anos de idade, transitei na escola. Daí se engajaram sessenta anos de presença cotidiana nesta. Andei por escolas particulares e públicas, ora como estudante, ora como funcionária, ora como professora. Aqui pretendo registrar um pouco das minhas recordações significativas como aluna, o que permitirá aos mais novos fazer uma comparação das suas histórias.

Entrar na escola no “Jardim da Infância” era privilégio de poucos e eram raras as escolas que ofereciam pequenas turmas com este atendimento. O comum era matricular-se com sete anos no 1º ano primário e aí começar a alfabetização. Como na maioria das vezes a família não oferecia um ambiente alfabetizador, os meios de comunicação eram poucos e as bibliotecas escassas, este processo se tornava árduo para

os professores e para as crianças. A socialização era difícil, visto que não era comum as crianças participarem de eventos e/ou atividades sociais, estas se restringiam à brincadeiras com familiares e vizinhança.

Era comum a realização de um teste para medir o QI (coeficiente intelectual) antes da organização das turmas, que congregava os tipos como “mais capazes” e “menos capazes”. Depois, as turmas passavam a reunir os “mais atrasados”, os mais “adiantados” e os “repetentes”, simbolicamente representadas pela Turma A, B ou C. Era fundamental o “período preparatório” onde, para a maioria das crianças era ensinado até a forma correta de pegar o lápis, o manuseio do caderno e eram desenvolvidos inúmeros exercícios para exercitar a motricidade, as habilidades mentais e implementar hábitos disciplinares. O domínio do alfabeto e o método da silabação eram os mais usados e no final do ano a aprovação se dava, basicamente,

por uma “prova de leitura oral” e outra “escrita com letra cursiva”.

Nas escolas públicas, por um bom tempo, as provas vinham da Secretaria de Educação, lacradas e comuns a todas as escolas. A correção ortográfica era imprescindível. A reprovação muito grande, a repetência, às vezes, acontecia por mais de um ano consecutivo.

Completado os cinco anos de curso primário, todos os alunos que desejavam continuar os estudos eram submetidos a um exame de “Admissão ao Ginásio”. Quando aprovado, iniciava-se o Curso Ginásial que se estendia por quatro anos. Nesta etapa estudava-se, além das disciplinas fundamentais, as línguas estrangeiras: Inglês, Francês, Espanhol e Latim.

As avaliações eram mensais e o exame final obrigatório, sendo que este era composto por: prova escrita e prova oral. A prova oral era avaliada por uma banca de três professores e com ponto sorteado no momento de sua realização.



Para quem reprovava em Português ou Matemática era destinada a repetência e, obtendo aprovação nestas, mas não conseguindo a nota mínima em até duas das outras disciplinas, era concedida uma nova oportunidade através de “exame de segunda época” realizado após as férias escolares.

Concluído o ginásio era feita a escolha: Curso Clássico-predomínio de disciplinas de área humanas; Curso Científico – disciplinas de ciências exatas ou Curso Normal, que formava professores para séries iniciais e também exigia para ingresso um exame vestibular. Havia também o Curso de Contabilidade que formava os “contadores” ou “contabilistas”.

Além das disciplinas hoje ministradas recebíamos aulas de Canto Orfeônico-com base musical; Técnicas Domésticas-conhecimentos e práticas sobre organização da casa para as meninas; Técnicas Industriais – trabalhos com madeiras, fios, pequenos consertos, para os meninos; Puericultura-cuidados com o bebê, etc...

Em todos os níveis o professor era muito respeitado e, como a disciplina era bastante rígida, as reivindicações se tornavam comedidas. Grande parte das

salas de aula tinham classes emendadas, ou seja, onde sentavam dois alunos. Os recursos mais usados eram o quadro-negro, giz e livro texto, sendo que este era utilizado em todo o território nacional e não contemplava as peculiaridades regionais. As atividades rotineiras eram as leituras, as dissertações e os questionários. A memorização do conteúdo era uma prática usual. O caderno de caligrafia, um parceiro de muitos anos. O caderno quadriculado, utilizado para as atividades de Matemática. Lia-se muitos livros e os clássicos da literatura eram imprescindíveis.

Interessante registrar o uso da caneta-tinteiro que, um pouco mais modernizada, possuía carga de tinta líquida, mas exigia um treino especial para manuseio. Fui presenteada por meu pai, com uma Parker 21 no término do ginásio e com uma Parker 51 (pena de ouro), mais adiante, o que significava a obtenção de uma joia. Também eram significativos os anéis de formatura: cada ciclo ou curso com um design próprio. Lembro que o do Curso Ginásial tinha pedra azul e o do Curso Normal, pedra preta com uma estrela central. Nas laterais continha simbologia específica.

O civismo era muito vivenciado. As

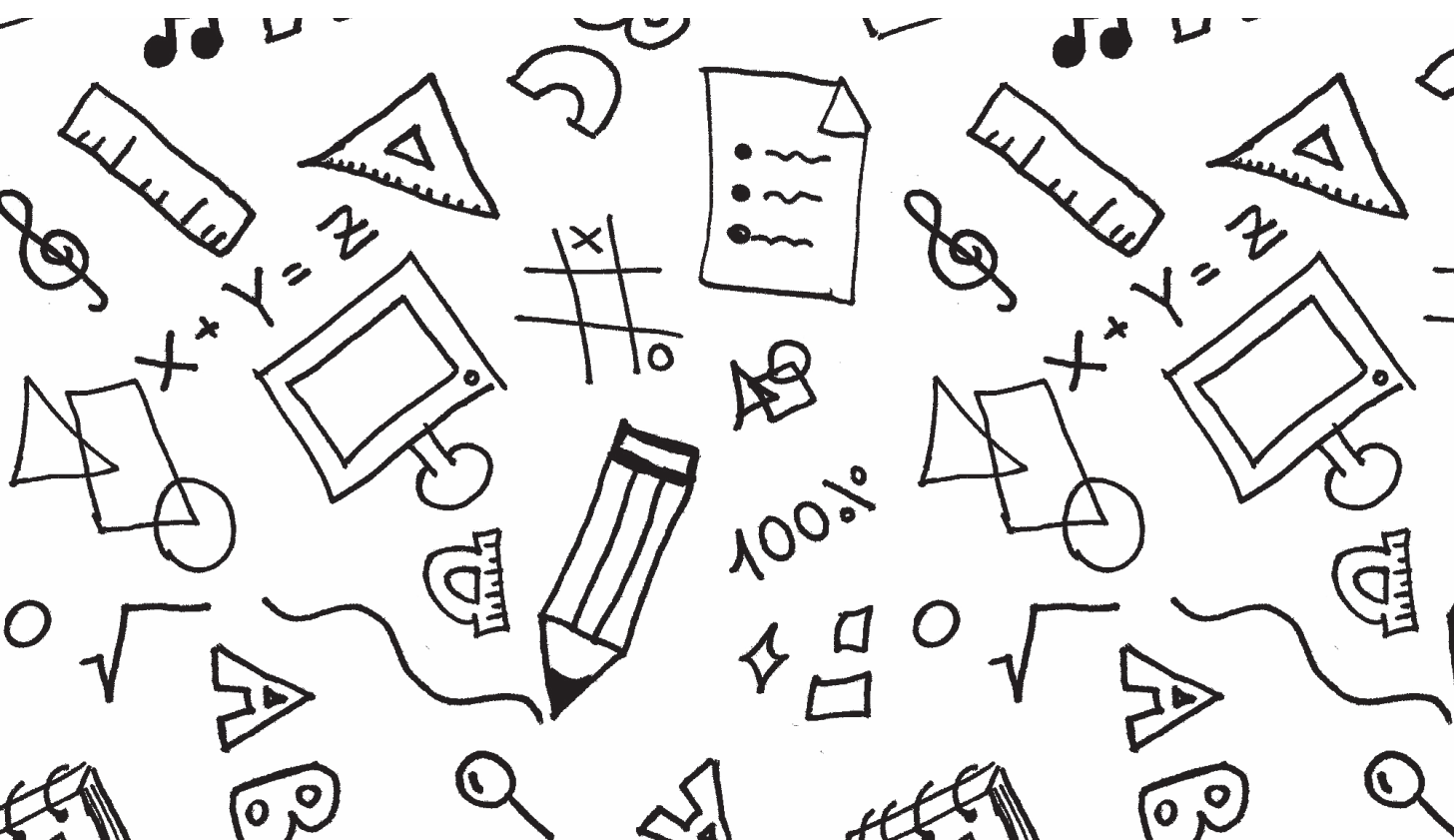
atitudes de respeito aos Símbolos Nacionais bem como o canto dos Hinos Nacional, Riograndense, da Independência e da Escola, hasteamento e arriamento de bandeiras, práticas rotineiras.

A higiene da sala de aula tinha um cuidado participativo e a higiene pessoal fiscalizada. Havia uma revisão, por parte do professor, do corte das unhas, da limpeza das orelhas, pescoço e cabelos.

Por todos os anos que transitei como professora, algumas questões sempre nortearam minha gestão:

- O que valeu a pena?
- O que não serviu?
- O que ainda vale?
- O que se perdeu e o que se ganhou com tantas mudanças?
- Entre o VELHO e o NOVO, aproveitar e conservar o quê?
- O que nos fez melhores, mais felizes, mais humanos e capazes de preservar valores permanentes?
- A análise fica por conta de cada um ... Eu já fiz a minha.

(Dinair Fernandes Pires é professora aposentada e integra o Projeto Sênior de Literatura.)



Nós e o Projeto Sênior de Literatura

PIA ELENA Z. BOROWSKI

A Academia Passo-Fundense de Letras, oferece, mais uma vez, sua nobre contribuição ao apoiar e abraçar para si o Projeto Sênior de Literatura e proporcionar momentos enriquecedores pelo caminho das letras.

Temos vivido momentos descontraídos na curtição de cada experiência literária, absorvido com muito gosto toda explanação de conhecimento, descobertas individuais da paixão pela leitura e os feitos gerados por dela. Tudo entrelaçado de alegria, amizade, participação.

Voltei no tempo com esse espaço. Voltamos às nossas histórias de vida, com pitadas de peculiaridades enriquecedoras.

Voltei no tempo... E, revivo, aos poucos, o que exerci durante anos de minha vida profissional como professora de literatura.

Era setembro de 1994, quando encarei o desafio de ministrar a Oficina literária do CREATI - UPF, dando continuidade e descobrindo, aleatoriamente, uma didática inexistente, que desse conta de animar, entusiasmar as alunas daquele espaço, a escrever a sua escrita, reverenciando memórias e usufruindo do prazer de criar...

Voltei no tempo... E, revivendo, trouxe para um dos encontros a proposta de escrita, inspirada na canção de Sérgio Bitencourt "Naquela Mesa" e interpretada por Nelson Gonçalves. Cada participante deveria falar sobre o seu sentimento ao ouvi-la. Que narrativas surgiram dali, junto com a emoção. Relatos comoventes e considerações filosóficas se apresentaram.

Foi lindo! E foi encantador quando receberam a leitura do poema da Aluna Eni Sampaio (in memoriam) sobre a mesma proposta de produção literária.

Divido com você, caro leitor, o resultado dessa provocação de outrora.

(Pia Elena Z. Borowski é professora aposentada, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e coordenadora do Projeto Sênior de Literatura.)

Lembranças

ENY SAMPAIO

Silêncio imenso
Maior que a mesa
Outrora tão cheia
Agora, vazia.
Silêncio imenso,
Onde foram as vozes
As batidas de pratos
O copo virado
O doce lambido?
(Tua antiga cantiga já não existe)
Me perco na oração
Procuro palavras
Procuro nomes
Escuto vozes...
Discussões calorosas
O quero-não-quero
Me dá teu pedaço
Não gosto de nata
Me passa o pão
Cadê a maria?
No portão com o João
Quem lava a louça?
Amanhã tenho provas
Olha o caçula, subindo na mesa!
Qual é o doce?
De batata-doce
Prefiro sorvete
Dói a garganta
Que salada gostosa
É de agrião
Tenha modos na mesa
Tome o suco
Maracujá dá sono
Fecha a boca pra comer
E se fecho, como como?
Rocambolê, com quem bole?
Você já escutou
As vozes mais belas
Os sons mais estranhos
De uma mesa repleta?
(Momentos de luz, calor e amor)
Calaram as vozes
Gritou o silêncio
Brotaram as lágrimas
Molhando a mesa
Outrora tão cheia
Agora, vazia.
E na cadeira sovada
Só a saudade
Comigo sentou...

(Eny Sampaio é professora aposentada e integra o Projeto Sênior de Literatura.)

O início de uma longa jornada

DANIEL VIUNISKI

Em minha longa trajetória de vida, estudei muito e trabalhei muito. Fiz inúmeras amizades e um sem número de colegas, desde a tenra idade dos bancos escolares, passando pela Faculdade de Química e Farmácia, da Universidade de Santa Maria até o curso de Direito realizado na Universidade de Passo Fundo.

Trabalhei no renomado Instituto Pinheiros, de São Paulo, em minhas farmácias, onde atendi milhares de clientes, como professor de química em colégios, universidades e cursos pré-vestibular, onde granjeei a amizade de muitos alunos, na Imobiliária Balcão, onde fui sócio proprietário, no Sport Club Gaúcho, do qual fui presidente, no Rotary Clube, onde participei por vários anos, até tornar-me Governador, na sociedade passo-fundense e em meu escritório de advocacia criminal, por onde passaram centenas de constituídos.

Desta forma, consegui e cultivei muitos amigos. Amigos que já são idosos e outros tantos jovens, que encontro andando pelas ruas, em restaurantes, festas sociais e vários deles me procuraram em meu escritório para longas, deliciosas e proveitosas conversas, para recordar o passado, para trocar ideias de negócios e conselhos, o qual me disponibilizo para atendê-los.

Mas, essa enorme gama de amizades e coleguismos iniciaram lá atrás, nas atividades de ensinamento primário e

lúdico ao mesmo tempo. Foi no Colégio Notre Dame, pois, além de ter um ensino de alto nível e disciplinar, ficava próximo a residência de meus pais, na Avenida Brasil. Lembrava de muitos e outros havia esquecido. Mas, com o auxílio luxuoso da secretaria do colégio, consegui a listagem dos alunos que foram meus colegas nos primeiros dois anos, considerados por mim como o início de uma longa jornada. Foi nos anos de 1946 e 1947, sob a supervisão e acompanhamento da primeira Mestra Dona Letícia Lago.

Vou me permitir lembra-los e trazer nomes que me são absolutamente queridos, pois ajudaram-se a conviver com meninos e meninas e aprender a ter um relacionamento interpessoal que oportunizou a ter sucesso em minha vida familiar e profissional. Quero neste texto homenagear meus ilustres e amados colegas:

Ano de 1946 – Antônio Bortolon, Araci Rech, Clair Muller, Élide Marques, Gilca Bueno, Iara Bertoldo, Lourdes Stefani, Miriam Hahn, Nair S. Cruz, Vilceni Marques, Zilca Meira, Maria

Eloisa Magalhães, Cecília Ribeiro, Eva Meneses, Marilene Marques, Marlene Tieppo, Teresinha Oliveira e Valmir de Castro.

Ano de 1947 – Carlos Antônio Madalosso, Sérgio Freitas, Adelaide Alves, Carmen Petracco, Claire Sacomori, Edite C. Branco, Emira A. de Medeiros, Emira Engel, Elsa Rech, Gilca Bueno, Iara Bertoldo, Janete Ribeiro, Lourdes Stefani, Lucena Salvador, Marlene Lima, Marlene Garcez, Marlene Scolari, Márcia Kozma, Maria C. Casagrande, Miriam Hahn, Nair Alice Buerger, Nelci Rech, Rene Modeste, Valena Lângaro, Velsi Lima, Velceni Marques, Zilca Meira e Clélia Mendonça.

Eis minha singela homenagem a todos que compartilharam comigo momentos inesquecíveis de minha infância e trago todos vocês em meu coração. Aqueles que permanecem em meu convívio e os que já partiram.

(Daniel Viuniski é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Cem anos do falecimento de Reymont

WILSON RODYCZ

Neste ano de 2025 completa-se um século do falecimento de Władysław Reymont, o escritor polonês ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1924.

Na época, outros renomados escritores disputavam a preferência da Academia Sueca. Stefan Żeromski, George Bernard Shaw, Maxim Gorki e Thomas Mann também queriam o Prêmio. O pêndulo se inclinou para Reymont sob a justificativa de que o seu livro *Chłopi* (Os Camponeses) se caracterizava como “uma grande epopeia nacional em que a harmonia sinfônica de suas proporções e a riqueza de seus matizes constituem um hino à vida de um povo que se ufana da sua terra ancestral.”

Cinco escritores poloneses já ganharam o Prêmio Nobel de Literatura: Henrik Sienkiewicz (1905), Władysław Reymont (1924), Czesław Miłosz (1980), Wisława Szymborska (1996) e Olga Tokarczuk (2018).

Władysław Reymont viveu uma existência de muitas dificuldades, tendo conseguido estabilidade econômica e recebido reconhecimento literário somente mais tarde; no final, quando foi galardoado com o Prêmio Nobel, se encontrava tão doente a ponto de não ter ido a Estocolmo receber pessoalmente a honraria.

Reymont nasceu em 7 de maio de 1867 na localidade de Kobile Wielkie, perto de Radomsko, e faleceu em 5 de dezembro de 1925, em Varsóvia. Foi o quinto filho de Josef Rejmont, um organista de aldeia, e de Antonina, nascida Kupczynska. Ao resumir a sua biografia para a Academia, sobre a fase inicial da sua vida ele escreveu:

Eu tinha vinte e dois anos. Era saudável, tinha apenas um terno e botas furadas. Tinha fé no mundo e mil projetos ousados em mente. Escrevia febrilmente: dramas em dez atos, romances sem fim, contos em vários volumes, poemas. Depois, rasgava tudo impiedosamente e queimava. Vivía em solidão; não tinha amigos; tanto as autoridades quanto meus colegas de trabalho me tratavam de forma desfavorável; eu cumpria mal meus deveres. Não conseguia me adaptar nem à mentalidade das pessoas ao meu redor nem às minhas condições de existência. Tudo isso era doloroso e difícil de suportar.

Reymont não completou estudos formais, tendo trabalhado desde cedo em variadas funções; foi aprendiz de lojista, alfaiate, noviço em um mosteiro paulino, funcionário ferroviário, ator de circo, etc.

Em 1902, se casou com Aurelia Szablowska, uma enfermeira que conheceu enquanto se recuperava de um acidente ferroviário, que lhe rendeu uma indenização

FOTO: JOZEF KUCZYNSKI. ARQUIVO DA FUNDAÇÃO NOBEL



substantial e lhe permitiu se dedicar melhor à escrita. O casal viajou a Paris, onde ele concluiu a sua obra principal.

A sua produção literária começou em 1896 com o romance *Komediantka*. Na verdade, um pouco antes. Em 1895, quando estava no fundo do poço, Reymont acompanhou uma peregrinação para Częstochowa e conseguiu que um diário de Varsóvia publicasse seus relatos, denominados *Pielgrzymka do Jasnej Góry* (Peregrinação à Montanha da Luz), que lhe renderam 25 rublos e agradaram os críticos por sua representação da psicologia coletiva. Alguns meses depois, escreveu *Komediantka* e não mais parou. Reymont se baseava na experiência e usou seus sofrimentos e suas aventuras como matéria-prima para a sua ficção. As anotações de um diário, mantido durante os anos de 1884 e 1894, lhe serviram de guia.

As suas obras mais festejadas são os romances *Ziemia Obiecana* (Terra Prometida), de 1899, e *Chłopi* (Os Camponeses), escrito entre 1904 e 1909.

Ziemia Obiecana (Terra Prometida)

O título dessa obra encerra uma certa ironia. Nela, Reymont pinta a vida na cidade de Łódź com uma visão crítica da exploração da classe trabalhadora e da imoralidade dos capitalistas. Aparece a efervescência do seu desenvolvimento econômico no final do século 19, devido à indústria têxtil, quando ficou conhecida como a “Manchester Centro-Europeia”. Na trama, os novos-ricos, oriundos da pequena burguesia, se misturam a alguns nobres e aos muitos trabalhadores migrados da zona rural, constituindo um amálgama heterogêneo de ambições e esforços no contexto dessa nova sociedade. O protagonista é Karol Borowiecki, um jovem ambicioso que trabalha como gerente de fábrica, entrelaçando-se a sua história com a de personagens que vivem uma saga de injustiças, cinismo, paixão, heroísmo e lutas. Em certa altura, o herói diz:

“Mas lembre-se: você está em Łódź. Como vejo, você sempre se esquece da ilusão de fazer negócios com pessoas civilizadas da Europa. Łódź é uma floresta, uma selva — na qual, se você tiver garras fortes e boas, pode avançar sem medo e acabar com seus vizinhos; caso contrário, eles cairão sobre você, sugarão você até secar e depois jogarão fora sua carcaça.”

Nessa obra, Reymont mostra a sua capacidade de descrever com realismo e simplicidade ambientes e pessoas, convencendo a crítica especializada e conquistando o interesse dos leitores. Terra Prometida foi versada para mais de quinze idiomas. Não é disponível em língua portuguesa; em espanhol, tem o título *La tierra de la gran promesa*, publicada em 2006 pela Editora La Otra Orilla - Belacva, de Barcelona.

Chłopi (Os Camponeses)

Trata-se de um extenso e minucioso panorama da vida aldeã. Sobre a obra, Reymont declarou:

Em 1903-04 publiquei a primeira versão de *Chłopi*; a princípio era apenas um volume. Queimei-o e reescrevi-o. Desta vez, foi dividido em quatro volumes (1904-09).

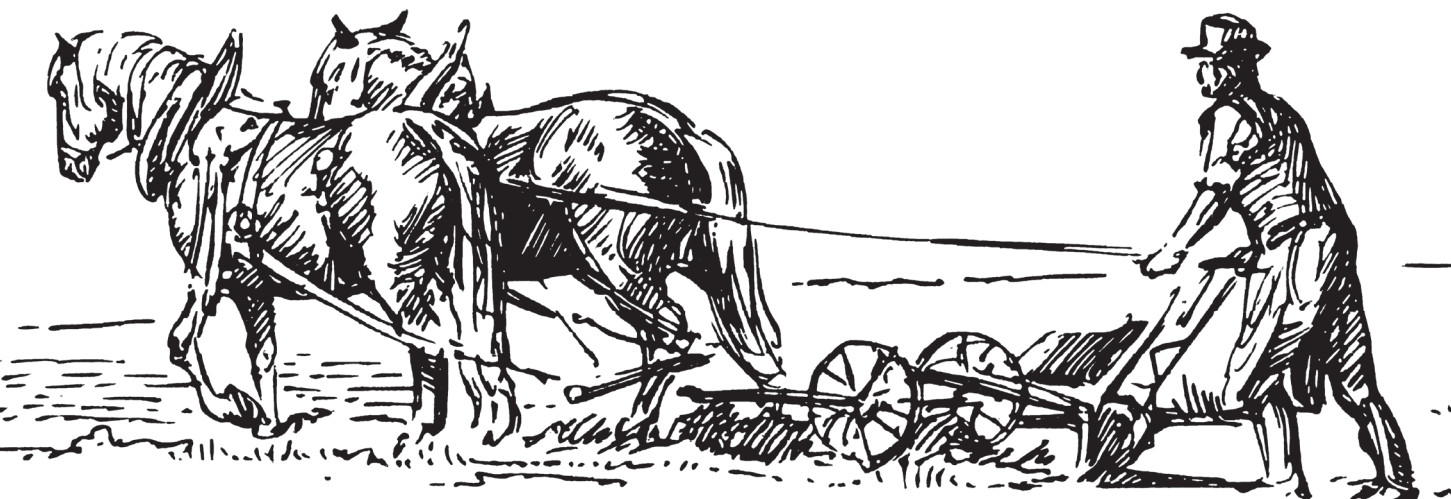
Cada volume corresponde a uma estação do ano. O enredo é situado na aldeia de Lipce. O foco é um triângulo amoroso entre o pai, Maciej Boryna, seu filho Antek, e a bela Jagna. Esse fio condutor serve de pretexto para o autor explorar questões importantes da sociedade nacional da época, como a divisão de classes, o apego à terra, a pobreza e a emigração. *Chłopi* foi traduzido para os idiomas alemão, sueco, inglês e francês, mas não para o português; em espanhol, leva o título “*Los Campesinos*”, publicado em Madri, em 1960, pela Editora Aguilar.

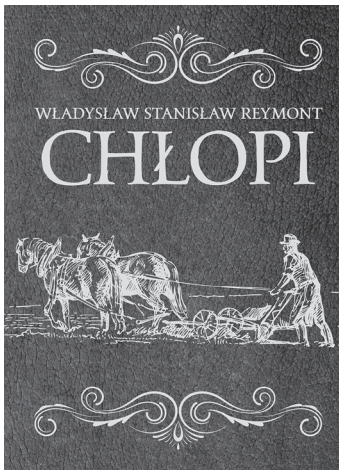
Obras principais:

Komediantka, 1896
Fermenty, 1897
Spotkanie: szkice i obrazki, 1897
Lili: żałosna idylla, 1899
Ziemia obiecana, 1899, 2 vol.
Sprawiedliwie, 1899
Chłopi, 1904-1909, 4 vol.
Na krawędzi: opowiadania, 1907
Wampir, 1911
Rok 1794: powieść historyczna, 1913-1918, 3 vol.
Przysiega: nowele, 1917

“

Reymont se baseava na experiência e usou seus sofrimentos e suas aventuras como matéria-prima para a sua ficção.

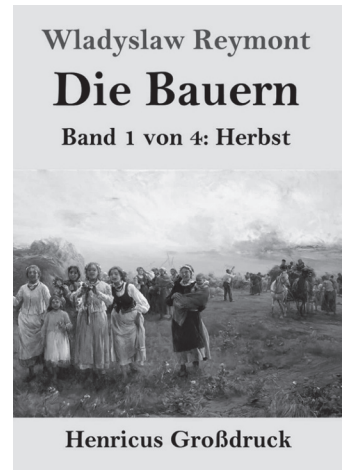
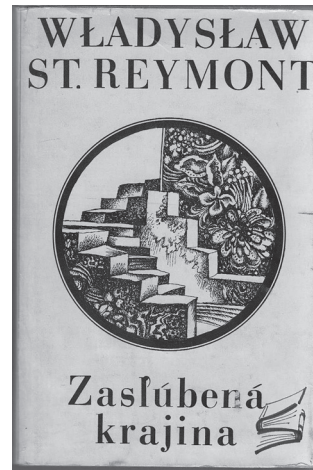




THE COMEDIENNE



WŁADYSŁAW REYMONT
WISEBLOOD CLASSICS



As obras completas de Reymont foram publicadas em Varsóvia, em 1930-32, em trinta e seis volumes, e suas obras selecionadas, em doze volumes, em Cracóvia, em 1957.

Czesław Miłosz, outro escritor polonês vencedor do Prêmio Nobel (1980), diz que, embora Reymont tenha continuado a escrever prolificamente, não obteve o mesmo sucesso popular e crítico que saudou Os Camponeses: “sua energia parece ter sido gasta naquele grande esforço de sua carreira literária.”

Em 1924, no final de sua autobiografia para a Academia, Reymont assinalou:

Em abril de 1919, parti para os Estados Unidos a fim de visitar meus compatriotas naquele país. Voltei em 1920. Em 1922-23, escrevi Bunt (Desafio) e comecei a ter problemas cardíacos. Ainda tenho muitas coisas a dizer e desejo muito torná-las públicas, mas será que a morte me permitirá?

Infelizmente, não consegui, falecendo em 1924. Em português, dispomos apenas do livro A Lei do Cnute e Contos. No original: Z Ziemy Chelmskiej (Reportagem sobre a Região de Chelm), de 1910, que forma o volume referente ao

escritor da Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura, publicado em 1963 pela Editora Delta, com 196 páginas.

Os livros de Reymont foram adaptados para o cinema e a televisão diversas vezes

Chłopi foi filmado em 1922 e, mais recentemente, em 2023, no formato animação, pelos diretores britânicos Hugh Welchman e Dorotea Kobiela; ganhou os Prêmios de Melhor Trilha Sonora da Academia Polonesa de Cinema e do Público. Em 1973, foi adaptada pela TVP, numa série em treze capítulos dirigida por Jan Rybowski, que ganhou o Prêmio do Presidente do Comitê de Rádio e Televisão, o Prêmio Primavera Artística de Łódź e a atriz Emilia Krakowska foi agraciada com o Prêmio Estrela de Cinema de Łagów (interpretando a protagonista Jagna).

Ziemia obiecana foi filmada em 1927 e 1975, essa última vez pelo grande diretor Andrzej Wajda, tendo ganho o Prêmio de Ouro no 9º Festival Internacional de Cinema de Moscou e também sido indicada ao Oscar de Melhor Filme

Estrangeiro. Em 78, do próprio filme Wajda extraiu uma série para a televisão polonesa em quatro episódios.

Komediantka foi filmado em 1986 por Jerzy Sztwiertnia e, na mesma época, foi objeto de uma série de televisão em nove episódios: ambientada na segunda metade do século 19, a trama conta a história de Janka, que abandona tudo e embarca na carreira de atriz.

Reymont é nome de uma comuna

Em 1983, a comuna de Lipce, na província de Łódź, em que a trama fictícia de Os Camponeses foi ambientada, adotou oficialmente o nome de Lipce Reymontowskie, recriando ambientes do romance e da vida do escritor, além de um Museu em sua homenagem.

2025 – O ano Reymont na Polônia

Por Resolução do Senado da República da Polônia, o Ano de 2025 foi estabelecido como “Ano de Władysław Stanisław Reymont” com o propósito de exaltar a importância das suas re-

alizações criativas para o patrimônio nacional e mundial. Estão programados eventos por todo o país, ao longo do ano.

O Ministério da Cultura e do Patrimônio Nacional lançou o programa Reymont. Interwencje de bolsas para apoiar projetos em homenagem ao escritor.

Na Biblioteca Pública da cidade de Łódź, entre janeiro e fevereiro transcorreu a Exposição “Władysław Stanisław Reymont - Lugares, Pessoas, Obras”, com livros e materiais do escritor vinculados a lugares da região, como o local de nascimento e residência, os anos de estudo e trabalho e as suas tentativas de atuar nos palcos quando se cansou do emprego na ferrovia. Várias edições de suas obras principais foram exibidas.

Ainda em Łódź, no Museu do Cinema, em fevereiro foi inaugurada uma exposição marcando o 50º aniversário da estreia do filme “A Terra Prometida”, de Wajda.

Em Gdynia, foi lançado um concurso de design gráfico para ilustrar a capa de alguma obra do escritor.

Reymont no Brasil

Embora não seja desconhecido entre nós, Reymont ainda é valorizado aquém do que merece. Em União da Vitória, PR, funciona, desde 2019, o Clube Literário Władysław Reymont. Em Indaial, SC, há um grupo folclórico denominado “Chłopi”, fundado em 2022, que se dedica a representar as tradições polonesas, inspirado no romance famoso.

Referências:

REYMONT, Władysław. Los Campesinos. Tradução do idioma polonês para o espanhol: R. J. Slaby e Fernando Girbal. Prólogo: Fernando Girbal. Madrid: Editora Aguilar, 1960, 1294 p.

_____. A Lei do Cnute e Contos. Z Ziemy Chelmskiej (Reportagem sobre a Região de Chelm), 1910. Tradução: Valdemar Cavalcanti. Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura, Prêmio de 1924 Władysław Stanisław Reymont. RJ: Editora Delta, 1963, 196 p.

_____. La tierra de la gran promessa. Tradução do idioma polonês para o espanhol: Pilar Gil Cánovas. Barcelona: Editora La Otra Orilla - Belacqua, 2006, 549 p.

SIEWIERSKI, Henryk. História da Literatura Polonesa. Brasília: Editora UnB, 2000, 243 p.

Władysław Reymont – Biográfico. NobelPrize.org. Divulgação do Prêmio Nobel. <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1924/reymont/biographical/> Acesso em 17 de julho de 2025.

Władysław Reymont (1867-1925) - Stanisław Władysław Rejmont. Biográfico. Authors Calendar. <https://authorscalendar.info/reymont.htm> Acesso em 17 de julho de 2025.

(Wilson Rodycz é desembargador aposentado do TJRS, morador de Gramado, RS.)

Águas de maio

Esses dias acabei conversando com alguém que me soltou a seguinte frase: “eu não gosto de ouvir o problema das pessoas a menos que eu possa resolve-los, de problemas já chega os da minha vida. é por isso que não assisto a televisão, nem vejo notícias e muito menos escuto os dos outros”. Nunca levei um soco no estômago, mas acho que depois de escutar isso posso imaginar a experiência. Não importava a mudança das posições dos ponteiros do relógio, fiquei como presa naquele minuto, pensando no que tinha acabado de ouvir. Seguindo o ponto de vista lógico, faria de fato sentido porque o remédio de um problema é sua solução. Então porque a reação de choque? Foi pelas coisas que eu acreditava entrarem em conflito ou por me colocar por um segundo como se eu fosse o agente da frase, uma espécie de “empatia inversa”?

Acho que foi uma mistura de tudo. Fechar os olhos e ver cada rosto de um estado flagelado pelas águas. Pessoas sofrendo nos últimos dias, tantas vidas sendo levadas, tantas memórias que desaguaram...

Mentes afundadas e enlameadas pra sempre. Muito mais do que somente o material, porque por mais que as pessoas possam comprar (a muito custo) coisas novas ou lavar e recuperar as antigas, esses eventos criam memórias que vão ficar enlameadas pra sempre. A cada gota de chuva, a cada mínima pedra que não está mais no mesmo lugar, tudo volta à tona de novo. A dor é algo que nos faz reviver as situações como se fossem novas.

De todas as tragédias já existentes (reais ou literárias), a pior delas é perder nossa humanidade, nos perder. Porque silenciosamente algo dentro de nós cresce tanto, que quando se vê já não “somos”. E é por isso que a receita de algumas dores são dosagens de empatia, o curioso é que às vezes isso cura mais quem prescreveu do que a quem recebe. Talvez porque o tratamento nos faça perceber que há ainda algo que pulsa e que dá vida dentro de nós - e isso, no fim das contas, é a anatomia de toda alma humana.

(Anna Laura Bagatini Bonissoni é estudante de Psicologia, de Passo Fundo, RS)



Homenagem ao acadêmico Daniel Viuniski

JABS PAIM BANDEIRA

A Academia Passo fundem-se de Letras, tem a honra de homenagear o Acadêmico DANIEL VIUNISKI - quis o destino e pela bondade de meus pares, o qual se efetivasse através da minha voz, o que nos deixa muito honrado, pois, falar e registrar os feitos deste cidadão, meu irmão, meu amigo e colega de profissão, o mais longo integrante deste Sodalício!

Por outro lado, ser escolhido para expressar o sentimento deste universo de intelectuais, é uma missão por demais gratificante e de uma grande responsabilidade!

Compelimos ao céu e a terra a dar passagem a nossa voz, ao falarmos de nosso homenageado, cujo a maneira de ser- vai da simplicidade, aos píncaros dos doutos, pois é um ser tocado pelos dedos de Deus.

Em primeiro lugar, cabe registrar a origem de nosso homenageado, filho de Moyses Viuniski e Rachel Bracher Viuniski, nascido na colônia judaica de Quatro Irmãos, em 24 de novembro de 1939.

Seus estudos colegiais deram-se nos colégios Notre Dame e Instituto Educacional, cursou a Faculdade de Farmácia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Santa Maria e em 1980, ingressou na Faculdade de Direito da UPF, onde se formou advogado.

Em sua atuação há mais de 35 anos de exercício na advocacia, participou dos mais rumorosos casos criminais de inúmeras comarcas, tanto na defesa, quanto esporadicamente na assistência da acusação, demonstrando seu talento e sua vasta cultura, destacando-se, como um dos melhores advogados do Tribunal do Júri, elogiado, por colegas, promotores e juizes, os quais emolduraram sua brilhante trajetória, na tabua de mármore dos mais eruditos tribunais, a onde fez ecoar sua voz, em defesa da justiça e dos injustiçados!

Em nossa Academia, exerceu diversos



FOTO: ACERVO APLETRAS

Acadêmicos Daniel Viuniski (E) e Osvandré Lech

cargos, com zelo e dedicação, mas o que quero destacar, é sua perseverança, demonstrando sempre um amor pelo Sodalício, em todos os momentos vividos pela entidade, em muitas horas amargas, quando algum colega deixava o barco, Daniel, permanecia firme no timoneiro!

Em nossa sociedade exerceu diversos cargos, como farmacêutico, Presidente do Esporte Clube Gaúcho, governador do Rotary, foi professor e fundador de cursinhos, passando por sua cátedra, centenas de alunos, foi presidente da Associação de Criminalistas do Planalto Médio!

Seus méritos subsistem, como monumentos imorredouros, através de seus ex-alunos, espalhados por este mundo de Deus, os quais reconhecem seus feitos, através de gestos de gratidão que dispensam, através de palavras e ações endereçadas ao nosso homenageado.

Exercer o seu direito isto é ser homem; cumprir o seu dever isto é ser cidadão, de modo que estes princípios, são atributos que regem a conduta de nosso homenageado, fundido na sua

força moral e intelectual, as quais todos nós conhecemos e aplaudimos!

É com imensa satisfação, como também, ombreiro do direito, que destaco, nesta conclusão, o recente lançamento da obra “CULPADO OU INOCENTE”, escrita e vivida por nosso homenageado de casos em que tomou parte, em diversos juris, em que retrata seu talento e o amor por sua profissão que vem preencher uma lacuna, uma vez que neste sentido, temos poucas obras, que desenham na prática o trabalho do advogado.

Para melhor situar o quanto é importante a obra, socorro-me da interpretação de um dos mais brilhantes advogados de nossa comarca e de outras tantas, o Dr. Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, integrante deste sodalício, que prefaciando uma outra obra jurídica, que serve como uma luva para “CULPADO OU INOCENTE”:

“Ai mostra-se com rara felicidade, talento e habilidade do experiente advogado, agora convertido escritor. Consegue desvendar, na sequência da vida e da

profissão, as grandezas e misérias que assinalam os que, por ofício, vocação, tem a incumbência de lidar com o delito e com suas consequências”.

Louvo-me de outro gigante da advocacia gaúcha, Dr. Plínio de Oliveira Corrêa, que ao prefaciar certo livro, como ao do Dr. Daniel Viuniski, assim se expressou:

“São raros entre nós os livros que contem trabalhos forenses. Os advogados pelo hábito do sigilo e discrição que são apanágio e tortura de nosso ofício, de ordinário relutam em trazer às luzes cruas da publicidade as peças que produzem, que quase ficam sepultadas ad aeternum nos autos processuais. Essas contribuições ao desenvolvimento do drama judiciário, nos seus diversos matizes, nem sempre, porém, devem e precisam ficar ocultas nos escaninhos da justiça.

Os casos criminais, pelo interesse e pelas paixões que despertam, merecem ser debatidos à saciedade. Conhecidos pela opinião pública em seus detalhes, contribuem para que ela forme juízo adequados acerca das questões que envolvem. Serve sua divulgação, ademais, como registro e memória histórica dos acontecimentos. E ainda servem de guia e orientação para advogados e estudantes de direito!

Eis porque “CULPADO OU INOCENTE” merece o meu aplauso e dos lidadores do direito e da sociedade em geral

Esta é a nossa homenagem, o registro solene do nosso sodalício e dos aplausos dos lidadores do direito, os quais tem em Daniel Viuniski, um exemplo a ser seguido, pelo desempenho em todas as ocasiões em que foi solicitado, mostrou seu talento, amor e solidariedade, sempre praticando o bem comum, na construção da felicidade, como já disse Epicuro!

Em derradeiro, como deveria ter iniciado, meus agradecimentos, a nossa Presidente, confreira Rovena, por ter introduzido em nossas reuniões, este espaço, em homenagear, quem realmente merece, como tivemos oportunidade de assistir duas homenagens, a dois confrades e, também Jayme Caetano Braun, os quais engratecem a nossa academia!

Muito obrigado!

Passo Fundo, 06/07/024.

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Homenagem a Marilise Lech

FOTO: ACERVO APLETRAS



ELISABETH SOUZA FERREIRA

Hoje, reunimo-nos para homenagear uma pessoa extraordinária que, com seu dinamismo inigualável, transformou a nossa Instituição de tal forma a conquistar o reconhecimento e a gratidão do grande grupo acadêmico. Esta mulher simples, mas com ideais visionários, não apenas assumiu a presidência da APLETRAS como também se desdobrou para garantir que cada detalhe estivesse em ordem, dedicando-se a fortalecer o quadro de membros efetivos em todos os níveis. Uniu nossos corações e mentes em prol de um objetivo comum a fim de que pudéssemos estar preparados para tomarmos decisões difíceis em prol do bem coletivo. Inspirou-nos a alcançar novos patamares, abrindo-nos um leque de oportunidades para trabalhar e solucionar os problemas nos momentos de desafio. Ela não apenas manteve a equipe funcionando de maneira eficiente, distribuindo tarefas, mas também se preocupou com o bem-estar e o envolvimento de cada membro da Diretoria e os demais. Ela deixou em cada um de nós o seu exemplo de criatividade e empatia, mantendo viva a chama do trabalho em equipe. Com sua habilidade profissional e uma certa dose de determinação, foi aos poucos selecionando aqueles que já não mais atendiam às necessidades do Sodalício, direcionando-os a trilhar, com respeito e firmeza, por novos caminhos dentro e fora da nossa amada Academia. Durante a sua gestão, acolheu novos talentos, incentivando-os a contribuir com o seu melhor, valorizando aqueles que trouxeram novas ideias, energia e comprometimento à causa literária.

Querida Marilise Lech, deixaste as tuas pegadas na areia da Academia Passo-Fundense de Letras para que possamos segui-las e não mais nos perdermos nos nobres caminhos das letras. Esperamos poder contar com a tua companhia agradabilíssima por muitos e muitos anos, motivando-nos a trabalhar em conjunto e a construir uma Instituição cada vez mais forte para o engrandecimento da cultura de Passo Fundo e região.

Em nome de todos os confrades e confreiras, deixo aqui registrado todo o nosso carinho, amizade e gratidão pelo teu comprometimento diante de todos nós, pois ele foi fundamental para que nos sentíssemos como parte de uma mesma e grande família e a nossa Sede, com a porta mais alta do Estado, como uma extensão do nosso próprio lar.

Nosso muito obrigado por tudo!

(Elisabet Souza Ferreira é escritora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Sabores que atravessam continentes

MARILISE BROCKSTEDT LECH



Viajar e comer pelo mundo é como ter um passaporte que se abre sempre que a lembrança desperta a fome — de comida e de mundo.”

Viajar é uma das formas mais deliciosas de aprender sobre o mundo. Em cada país visitado, um aroma diferente se anuncia e novos sabores se revelam. A gastronomia é pura cultura, e as lembranças permanecem por muito tempo depois do retorno. Ao provar um prato típico, não saboreamos apenas os ingredientes, mas também o modo de viver, a história e a alma de um povo.

Neste capítulo, os sabores se tornam registros de lembranças que constroem quem somos, e as receitas, verdadeiros carimbos de um passaporte emocional. Da carne de canguru australiana ao frango ao curry indiano, das bergamotas gregas ao homus árabe, cada experiência é um convite à curiosidade e à partilha. Comer é uma forma de viajar — mesmo sem sair do lugar — e de reconhecer que, em cada prato, há sempre um pouco de nós, misturados às paisagens e às memórias que o tempo tempera com afeto.

A seguir, trago as primeiras curiosidades que me vieram à mente, dentre as inúmeras lembranças de experiências gastronômicas, atendendo ao carinhoso convite que recebi da minha

querida amiga Sônia — minha colega do programa de rádio e televisão Papo de Evas, bem como minha coautora dos livros Papo de Evas por escrito e Muvuca Gastronômica das Evas. Fiquei muito feliz com o convite para colaborar com este, que já é o seu quarto livro de gastronomia.

Austrália **Entre saltos e temperos**

Um dos meus primeiros encontros com a ousadia gastronômica foi na Austrália, em 1998. No prato, carne de canguru: macia, levemente adocicada e com sabor único, servida com vegetais grelhados. Para os australianos, tão comum quanto um bife de casa. E, claro, estava “temperada” com um certo dó dos bichinhos tão afetivos, que carregam seus filhotes em uma bolsa natural.

Sobre as sobremesas, sempre dedico uma atenção especial — e trago aqui uma história interessante sobre o famoso Pavlova, doce de merengue com frutas. Embora muitos o associem à Rússia, por causa da bailarina Anna Pavlova, sua origem é, na verdade, australiana. O doce foi criado por um chef para homenageá-la durante uma de suas passagens por aquelas terras, nos anos 1920.

Rússia **À mesa com os Stroganov**

Em São Petersburgo, passamos diante do castelo da família Stroganov. Ali, no século XIX, nasceu o famoso beef stroganoff. Conta-se que um chef francês, contratado pelo conde Pavel Stroganov, criou o prato para agradar a paladares europeus, combinando carne em tiras, creme de leite e mostarda. Mas a versão

mais interessante é a de que o chef, surpreendido com mais convidados do que o esperado, picou a carne em tiras finas e misturou-a a um molho de creme de leite e mostarda, criando uma receita cremosa e prática. Assim nasceu o Boeuf Stroganov — “carne à moda dos Stroganov”.

África do Sul **Entre antílopes e taturanas**

O cardápio sul-africano é tão diverso quanto sua paisagem. Experimentamos carne de antílope, mas o desafio real veio com o caldeirão de taturanas. Pequenas lagartas secas, crocantes por fora e macias por dentro, mergulhadas em um caldo condimentado.

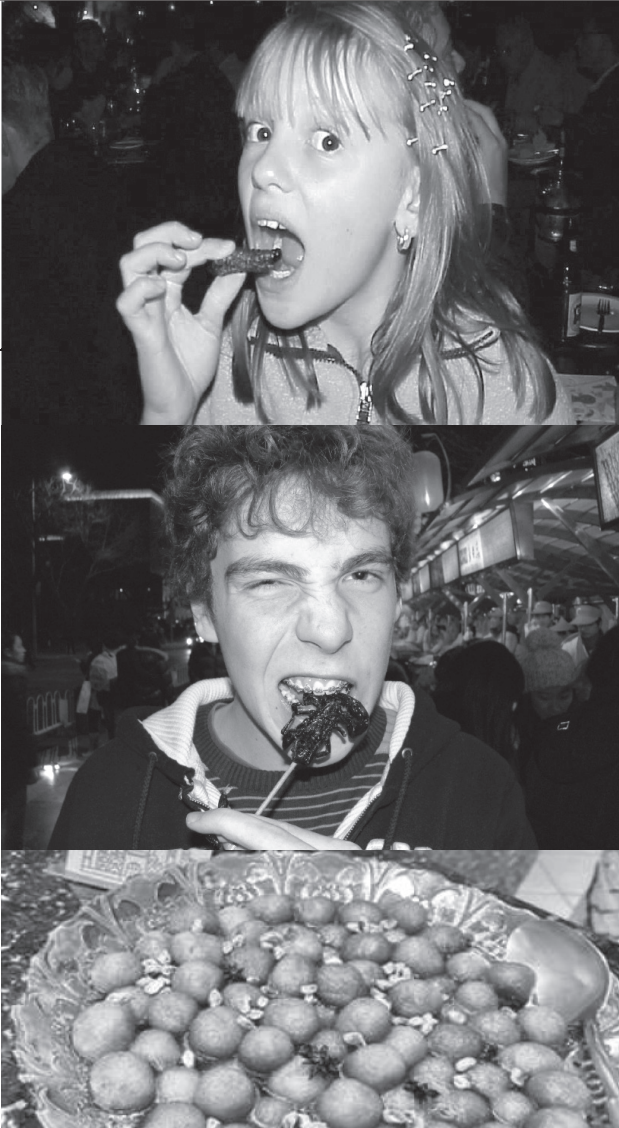
Curiosidade: As mopane worms (minhocas secas) são ricas em proteína e fazem parte da dieta de diversas comunidades africanas.

China **Entre coragem e doçura**

Da crocância dos insetos, como o escorpião (servido no palito), ao sabor da carne de cobra; da delicadeza dos dumplings — pequenas trouxinhas recheadas e cozidas no vapor — à sofisticação do pato laqueado, a China nos levou do espanto ao encantamento.

O já conhecido frango xadrez existe, de fato, e é o principal prato entre os que levam molho agri-doce. Foi o que preparei para a família no retorno da viagem, em um encontro para entrega de pequenas lembranças e mostra fotográfica, é claro.

Curiosidade: O pato laqueado é cortado na frente dos clientes, em 108 finas fatias, cada uma com um pedaço da pele crocante. O mestre cortador pode levar até dois anos de treinamento para conquistar esse título.



Estados Unidos Fast food, calorias e memórias

Em dezenas de viagens à terra do Tio Sam, provamos de tudo: carne de tubarão, o clássico hot dog (só pão e salsicha), barbecue, frango frito, enfim, muitas das fast foods que caracterizam o país. Saboreamos pratos internacionais — tem de tudo por lá! — mas são as delicatessens açucaradas que sempre me fazem perder a cabeça. Brownies, donuts, cookies, muffins... já contribuíram para melhorar a minha forma... de barril! E me obrigaram a gastar mais horas na academia.

Índia — O perfume das especiarias

O frango ao curry marcou nossas refeições — havia em todos os lugares e momentos. O paneer assado, um tipo de queijo indiano semelhante ao cottage, de sabor suave, nos fazia pedir repetição. Saborear o pão naan (redondo, tipo árabe) com chutney de manga é uma experiência gastronômica ímpar.

Entre os mais famosos doces indianos está o Gulab Jamun (foto). Suas bolinhas macias são feitas de leite em pó, farinha e manteiga. Depois de fritas até dourar, são mergulhadas em calda de açúcar aromatizada com água de

“ Mas a versão mais interessante é a de que o chef, surpreendido com mais convidados do que o esperado, picou a carne em tiras finas e misturou-a a um molho de creme de leite e mostarda, criando uma receita cremosa e prática.

rosas e cardamomo. Comer na Índia é um espetáculo visual e olfativo — cores vibrantes, aromas e temperos milenares.

Grécia — Entre mitos e bergamotas

Saboreamos as deliciosas saladas com queijo feta (só gostei lá) e a famosa moussaka, uma lasanha de berinjela com sabor marcante. Entre as lembranças, está a doce expectativa de uma sobremesa inesquecível — algo como um sorvete de pistache — frustrada quando o garçom trouxe, em seu lugar, bergamotas fresquinhas.

Cada vez que como bergamotas, lembro-me dessa história e as saboreio como se estivesse em um restaurante grego, de frente para o mar Egeu. Imaginação é tudo. Não tivemos a oportunidade de quebrar pratos após a refeição, como manda a tradição, para sinalizar que a comida estava deliciosa. Precisamos voltar lá com urgência para corrigir essa falha no currículo!

Egito, Turquia e Israel Meu amor pela cozinha árabe

A cozinha árabe é sempre um banquete de aromas que contam histórias milenares. Temperos como o zaatar, um mix de ervas de sabor inconfundível, nos conduzem ao Oriente, não importa onde estejamos.

O pão sírio tem um lugar especial no nosso paladar. Junto com homus, então, traz um gostinho generoso; também podemos complementar essa dobradinha com tabule e coalhada, equilibrando saúde e sabor.

E aqui não pode faltar o meu parágrafo sobre os doces. Ahh... os doces árabes! Halawi, mamul, baklava... O que não ficaria bom com massa filo, nozes, pistache, mel, doce de gergelim, tâmaras, nozes...? São de comer ajoelhados. Esqueci até meu celular em um balcão de doces na feira Shuk HaCarmel, em Tel Aviv, de tão emocionada que fiquei vendo tudo aquilo junto.

Amar a cozinha árabe é entender que, ali, o alimento é uma ponte entre o sabor e o afeto. Homus cremoso, kibes perfeitos, charutos de folhas de repolho, kaftas (espeterinhos de carne moída), shawarmas... Sou fã declarada dessa culinária e encontro pratos tão bons quanto os dos países árabes nas casas dos amigos Paulo Piluski, Salma Makki e Maria Aparecida Estacia — verdadeiros chefs, dignos de estrelas Michelin.

(Marilise Brockstedt Lech é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Tábua de passar roupa

IVALDINO ANTONIO TASCA

Por onde iniciar? Pelo bar ou pela Capela Mortuária?

Droga, como somos fúteis às vezes!

Só estou neste velório por que estava, ontem, no bar. Testemunhei os fatos que mostra o quanto podemos ser fúteis e que me conduziram a esta cerimônia. Estou na fase de encarar a morte com naturalidade, mas esta é absurda, Deus que me perdoe, não entendo mais nada. Não acreditaria se lá não estivesse.

Ah, sim, começo pelo bar sem certeza de ser o melhor caminho. Reproduzirei os fatos com detalhes. Inclusive com lances toscos, por achar que esclarecem esses casos que lembram Eugene Ionesco. Mal comparando, tenho senso do ridículo...

Fica combinado: retrocedo até ontem à noite e me posto no bar. Observo, sóbrio, os dois grupos nas mesas próximas da janela. Sóbrio e com inveja.

Não há pior lugar para se manter sóbrio do que um boteco fervilhando. Acho patética a figura de alguém sentado sozinho na mesa do bar, cercado por montão de gente bebendo, bebendo, comendo, comendo e falando, falando...

Imaginava que depois de deixar o boteco, o cara que tinha a si mesmo como companhia daria um tiro nas ventas. Bobagem minha. Estar só não significa estar, necessariamente, solitário. Por que estou só? Levei balão, a mulher desistiu do encontro. Bebo guaraná curtindo as mágoas, mas não penso dar um tiro nas ventas. Acompanho a reação dos dois grupos na medida em que o álcool age.

Ninguém nota que dou uma de enxerido. Já fiz o que fazem, nunca me passou pela cabeça que pudesse ser tão grotesco! É irritante esse comportamento para quem está sóbrio.

Conheço a maioria daquelas pessoas. José Carlos, por exemplo, cheio de nove horas na rotina diária, deixou de ser discreto espectador e já interage com a farra dos três jovens da mesa próxima à grande janela de vidro.

É lugar privilegiado do bar. Para quem é mais solto, para não dizer babaca, o limite entre um e outro é tênue, esse lugar funciona como vitrine. E José Carlos não se dá conta que sua postura neste momento assume empáfia do copo de cachaça!

Os rapazes se divertem à larga com tiradas jocosas – ou seria de mau gosto? – sobre os passantes e as mulheres são as vítimas preferidas. Quem explica isso?

Noto agora: para quem bebe é jocosidade inofensiva; para quem está sóbrio é baixaria. É comportamento típico da imaturidade. Epa! Porque estou pensando desse modo? Virei carola? Prego moral de cuecas? A falta de álcool me tornou invejoso dos que vão para o boteco beber? Não tenho clareza! Fiquei irado com tais gozações, só o receio de ser taxado de xarope impede de externar a desaprovção.

O que tenho com isso? Cada um faz o que bem entende da vida? Aprendi, com olho roxo, que no bar, palavra mal posta gera caos. Se não medem palavras, por que devo me irritar? E eu? Ou vou embora, ou arranjo companhia ou assisto. Não há como nem por que interferir. Ora, discutir com bebem!

No fundo, no fundo, acho que se tivesse consumido minha cota de uísque não daria bola para o pessoal da mesa perto da janela ou estaria fazendo a mesma coisa. Algo que poderia pedir é que gritassem menos, mas a esta hora só quem não bebe acha o ambiente barulhento. O melhor a fazer é ficar na minha.

José Carlos e seus amigos coroas não conheciam os três jovens que estavam naquela mesa quando che-

garam, mas se enturmaram logo. Essa é a maravilha do bar, uma das mais sólidas instituições da humanidade. Às vezes pergunto: o que seria de nós, humanos, sem o boteco?

O início do fim da barbárie vem com a instalação do primeiro boteco numa quebrada qualquer deste mundo sem fim. Um vivente do Norte, outro do Sul, um terceiro do Leste e um quarto do Oeste foram se aquerençando por momentos nesses botecos foram surgindo nas esquinas do Planeta. E iam se comunicando, de um jeito ou de outro, com o que sempre alguém saía com algo novo na mente que terminava por levar, depois, a seus pontos de retorno.

Os rumos da vida também foram traçados no boteco, dou-me conta agora. Os jovens da mesa perto da janela de vidro se animam ainda mais com a atenção dos velinhos. Na medida em que o álcool age os rapazes mais soltam a língua e mais debocham com quem passa. Forçado a ficar sóbrio constatei, que, grosso modo, há estágios de comportamento no bar. Eles, por exemplo, quando sentaram usavam um oi, tudo bem” com quem ia chegando; goles adiante passaram para o “e ai cara, beleza” e antes de terminar a noitada estavam no “olá viadão, tem dado muito?

Os três e a mesa do José Carlos estavam no último estágio.

- Bela bunda! Essa sem dúvida é bunda de respeito, diz um deles ao analisar o traseiro da garota que rebola como quem sabe que é observada. Embora tontos, mantêm o senso estético, vamos dizer assim. Não me irritei, até fiquei satisfeito deles acharem o traseiro da minha irmã um traseiro de respeito.

- Ponha respeito nisso, isso é bunda mesmo, não aquela tábua de passar roupa ali do lado, afirma outro.

Embora o traseiro seja a parte mais visada não deixam de registrar outros aspectos dos passantes: “a exube-



- Você acha? Tá na hora de ir dormir,
já bebeu demais. Quem vê pavão onde tem corvo
já passou da conta, retruca.



rância da comissão de frente” da morena de vestido verde que passa pela terceira vez, “os cabelos de espantalho” da magrona nariguda, a carinha de anjo da ninfeta e a \\'filhote de hipopótamo que mal consegue andar”.

- A Sofia Loren não chega aos pés desse monumento! Monumento parecido amamentou o “degas” aqui, diz José Carlos, com a língua enrolada e lembrando da mãe ao falar sobre “a comissão de frente” da morena de vestido verde.

- Sofia Loren? Quem é ela, cara? – quer saber o garotão que recebe um deixa pra lá, esquece como resposta e seguido na discussão sobre o impacto da fase oral para o prazer do ser humano. Das duas etapas da fase oral.

Esse modelo de jeans feminino de cós baixo faz o álcool na cabeça tornar mais vulgar os comentários, mas num aspecto os garotos têm razão: essa calça devia ser proibida para mulher com excesso de gordura na barriga, portando pneus de trator que a lei da gravidade deforma ainda mais. Divertiram-se um eito contando quantas mulheres têm o cacoete de colocar a mão nas costas e puxar a blusa para baixo e a calça para cima, de segundo em segundo, enquanto caminham. Todas as mulheres fizeram esse movimento, o que prova o desconforto dessa moda.

- Deus do céu, como tem gente comendo bem, diz um quando a garota das medidas perfeitas passa com o namorado, “cara magrelo que não fede nem cheira”, e que é definido como “escroto que não merece andar na rua com esse monumento”.

- A vida é assim mesma, sempre a melhor espiga vai para o pior porco, diz José Carlos já metendo a colher de vez, sem meias-palavras, na farra dos garotos.

- “Véio,” você tem toda a razão, esse cara devia se enxergar antes de sair com um mulherão desses, concorda o mais animado dos palpiteiros da janela.

A inveja tem disso, revela que só desdenhando suportamos que a mulher mais bonita não seja nossa. José Carlos pega pesado, com a boçalidade que mais de duas horas de consumo de álcool produz, quando o que eles definem como um “bicho muito feio” passa pela calçada:

- Vocês não vão acreditar, já transei com coisa muito pior do que isso e peguei gonorreia de coisa muito melhor.

A turma adora a tirada e o convida para passar para a mesa deles após seus acompanhantes deixado o local. Troca de lugar rapidinho prometendo “pagar a próxima rodada”. Desviam o olhar da rua quando cada um se apresenta como forma de aumentar a intimidade. Fica aquele papo sobre o meu nome é tal, faço tal coisa, eu trabalho em tal lugar, eu sou ali da cidade tal até que ocorre certa esfriada no papo com a ida, de um por um ao banheiro, tirar “a água do joelho”. Quando retornam, o olhar para a calçada já não tem muita graça, o movimento diminuiu. Sobre duas meninas tidas como sem sal por todos alguém completa:

- É, mas também tem gente comendo mal, dá uma olhada na dupla.

- A de cá não chega a ser tão ruim.

- Você acha? - pergunta provocativo José Carlos.

- Olhe bem, não é de se jogar fora.

- Você acha? Tá na hora de ir dormir, já bebeu demais. Quem vê pavão onde tem corvo já passou da conta, retruca.

A redução do movimento na calçada obriga a mesa a ir para o futebol, a hora é boa para gremistas e colorados cujas campanhas na Libertadores e na Copa do Brasil alegam as torcidas. Um gremista comenta que seu time é de baixo custo perto do que o Internacional gasta com seu plantel quando passa a esposa de José Carlos, professora que trabalha em curso de línguas ali perto. Ele gela, move a cabeça levemente para não ser visto, caso ela olhe para dentro.

- Puxa, que bagulho, hein? Isso sim que é bicho feio, nem presidiário em atraso come um troço desses, rosna o garoto mais saliente.

- Quero distância desse urubu, diz outro dando três batidas na madeira. É a fome e a vontade de comer juntas. Nem bunda tem, é uma tábua de passar roupa.

- Credo, como tem gente comendo mal, diz o terceiro e, olhando para José Carlos, pergunta se ele viu “o urubu que acabou de passar?”

José Carlos levanta como quem



distribuirá bordoadas. Embora transformado se segura, primeiro porque não é de briga, segundo, porque “esses três vagabundos” não têm ideia que a mulher vilipendiada é sua esposa, terceiro participava do papo de mau gosto e ficaria horroroso entrar nessa de pimenta nos olhos da gente arde e, quarto, como administrar a cena “se esses palhaços soubessem dessa realidade”.

Em pé, lábios tremendo como quem

é tomado pelo ódio, punhos cerrados como quem vai brigar, olhos esbugalhados como quem está alucinado, ele mete medo nos rapazes. Eles notam que algo mexeu com o “véio” e não se movem. José Carlos rompe o silêncio constrangedor com choro convulso. É socorrido pelo dono do bar, primo-irmão seu, que o leva para a sala atrás do balcão. Eu sigo os dois.

- Você está bem, quer que te leve para casa? - pergunta o primo.

- Não, já está passando.

- Posso saber o que houve?

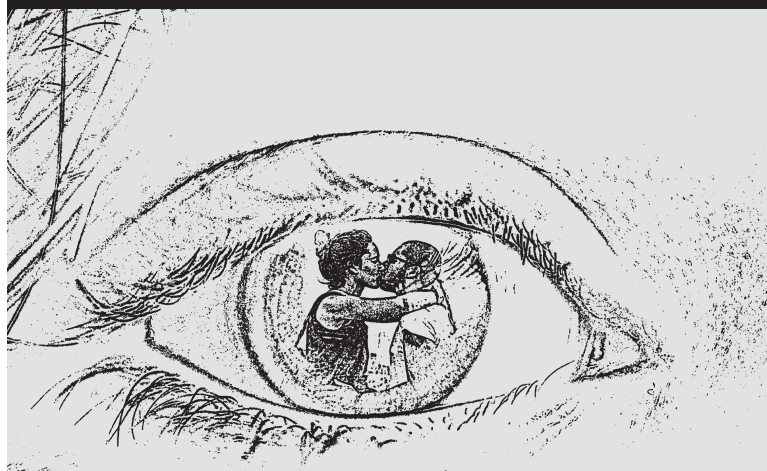
Encabulado, torna-se ríspido ao enxugar as lágrimas: “já passou, já passou, me deixe sozinho, pelo amor de Deus me deixe sozinho”. José Carlos nem nota minha presença e saio de fininho quando seu primo encosta a porta da peça dos fundos para que ele fique só. Quando seu primo pergunta o que aconteceu digo achar que é reação de quem bebeu em demasia. Estava pagando a conta e rindo comigo mesmo por causa da expressão “tábua de passar roupa” quando um estampido silencia o boteco barulhento. Um silêncio perplexo paralisou o ambiente.

É o mesmo silêncio deste instante aqui no cemitério...

(Ivaldino Antonio Tasca é jornalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

ANELISE RECH



Infinito

Quanto dura um amor?
Contados em anos, bodas,
A eternidade?

Nada lhe garante
Que vai vingar
Talvez as regas sejam poucas
Os suspiros, muito mais presentes

Ah! O amor
Quem disse que tem que ser assim
Infinito, imortal, para sempre?

Ele é o caminho, o caminhar
Se chega ao fim, perdoa e vai
Ao encontro de outro
Capaz de lhe amar.

(03/10/2023)

(Anelise Rech é psicóloga, de Passo Fundo, RS)

Eu escalei a Torre Eiffel

ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI

Vindos de um Congresso na Espanha, a programação de domingo estava em aberto e nosso grupo de pesquisadores resolveu visitar a Torre Eiffel. Na segunda feira a programação era de visita uma cooperativa e entrevista com o dirigente da mesma.

Decisão unânime: vamos visita-la.

Fomos a uma bilheteria e todos compraram o ingresso. Dia lindo. Todos entusiasmados com a possibilidade de visitar esta maravilha.

Não sei quem comprou primeiro a entrada e os demais compraram entradas iguais. Todos com a entrada na mão, nos dirigimos para o elevador. Felizes como um bando de crianças.

Educadamente entramos numa fila e ao mostrarmos nossos bilhetes, o guarda nos disse que não poderíamos usar o elevador. Nos disse que nossos bilhetes era para subir pela escadaria.

Surpresos e para não perder o valor, que não era pouco, decidimos encarar

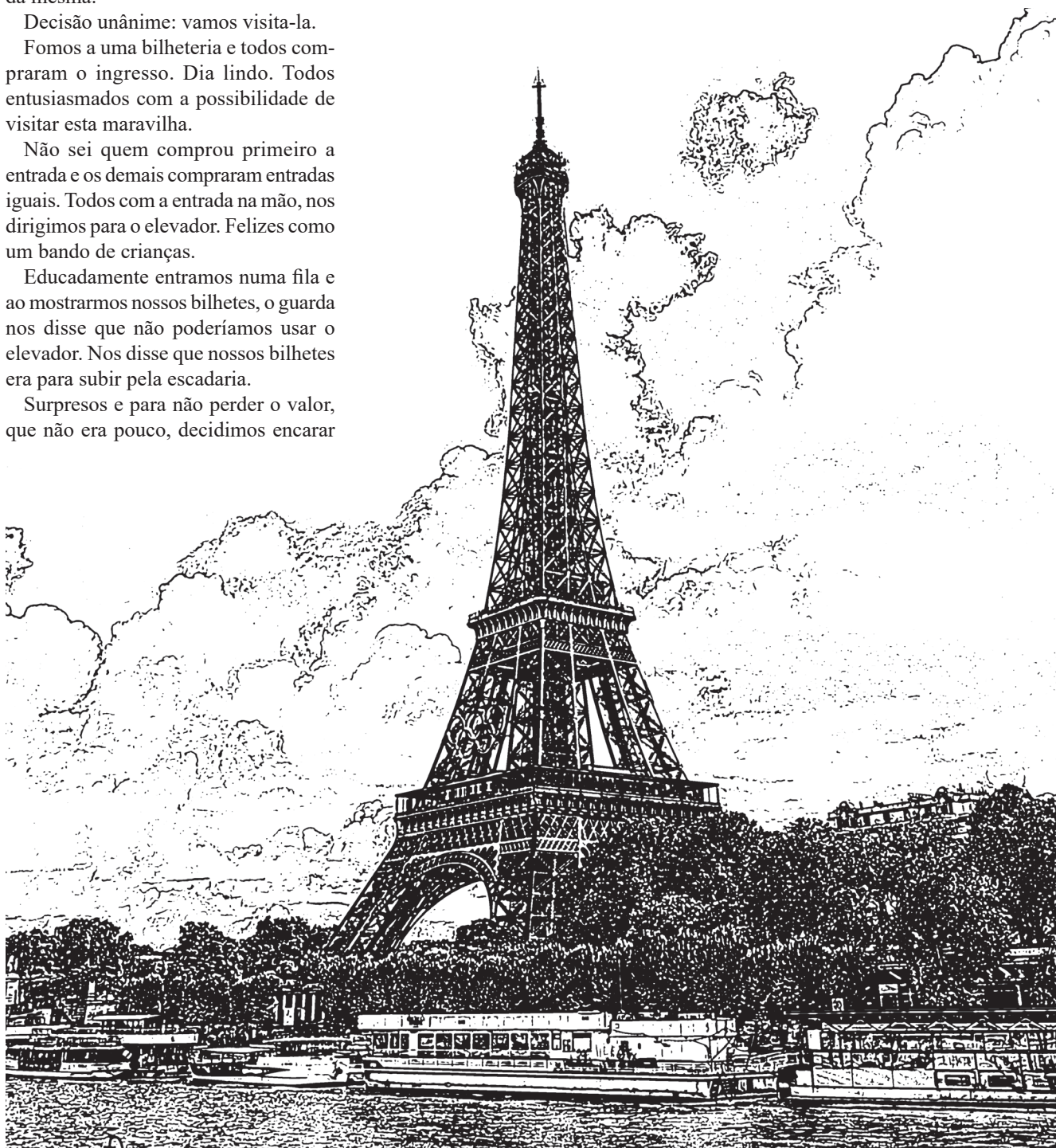
o desafio. Olhamos para cima e para as dezenas de degraus, e nos lançamos ao desafio, de subir e ir apreciando a vista.

Depois de subir mais de 100 degraus, já com as pernas cansadas e o pulmão protestando pela subida, olhamos para baixo e dissemos, nada de desistir. Em frente. Só faltam mais uns 200.

Enfim, cansados e vitoriosos, chegamos e ficamos apreciando Paris.

Valeu a pena? Sim. Poucos passo-fundenses já fizeram esta façanha, Cerca de 40 anos já passaram e as lembranças continuam vivas. Hoje, não sei se subiríamos os primeiros 50 degraus. Faltaria o ardor da juventude.

(Roque Gilberto Annes Tomasini é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Adeus Dona Amélia!

FOTO: ACERVO G.R.CUNHA



GILBERTO R. CUNHA

Amélia Rocca da Cunha, a Dona Amélia, morreu em Passo Fundo, no dia 11 de março de 2025. Ela tinha 93 anos e foi vitimada pelo rompimento de um aneurisma de aorta. Amélia era natural de São João do Sul, SC (Cachoeira/Tenente, no interior desse município). Filha de Paulo Rocca e Elvira Paganini. Residia em Sombrio, SC, e era a última sobrevivente de

uma prole de sete irmãos. Oriunda de família de origem italiana, cultivava valores relacionados com o trabalho, o estudo, a religiosidade e a caridade. Não veio a passeio nesse mundo e deixou a sua marca indelével em todos que tiveram o privilégio de conviver com ela. O outro e não o eu, tinha sempre a preferência, no mundo de Amélia.

Amélia conheceu as agruras da vida muito cedo. Iniciou no mundo do trabalho ainda criança e tinha orgulho disso. Casou com Lourival

Isaac Eleutério da Cunha, com quem teve dois filhos: Jorge (*in memoriam*) e Gilberto. Ficou viúva aos 41 anos e retornou ao trabalho formal como costureira até a sua aposentadoria em 1992. Do seu núcleo familiar mais próximo, deixou a prantear a sua memória, além do filho Gilberto, as noras Guilhermina e Leila, os netos Demétrio, Jucy, Tatieli, Vicente e Maria Paula, e as suas adoradas bisnetas Isabelle e Rafaela.

Era leitora contumaz de jornais, revistas e assistia, diariamente, os



Detentora de memória e lucidez invejáveis, era uma mulher independente, apesar da idade avançada, e sintonizada com o mundo contemporâneo.

espaços de notícias nos canais de televisão, além de dar vazão à sua paixão por programas de culinária. Os seus dotes na cozinha, por exemplo, serão enaltecidos *ad aeternum*. Detentora de memória e lucidez invejáveis, era uma mulher independente, apesar da idade avançada, e sintonizada com o mundo contemporâneo. Católica fervorosa, incluía, nas suas orações diárias, além das pessoas próximas, preces pelo atingidos pelas disputas na Faixa de Gaza e na Ucrânia e clamava por sensatez aos senhores da guerra.

Foram muitas as manifestações de carinho e conforto recebidas, quando do seu passamento. Dos colegas da Embrapa, dos membros da Academia Passo-Fundense de Letras, de familiares, de amigos e de pessoas conhecidas, especialmente dela. Nossa gratidão! Dentre tantas, além das verbalizadas pessoalmente, vou reproduzir algumas. O biólogo Renato Cabral Bossle, uma referência em gestão de recurso naturais e autor dos livros “QGIS e o geoprocessamento na prática” e “QGIS do ABC ao XYZ”, residente em Navegantes, postou em um grupo de Sombrio: “Minha amiga se foi. Uma mulher de fibra e, ao mesmo tempo, femininamente doce. D. Amélia viveu intensamente sua vida. Cedo enviuvou e cuidou de seus dois filhos com muita energia e amor, do jeito dela. Viu a Família crescer, teve netos e bisnetos. Sofreu, como toda mulher, mas não perdeu aquela ternura que Deus coloca no coração de cada mulher. A ternura que fez ela conquistar um espaço no coração de muita gente, inclusive no meu. E agora? Quando eu for a Sombrio, quem vai me oferecer, com aquele sorriso largo, um café com banana frita? D. Amélia, minha amiga,

nossa amiga, se foi. Rogo a Deus por ti querida! Eras feliz e agora estarás mais feliz ainda, em breve nos braços de teu filho amado. Estaremos aqui, rezando por ti e desejando um feliz regresso à pátria verdadeira. Que Deus console a Família!”. Do grupo de meninas de Florianópolis (Rosane, que esteve presente no funeral, Andreia e Neuzinha) que, quando ia Sombrio, costumava se hospedar na casa dela: “Rosane, amanhã leve o nosso amor, carinho e amizade para Dona Amélia. Faça uma oração por ela. E toda a nossa gratidão a Deus por ter conhecido um ser humano tão especial. Obrigada!”. De parte da Dra. Rosângela Ilha, geriatra que cuidava dela em Passo Fundo: “Gilberto! Meus sentimentos a vc e toda família! Parte uma das minhas mais queridas pacientes. Infelizmente a vida é finita e chega o momento da partida e da despedida. Ela deixa um legado de doçura. Um abraço pra vcs”. Do médico Osvandré Lech, em postagem no grupo da Academia de Letras: “Tratei a D. Amélia tempos atrás. Pessoa maravilhosa e cheia de energia. Um ser humano finalizado”. E da sobrinha Sônia: “Esta é a minha “Tia Mélia”, sempre doce e generosa. Também tenho minha dose de agradecimento pelo cuidado e apoio com a Nona e com a mãe em momentos difíceis que atravessei, quando estava com o pai num hospital e a mãe em outro”.

Amélia, nos últimos 30 anos, vinha regularmente a Passo Fundo, seja para visitar familiares ou em busca de atendimento médico. Em seu nome, eu não poderia deixar de agradecer a todos os profissionais da saúde, nas mais diversas especialidades, que, um dia, a tiveram como paciente em Passo Fundo e que, sem dúvida, muito contribuíram para a sua longevidade

e qualidade de vida. Nosso muito obrigado aos doutores: Maria Ivone Hebling, Sônia Regina Bertolin, Mauro Geib, Ana Paula Winik Drum, Andréia Jacobo, Adolfo Lara Brkanitch, Gilberto Vargas, Caroline Moreira, Sandra Mendonça, André Hoenisch Medeiros, Luiz Antônio Lucca, Gustavo Leite Lucca, Niracy Margareth de Souza Gomes (fonoaudióloga), Renata Spode (odontóloga), André Roberto Lupatini, Osvandré Lech e Rosângela Ilha, até o atendimento derradeiro, no dia 11 último, por Ronaldo André Poerschke. Ainda, quando na cidade, cabe destacar a acolhida e o atendimento que recebia da equipe de profissionais da Clínica de Fisioterapia Petrônio Delgado, que ela não abria mão de frequentar durante as suas estadas em Passo Fundo. E nem, antes de voltar a Sombrio, de cortar o cabelo com a Gorete, no Salão Elton & Gorete, na Vera Cruz.

Em Sombrio, Amélia, além da convivência com o núcleo familiar próximo, era muito bem-quista pela vizinhança da Rua Santo Antônio. Não posso me furtar de agradecer a atenção que lhe dispensaram, usando a nomenclatura que ela utilizava, os casais Chico e Marina, Jaílson e Nana, Pingo e Nira, Zé Volo e Darci, e a senhoras Aneli e Dona Mariquinha (*in memoriam*), além da sua amiga especial, que convivia fraternamente, a Dona Pedrinha. Há outros nomes que, involuntariamente, estou esquecendo. Estendo esse agradecimento aos fisioterapeutas Charles Barbosa e Adrian Claudino, às meninas do Posto de Saúde do lado da casa dela, sempre atentas, e ao cirurgião dentista Rodrigo Cirico, que lhe concebeu o último sorriso. A todos, a nossa gratidão!

Eu como filho sei o quanto essa mulher fez a diferença na vida de muita gente, especialmente na minha. Mãe, você mesma. Eu me penitencio por não ter sido o filho que os seus olhos enxergavam. Descanse em paz!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)



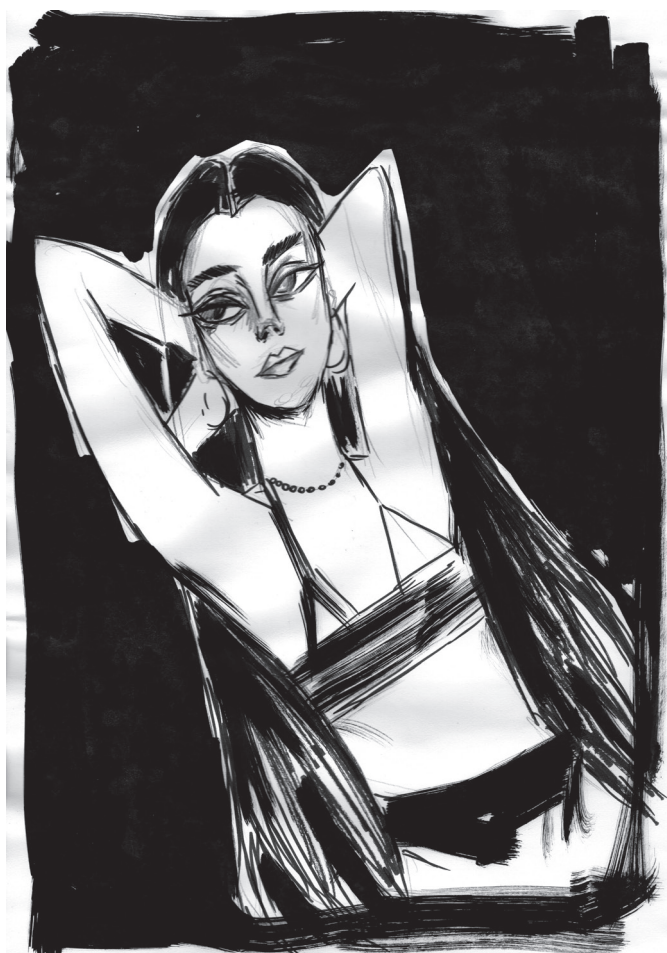
A morte da sereia

A água cobre a cabeça,
expulsa o ar dos pulmões.
Nesse oceano fantástico e cego
não somos mais
que gravetos,
tentando nos unir
para formar uma jangada.
Logo mais vem o tridente
de Poseidon.

Logo mais vem uma vaga.
É preciso que a água tome conta do corpo,
que caranguejos passeiem
pelos cabelos do morto.
As mãos flutuam leves,
parecem segurar
a cauda exata
de uma sereia.
Quando Poseidon
varrer mais uma vez
o mar
com seu tridente,
nos devolverá
à terra firme
— de onde nunca deveríamos ter saído.

Interstício

Hoje me contento com a chuva
que bate contra a vidraça.
Hoje não trago flores, nem carrego mortos.
Não faço da Divina Providência
um pedestal,
nem espero que me consoles,
nem aguardo por festas de Carnaval.
Hoje, o silêncio é mudo,
e a estrada tem migalhas de pão — que eu não seguirei.
Não colherei restos
jogados de pontes,
não olharei de viés
para as coisas retas da estrada.
Hoje, especificamente hoje,
só o orvalho me entrará pela cabeça,
e as pétalas de laranjeira me abrandarão os olhos,
sob os raios difusos
de um sol
que insiste em não se mostrar de todo.
As cinzas serão mansamente varridas pela chuva,
enquanto meu peito se desdobra
com o enigma do mundo,
e eu, calmamente, ouço o tilintar
dos pingos no telhado —
ampulheta natural
que desagua em meu jardim.





Anjo em chamas

Quando criança nós vimos um anjo, guardando um baú.
 Pensamos:
 — Ali deve haver um tesouro!
 Um tempo depois, porém, suspeitamos
 que ali não havia nada, e que o anjo
 talvez, fosse um charlatão.
 Seria o prazer dele enganar
 pobres crianças como nós? Mentir sobre
 o final do arco-íris?
 Em um dia de sol, nos vingamos.
 Éramos bárbaros
 dos tempos de antes de Cristo.
 Fizemos de conta que estávamos no Éden,
 colhendo morangos.
 O anjo apareceu, exibindo o baú.
 Queria nos fazer desprezar os morangos,
 tão singelos, mas saborosos.
 O agarramos, arrancamos suas asas.
 Ele gritou, pediu perdão.
 Disse que estava apenas cumprindo seu dever.
 Nós, porém, andávamos cansados de deveres.
 Desejávamos ver o anjo sangrar.
 Seu sangue azul manchou a terra,
 fez do barro diamante.
 Banhamos o anjo com álcool.
 Riscamos um fósforo.
 Permanecemos serenos, iluminados.
 Abrimos o baú.
 Confirmamos o que já sabíamos:
 — nele não havia nada.

Goethia

É noite.
 Uma presença se aproxima.
 Normalmente, eu mexeria a cabeça, olharia para os lados, acenderia a luz.
 Desta vez, não.
 Deixo que ela se aproxime.
 Sinto suas mãos pesadas e frias em meus ombros.
 Seu hálito.
 Fecho os olhos e enxergo outras chamas de cores mais dançantes.
 A escuridão me abraça.
 Pela primeira vez me enrolo em seu manto gelado.
 Um uivo rasga a madrugada.
 Consulto o relógio de pulso.
 “Ainda não são 3h, mas logo vão ser.”
 Logo vão ser...



35ª Feira do Livro de Passo Fundo: um marco cultural na história da cidade e da APLetras

MARILISE BROCKSTEDT LECH

A 35ª Feira do Livro de Passo Fundo, realizada entre 15 e 22 de outubro de 2023, marcou a história da cultura passo-fundense. Organizada pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, por meio da Secretaria de Cultura, com o apoio financeiro do Ministério da Cultura, a feira teve, pela primeira vez, a Academia Passo-Fundense de Letras (APLetras) como proponente. Outra novidade desta edição foi o local da realização: o Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto, no Centro Histórico de Passo Fundo. As diversas entidades culturais que compõem este complexo, como a Biblioteca Municipal, o Teatro Múcio de Castro, a APLetras com seu belo casarão, e o Instituto Histórico de Passo Fundo, incluindo o palco ao ar livre da sua Arena, foram perfeitamente adequados para acolher este grandioso evento, que reforçou a marca da cidade como Capital Nacional da Literatura.

Durante os oito dias de realização, a feira foi um ponto de encontro para amantes da literatura, escritores e leitores de todas as idades. Além das atividades nos referidos espaços, como shows, teatro, contação de histórias e sessões de autógrafos, os estandes das dez livrarias participantes ofereciam variedade e excelentes promoções de livros, chamando a atenção dos visitantes. O espaço gourmet, com vários food trucks, lojas de doces e cafeteria, também era ponto de bons encontros. Estandes com comércio de artesanato foram bons atrativos. Nem mesmo a chuva dos primeiros dias conseguiu diminuir o entusiasmo dos participantes, que vinham de toda a região.

Sob a liderança da Presidente Marilise Brockstedt Lech (gestão 2022-2023), a Academia apresentou seus 14 projetos literários, fruto do trabalho dedicado e voluntário de grande parte dos 40 acadêmicos que compõem o sodalício. A programação específica da APLetras teve início com uma ação simbólica: o plantio de um ipê amarelo em frente à sua sede, na Praça Guilherme Luiz Sperry, simbolizando vitalidade e colocando ainda mais poesia na rica festa literária. No mesmo dia, foi lançada a versão digital da revista “Água da Fonte”, número 22, com uma palestra de Paulo Monteiro, fundador da revista junto ao acadêmico Gilberto Cunha, que apresentou a história deste importante veículo de divulgação das produções literárias dos acadêmicos e de “amigos da APLetras”.

Entre os destaques, teve ainda a ativação da Minibiblioteca, em forma de casinha itinerante, idealizada pelo acadêmico Roque Lorenzini, onde são colocados livros para doação à comunidade, e o lançamento do livro “Do-



adores do Amanhã”, coordenado pela acadêmica Dilse Corteze e produzido com os textos dos alunos participantes do projeto “Identificando Talentos”.

As palestras dos acadêmicos Agostinho Both, Luiz Carlos Dale Nogari e Ironi Andrade, bem como do convidado especial, o escritor Airton Ortiz, atual presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, enriqueceram o evento. As sessões de contação de histórias com os acadêmicos Luciana Marinho, Patrícia de Bairos, Marcos de Andrade, Alexandre da Rosa e Eládio Weschenfelder também foram muito apreciadas. A exposição de

livros raros organizada por Osvandré Lech e o projeto “Poemas nas Gaiolas”, proposto por Marcos de Andrade e Marilise Lech, destacaram-se entre as atividades. A comunidade teve a oportunidade de colocar poemas no lado de fora das gaiolas, os quais estão organizados em forma de livro a ser lançado na próxima Feira do Livro, em outubro de 2024.

A feira proporcionou o lançamento de cerca de 20 livros, com a galeria dos ex-presidentes da APLEtras como palco, em todos os finais de tarde do período do evento. A acadêmica Elisabeth Ferreira foi a responsável e anfitriã pela APLEtras, recebendo os escritores inscritos, bem como seus familiares e amigos convidados.

Enquanto isso, sob a coordenação da acadêmica Antonieta Rovena Gonçalves Dias, no hall de entrada do casarão da

APLEtras, acontecia a venda de livros, com o critério de serem vendidos, naquele espaço, apenas livros de autoria dos acadêmicos da APLEtras. Tudo isso foi uma verdadeira celebração da palavra escrita, destacando a importância da literatura para o enriquecimento cultural da comunidade.

Além do já exposto, a APLEtras proporcionou dois Saraus Nativistas na Arena do IHFP, tendo à frente da organização o acadêmico Alexandre Vieira. Aconteceu também mais uma edição do já tradicional Café Filosófico, com a realização de uma mesa-redonda sobre

Inteligência Artificial, coordenada pelo acadêmico Mauro Gaglietti. O programa de TV Literatura Local, gravado semanalmente em parceria com a TV Câmara, teve uma edição especial com uma gravação externa na própria APLEtras, tendo como entrevistador o acadêmico



A comunidade teve a oportunidade de colocar poemas no lado de fora das gaiolas.

Aleixo da Rosa e entrevistados a Presidente Marilise Lech e o acadêmico Agostinho Both, que foi merecidamente escolhido como Patrono da 35ª Feira do Livro de Passo Fundo.

Como é possível perceber, a integração entre as diferentes instituições culturais que compõem o Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto, a determinação da equipe da Secretaria de Cultura, liderada pela Secretária Municipal Miriê Tedesco e sua secretária adjunta Magda Cavalheiro, além do constante apoio do Prefeito Pedro Almeida, bem como a disposição dos acadêmicos da APLEtras, garantiram o sucesso da Feira. Motivo do sucesso também foi a distribuição de cerca de 1.400 cheques-livro para professores e 17 mil passaportes literários para estudantes da rede municipal, que a Prefeitura presenteou, para que todos pudessem escolher um livro de sua preferência, nas dez livrarias instaladas no centro do complexo cultural. Certamente esse lindo feito aumentou o entusiasmo de todos para a participação na Feira e aqueceu o comércio de livros. Foi lindo ver esta movimentação.

Próximo ao seu término, a Feira foi coroada com a realização do aguardado “Chá das 5 da APLEtras”, organizado pelas acadêmicas Marilise Lech e Silvana Scortegagna. O evento reuniu os líderes das diferentes entidades culturais envolvidas na organização da Feira, os quais, após papos descontraídos e um emocionante Momento Cultural com a escritora Mar Becker que recitou lindos poemas de sua autoria, puderam avaliar o evento e concluir que todo o incansável trabalho de muitos meses de preparação valeu a pena.

Ao finalizar este relato, conclui-se que uma feira do livro desempenha um papel fundamental na promoção da cultura, da valorização da diversidade e da ampliação do conhecimento em várias dimensões. Ela incentiva o público a desenvolver e manter o hábito da leitura, oferecendo uma grande variedade de obras literárias que conduzem a um aprendizado contínuo em diferentes campos do saber. Além disso, promove a interação e a inclusão social, bem como a ocupação saudável do tempo livre, proporcionando bem-estar à população. Portanto, uma feira do livro é muito mais do que um simples evento de venda de livros; é uma celebração da literatura e da cultura, com um impacto positivo profundo em várias esferas da sociedade.

(Marilise Brockstedt Lech é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O hino nacional brasileiro e sua intrigante introdução



DANIEL VIUNISKI

Estava assistindo os jogos das olimpíadas de Paris e comecei a divagar sobre nosso maravilhoso Hino Nacional. A musicalidade da introdução é intensa, fervorosa e emocionante. Após, uma ínfima pausa inicia a letra enérgica, com versos bem postados e adequado com a melodia. Prestei então atenção a cada palavra, suas rimas e seu significado, e, me emocionei.

Lembrei então que, quando criança ouvi, na escola, alguém cantando o Hino de forma diferente. Uma professora, não lembro qual, entoava a letra da parte introdutória do Hino. Levantei na poltrona e fui pesquisar. Evidentemente que localizei o que procurava. Aliás, o google é nossa referência de pesquisa, embora não seja absolutamente confiável.

A parte instrumental da introdução do Hino Nacional possuía letra que foi atribuída a Américo de Moura, paulista de Pindamonhangaba e Presidente da Província do Rio de Janeiro, nos anos de 1879 e 1880. A música do hino é de Francisco Manuel da Silva e foi inicialmente composta para banda. Em 1831, tornou-se popular com versos que comemoravam a abdicação de Dom Pedro I. Posteriormente, à época da coroação de Dom Pedro II, sua letra foi trocada e a composição, devido a sua popularidade, passou a ser considerada como o Hino Nacional Brasileiro, embora não tenha sido oficializada como tal. Após a proclamação da República os governantes abriram um concurso para a oficialização de um novo hino, ganho por Leopoldo Miguez. Entretanto, com as manifestações populares contrárias à adoção do novo hino, o presidente da República, Deodoro da Fonseca, oficializou como Hino Nacional Brasileiro a composição de Francisco Manuel da Silva, estabelecendo que a composição de Leopoldo Miguez seria o Hino da Proclamação da República. Durante o centenário da Proclamação da Independência, em 1922, finalmente a letra escrita pelo poeta e jornalista Joaquim Osório Duque Estrada tornou-se oficial. A orquestração do hino é de Antônio Assis Republicano e sua instrumentação para banda é do tenente Antônio Pinto Júnior. A adaptação vocal foi feita por Alberto Nepomuceno e é proibida a

execução de quaisquer outros arranjos vocais ou artístico-instrumentais do hino.

Mas, voltando a introdução do Hino Nacional, sua letra tinha esses versos:

Espera o Brasil que todos cumprais
com o vosso dever
Eia! Avante, brasileiros!
Sempre avante
Gravai com o buril nos pátrios anais
o vosso poder
Eia! Avante, brasileiros!
Sempre Avante
Servi o Brasil sem esmorecer,
com ânimo audaz
Cumprí o dever na guerra e na paz
À sobra da Lei, à brisa gentil
O lábaro erguei do belo Brasil
Eia! Sus, oh, sus

A palavra “sus” no final da letra é uma interjeição que vem do latim sus, significando “de baixo para cima”, que chama a motivação: ergai-se ânimo! Coragem! Neste contexto é sinônimo de “em frente, avante”.

A melodia do Hino foi composta em 1822, por Francisco Manuel da Silva, chamada inicialmente de Marcha Triunfal, para comemorar a Independência. Em 1889, o primeiro Presidente da República, Deodoro da Fonseca a declarou como Hino Nacional Brasileiro. A letra, após concurso público entre compositores foi vencedora a elaborada por Joaquim Osório Duque Estrada, em 1909. E, através de Decreto do Presidente Epitácio Pessoa, em 1922, a música de Francisco Manuel da Silva e a letra de Joaquim Osório Duque Estrada foi oficializada como Hino Nacional Brasileiro, permanecendo até os dias atuais.

P.S.: Sugere-se que o leitor ouça a introdução cantada do hino nacional brasileiro.

(Daniel Viuniski é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Cemitérios

Pelas frestas da veneziana velha eu vejo...
Há dois pássaros em minha janela.

No beiral.
Mortos.

Ainda ontem, estavam bem vivos.

A mais bela parte do meu dia.

Aquela parte que canta.

Não sei bem em que momento,

Se tornaram opacos.

Secos.

Pode ter sido a madrugada.

Talvez, um Sol repentino.

Agora me olham, sem (en)canto.

Olhos vítreos.

Dizem que ninguém morre de olhos abertos.

Talvez só os pássaros.

Fico a observar, mas não consigo completar o movimento.

Não os tiro da janela.

Expectativa que voltem a voar, que voltem suas cores.

A alegria de um dia.

Eu sei, talvez devorem meus olhos.

Mais provável que (re)viver.

Mas por hoje, só mais hoje, eu não vou abrir a janela.

Ainda posso por mais um dia.

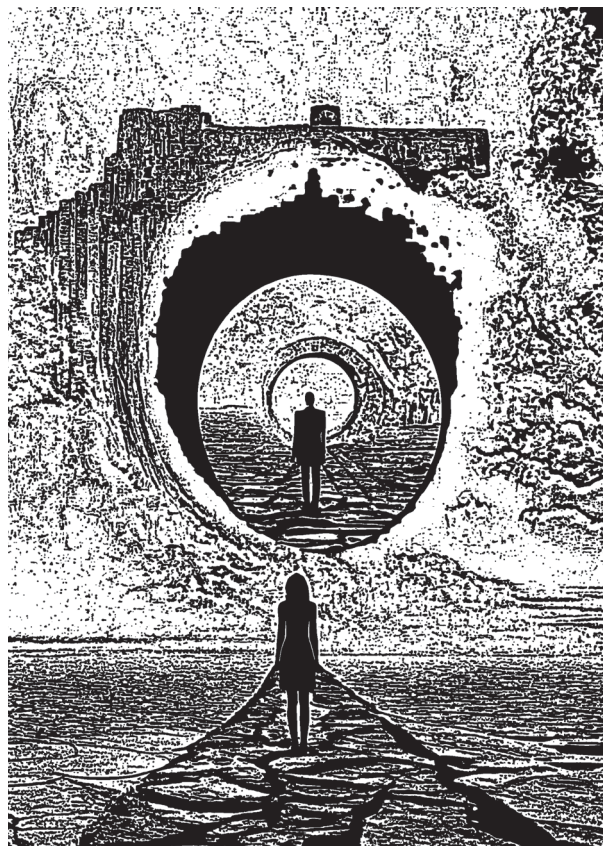
Ou dois.

Ou três.

Sonhar apenas.

Sonhar que vejo penas coloridas a flutuar.

A sussurrar que o amor não morreu.



Solstício de Verão

A dor está aí,
nua para quem quiser ver.
Ferida aberta sob o Sol de verão
a queimar e a arder.
Todos os medos pendurados
no quintal pela manhã.
Exalam perfumes almiscarados
de um dissecado coração.
Os gritos não dados,
as lágrimas não derramadas,
a azedar sobremesas,
a salgar irremediavelmente
a receita de amor escrita a giz.
Servida à luz de fogos de artifício,
comemorando em confetes
fictício romance sem final feliz.



De súbito

Morreu.

Motivo: engasgo.

Atravessada na garganta,

A palavra não dita.



Egito: um mergulho no berço da civilização

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Viajar ao Egito é como atravessar um portal no tempo rumo às origens da humanidade. Neste país milenar, onde floresceu uma das civilizações mais antigas do mundo, a escrita foi criada pelos escribas, há 5.000 anos, os quais registraram os feitos dos faraós e os mistérios da vida e da morte. Na primeira viagem até lá visitamos o lendário Vale dos Reis, em Luxor, e a impressionante necrópole de Saqqara, a primeira pirâmide construída, há 2.700 anos. Um século depois de Saqqara, construíram a grande pirâmide de Gizé, seguida da pirâmide de seu filho Queóps e a de seu neto Miquerinos. Juntas elas formam a única das Sete Maravilhas do Mundo Antigo que ainda resiste ao tempo, vigiadas pela famosa Esfinge.

A capital egípcia impressiona por suas mesquitas majestosas, que refletem a fé dos mais de 90% de egípcios muçulmanos. No bairro conhecido como Old Cairo, mergulhei na espiritualidade cristã ao visitar a Igreja de São Sérgio e São Baco, onde se conta que a Sagrada Família encontrou refúgio durante sua fuga para o Egito. Ali perto, a Igreja de São Jorge, santo venerado pelos cristãos ortodoxos, no Cairo, e o movimentado bazar Al-Khalifa completam uma experiência de fé, história e cores locais.

Dentre os pontos altos do turismo no Egito está navegar nas águas do Rio Nilo. Seja em restaurantes flutuantes ou em pequenos navios de cruzeiro que sobem desde a cidade de Aswan, é possível apreciar a boa comida árabe e shows com danças típicas como a dança do ventre.

A visita ao antigo Museu do Cairo é imprescindível. Ele guarda tesouros inestimáveis como cerca de 4.000 peças encontradas na tumba do faraó Tutancamon em 1922, mas é o recém-inaugurado Grande Museu Egípcio, nos arredores de Gizé, que está revolucionando a experiência dos visitan-

FOTOS: ACERVO M.B. LECH



Vale dos Reis – Luxor (2006)



Grande Esfinge de Gizé (2025)



Mesquita Muhammad Ali (2023)



Muçulmanas no Bazar Al-Khalifa



Dança do ventre - Restaurante flutuante



Pirâmides de Quéops e Miquerinos (2025)



Pirâmide de Saqqara, a mais antiga (2023)



Forte de Qaitbay



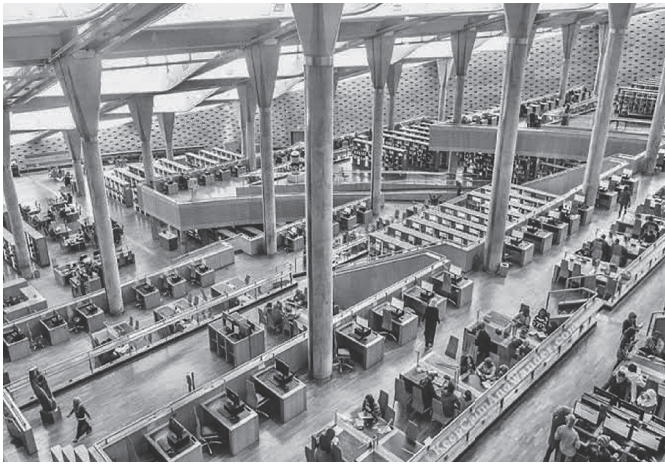
Grande Museu Egípcio - Escultura de Ramsés

tes. Ele começa impressionando pela arquitetura, pela organização e pela magnitude do acervo. Cada sala é uma viagem por dinastias, crenças e conquistas que moldaram a humanidade.

Encerrando a jornada, a cidade de Alexandria revelou-se um capítulo à parte. Visitamos a moderna Bibliotheca Alexandrina, herdeira espiritual da lendária biblioteca da Antiguidade e visitamos o Forte de Qaitbay, construído sobre as ruínas do Farol de Alexandria. Outro impressionante passeio que fizemos na companhia de amigos egípcios foi ao opulente Palácio da Princesa Fatma Al-Zahra. Seu pai Rei Farouk I foi forçado a abdicar em 1952, após um golpe militar que transformou o Egito em uma República, acabando com a suntuosa monarquia.

Por fim, conhecer o Egito significa muito mais do que visitar monumentos, significa sentir-se parte da história da humanidade. É, realmente, uma viagem que transforma, se vivenciarmos tudo isso com muita curiosidade e atenção plena. Como viajantes do século XXI, contamos com a ajuda dos aplicativos GPT-4, Airbnb, Google Maps, Google Tradutor, Uber, Ventusky, Currency... Um arsenal digital que tornou a viagem entre o passado e o futuro mais fácil. Viajar é muito bom, mas voltar para casa, também. Agora é hora de usarmos as novas aprendizagens para ajudar o mundo a se tornar um lugar melhor. Conforme afirmou o pensador egípcio Ptahhotep (vizir do faraó Djedkare, por volta de 2400 a.C.) “A sabedoria é mais rara que uma pedra preciosa, e pode ser encontrada em todos os lugares.” Podemos viajar por terra, mar, ar, livros, filmes e imaginação. De qualquer forma, sempre se aprende.

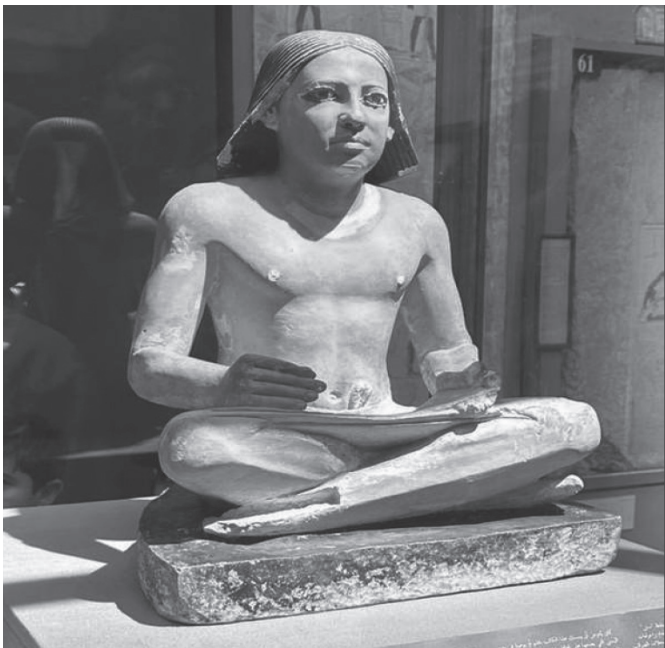
(Marilise Brockstedt Lech é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Interior da biblioteca de 85.000 m²



Bibliotheca Alexandrina – 2 milhões de livros



Escriba (2.500 a.C.) - Museu do Cairo (2025)



Palácio da Princesa Fatma Al-Zahra

Artista da capa

LUIZ CARLOS BARBIEUX OLIVEIRA

Arquiteto e aquarelista

Luiz Carlos Barbieux Oliveira é natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Iniciou sua trajetória nas artes em 2016, dedicando-se à aquarela como meio de retratar a memória histórica das paisagens urbanas. Atuou como professor na Universidade de Passo Fundo (UPF) e é sócio proprietário da empresa OM Arquitetura, onde exerce a profissão de arquiteto. Recentemente, lançou o livro **Aquarelas da Memória: Passo Fundo**, uma obra realizada em parceria com a UPF e o Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF), que celebra o patrimônio e a identidade da cidade por meio de aquarelas.



FOTO: ACERVO L. C. B. OLIVEIRA

As reminiscências de Welci Nascimento e Clair Lisboa

GILBERTO R. CUNHA

FOTOS: ACERVO W. NASCIMENTO

Welci Nascimento e Clair Lisboa, durante sete décadas, até a morte dele, em 2 de novembro de 2024, personificaram, no dia a dia da vida em família, a temática do livro “Casamento - compromisso a longo prazo”, que ele escreveu em 1993. Assim, soa natural que esse casal de nonagenários tivesse a intenção de compartilhar, em livro, as suas reminiscências. Na obra, ganharam vulto recordações que, apesar de pessoais e lapidadas pela benevolência do tempo, ilustram bem as origens de ambos e a vida que cada um deles se dispôs a levar nessa união, sobressaindo-se, acima de tudo, a preocupação, cujas raízes remontam aos seus antepassados, com a EDUCAÇÃO dos filhos e netos.

Nas suas reminiscências, Welci e Clair, ainda que veladamente, deixaram explicitada, pelos exemplos, a forma com que gostariam de ser lembrados pelos seus descendentes. São os valores que professaram e o altruísmo dos seus atos, acima de tudo, como se depreende na forma respeitosa com que se dirigem aos antepassados, o que deixarão como os maiores legados. Cada um deles, na longa relação, que se encerrou com a morte dele em 2 de novembro de 2024, cumpriu um papel que os tornam indissociáveis. Welci, o homem público, e Clair, a mulher mais afeita ao lar, dão forma a esse admirável casal, que vivenciou, intensivamente, os mais diversos segmentos da sociedade que se viram imersos na sua jornada de vida em comum (educacional, político, literário, tradicionalista, religioso, etc.). Ele não teria sido o Educador de Escol Welci Nascimento sem Clair Lisboa.

Welci Nascimento, certamente com os aplausos e o apoio de Clair, talvez não tenha amealhado reconhecimento



maior em vida do que, mesmo passados mais de 40 anos desde que deixou o magistério formalmente, onde quer que ele estivesse presente, ser chamado de PROFESSOR. Na essência, um EDUCADOR, seja no exercício do magistério em sala de aula, nos muitos cargos administrativos que ocupou na esfera da educação pública (Secretário Municipal de Ensino e Cultura e Coordenador Estadual de Educação, em Passo Fundo), nas instituições culturais que ele integrou (Academia Passo-Fundense de Letras, Instituto Histórico de Passo Fundo, CTG Lalau Miranda e Conferência Vicentina São Marcos) ou no ambiente familiar, Welci Nascimento sempre primou, acima de tudo, por EDUCAR pelo exemplo.

Welci Nascimento era natural de

Palmeira das Missões. Nasceu em 14 de janeiro de 1933. De origem humilde, ficou órfão de pai aos oito anos. Desde muito cedo precisou trabalhar para ajudar nas despesas da casa. Foi vendedor de quase tudo na rua. Ele mesmo conta que, certa ocasião, vendia maçãs que vinham da Argentina. Para facilitar a venda, ele lustrava as maçãs para ficarem mais apetitosas. Também foi vendedor de jornal na época da Segunda Guerra Mundial. E trabalhou numa tipografia por um ano, para poder ter aula particular de matemática e conseguir passar na prova de admissão ao ginásio, após ter cumprido o primário no Grupo Escolar Coronel Valsumiro Dutra. Aos 13 anos foi estudar na Capital, regime interno, na Escola de Iniciação Agrícola do Morro Santana e, depois, vindo a cum-

prir programa de Mestria Agrícola, em 1952, na Escola Técnica de Agricultura de Viamão (ETA). No deslocamento Palmeira das Missões a Porto Alegre, ia ao começo do ano letivo e voltava nas férias, com passagens de trem doadas pelo Governo do Estado do RS.

Em 1953, de volta a Palmeira das Missões, Welci Nascimento iniciou carreira no magistério, indo trabalhar na Escola Rural de Lajeado Quebrado, no interior do município. Foi, com a mãe Joana Nascimento e o irmão Wilson Nascimento, morar nas dependências da escola, onde passou a lecionar para uma classe unidocente até o 4º ano. Nessa época, conheceu Clair Lisboa, com quem se casaria, em 1955, e compartilha reminiscências postas no livro citado. Um dos passatempos, mantido pelo casal desde que se conheceram, foi jogar canastra depois do jantar, que, invariavelmente, Clair é a ganhadora. Do matrimônio Clair e Welci, nasceram cinco filhos: Suzana, Roque Gonzales, João Manoel, Izabela e Magda, que lhes legaram os netos Luís Henrique, Luciano, Natália, Juliane, Joana, Rodrigo, Gabriel e Anabele e a bisneta Isabel. Família à qual se incorporaram os genros João, Robert e Evandro, todos gremistas, para a tristeza do sogro colorado.

Em Palmeira das Missões, Welci Nascimento trabalhou na Escola Estadual Técnica Celeste Gobbato, no Colégio Estadual Três Mártires e na Delegacia de Educação como supervisor do Ensino Rural. E, em 1972, foi transferido para Passo Fundo, onde atuou como supervisor do Ensino Rural na 7ª Delegacia de Educação. E, além de Secretário de Educação e Cultura na administração do prefeito Firmino Duro, também serviu como Delegado de Ensino Estadual. Aqui concluiria sua formação universitária, pela UPF, Pedagogia, 1975, e Ciências Jurídicas e Sociais, 1979. Na seara da política local, foi militante, organizador e secretário-geral da Executiva Municipal do MDB, sendo candidato a vice-prefeito, na eleição de 1982.

Welci Nascimento e Clair Lisboa, na visão dos filhos, se destacaram como pais amorosos e pela generosidade, cujos ensinamentos lhes foram legados, acima de tudo, pelos exemplos. Welci foi um avô do tipo parceiro e brincalhão, daqueles que tinha paciência para contar histórias aos netos e estava sempre disposto a ensiná-los a operar a sua velha máquina de datilografia, na qual todos os seus livros foram escritos. A filha Mag-

da relembra que, “depois do jantar era hora de dançar. Eu, ainda bem pequena, seguia agarrada na perna do pai para acompanhar o ritmo da música. Isso era muito divertido!” E, assim como fazia quando os filhos eram pequenos, os seus netos também aprenderam a escutar música no aparelho toca-discos e apreciar a sua coleção de discos de vinil. Welci sempre gostou de música e de bailes. Esse gosto ele passou para os filhos e netos. Como tradicionalista, costumava levar a família aos bailes do CTG Lalau



Miranda. Foi membro da patronagem do Lalau Miranda e organizou a biblioteca e o Museu Tradicionalista do CTG. Uma ocasião levou a sua neta Natália, ainda pequena, para discursar na “Boca Maldita”, no centro da cidade, dizendo ao prefeito o que deveria melhorar na cidade. Sempre incentivou a prática da oratória com os netos e netas. Ninguém podia dizer “e daí”, quando contava uma história para ele.

As lições e os valores compartilhados pelo casal Welci e Clair, ainda hoje, no ambiente familiar, são muitos. Destaque para a religiosidade, pela fé católica, o respeito às diferenças, a valorização do estudo e das conquistas e o zelo pela família. Uma ocasião, durante um almoço de domingo, a filha Izabela relembra da fala de Welci, “ele disse que, por mais que esteja ruim, não reclame, agradeça sempre”. Nos almoços de domingo, nas festas de aniversários, nas celebrações em família nunca podia faltar oração e graças, sempre em prol da união familiar. Nos verões, costumavam ir à praia. E como a família era grande, certa feita, ele comprou uma Kombi para poder levar todos para acampar em Areias Brancas.

Welci Nascimento foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Ingressou em 1988 e foi um escritor profícuo. Alcançou essa proeza, evidentemente, porque sempre teve Clair a apoiá-lo. Autor de 19 livros e incontáveis textos dispersos nos mais variados tipos de publicação. Relação dos livros de Welci Nascimento: Conheça Passo Fundo Tchê, 1992; Terra Gente e Tradição, 1992; Casamento - compromisso a longo prazo, 1993; Maragatos e Pica-Paus, por que brigaram tanto?, 1993; A História da Comunidade Paroquial São Judas Tadeu da Vila Luiza, 1994; Vultos da História de Passo Fundo v.1, 1995; Perfil da Academia Passo-Fundense de Letras, 1995; Viaje no Tempo, 1998; A Pregação dos Tradicionalistas, 1999; De Capela a Catedral, 2000; Academia de Bocha - Amigos do Marcondes, 2003; Sonho Vicentino, 2006; As ruas de Passo Fundo do século XIX, 2006; Vultos da História de Passo Fundo v.2; 2010; Dona Heloisa – Memórias, 2012; Rio Grande de São Pedro, 2014; Um Sonho, 2014; Construindo a Vida, 2015; Aconteceu em Passo Fundo, 2017; Caminhando, 2019; e Passo Fundo uma história já contada, 2023.

Para melhor retratar a figura humana de Welci Nascimento, encerramos esse tributo ao ILUSTRE PROFESSOR, com o poema PAI, escrito pelo filho João Manoel Nascimento: “Não rima com euforia / Tampouco com melancolia / Mas. Se tem uma palavra que com ele combina, / Sem dúvida é alegria. / É o exemplo que fala mais alto que a voz, / A conduta que cala o argumento / Sem ferir o sentimento, / Pois é brando o mestre e não algoz, / Palavras firmes sem hesitar, / Mostra o caminho, / Deixa andar sozinho, / Mas sempre perto do seu olhar. / Porque o afeto é seu condutor, / O trabalho honesto é seu caminhar / E sua vida, sua força e sua fé / São firmes pilares sustentados pelo amor”.

Welci e Clair, no livro Reminiscências, nos brindaram com histórias que, para muitos leitores, podem surpreender pela singeleza. Mas que, uma vez lidas com um pouco de atenção, nos mostram um retrato bem-vivo do quanto uma geração, não tão distante assim da nossa, teve de lutar para ter acesso à educação.

Nossos respeitos a Welci Nascimento e Clair Lisboa. *Requiescat in pace* Professor Welci Nascimento!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Esmoleiros do amor

Eu descobri que amar era tão bom
Pois entre nós o amor é lindo e gostoso
Eu lembro bem do teu ingênuo carinho
Do mesmo jeito, contigo fui carinhoso...

Aquele medo que passamos tantas vezes
Nos fins de festas e até no voltar da escola
Pois de amor um pelo outro somos ricos
E acostumamos a dele pedir esmola...

Mas nosso amor, por não agradar a outros
Desenvolveu-se por meio dificultoso
Hoje o passado de vez em quando é presente
Prova para gente que o amor segue teimoso...

Mas cada vez que me encontro contigo
Somos dois jovens cheios de amor fogo
Mas continuamos tendo medo dos perigos
Buscando abrigo e se mantendo cauteloso...

Somos o fruto do que foi tão proibido
Para um jovem moço e para uma moça menina
Que embora o tempo em muito já tenha ido
Fazem no amor o que a qualquer jovem fascina...

O amor é tudo, mas com quem a gente sonha
E se renova em cada cena repetida
Por ser real, não precisa que se mostre
E sobrevive a qualquer norma proibida...

A maior prova que tenho de que te amo
Sonhar contigo em noite nada dormida
E quando durmo, da minha sorte reclamo
Que há muito tempo não me dá sinal de vida...





Não invente de pensar

Quase tudo que existe
 Não passa de invenção
 Fazer bem eu também tento
 Difícil é a perfeição
 Se um dia surgiu carroça
 Logo após vem o caminhão
 Quem bolou o paraquedas
 Pegou carona no avião
 Se alguém criou a polícia
 Para se dar satisfação
 Com certeza, muito antes
 Outro lançou o ladrão...

Deus também já entrou nessa
 Com a melhor intenção
 Fez a Eva deslumbrante
 Da costela do Adão
 E até hoje se discute
 Sem nenhuma conclusão
 Se a maquete não saiu
 Bem melhor que a construção
 Eu também acho que sou
 Produto de uma invenção
 Creio que foi o meu pai
 E mamãe não disse não
 Isso somente acontece
 Se alguém toma a decisão
 Esse é o invento da vida
 Muitos são os da extinção...

E por isso que até hoje
 Eu vivo a interrogação
 Se o certo é quem tudo aceita
 Ou quem levanta a questão
 Aprendi a dizer sim
 Mas também a dizer não
 Se Deus me deu uma mente
 É para minha proteção
 Direcionar os meus passos
 Passa ser obrigação
 Mas a grande maioria
 Já tem sequela e lesão
 Comandados por inventos
 Que lhes tiram a razão
 Quem inventa de pensar
 Sofre logo a repressão...

E também por nada ter dito

Por certas coisas que fiz
 Por vezes, paro e reflito
 E nesse jogo da vida
 Eu entro quase em conflito...

Do tanto que me arrependo
 Eu quero deixar escrito
 Das vezes que falei muito
 Bem mais por nada ter dito...

O surrado nunca esquece

Eu vendi por preço zero
 Toda minha juventude
 E pago pela esperança
 Um preço alto e tão rude
 Que é continuar esperando
 Que esse custo um dia mude
 Não basta trocar pessoas
 Que tem a mesma atitude
 Só falam em coisa ampla
 Sem comprovar amplitude
 Sempre prometem um mar
 Graças se vier um açude
 É comum ver a incoerência
 Fantasiada de virtude.

Eu sou quem já deu ao tempo
 O tempo que ele merece
 Assim se vai mais um dia
 E a nova noite aparece
 Nessa reprise constante
 Quase tudo permanece
 E a podridão desceu tanto
 Que mais que isso não desce
 E a flor que já floresceu
 Nunca mais ela floresce
 Quem surra usando o poder
 Acha que isso enobrece
 É bom saber que o surrado
 Enquanto viver não esquece.

O caranhoto na calçada

GILBERTO R. CUNHA

São raras as ocasiões que eu, nos dias de semana e nos horários comerciais, ando pelas ruas do centro de Passo Fundo. Todavia, quando isso acontece, na Rua Moron, defronte à Praça Marechal Floriano, é comum eu me deparar com Adelmir Sciescere. Nos cumprimentamos e, por alguns instantes, trocamos breves palavras sobre literatura, livros e a cena cultural passo-fundense. Numa quarta-feira, 17 de julho de 2024, não foi diferente. No início da tarde, lá estava ele, na calçada, sentado na sua cadeira de rodas. Um breve cumprimento, as falas de sempre, porém, desta feita, para minha surpresa, ele, de forma simpática, acrescentou que

tinha especial apreço pela minha pessoa. E que tal simpatia se devia ao fato que, em 2011, quando do lançamento do seu livro de estreia, “Caranhoto, A Saga: 1965 - 1983”, eu havia escrito uma nota na minha coluna em O NACIONAL, que ele, por mero acaso, havia se deparado, ao abrir o jornal, enquanto tomava um café no Bella Città Shopping Center, e ficado muito feliz.

A nota, que o Adelmir se referiu, foi publicada na edição de O NACIONAL de 5 de novembro de 2011. Era sintética, em meio a outras sobre a 25ª Feira do Livro de Passo Fundo, limitando-se a um parágrafo: “Caranhoto, A Saga: 1965-1983, de Adelmir Freitas Sciescere, autor passo-fundense, tem sessão de autógrafos marcada para hoje (5), às 18h, na 25ª Feira do Livro de Passo

Fundo. A obra, publicada pela WS editor, trata do grande conflito humano que é viver, sob a perspectiva de alguém que foi vítima da poliomielite logo após o nascimento e, sem se fazer coitadinho e nem super-herói, reconstrói a sua saga para sobreviver, aprendendo a defender-se dos limites da doença, para fugir dos rótulos preconceituosos e sempre cruéis. Como consta no convite de lançamento: Um caramujo que mal se arrastava, sempre quis ser gafanhoto e voar...”

Adelmir Sciescere, naquela quarta-feira, mais falante do que de costume, disse que os seus escritos são pessoais e perguntou se eu havia lido a crônica “Baía dos Pinheirinhos”, publicada no livro “Cinco cavalos tentam subir aos céus”, organizado, em 2019, pelos escritores Jorge Alberto Salton e Pablo





Como consta no convite de lançamento: Um caramujo que mal se arrastava, sempre quis ser gafanhoto e voar...”.

Morenno. Respondi que não lembrava, mas que eu tinha esse livro, inclusive autografado pela maioria dos 35 autores, e que leria à noite.

Adelmir estava certo. Caranhoto e Baía dos Pinheirinhos são deveras pessoais. Todavia, são também universais por tratarem de sentimentos que, mesmo com vivências diferentes, podem ser comuns a muitas pessoas. Não há como, ao se ler Caranhoto, deixar de sentir empatia pelo autor e sua saga. Apesar de contada, literariamente, até com a leveza de toques de humor, ao mesmo tempo, expõe, claramente, a dura realidade vivida por quem é acometido por paralisia infantil. Caranhoto descreve desde o parto difícil, em março de 1965,

a poliomielite que o contagiou, em agosto de 1967, o diagnóstico de gripe, feito pelo Dr. Quase Morte, o diagnóstico de paralisia infantil, do Dr. Ressuscito, a aflição da família em relação à possibilidade de contágio da irmã, as cirurgias do Dr. Esperança, no Hospital Independência, em Porto Alegre, as consultas com o Dr. Peixinho, em São Paulo, até aprender a viver com as limitações impostas pela doença, a vida na escola em Passo Fundo, a universidade, Unisinos, 1983, Tecnólogo em Processamento de Dados, depois faria Administração de Empresas, na UPF, e Tecnólogo em Gestão Financeira, na Faplan, passando a trabalhar na empresa da família, a tradicional Joalheria e Óptica Sciessere.

A crônica “Baía dos Pinheirinhos”, que Adelmir me estimulou a ler, é o relato de um sentimento que, independentemente da motivação, pode afligir muita gente: dar cabo a própria vida. Adelmir Sciessere descreve, em primeira pessoa, um momento difícil, advindo de uma crise no relacionamento amoroso, vivido, em um final de semana, na chácara da família, junto ao lago da Barragem de Ernestina. As contradições do autor, sob o embalo de “sex, drugs and rock`n`roll”, são expostas cruamente, em meio à profusão de detalhes da bucólica paisagem local e de reminiscências pessoais.

Felizmente, na Baía dos Pinheirinhos, naquele final de semana, em vez da exortação do grito de guerra, “hoje é um dia bom pra se morrer”, prevaleceu a poética dos versos de Apparicio Silva Rillo, “Hoje é um dia bom pra se morrer,/ Mas não é o dia ideal...”. E assim se deu!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Poesia

LICIANE TOAZZA DUDA BONATTO, *In memoriam*

Um pingo, dois pingos, três..

Chove chuva macia,
Pingos de alegria,
A natureza florida fica

A chuva aumenta,
Já não é macia,
É bem-vinda numa terra sedenta

A chuva não para!
Guerra de pingos!
Pingos, pingos, muitos pingos!

A chuva não cessa!
Chora,
Inundando,
Devastando,
Destruindo

Enchente!

Rio Grande do Sul em alerta!

Rio Grande molhado,
Destruído
Castigado
Sem esperança

Rio Grande unido,
Solidário
Lutador
Corajoso

Graças ao povo,
Acolhedor
Aguerrido
E bravo!

Força,
Fé,
Coragem,
Em frente!
Rio Grande



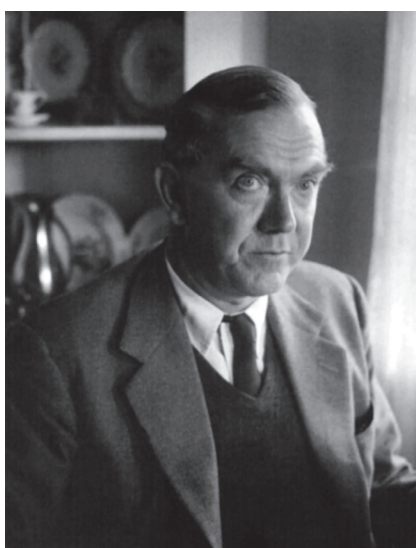
(Liciane Toazza Duda Bonatto, *in memoriam*, é artista plástica. Fez parte da Confraria das Artes, de Passo Fundo, RS.)

Entre o bem e o mal: Graham Greene e John le Carré no mundo da espionagem e do suspense

MARCO ANTÔNIO BOMFOCO

Tenho grande apreço por romances que exploram o suspense e a complexidade dos conflitos. Neste ensaio, apresentarei os dois autores que mais me impressionaram nesse gênero: Graham Greene e John le Carré. Ambos são conhecidos por suas análises psicológicas e críticas sociais, combinando espionagem e política com drama e suspense. Suas obras oferecem uma visão mais ampla e complexa do gênero, porquanto ocupam uma interseção única entre o suspense e a crítica social.

Graham Greene (1904-1991), escritor que se converteu ao catolicismo, é um artista profundamente preocupado com problemas morais. Sua ficção explora temas como o bem e o mal, o pecado e a redenção, além das complexas nuances da natureza humana. Greene se destaca por sua abordagem única da batalha espiritual do ser humano, um tema que o fascina e o distingue de muitos outros autores que adotam uma visão mais singela da moralidade. Em obras como *O Poder e a Glória* (1940) e *O Cerne da Questão* (1948), ele aborda dramas morais em que as fronteiras entre o bem e o mal parecem nebulosas. Em *O Poder e a Glória*, o protagonista é um padre alcoólatra que luta para preservar sua fé em um México onde a religião é sistematicamente perseguida. Greene sugere que, mesmo as pessoas mais imperfeitas podem encontrar a redenção, destacando a natureza misteriosa da graça divina. *O Cerne da Questão* é a história de Henry Scobie, um funcionário da polícia numa colônia inglesa da África Ocidental, que se apaixona por



uma mulher chamada Helen. Seu caso extraconjugal, junto com a culpa subsequente, leva-o a uma profunda crise moral e emocional. Além disso, uma carta confidencial é roubada e Scobie se vê vítima de chantagem. À medida que enfrenta crescentes desafios pessoais e profissionais, seu senso de dever entra em conflito com seus desejos pessoais, conduzindo-o a um fim trágico.

Depois, veio a comovente novela *Fim de Caso* (1951), na qual se respira uma atmosfera melancólica e reflexiva. É, a meu ver, entre as obras do nosso autor, aquela que mais toca a nossa sensibilidade. Nela, acompanhamos a relação tumultuada entre o escritor Maurice Bendrix e Sarah Miles, esposa de um funcionário público, contada na informalidade íntima da primeira pessoa. Ambientado num subúrbio de Londres durante e após a Segunda Guerra Mundial, a novela explora temas de amor, ciúme, ódio, traição, obsessão, culpa, fé e perdão, enquanto Maurice reflete sobre



“

Greene se destaca por sua abordagem única da batalha espiritual do ser humano, um tema que o fascina e o distingue de muitos outros autores que adotam uma visão mais singela da moralidade.

os motivos do fim abrupto de seu caso com Sarah. O drama da salvação / condenação é recorrente na obra de Greene.

Graham Greene foi um viajante incansável e um escritor prolífico, cujas obras frequentemente abordam críticas políticas e sociais. Em *O Americano Tranquilo* (1955) e *Os Farsantes* (1966), ele examina a corrupção política, o imperialismo americano e as injustiças sociais. Esses romances analisam as tensões e as dinâmicas de poder da Guerra Fria (1945-1991), consolidando Greene como um cronista crucial dessa era tumultuada. Em *O Americano Tranquilo*, por exemplo, Greene critica a intervenção americana no Vietnã, oferecendo uma perspectiva crítica sobre o papel dos Estados Unidos no cenário mundial. Já em *Os Farsantes*, ele critica a corrupção política e o autoritarismo no Haiti sob o regime de François Duvalier, o famigerado Papa Doc. O romance expõe a opressão e a violência do regime, bem como a moralidade comprometida das personagens que navegam por um ambiente de medo e traição. Greene apresenta uma visão crítica da falta de integridade política e das consequên-

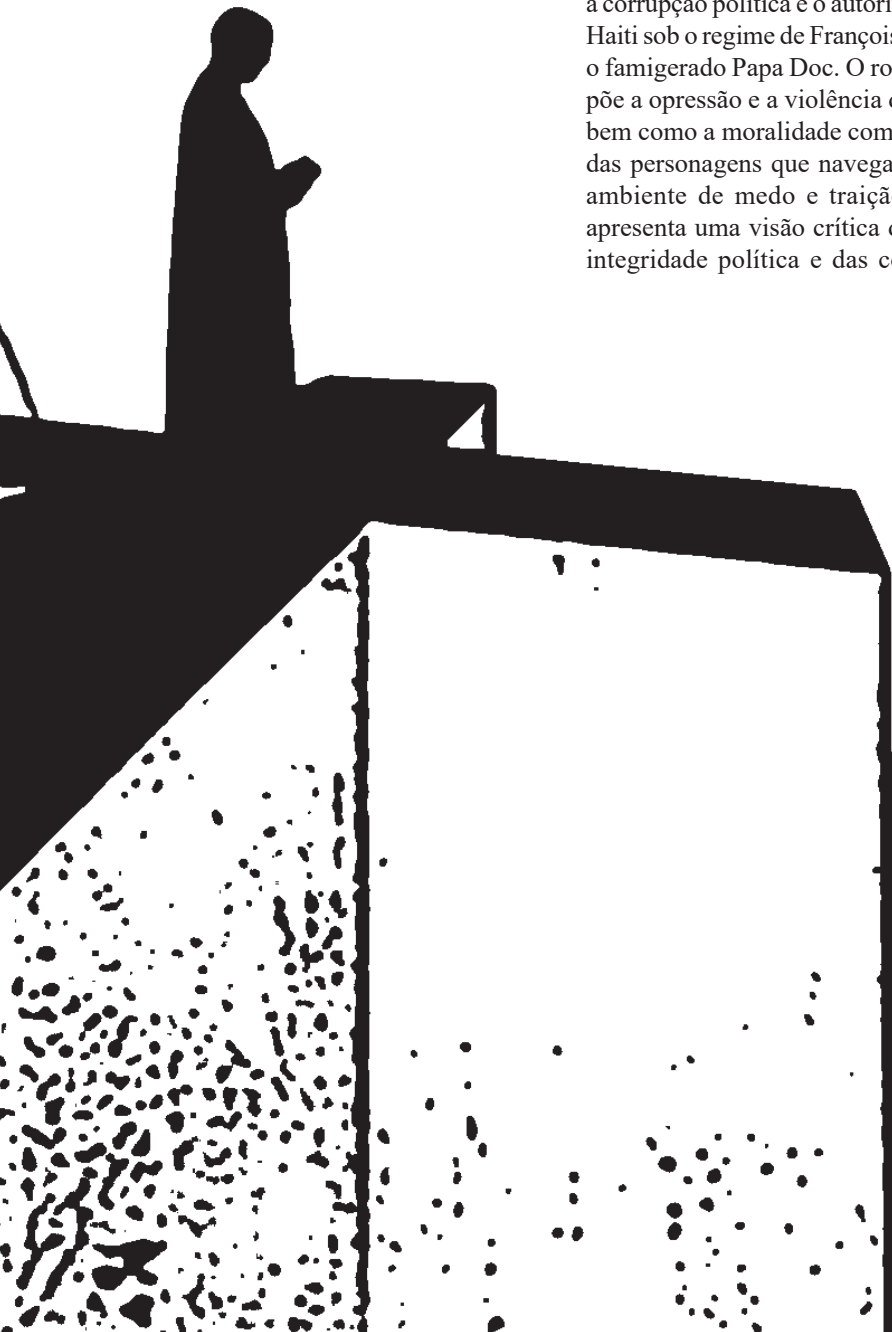
cias da ditadura para a sociedade e o indivíduo.

Outro romance importante é *O Fator Humano* (1978), onde Greene explora lealdade, traição e moralidade no contexto da espionagem durante a Guerra Fria. Esta densa narrativa segue Maurice Castle, um burocrata do serviço secreto britânico casado com uma negra sul-africana, que se envolve numa complexa teia de traições e assassinato político enquanto tenta proteger sua família e sua integridade. Castle, ao contrabandear informações para os comunistas, a quem deve gratidão por terem ajudado sua esposa a escapar do apartheid, reflete a paranoia e as tensões da Guerra Fria. Seu ato evidencia o impacto das políticas de espionagem na vida pessoal dos indivíduos, demonstrando como, nesse caso, as lealdades pessoais e as questões morais se entrelaçam com a política internacional.

Nosso Homem em Havana (1958) oferece uma abordagem satírica da espionagem e da política internacional. Ambientado em Cuba, o romance segue um expatriado britânico que, ao tentar ganhar dinheiro fácil, inventa informações fictícias para vender aos serviços de inteligência. Greene satiriza a intervenção e o papel das potências estrangeiras nas questões internas de outros países. O autor não esconde sua desilusão com as promessas de ideais políticos que muitas vezes colidem com a realidade prática.

Um exemplo notável da capacidade de Greene de capturar o clima político e moral da época é seu roteiro para o filme *O Terceiro Homem* (1949). Ambientado na Viena do pós-guerra, o filme é um thriller noir que explora o caos e a corrupção numa cidade dividida entre as potências aliadas. A Viena do pós-guerra, com suas divisões políticas e sociais, serve como pano de fundo simbólico para a trama, ilustrando a incerteza e a desilusão da era pós-Segunda Guerra Mundial. O protagonista, Holly Martins, investiga a morte de um amigo e se depara com uma rede de traição e corrupção, o que ecoa as preocupações de Greene com a moralidade em tempos de crise.

John le Carré (1931-2020) é um escritor cuja obra se destaca pela abordagem sofisticada do gênero de espionagem, especialmente durante a Guerra Fria. Seus romances exploram o lado mais brutal da espionagem e a complexidade das relações internacionais, tratando de temas como corrupção e desumanização



“

Seus romances exploram o lado mais brutal da espionagem e a complexidade das relações internacionais, tratando de temas como corrupção e desumanização provocadas pelas políticas de poder.

provocadas pelas políticas de poder. Suas histórias se distanciam do glamour dos espões tradicionais. Em *O Espião que Saiu do Frio* (1963), le Carré retrata o mundo da espionagem com uma crítica mordaz às motivações e métodos dos espões. O protagonista, Alec Leamas, é um agente britânico envolvido numa trama de traição e manipulação, refletindo a ambiguidade moral e o cinismo que permeiam a espionagem. No prefácio à edição de 1989, le Carré define o Muro de Berlim como um “perfeito símbolo da monstruosidade de uma ideologia enlouquecida”.

Le Carré também aborda a Guerra Fria em *O Espião que Sabia Demais* (1974), onde explora a intriga e a traição dentro dos serviços de inteligência britânicos. O romance apresenta George Smiley, um espião veterano que investiga uma infiltração soviética em sua organização. A complexidade da trama e a profundidade psicológica com que descreve as personagens evidenciam a habilidade do autor para revelar as sutilezas do jogo de espionagem e os dilemas morais que seus personagens enfrentam.

Finalmente, em *A Casa da Rússia* (1989), le Carré desenvolve uma história de espionagem da Guerra Fria centrada no editor britânico “Barley” Blair, que está em visita a Moscou. Após receber um manuscrito com segredos soviéticos de “Goethe”, um físico nuclear russo cujo nome real é Yakov, Blair é recrutado por duas agências de inteligência. Sua missão é verificar a autenticidade das informações e as intenções de “Goethe”. Em meio à espionagem e dilemas morais, Blair se envolve romanticamente com Katya, a jovem intermediária de “Goethe”.

A obra de le Carré destaca-se por sua crítica ao imperialismo e





ao cinismo da política internacional. Ele questiona as motivações e as consequências das ações dos serviços secretos. É notável como, ao longo de sua carreira, le Carré adapta seus enredos para refletir as mudanças no cenário global. Em seu romance anterior, por exemplo, ele situa a trama durante a glasnost – a política de reestruturação na União Soviética implementada por M. Gorbatchev no final dos anos 1980. Dessa forma, le Carré consegue manter a relevância contemporânea de suas obras enquanto explora a condição humana. São romances quase históricos, que ilustram um passado recente e sua contínua influência no presente.

Comparando Greene e le Carré, vemos que ambos usam a espionagem para explorar temas mais amplos de moralidade e poder, mas com enfoques distintos. Greene é conhecido por sua crítica incisiva aos sistemas políticos e sociais, frequentemente explorando suas falhas e injustiças. Em contraste, le Carré se concentra na moralidade e nas complexidades pessoais dos indivíduos envolvidos na espionagem. Ele examina suas motivações, dilemas éticos e o impacto emocional de suas ações. Em relação ao estilo literário, Greene é conhecido por seu estilo conciso e prosa clara, que alia profundidade psicológica e moral, utilizando linguagem emocional para refletir a complexidade dos cenários e personagens. Por outro lado,

le Carré é reconhecido por seu estilo detalhado e sofisticado, com diálogos incisivos e descrições minuciosas. Sua escrita é marcada pela complexidade gramatical e estrutura narrativa intrincada, explorando a ambiguidade moral e as tensões psicológicas dos protagonistas.

É importante lembrar dois escritores ingleses da geração anterior a Greene e le Carré que abordam temas semelhantes: Joseph Conrad (1857-1924) e W. Somerset Maugham (1874-1965). Conrad, em *O Agente Secreto* (1907), explora o ambiente sombrio de espionagem e terrorismo na Londres do final do século XIX. O protagonista, o anarquista Verloc, é um agente duplo cuja vida e moralidade são constantemente desafiadas por sua posição ambígua. Conrad oferece uma visão crítica da política e da moralidade, abordando temas como alienação e desilusão.

Maugham, em *O Agente Britânico* (1927), narra as aventuras do espião inglês Ashenden na Suíça e na Rússia durante a Primeira Guerra Mundial. Ele chega à Rússia no início da Revolução de Outubro e busca contato com conspiradores antibolcheviques, mas acaba se envolvendo numa trama de traição e engano. O romance explora temas de lealdade, moralidade e identidade em meio à agitação política. Maugham utiliza a espionagem como lente para examinar a complexidade das relações humanas e o impacto da política na vida

pessoal, criando uma narrativa intrigante e uma análise perspicaz das motivações das personagens, sejam espiões, homens de negócios, prostitutas, agitadores ou diplomatas.

Para concluir este breve ensaio, é fundamental reconhecer que Graham Greene investiga a moralidade sob o peso da opressão política e religiosa, enquanto John le Carré se concentra na complexidade da espionagem e das relações internacionais. Em contraste, Joseph Conrad e W. Somerset Maugham oferecem reflexões sobre a moralidade em contextos de espionagem e crise pessoal, apresentando perspectivas únicas sobre os dilemas éticos enfrentados por suas personagens. Esses autores proporcionam uma rica análise das dimensões morais da vida, seja em tempos de crise política, cenários de espionagem ou conflitos psicológicos. Suas histórias nos convidam a refletir sobre a condição humana e os desafios morais que enfrentamos, oferecendo variadas perspectivas sobre moralidade e espiritualidade.

(Marco Antônio Bomfoco é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Pretexto para falar de cavalos

“

Bom ladrão é aquele que rouba por necessidade. Mau ladrão é o “peixe grande”. Ou seja, aquele que rouba para sustentar seus luxos.

(Padre Antônio Vieira)

ELÁDIO V. WESCHENFELDER

Penso que a maioria das pessoas tem fascinação por cães. Outras por gatos, pássaros, cavalos, peixes. Prefiro cavalos, pois são paradigmas de força, beleza, virilidade e elegância. Já foram fundamentais aos transportes, às guerras e às conquistas amorosas. Hoje nem tanto, mesmo assim continuam sendo ótimos animais de estimação.

Para transportar sementes aos moinhos de trigo, centeio e arroz, meu pai, por exemplo, adquiriu um cavalo manso à criançada. Foi rápido o suficiente para ganhar algumas corridas entre a meninada da Vila das Borboletas. Caramelado era nome dele. Quando vencia uma corrida, era a glória. Porém, quando ia para os moinhos, envergonhava o pequeno Oidale, simplesmente porque empacava nos piores momentos. Explico: o defeito, ou virtude, foi herdado a mania do antigo dono que, conhecendo todo povoado, parava o bicho para uma prosa de sete minutos. Não tinha jeito, pois o homem e seu cavalo paravam e pronto. Quando uma jovem bonita vinha por seu caminho, por exemplo, caramelado desacelerava o trote até parar ao lado da beleza. Sem ainda saber como falar com as moças bonitas, Oidale ouvia dela um desaforo:

– Que piá bobo! Vai te criar!

Depois de alguns minutos, já satisfeito reiniciava a pequena viagem. Podem não acreditar, parava até quando passava por um cachorro, boi, ou outro cavalo perdido por um bêbado. Quando o menino Oidale ia aos moinhos, os motivos do atraso sempre eram atribuídos ao pobre Caramelado. O guri e seu crioulo também faziam algumas paradinhas para alguns mergulhos nos rios Abaúna e Laranjeira, pequenos afluentes até então despoluídos do rio Uruguai há 60 anos. Hoje fedem! Mais uma paradinha para apreciar um sorvete na vila. Não importava se fazia calor ou frio, porque sorvete sempre é gostoso! Ah, como os sorvetes e o Caramelado sintonizavam como o menino Oidale! O bicho só não falava porque era cavalo, mas que gostava de ouvir prosas de gente era um fato.

Outro cavalo que conheci na forma de livro foi o famoso Cavalo de Troia. Dentro dele cabia um pequeno batalhão de soldados, inclusive, o Ulisses, o Odisseu, que lembra





o título do livro ODISSEIA escrito pelo grego Homero. Na verdade, era um imenso cavalo de madeira edificado para ser dado de presente aos inimigos troianos. Por isso a expressão “Presente Grego”. A guerra já durara 10 anos, sendo que os gregos/espartanos não conseguiam ultrapassar as muralhas de Troia. Pensando estrategicamente, eles simularam um acordo de paz, ofertando o “Cavalo de Troia” como símbolo de um “armistício” entre os dois reinos. Na verdade, a guerra envolvia uma linda mulher, Helena, sequestrada por Páris, príncipe de Troia.

A joia foi edificada sobre 04 rodas. Acreditem que ela não foi revistada pela Aduana!? Assim, o grande bagulho foi adentrado com facilidade na cidade inimiga. À noite, enquanto os troianos dormiam, o recheado e oculto batalhão de soldados dentro dele, armado até os dentes, toma de assalto a cidade de Troia, que foi impiedosamente destruída. Ao final o Rei Menelau resgata Helena, que era a mulher mais linda do mundo.

Outra história de cavalo ainda não terminada é a do Cavalo de Gurulhos. Vindo da Arábia Saudita em uma caixa de presentes destinado a uma Primeiraira-

-Dama do Brasil de Antão, o bagulho estava nas mãos de um Ministro amigo do Presidente, o qual deveria levá-lo a Brasília, pois constitui patrimônio nacional. Ele, ao contrário do Cavalo de Troia, foi revistado ao ingressar no Aeroporto Internacional de Guarulhos e retido na Aduana. Nem Almirante e outros paus-mandados de Brasília conseguiram retirar o presente vindo das arábias. Devidamente desencanaixotado, lá estava um cavalinho de ouro com três pernas decepadas. Dentro dele não havia soldados. Mas joias de diamante do mais alto quilate com valor estimado de R\$ 16,5 milhões na moeda atual. Se foi presente do governo saudita ao governo brasileiro deveria ser registrado na Aduana como tal. Porém, ninguém da comitiva governamental seguiu o protocolo oficial. Algumas perguntas ainda não foram serão elucidadas: Por que motivo o registro não foi feito? Por que joias de valor de tão alto valor? Quais as razões de Estado à doação de joias de forma tão obscura. Shakespeare já escrevera: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia”.

– Mertha! Diria meu vô paterno.

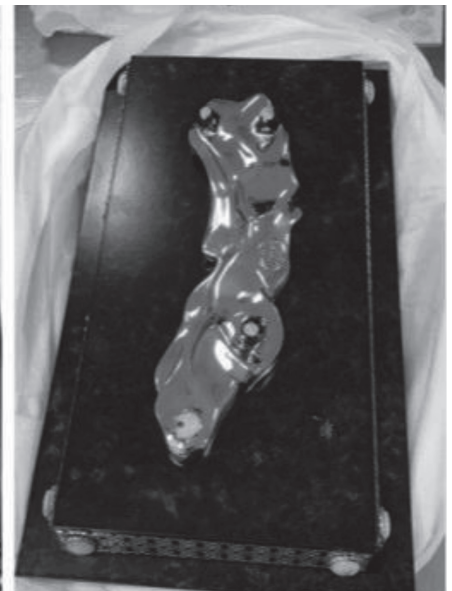
Bom foi meu Caramelado que parava no meio do caminho para ouvir

as conversas entre o povo da Vila das Borboletas! O que mais me admirava era a atitude dele em parar por mais tempo quando as passantes eram mulheres. Nada falava, mas olhava, sacodia as orelhas e se agitava com o perfume daquelas lindas mulheres. Aliás, as mulheres são lindas em todos os lugares e situações. Naquela época de menino, eu já sentia as indomáveis energias do Teseu! Um tempo depois, também foi entender que “sem tesão não há solução”. E Isso vale para todas as coisas.

Sobre o Cavalo de Troia uma aprendizagem: ficar com as pulgas atrás das orelhas quando alguém ofertar presentes valiosos, ou gentilezas mágicas. Fica com um pé atrás! As conspirações estão mais vivas do que nunca, leitor(a)!

Enfim, com exceção do Caramelado, o Cavalo de Troia e o Cavalo de Guarulhos foram instrumentos para saquear nações enquanto o povo dormia o sono dos justos. Restam elogios à imprensa e à literatura pela busca da verdade, mesmo com seu jeito “gauche” de serem tão múltiplas na revelação da verdade.

(Eládio Vilmar Weschenfelder é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Lobos

[I]

Hoje trago comigo um profundo sentimento de solidão.
 Abandonaram-me à beira da estrada
 porque eu era incapaz, insensível ou, simplesmente,
 porque eu andava manco de uma perna.
 Éramos lobos e eu atrasava a matilha.
 Lembro-me como se fosse hoje:
 permaneci parado, vendo todos partirem,
 enquanto o Sol, no horizonte, se punha,
 e a noite, com seu peso, se aproximava.
 No início, gritei, achando que talvez tivessem me esquecido...
 Percebi, no entanto, que apenas me ignoravam.
 Então fiquei só.
 E a escuridão tinha um gosto estranho, como pimenta podre, e minha língua e garganta
 ardiam.
 Tentei avançar mais rápido, arrastando a perna ferida, acelerando o passo o mais que podia.
 Logo, porém, percebi: ainda que me esforçasse, jamais conseguiria alcançá-los...
 Então fiquei só.
 Porque era feio. Porque tinha os dentes tortos. Porque meus pulsos eram finos e minha perna
 era manca. Porque nunca falava o que os outros esperavam que eu dissesse. E a escuridão me
 apertou o peito como as correntes de um navio negreiro e desde sempre foi noite.

[II]

Mas foi uma noite diferente.
 Meus olhos, quando parei de chorar, se acostumaram à escuridão.
 Minha alma bebeu da solidão e dela se nutriu.
 Passei, assim, a ver formas diferentes, que jamais havia enxergado ao andar de dia, com
 os
 lobos.
 Conforme percorri a estrada, encontrei seres de outros mundos, de face luminosa.
 Hoje já não apresso o passo:
 caminho do meu jeito, só
 e iluminado pela poesia.



PS.: Ilustração do poema "Lobos" é de Leroy Hairon. Confira o Instagram do artista: @leroycomy

(Aleixo da Rosa é professor, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Com *Rita Leenda* nos anéis de Saturno

Só louco te amou como eu te amei.
Minha ovelha negra da nossa família.

Não existe céu feliz para contemplar.
Não existe o limbo para purgar.
Não existe o inferno para se danar.
Agora só resta você, vamos andando
Eu e você, sem pensar em voltar,
No nosso ar não existe vida vulgar.

Lança-me o teu perfume
Vamos voar e ser indígenas.
Nós somos do tempo da onça,
Quando os bichos falavam
Pitávamos tabaco tribal.
No meu esconderijo, baila comigo,
Você vem ou eu vou contigo?

Rita, você me dá água na boca,
Só de imaginar as nossas loucuras.
Quero ficar e rolar sempre com você.
Aquele auê nos anéis de saturno!

Ela é a minha menina
E eu sou o menino dela.
Sim, você é muito louca
E ainda pode me curar.
Não ser um normal,
Contigo eu posso voar.

Rita Linda, Rita Lenda!

Tem pessoas que não se esquece,
De você não esqueço jamais...
As histórias, os caminhos,
O destino que você mudou.
Só louco te amou como eu te amei
Minha ovelha negra da nossa família.
Quero rodar com você nos anéis de saturno.

Sem abelhas, Não há colheita



MARCO ANTÔNIO BOMFOCO

As abelhas melíferas são mundialmente conhecidas pela sua produção de mel, cera e própolis, substâncias que há milênios beneficiam a saúde humana e adoçam a vida. No entanto, a verdadeira importância das abelhas vai muito além de sua habilidade em produzir mel. Essas criaturas admiráveis desempenham um papel crucial na polinização das plantas, um processo vital para a sobrevivência da humanidade e a sustentabilidade dos ecossistemas do planeta.

As abelhas pertencem à ordem Hymenoptera, que também inclui formigas e vespas. As primeiras abelhas com comportamento social já eram bastante avançadas em termos de organização, mas a forma moderna de sociedade das abelhas, como conhecemos hoje, evoluiu gradualmente ao longo de dezenas de milhões de anos, passando por três etapas principais: abelhas solitárias, formação de colônias e desenvolvimento de sociedades complexas. De fato, a sociedade altamente organizada das abelhas melíferas, composta por uma rainha, operárias e zangãos, é um dos exemplos mais impressionantes de cooperação na natureza. Cada membro da colmeia desempenha funções específicas que garantem a sobrevivência da colônia. As abelhas possuem uma linguagem especializada, um sistema de comunicação que envolve movimentos específicos, conhecido como “dança das abelhas”. Assim como os idiomas humanos, a chamada “dança das abelhas” têm dialetos e variações regionais, podendo apresentar diferenças conforme a espécie, o ambiente e a disponibilidade de recursos. Parece que os efeitos da confusão de Babel se estenderam a todos os seres vivos que têm algum tipo de comunicação. Mas, por mais fascinante que essa organização social seja, a contribuição das abelhas para a vida na Terra está diretamente ligada à sua capacidade de polinizar flores, permitindo que as plantas produzam frutos.

Estudos indicam que cerca de 75% das culturas

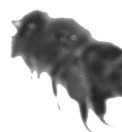
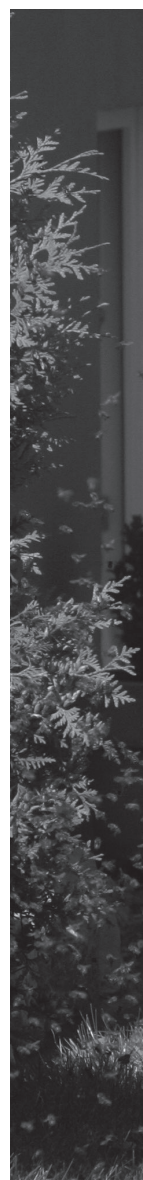
“

No Brasil, o uso intensivo de pesticidas, desmatamento e mudanças climáticas são apontados como os principais fatores dessa diminuição espantosa das abelhas.

agrícolas no mundo dependem da polinização por insetos, sendo as abelhas as principais responsáveis por essa tarefa. No Brasil, estima-se que mais de 70% da produção agrícola depende diretamente das abelhas para a polinização. Culturas como maçãs, amêndoas, café, e muitas outras, seriam drasticamente afetadas sem a presença dessas polinizadoras naturais. Apenas uma pequena parte da polinização é realizada por outros insetos ou por aves como os beija-flores.

Historicamente, as abelhas têm sido companheiras da humanidade desde tempos remotos. Na Grécia e Roma antigas, elas eram vistas não apenas como produtoras de mel, mas também como símbolos de diligência, ordem e prosperidade. O mel, muitas vezes referido como “o néctar dos deuses”, era usado em rituais religiosos, e a cera de abelha era utilizada para a fabricação de velas e outros itens. Os gregos reverenciavam uma ninfa chamada Melissa, a quem atribuíam a descoberta e o ensino do uso do mel. A partir de seu nome, eles derivaram o termo ‘abelhas’ (Μελισσαι). Além disso, entre os romanos, o poeta Virgílio abordou a apicultura em sua obra *Geórgicas*, destacando a importância dessas criaturas para a agricultura e a vida cotidiana.

Nos últimos anos, porém, a população mundial de abelhas tem sofrido um declínio alarmante. Desde o início do século XXI, as populações de abelhas começaram a diminuir drasticamente, fe-





nômeno conhecido como Desordem do Colapso das Colônias (CCD, na sigla em inglês). Em algumas regiões da Europa e da América do Norte, cerca de 30% das colônias de abelhas desapareceram entre 2006 e 2015. No Brasil, o uso intensivo de pesticidas, desmatamento e mudanças climáticas são apontados como os principais fatores dessa diminuição espantosa das abelhas. Se essa tendência continuar, a produção global de alimentos estará seriamente comprometida.

Para reverter esse cenário, é urgente que sejam adotadas medidas de preservação e proteção das abelhas. Isso inclui a criação de reservas naturais, práticas de apicultura sustentável e, principalmente, a redução no uso de pesticidas tóxicos que dizimam essas polinizadoras essenciais. Se quisermos garantir boas colheitas no futuro, devemos começar a agir agora para proteger as abelhas, guardiãs da nossa segurança alimentar.

(Marco Antônio Bomfoco é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A biblioteca de Machado de Assis

GILBERTO R. CUNHA

Quer seja o acervo de um escritor da estatura intelectual de Joaquim Maria Machado de Assis ou as obras reunidas por um humilde aficionado por livros como Valdelírio Nunes de Souza (o papelheiro Chicão), invariavelmente, quando morre o dono, o destino das bibliotecas pessoais não costuma ser dos melhores. As obras, colecionadas com esmero e dedicação ao longo de uma vida, não raro, acabam dispersas, seja por doações de exemplares a alguém interessado, vendas da coleção integral para livrarias especializadas em comercialização de livros usados (os sebos) ou, quando não, colocadas à disposição de empresas recicladoras de papel (apenas um eufemismo para jogadas no lixo).

A história da biblioteca pessoal de Machado de Assis, considerado, por muitos, o mais genial dos escritores brasileiros, é emblemática. Quando da sua morte, em 29 de setembro de 1908, o bruxo do Cosme Velho havia deixado, por testamento, firmado em 31 de maio de 1906, todos os seus bens, entre os quais a sua biblioteca, à “menina Laura”, filha da sobrinha da sua saudosa esposa Carolina Augusta de Novaes Machado de Assis. Mas, segundo consta, o escritor, na antevéspera da sua morte, havia verbalizado, perante testemunhas, uma mudança no testamento, destinando a sua memória literária e os livros da sua biblioteca pessoal à Academia Brasileira de Letras (ABL). Começava um imbróglcio com a família da herdeira, que levaria 56 anos, até que o acervo do escritor (ou o que restou dele), finalmente, fosse parar sob a guarda da ABL.

A “menina Laura” cresceu, nesse ínterim casou, virou a Sra. Laura Leitão de Carvalho e foi morar na Tijuca. Levou os livros que havia herdado de Machado de Assis, que, conforme costume da época, incluíam coleções encadernadas

e algumas brochuras. As obras, durante certo período, ficaram acondicionadas na garagem da residência da família Leitão de Carvalho, onde muitos exemplares, em particular as brochuras, acabariam irreversivelmente danificados pelas costumeiras inundações da Tijuca.

Em 1960, Jean-Michel Massa, na ocasião, apenas um jovem estudante francês interessado em recolher subsídios para a sua futura tese de doutorado sobre literatura brasileira e Machado de Assis, veio para o Brasil. Durante três meses (julho, agosto e setembro) pesquisou intensivamente a obra de Machado de Assis na Biblioteca Nacional (BN) e graças ao diretor da BN na época, o acadêmico Augusto Meyer, frequentou a ABL e conviveu com outros membros da instituição. Massa tomou conhecimento da existência da biblioteca que fora de Machado de Assis e que estava sob a guarda da Sra. Laura Leitão de Carvalho. Apoiado por Augusto Meyer, o jovem pesquisador francês, conseguiu autorização da família Leitão de Carvalho para fazer o inventário das obras que foram de Machado de Assis. E assim, depois das 16h, quando fechava a BN, Jean-Michel Massa se dirigia para a residência na Tijuca, onde trabalhava, até a meia-noite, compilando, em fichas, os livros que haviam pertencido a Machado de Assis, enquanto as filhas do marechal Leitão de Carvalho namoravam, por horas a fio, ao telefone, conforme confidenciaria ele, 40 anos mais tarde.

Jean-Michel Massa, na casa dos Leitão de Carvalho, catalogou 718 títulos de obras remanescentes da biblioteca de Machado de Assis. Classificou-as em domínios, envolvendo assuntos,



A famosa tradução de Machado de Assis do poema O Corvo, de Edgar Allan Poe, não fora feita a partir do original em inglês, mas sim da tradução francesa de Baudelaire”

gêneros, línguas etc. Cerca de 56% dos títulos eram no idioma francês (399 livros), 24% em português e os demais em outros idiomas. O inventário, La bibliothéque de Machado de Assis, Massa publicou, em francês, na Revista do Livro, números 21-22, março-junho de 1961. Mais do que um mero inventário, destacou que, além das perdas das obras na garagem da Tijuca, a biblioteca de Machado de Assis havia sofrido um desmantelamento de cerca de 300 títulos logo após sua morte, que a então “menina Laura” havia ouvido falar no seio familiar. Que Machado não tinha o costume de fazer anotações nos livros que lia. E que, efetivamente, o principal domínio linguístico de Machado de Assis era o francês. Inclusive, descobriu que a famosa tradução de Machado de Assis do poema O Corvo, de Edgar Allan Poe, não fora feita a partir do original em inglês, mas sim da tradução francesa de Baudelaire, pois reproduzia os erros de leitura e de tradução do poeta francês.

O catálogo de Jean-Michel Massa é o inventário do que restara da biblioteca do escritor em 1960. Novos conhecimentos sobre a biblioteca de Machado de Assis e seu quase triste destino surgiriam nos anos 1980, a partir do trabalho feito pela professora Glória Vianna.

Quando do cinquentenário da morte de Machado de Assis, em 1958, muitas iniciativas foram levadas a cabo, especialmente pela Academia Brasileira de Letras (ABL) que, depois de muitos anos de silêncio, capitaneou os esforços para celebrar, dignamente, a memória do ilustre escritor. Exposições alusivas ao Bruxo do Cosme Velho e sua obra, ciclos de debate e divulgação intensiva nos



veículos de comunicação deram ampla publicidade ao escritor, inclusive, da existência da biblioteca pessoal de Machado de Assis, albergada, na ocasião, na casa dos Leitão de Carvalho. E foi graças a essa movimentação em torno do cinquentenário da morte de Machado de Assis que Jean-Michel Massa, na ocasião, apenas um jovem estudante francês interessado em recolher subsídios para a sua futura tese de doutorado, em 1960, tomou conhecimento da existência da biblioteca pessoal do fundador da ABL e pode produzir, em tempo exíguo, três meses, o histórico inventário, *La bibliothèque de Machado de Assis*, que publicou, em francês, na *Revista do Livro*, números 21-22, março-junho de 1961.

Enquanto as celebrações em torno de Machado de Assis e sua obra aconteciam, Austregésilo de Athayde, que presidiu a ABL entre 1959 e 1993, diligenciava esforços juntos à família da “menina Laura”, então Sra. Laura Leitão de Carvalho, para que os livros do acervo pessoal de Machado de Assis, que, por direito de testamento, estavam sob a guarda da família, fossem doados à Academia Brasileira de Letras. E esse intento, provavelmente, foi alcançado em 1964, uma vez que, conforme ata de reunião da ABL de 30 dezembro de 1964, consta que a biblioteca pessoal de Machado de Assis, o que restara dela, efetivamente, passara a integrar o acervo da instituição da qual ele fora fundador, em 1897, e seu primeiro presidente.

E, apesar de sob a guarda da ABL, passaram-se, praticamente, três décadas, sem que, algo mais relevante do que havia sido feito por Jean-Michel Massa, fosse realizado. Até que, em 1989, por ocasião de visita à biblioteca da instituição, uma jovem estudante de letras, Glória Vianna, enquanto admirava, em uma sala contígua à biblioteca principal, uma cadeira almofadada e uma escrivaninha, sob a qual repousavam a caneta, o tinteiro, os óculos pince-nez e uma placa indicativa de que haviam pertencido a Machado de Assis, tomou conhecimento, por intermédio de um bibliotecário, que, nas três estantes próximas aos móveis, estavam guardados cerca de mil volumes, amarelados e empoeirados, que haviam sido parte da biblioteca pessoal do fundador da ABL. Foi uma grande emoção, relataria ela, anos mais tarde, poder tocar no espaldar da cadeira na qual sentara o nosso mais genial escritor.

Glória Vianna constatou que não havia



nenhuma documentação sobre o acervo de Machado de Assis, além do inventário produzido por Jean-Michel Massa. Ela, quando ingressou, em 1990, no Curso de Mestrado em Literatura Brasileira da UFF, tentou mapear as leituras de Machado de Assis a partir de sua biblioteca. Foi dissuadida da ideia, pelos professores do curso, que consideraram o projeto ambicioso demais para mestrado. Trabalhou com Machado, mas sobre o jogo da repetição na composição do romancista, a exemplo da reescrita de *Ressurreição*, na última grande narrativa machadiana, *Memorial de Aires*. Mas, Glória Vianna, não desistiria da ideia de estudar Machado de Assis enquanto leitor, vindo a retomá-la, nos anos 1990, quando no Doutorado em Literatura Comparada da UFF, ao utilizar, como fonte de pesquisa, a biblioteca do romancista, agora de acesso facilitado, uma vez que albergada na ABL.

As contribuições feitas por Glória Vianna, ao visitar a biblioteca de Machado de Assis para prestar o Exame de Qualificação de Doutorado, são de vulto. Leu a obra completa do escritor e se debruçou sobre os livros do acervo pessoal de Machado em busca das citações diretas de autores consagrados e das fontes de alusões criadas pelo Bruxo do Cosme Velho. Recatalogou a biblioteca pessoal de Machado de Assis. Encontrou 649 volumes dos 718



originalmente descritos por Jean-Michel Massa. E 15 novos títulos, não catalogados por Massa, diagnosticando que 69 livros, que constavam no inventário de 1961, haviam sido extraviados. Ao ler, por sugestão do acadêmico Antônio Houaiss, todas as atas da ABL, pode fazer descobertas que eram, até então, desconhecidas no mundo acadêmico.

Entre tantas, Glória Vianna identificou a origem do desmantelamento do acervo do escritor que, efetivamente, iniciou logo depois da sua morte. Assim, confirmaram-se as memórias da “menina Laura” de que, além dos objetos pes-

soais, cerca de 300 livros haviam sido, efetivamente, levados para a ABL, pelos acadêmicos José Veríssimo e Mário de Alencar, após ampla negociação com a família da única herdeira, cujo pai, o major Bonifácio Gomes da Costa, era o testamenteiro. Além dos hábitos do Machado de Assis leitor, frequentador do Real Gabinete Português de Leitura, da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que, a partir das abras que lia, construiu um sistema particular de alusões indiretas identificado por Glória Vianna.

Atualmente, sob agendamento, o acervo de Machado de Assis pode ser consultado na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, instalada no 2º andar do Petit Trianon, na sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Aos interessados, para maior conhecimento dos trabalhos de Jean-Michel Massa e de Glória Vianna, sugere-se a leitura do livro “A Biblioteca de Machado de Assis”, organizado pelo professor José Luís Jobim, edição conjunta ABL e TopBooks, 2008.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

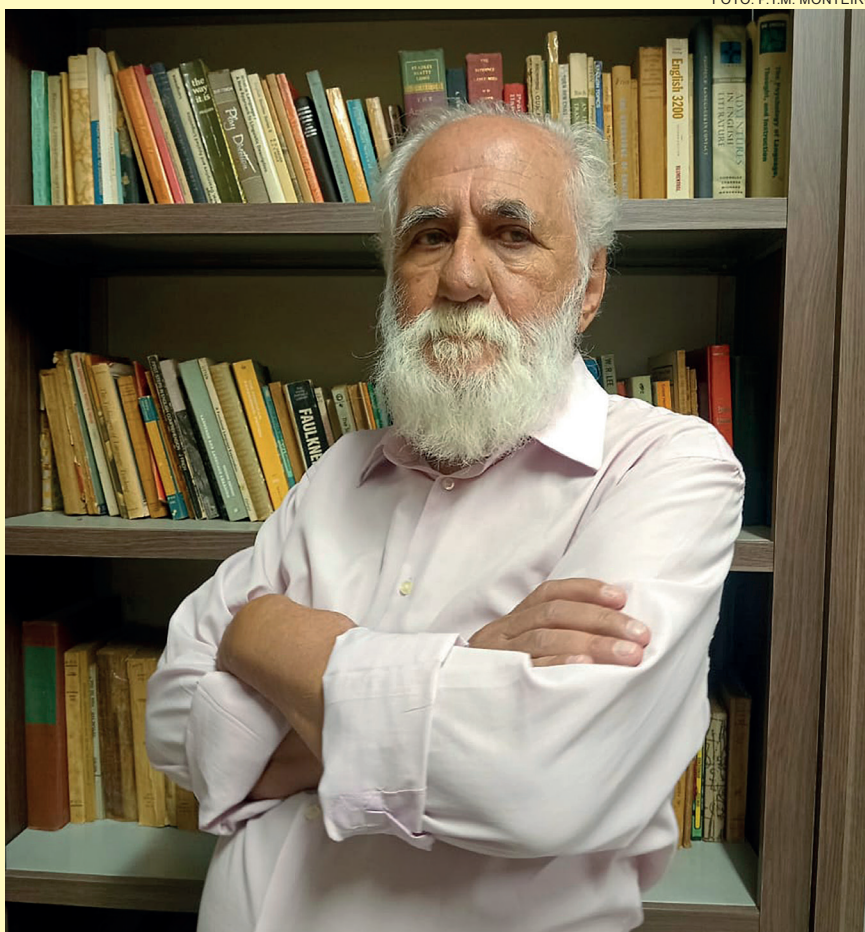
O intelectual público

Paulo Monteiro

FOTO: P.T.M. MONTEIRO

“Eu não vivi inutilmente!”

Paulo Domingos da Silva Monteiro ou, simplesmente, Paulo Monteiro, como é conhecido nas hostes locais, é o protótipo do intelectual autodidata, cuja erudição, mais do que nos bancos escolares, foi forjada pela leitura dos cânones da literatura universal.



Cultura e humildade são indissociáveis em Paulo Monteiro. A sua contribuição, tanto para a historiografia quanto para a promoção da literatura local, é imensurável, podendo ser encontrada em livros que escreveu, em artigos esparsos que assinou em jornais, revistas e, mais recentemente, nas redes sociais, além das mais de 500 entrevistas semanais que conduziu, com escritores e agentes culturais, como apresentador do programa LITERATURA LOCAL.

Paulo Monteiro, na história e na literatura de Passo Fundo, metaforicamente, se define como “um abridor de picadas”, em analogia aos bravos desbravadores

que, antes das imponentes rodovias surgirem pavimentadas, abrem as trilhas usando facões. E, nessa tarefa, não raro, sofrem ferimentos causados por espinhos ou, até mesmo, mordidas de serpentes venenosas. Talvez, pelo seu pioneirismo e a falta de acesso a fontes primárias, em algumas questões, ele até tenha se equivocado, mas foram erros menores, que, somente graças a ele ter levantado as questões, puderam, como sói acontecer, serem, posteriormente, corrigidos.

Ora acometido por grave enfermidade, Paulo Monteiro vive um longo período de silêncio literário. Abriu exceção e quebrou esse silêncio para responder

a essa entrevista, com perguntas e respostas escritas. Esses silêncios literários já aconteceram antes na vida de Paulo Monteiro. E assim como os anteriores passaram, esse também passará. Nossos respeitos ao intelectual que considera escrever um ato tão vital quanto é respirar. Conheçam o ser humano, o escritor, o jornalista, o historiador, o acadêmico, o intelectual público e seu pensamento nessa entrevista especial de ÁGUA DA FONTE (G.R.CUNHA).

APLeTRAS – Em breves palavras, quem é Paulo Monteiro? As suas origens? O homem? O intelectual público?

Paulo Monteiro – Nasci em Santo Antônio, próximo à Picada do Jaboticabal pelas mãos de dois parteiros de campanha, meu avô materno Álvaro Soares da Silva, e minha avó Eutália da Rosa Soares. Nascer fora da cidade e conviver com meu avô paterno José Mendes Monteiro, um autêntico biriva, e ouvi-los me fez entender os homens mais simples. E, ao mesmo tempo, os mais sofisticados, desde Platão e Aristóteles até os atuais. Sou um homem meio urbano meio rural. Sou um típico pelo duro, nas minhas veias corre o sangue de todas as etnias que formaram o Rio Grande primitivo, portugueses, índios, alemães e espanhóis por incrível que pareça, nas minhas veias correm sangue de duas etnias milenares que historicamente inimigas: guaranis, pelo lado materno, e kaingangs, pelo lado paterno. Como intelectual comecei aos 13 anos publicando poemas no jornal mimeografado “O Fagundes em Foco”, do Grupo Escolar Fagundes dos Reis, onde eu estudava. Recordo-me que era um poema sobre a criação de Passo Fundo. A primeira estrofe dizia “Passo Fundo fostes matas/ onde viviam leões/ e onde viviam os Tapes senhores destes sertões”. Recordo que minha professora corrigiu quanto aos índios nativos e me indicou ler Passo Fundo das Missões, de Jorge Edeth Cafruni. Li e foi aí que, juntamente, com o poema citado começou minha paixão pela história.

APLetras – Que representa a família para você? Acredita que os seus descendentes, alguns deles pelo menos, darão continuidade a tua saga em prol da cultura?

Paulo Monteiro – A família é a continuidade da espécie humana. Meu avô materno, Álvaro Soares da Silva, era um campeiro analfabeto, mas que improvisava. Sei através dele que um dos nossos ancestrais, portugueses, foi amigo de Manuel Maria Barbosa du Bocage, não sei se era poeta, mas era amigo de um dos poetas maiores da Língua Portuguesa, e é provável que um deles seja escritor. Aliás, um de meus netos, Pedro Arthur, desenha muito bem e é metido a escrever.

APLetras – Qual a lembrança do primeiro livro que leu?

Paulo Monteiro – O primeiro livro que eu li foi uma velha edição da Bíblia, que meu tio bisavô Timotheo evitou que um padre queimasse porque era

da famosa edição das Janelas Verdes, protestante, que os padres chamavam de “edição falsificada”. Acredito que isso me fez “herege” em todos os sentidos.

APLetras – Depois desse livro, nunca mais parou de ler. Alguma ideia da cifra, ordem de grandeza, de quantos livros leu na vida?

Paulo Monteiro – Depois não parei mais de ler. Li de tudo, até bula de remédio. Foram milhares de livros. Cheguei a ler mais de um livro por dia, graças a leitura dinâmica, às vezes mais de uma edição. E constatei uma coisa: os clássicos universais muitas vezes são traduzidos do francês para o espanhol e,

A Inteligência Artificial (IA) mal saiu do ventre da Ciência. E já incomoda muita gente. Com o tempo vai criar juízo!

deste ou do francês, para o português, como é o caso de Hegel. Imaginem só a bagunça!

APLetras – Quais as obras da tua biblioteca pessoal que você considera indispensáveis? E que não deveriam faltar na biblioteca de ninguém?

Paulo Monteiro – Toda obra é indispensável. Até mesmo o chamado lixo literário. A gente aprende, pelo menos, a escrever melhor.

APLetras – Quais escritores ou intelectuais diversos, sejam do grupo dos universais, nacionais ou locais, você admira?

Paulo Monteiro – Admiro muitos heréticos, como Bocage, Gregório de Mattos. Admiro Camões e Fernando Pessoa. Manuel Bandeira forma ao lado dos grandes escritores universais. O Rio Grande do Sul é Simões Lopes Neto. Filósofos e economistas universais são fundamentais para não adorarmos deuses com os pés de barro. Euclides da Cunha é fantástico.

APLetras – E quais as obras desses autores você leu, ainda relê e recomendaria como imprescindíveis para quem intenta ter uma formação cultural universal?

Paulo Monteiro – Todas. Por isso,

quando encontro um idiota, no sentido grego do termo, costume perguntar se leu determinado autor. Se afirmar que não leu, mando que leia para conversarmos depois, se diz que leu, pergunto-lhe com base no autor. É um método infalível para botar um idiota a correr.

APLetras – Você é respeitado por muita gente, seja como escritor ou historiador. Na essência, você é um autodidata, cuja formação cultural e histórica foi forjada pela leitura diversificada mais do que nos bancos escolares da Academia. Como foi esse processo? Algumas pessoas e obras você diria que foram fundamentais nessa mentoria que deu origem ao intelectual público Paulo Monteiro?

Paulo Monteiro – Eu cheguei à conclusão, muito cedo, que, com os livros, eu tinha à mão os intelectuais mais importantes, de todos os tempos. Através de suas próprias palavras e dos comentadores abalizados das suas obras. Era um tempo terrível, quando as inteligências eram decepadas. Para ler bons autores era preciso comprar livros contrabandeados e mantê-los escondidos. Existe registro de que, em uma livraria, foi queimado A Capital, de Eça de Queiroz, confundida com O Capital, de Karl Marx. Os próprios livros que eu lia foram indicando outros e mais outros autores.

APLetras – A tua produção cultural, incluindo textos espalhados por jornais, revistas, nas redes sociais e no formato de livros, sobre literatura e história local, pode ser considerada de vulto. No conjunto dos teus livros que tratam da história local, o que você destacaria como uma contribuição relevante? Algo que não se sabia a partir de outras fontes e você conseguiu trazer a público? Qual dos seus livros você considera como de leitura imprescindível para quem quiser entender melhor a história local?

Paulo Monteiro – Não confiro juízo de valor à minha obra. Livros são como filhos. O futuro dirá o que serão. Até porque, para mim, escrever é ato vital, como respirar.

APLetras – Na tua carreira profissional, consta passagens por redações de jornais. Em quais veículos de imprensa você trabalhou e quais profissionais do jornalismo que você até hoje admira por terem ajudado

a moldar o teu estilo de escrever e produzir Literatura? Ainda colabora com algum veículo de comunicação?

Paulo Monteiro – Trabalhei no JORNAL DA TARDE, em Passo Fundo, que teve pouca duração, na Rádio Aliança, de Concórdia, na Rádio Planalto, de Passo Fundo, e no DIÁRIO DA MANHÃ, de Passo Fundo. Não tenho colaborado no momento, pois estou vivendo um longo período de silêncio literário, como várias vezes me aconteceu. Escrever, para mim, é muito mais pesado do que se possa imaginar!

APLetras – Vamos falar sobre o Grupo Nova Geração. Que significou para você ter feito parte desse coletivo cultural? Qual a identidade que unia os jovens que faziam parte do Grupo? Alguns nomes desse grupo que se destacariam, mais tarde, no mundo das letras ou na cena cultural ou em alguma outra atividade profissional?

Paulo Monteiro – O Grupo Literário Nova Geração foi muito importante como espaço de convivência entre jovens que escreviam. Agora, a História mostra que esse tipo de entidade é importante. Quanto a autores lembro os poetas Ubiratan Porto e Elisomero Moura, já falecidos, e Simone do Valle e Flávio Damiani, ainda atuantes, e que não se esqueceram da APLetras.

APLetras – Os integrantes do Grupo Nova Geração conheciam ou frequentavam a Academia Passo-Fundense de Letras? Algum acadêmico da época, em especial, era admirado e respeitado pelo Grupo?

Paulo Monteiro – Sim. Fizemos muitas reuniões na sede da APLetras e estávamos sempre presentes e prestigiados em suas atividades. A Academia sempre teve esse caráter de acolhimento, especialmente para com os mais jovens.

APLetras – O teu ingresso na Academia Passo-Fundense de Letras, em 2001, pode ter parte creditada ao fato de ser egresso do Nova Geração?

Paulo Monteiro – Os tempos eram outros. O Grupo Nova Geração não existia mais. Acredito que se deva ao que escrevi depois de sua extinção.

APLetras – Que representa para você ser membro da Academia Passo-Fundense de Letras?

Paulo Monteiro – Representa muito. Cresci dentro da Academia, onde

funcionou o Grupo Literário Nova Geração. Apreendi e convivi com muitos acadêmicos dos meus tempos de adolescente. Entre os quais: Tenebro dos Santos Moura, Antônio Donin e Sabino Santos, entre outros.

APLetras – Em 2003, quando teve início a discussão para a criação de um novo veículo de comunicação da Academia Passo-Fundense de Letras, visando a substituir anuários e jornais que haviam tido vidas efêmeras, você foi voz ativa e atuou como editor associado da revista ÁGUA DA FONTE, que passou a circular a partir de dezembro daquele ano. A revista continua sendo editada até hoje, contrariando o vaticínio do mo-

Eu cheguei à conclusão, muito cedo, que, com os livros, eu tinha à mão os intelectuais mais importantes, de todos os tempos.

delo de anuários, anos 1970, e jornais, anos 1980 e 1990, que não chegaram a 5 edições. Alguma explicação para isso? Que representa essa revista para as letras locais? E para o Sodalício?

Paulo Monteiro – Eu vi e ouvi membros da Academia Brasileira de Letras tecerem elogios à nossa revista como uma das melhores do Brasil. Quanto à durabilidade, ela é devida a um grupo de abnegados acadêmicos, entre os quais os ex-presidentes Osvaldo Lech e Gilberto Cunha. Agora, é preciso lembrar que a cidade evoluiu muito, inclusive quanto à qualidade dos intelectuais locais.

APLetras – ÁGUA DA FONTE, na tua visão, pode ser considerada uma publicação que espelha a literatura que é produzida em Passo Fundo? Quem ler ÁGUA DA FONTE vai encontrar o quê?

Paulo Monteiro – Vai encontrar de tudo. Não sei se é a expressão mais correta, mas uma revista de “variedades literárias”. De fato, registra de tudo o que é produzido de literatura em Passo Fundo, no sentido mais amplo da palavra “literatura”.

APLetras – Você foi um dos criado-

res e esteve à frente, por mais de 10 anos, como a apresentador, do programa LITERATURA LOCAL, parceria entre a Academia Passo-Fundense de Letras e a TV Câmara. Este ano, são 20 anos no ar, com edições semanais, estando presente, além da TV aberta, também nas redes sociais. Como você explica essa longevidade do programa LITERATURA LOCAL, que pode ser considerada algo raro, em se tratando de literatura, na TV brasileira? Ainda tem espaço para esse tipo de programa de entrevistas com escritores e outros atores culturais em uma cidade como Passo Fundo?

Paulo Monteiro – Tal qual a resposta dada à pergunta sobre a revista Água da Fonte, eu apenas acrescentaria a participação modelar da Câmara de Vereadores de Passo Fundo.

APLetras – E que representou para você, por muitos anos, ser o rosto mais conhecido e identificado do programa LITERATURA LOCAL? Foi importante na tua vida?

Paulo Monteiro – Sempre fui um tarefeiro. Foi mais uma tarefa exercida na minha vida e foi muito importante. Na verdade, abri picadas para os que vieram depois, como muitos abriram antes para mim. Assim é a vida.

APLetras – As entrevistas que você conduziu no Literatura Local podem ser contadas às centenas. Alguma ou algumas você considera especial ou especiais, pela importância do que foi dito ou por outra particularidade qualquer, e ainda reverberam na tua mente?

Paulo Monteiro – Todas elas têm o seu valor, como exemplo cito a entrevista com o folclorista Paixão Côrtes.

APLetras – É possível que você, por meio de textos em jornais e pelas entrevistas que conduziu no programa Literatura Local, seja a pessoa que mais divulgou os escritores de Passo Fundo. Você tem noção disso? Se sente recompensado? Alguém reconheceu isso?

Paulo Monteiro – Não sei se isso é verdade. Sou péssimo juiz de mim mesmo. Terminei respondendo com uma pergunta: O que é recompensa? Para mim é a sensação do dever cumprido. E esse eu tenho, não vivi inutilmente.

APLetras – O nome Paulo Montei-

ro, não foram poucas as vezes, esteve envolvido em polêmicas literárias. Uma delas, pelo que consta, dizia respeito ao questionamento se havia ou não escritores em Passo Fundo? Afinal, há ou não há escritores em Passo Fundo? Você se atreveria citar nomes e obras que entende, apesar de locais, como sendo bons escritores e boas obras?

Paulo Monteiro – Existem escritores em Passo Fundo como existem no calcanhar do Judas, assim como existe “complexo de inferioridade”, que leva pessoas a provocarem uma discussão sem sentido como essa.

APLeTRAS – Qual a tua análise da literatura de ficção produzida em Passo Fundo? Desde os primórdios até o tempo presente, destacando quais as marcas dessa literatura genuinamente passo-fundense?

Paulo Monteiro – Conheço a literatura de ficção produzida em todo o Brasil. Nossos ficcionistas não são piores e nem melhores do que os outros. Só não tiveram as benesses da crítica literária do Rio de Janeiro.

APLeTRAS – Passo Fundo faz jus ao título honorífico, dado por Lei Federal, de Capital Nacional da Literatura? Ainda podemos sentir orgulho, como outrora sentimos, nos áureos tempos das Jornadas Nacionais de Literatura, de cidade leitora e de ser considerada a Capital Nacional da Literatura?

Paulo Monteiro – Não.

APLeTRAS – As Jornadas Literárias não acontecem em Passo Fundo desde 2017. Há um esforço, capitaneado pela Universidade de Passo Fundo, para a volta das Jornadas, via o que estão chamando de “Jornada em Movimento”. Se você tivesse a oportunidade de opinar, que sugestão daria para Passo Fundo voltar a ter o protagonismo que em outros tempos gozou na cena literária nacional? A volta das Jornadas Literárias, com a presença de escritores afamados na cidade em meio a discussões com o público, ainda é algo possível de ser sonhado?

Paulo Monteiro – Não se faz um evento como as Jornadas Nacionais de Literatura sem dinheiro. A resposta é uma pergunta: Quem patrocinará as jornadas?



Paulo Monteiro e netos, aniversário de 70 anos

APLeTRAS – Que papel teve Academia Passo-Fundense de Letras na formação da identidade cultural de Passo Fundo? E o que ainda compete à agremiação fazer na esfera cultural literária, especialmente, destacando o que faz e o que poderia fazer melhor, no presente e no futuro?

Paulo Monteiro – A importância da Academia Passo-Fundense de Letras para a cultura local é indiscutível. Basta lembrar que a ideia do ensino superior em Passo Fundo começou a germinar no seio do Sodalício a partir da cabeça brilhante de Antônio Donin. Cumpre à Academia continuar fazendo o que tem feito nas últimas décadas: sendo um instrumento de união de pessoas e instituições culturais.

APLeTRAS – A Academia Passo-Fundense de Letras ainda é uma organização relevante para Passo Fundo? Sim ou não e por quê? E o que o futuro ainda pode reservar a essa agremiação cultural?

Paulo Monteiro – Não é à toa que ela surgiu provocada e, ao mesmo tempo, também foi resistência ao autorismo do Estado Novo. E continua atuante ainda hoje. Muitas congêneres que surgiram no mesmo período do Estado Novo,

nem chegaram a funcionar direito. Desde o começo foi uma entidade pluralista, assim como a sociedade é pluralista. Sua ideia foi gestada dentro da Federação das Academias de Letras do Brasil e foi trazida pelo depois bispo metodista Sante Uberto Barbieri, do qual li diferentes obras e que recomendo à consideração de todos. A revista ÁGUA DA FONTE, o programa de entrevistas LITERATURA LOCAL, o apoio à formação de novos escritores, por intermédio do projeto CULTIVANDO TALENTOS, o apoio à Feira do Livro de Passo Fundo e muitas outras atividades continuarão dando sentido de relevância à Academia Passo-Fundense de Letras.

APLeTRAS – E, por último, você ousaria vaticinar o futuro da Literatura em tempos de uso generalizado da chamada Inteligência Artificial (IA), seja na produção textual ou na ilustração de livros e obras diversas? Um texto produzido com o auxílio de IA pode ser considerado Literatura autoral?

Paulo Monteiro – A Inteligência Artificial mal saiu do ventre da Ciência. E já incomoda muita gente. Com o tempo vai criar juízo. ■

A saga dos maragatos

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Na minha infância eu apendi que maragatos eram pessoas desordeiras. Hoje sei que esta informação foi plantada por Júlio de Castilhos e seus seguidores. Minha ideia mudou quando eu li o livro *Os Maragatos e o Médio Alto Uruguai*, de Fiorindo David Grassi.

Fiorindo Grassi, advogado, bacharel em Filosofia, Teologia e Línguas Neolatinas. Exerceu o sacerdócio por muitos anos, formou-se em Direito e foi aprovado na OAB. Quando chegou no tempo certo pediu dispensa dos votos sacerdotais e foi morar em Iraí. Abriu um escritório em Frederico Westphalen onde foi contratado pela URI como professor de Direito Romano e Direito Ambiental.

Estudioso e persistente, interessou-se em saber quem teria descoberto as águas minerais de Iraí. Em pouco tempo com-

provou que as águas minerais já eram conhecidas pelos índios caingangues e coroados que a visitavam pois ao seu lado havia muita produção de mel e muitos animais que ali iam para beber água facilitando a caça.

Mas quem disseminou a sua existência foram 2 famílias de maragatos que ali fixaram a sua residência. Galvão e Boita.

Passou a se interessar pela origem dos maragatos. Leu livros, entrevistou historiadores, visitou a província de São José no Uruguai, lar dos maragatos americanos. Foi à Espanha na província de Leon, num local chamado Maragateria, onde encontrou na biblioteca farto material para entender quem eram os maragatos. De posse desses conhecimentos Fiorindo Grassi escreveu o livro acima citado.

Pessoalmente conheci o escritor por ocasião de uma consulta, encaminhado que fora pelo Dr. Stangler, de Iraí. Nos

tornamos amigos com contatos não só em Passo Fundo como em Balneário Camboriú onde íamos no verão. Ofertou-me o livro e solicitou que eu fizesse o prefácio de um outro livro que iria lançar.

A seguir vou fazer um resumo da *Saga dos Maragatos* tão bem estudada pelo escritor.

Os Fenícios eram um povo de origem semita de cor branca e que habitaram a Ásia Menor no século X a.C. na área que hoje se localizam o Líbano, a Síria e o norte de Israel. Suas cidades principais eram Biblos, Tiro e Sidon. Foi uma cultura avançada, que desenvolveu o alfabeto, fez trabalhos em prata e ouro importados da Espanha e de cobre importado da Inglaterra.

Desenvolveu uma tinta púrpura retirada de conchas do mediterrâneo, hoje extintas.

Teve uma marinha muito ativa com navios muito avançados para a época.



Navegou pelo Mediterrâneo conquistando o sul de Chipre, a ilha de Malta, o norte da África desde o lado ocidental do rio Nilo até Marrocos, bem como o sul de Portugal e da Espanha.

Criou importantes cidades como Cartago, Tigris e Cádiz. Visitando as ruínas de Cartago pude conhecer um porto criado pelos fenícios com uma estrutura tão avançada que é ainda hoje utilizado principalmente pelos habitantes de Túnis.

Colonizou o lado oeste do rio Nilo e a Líbia onde haviam grandes e férteis pradarias abrindo espaço para a criação de gado e de ovelhas. Os fenícios usavam o cavalo árabe. Para se ajustar à sua atividade criaram a bota, a bombacha e camisas largas. Usavam lenços de cor vermelha para lembra a sua origem fenícia e largos cintos onde depositavam alguns pertences. Para aguentar o sol tropical passaram a usar chapéu de abas largas

Fundaram uma cidade às margens do Nilo chamada Maraghat. Há dúvida se esse termo veio do vocabulário celta, “mar hekaat” que significa cavalgar ou de “masbracata” que significa calça larga.

Quando estive a primeira vez em Marrocos fiquei admirado por encontrar uma população branca quando esperava ver pessoas da raça negra. Explicou-me o guia, que era professor universitário, que eles eram oriundos dos berberes, fenícios apelidados pelos romanos de bárbaros palavra que foi transformada em berberes.

Era considerado um povo honesto, trabalhador com princípios rígidos. Reuniam-se com amigos, empregados e vizinhos de maneira regular e, principalmente, em datas festivas. Trazia consigo a religião fenícia politeísta.

No início do século I houve uma progressiva mudança da religião desse povo que foi adotando a religião cristã ortodoxa copta tornando-se fervorosos praticantes. Nessa região nasceram os Santos Aureliano, Cipriano e Agostinho que é considerado o maior santo da igreja católica.

Dedicados, responsáveis, honestos, criaram uma região de muito progresso. Com o passar do tempo as férteis planícies foram se desertificando. Foram obrigados a migrar buscando outras terras. Escolheram o norte da Espanha na província de Leon numa área que mais tarde se chamaria Maragateria.

Atribui-se a eles, devido à sua bravu-



ra, que Leon juntamente com Castela serem as únicas províncias espanholas não dominadas pelos árabes.

Na Espanha, além de mudar a sua religião para católica romana tiveram de mudar de ofício pois as terras eram limitadas dificultando a criação de gado.

“Segundo relato os maragatos dedicaram-se a faina de mensageiros e ligaram diversas cidades da Península levando correspondências, mercadorias e valores. Iniciaram com tropas de mula e evoluíram para carros chamados carromatos. Foram tão populares na Espanha que sua honestidade se tornou proverbial pois jamais os registros policiais do país acusaram uma queixa contra os arrieiros morenos e altos eu usavam lenços vermelhos.”

Com o passar do tempo a população aumentou não podendo ser acomodada no pequeno espaço da província de Leon. Resolveram migrar. Sua opção foi vir para a América e mais especificamente para o Uruguai, país que tinha déficit populacional. Receberam terras ao norte, junto à divisa do Brasil, local que passou a ser chamado província de São José. Em época em que os registros de terras eram precários muitos ocuparam terras ao sul de nosso Estado.

A primeira Constituição da República brasileira causou um desconforto entre os liberais pois ela tinha um pensamento positivista e era autoritária. O próprio partido republicano teve dificuldade de conseguir um chefe de estado pois eram muitas as desavenças. Com a subida de Júlio de Castilhos ao poder as desconfianças aumentaram, pois no seu autoritarismo mandou fuzilar 134

peças e fez com que cerca de 10 mil pessoas fugissem para o Uruguai

Para combater-la os liberais João da Silva Tavares e Gaspar de Oliveira Martins se reuniram em Bagé e criaram o partido Federalista, que era parlamentarista e propunha uma participação democrática da população. Tinham também o apoio do passo fundense Prestes Guimarães.

Gomercindo Saraiva era um uruguaio que lutou na política uruguaia e, ao perder, foi obrigado a migrar para o Brasil a fim de não ser retaliado. Construiu uma fazenda e explorava a pecuária em Santa Vitória do Palmar. Entusiasmado pelo seu líder Gaspar Martins criou uma força composta por muitos maragatos e um número maior de brasileiros.

Iniciam seu movimento no Rio Ibicuí vindo para o norte passando por Cruz Alta até Passo Fundo. Nesse município foi travada violenta batalha, hoje conhecida por Batalha do Pulador. Os maragatos eram 1600 homens enquanto os legalistas eram 3000. Calculam-se que morreram nas lutas cerca de 600 maragatos. Enfraquecidos pelas batalhas recolheram-se em Cruz Alta onde Gomercindo Saraiva foi assassinado de maneira traiçoeira.

O grupo ficou temeroso de voltar ao sul e migrou para o norte onde, entre dois morros, próximos a Frederico Westphalen, se fixaram numa planície com mata alta com oferta abundante de água. Ali construíram algumas casas modestas e o local passou a ser chamado de Vilinha

Esse movimento se fez sob a liderança de Domingos Galvão que tinha o apoio

de outros maragatos como os Boita e os Reverbel.

Da Vilinha foram abrindo picadas até encontrar o rio Uruguai que passou a lhes fornecer vasta quantia de peixes trazendo o sustento proteico daquela população.

Construíram pequenas canoas que lhes permitiam sagrar o rio. Teve família de maragatos que foram residir em Santa Catarina.

Ao subir rio acima encontraram um pequeno afluente que tinha em suas margens muitas colmeias e por isto chamaram-no de Rio do Mel.

Subindo rio acima se depararam com uma região onde brotava um vapor contínuo. Viram que eram águas termais e logo descobriram que além de serem quentes eram também medicinais. Felizes espalharam essa notícia que estimulou as pessoas a procurarem com o objetivo de se curar.

Sabe-se que os maragatos não foram os primeiros a descobrirem as águas termais de Iraí, mas foram, por certo os primeiros a divulgarem este belo achado. Desde então iniciou-se um movimento para que as mesmas fossem aproveitadas. Com o tempo foram construídos balneários e hotéis no local.

Em 1962 indo a Iraí fiz questão de conhecer o tão famoso balneário, pois naquela época era hábito das pessoas abastadas do norte do Estado passarem parte das férias nessa estância hidro mineral.

Este relato eu faço para fazer jus a um povo, os maragatos, que foram por muito tempo injustiçados e taxados de bandoleiros. Foi pelos maragatos que os gaúchos passaram a usar o traje típico que os identificam em qualquer local do mundo. Também por eles que o gaúcho é um povo com atitudes coerentes, honestas que tanto nos honram.

Em todo a pampa os maragatos tiveram grande influência levando à formação do gaúcho que progressivamente adotou seus costumes indo desde a vestimenta bem como o hábito de se reunir com a família e com os peões em torno do fogão à lenha.

Foi acrescentado o hábito do chimarrão que aprenderam com os nativos da região. Participavam tanto os fazendeiros como os peões das reuniões pois herdaram o costume trazido pelos maragatos. As reuniões iniciavam pela madrugada e duravam até o dia clarear, momento em que iam para as suas lides campeiras.

Esses maragatos foram importantes nas regiões, participaram da fundação de muitas cidades regionais onde, muitas vezes, ocuparam cargos políticos como vereadores e mesmo como prefeitos.

Em todo a pampa os maragatos tiveram grande influência levando à formação do gaúcho que progressivamente adotou seus costumes indo desde a vestimenta bem como o hábito de se reunir com a família e com os peões em torno do fogão à lenha.

Esse foi o primeiro passo para a criação dos Centros de Tradição que hoje se espalham não só no Brasil bem como em outros países.

(Carlos Antonio Madalosso é médico e membro das Academias Passo-Fundenses de Medicina e de Letras.)

Sete décadas de vida

(13.06.1955 - 13.06.2025)

ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA GONÇALVES DIAS

Fica cumprido, até aqui, o SL 90:10, parte que professa: “Os dias de nossa vida chegam a setenta anos”.

E, tendo cumprido esse preceito bíblico, declaro-me pura gratidão:

Gratidão...

Pela saúde;

Pelos valores herdados dos pais;

Pelo convívio com os irmãos e os familiares;

Pelas madrinhas, pelos padrinhos e pelos afilhados;

Pelos amigos;

Pelos irmãos em Cristo;

Pelas lutas vencidas;

Pelos desafios e medos superados;

Pelo conhecimento e pela experiência adquiridos;

Pelo trabalho e respectiva aposentadoria conquistados;

Pelas camisetas suadas;

Pelos livros escritos;

Pelas graças alcançadas;

Pelos caminhos percorridos, até onde já cheguei

(não ileso, porém em pé);

Pela Instituição Eclesiástica, na qual congrego:

Igreja do Evangelho Quadrangular Independente; e

Pela Instituição Cultural da qual sou membra-presidente:

Academia Passo-Fundense de Letras.

Hoje, digo: “Até aqui o Senhor me sustentou” – 1 Samuel 7:12).

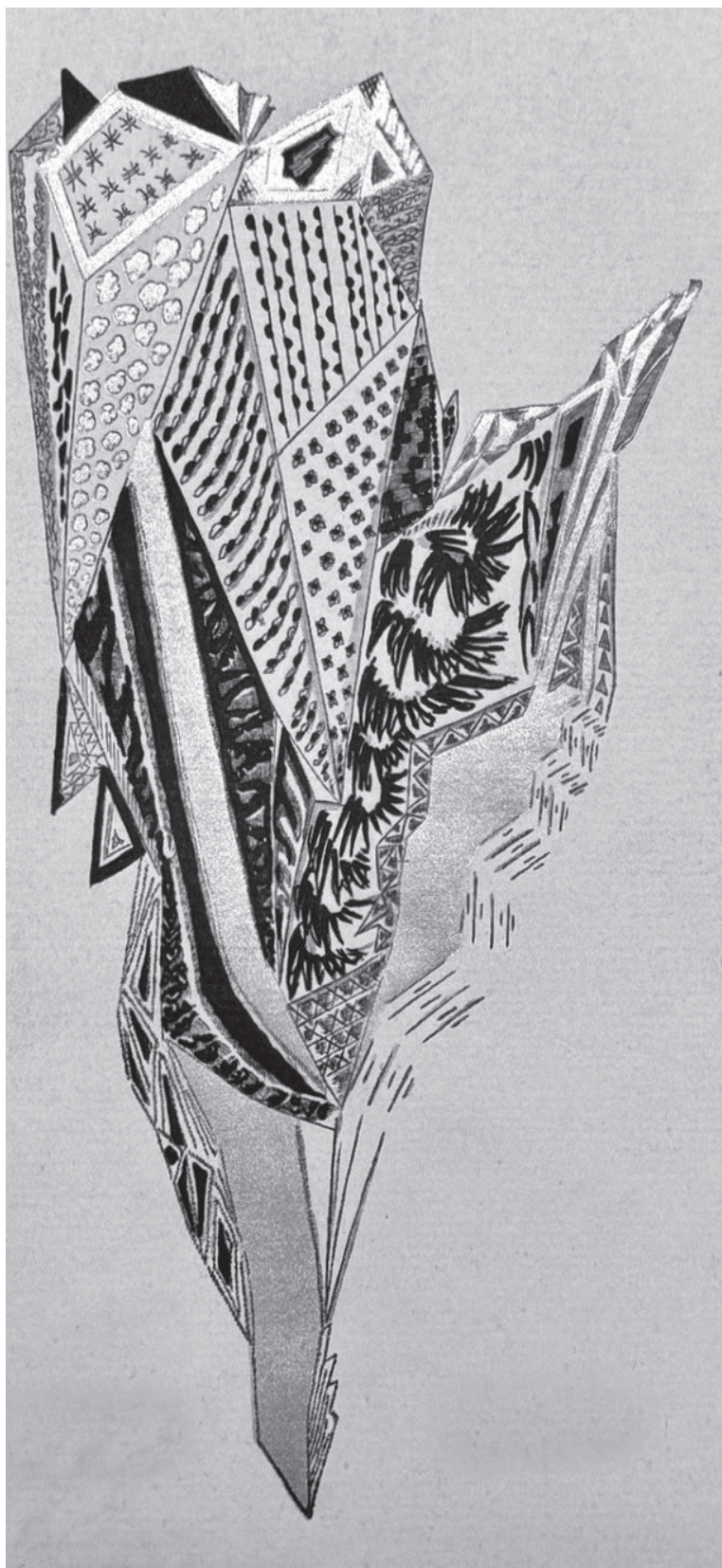
Uma pitada de humor...

E Deus teria dito: “Eu abençoo todos os Dias!”

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2024-2025.)



Como ler e entender o *Finnegans Wake* de James Joyce



HUGO LISBOA

James Joyce foi considerado um grande inventor de técnicas literárias modernas, onde criava efeitos baseados em fluxo de consciência, estrutura não linear e com avaliação psicológica profunda dos personagens. Ele escreveu o romance *Ulysses*, considerado a obra fundamental do século XX, que, embora pouco lido, deve fazer parte da biblioteca de todos os pretensos intelectuais.

O outro livro emblemático de Joyce foi *Finnegans Wake*. Neste livro, o autor criou uma série de palavras novas e inclusive colocou sons diferentes em pronúncias. Tudo parece um sonho misturando a realidade com o mundo onírico.

Na verdade, esse romance se baseia numa canção irlandesa em que um pedreiro chamado Tim Finnegan cai de uma escada e é dado como morto. Seus amigos se reúnem no seu velório e começam a tomar whisky, porém, num determinado momento, um barril da bebida se rompe e gotas de whisky caem sobre o corpo de Finnegan que imediatamente se levanta e se reúne com seus amigos e ficam duros de trago até o fim da noite ou da bebida.

Desde o nome do nosso herói tem simbologias. *Wake* (velório) e *awake* (acordar) são usados por Joyce para representar a morte e a ressurreição. Tudo isso de uma maneira figurativa, sem uma progressão linear, mas sim circular.

Finnegan que é uma fusão de Finn que remete ao herói mítico irlandês, Finn MacCool e “again” indicando o ciclo repetitivo da história humana.

Seu processo criativo inclui frases como: “Todas nubes companhantes dormentavam se-relepes. Amãe, Donilúnia, regaceava as mínguas palavar os degraus dados fundos do numo 28.”

A recomendação dos estudiosos da sua obra sugere que, para entender o enredo do livro, é necessário ir para Dublin tomar doses generosas do licor irlandês Baileys e ler em voz alta as 627 páginas do romance.

Outros acham que não, mas podem ao menos degustar o licor e, após calibrados pelas bebidas alcoólicas, dormir e sonhar. O sonho é a melhor maneira de entender Joyce.

(Hugo Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Rei que nunca tem trono

Não canto para me exibir
 Mas sem cantar não sossego
 Acho que cada pessoa
 Procura o que é bom para o ego
 Quem nasceu para ser martelo
 O prazer é fincar o prego
 Versejando e musicando
 Ao sentimento me entrego
 Tudo que digo tem peso
 Depois que digo não nego
 Que adianta se ter bons olhos
 E enxergar menos que cego?
 Por ver os outros felizes
 Assim eu também me alegro
 Buscar carinho cantando
 Se for defeito eu carrego
 Quem me mostra lombo duro
 Junto a eles não me agrego
 Com esse tipo de gente
 Sempre cautela eu emprego
 E se vierem me bajular
 Aviso que não sou cego
 Tudo o que tem transparência
 Quando por bem eu me apego
 E as flores do meu jardim
 É com poesia que eu rego.

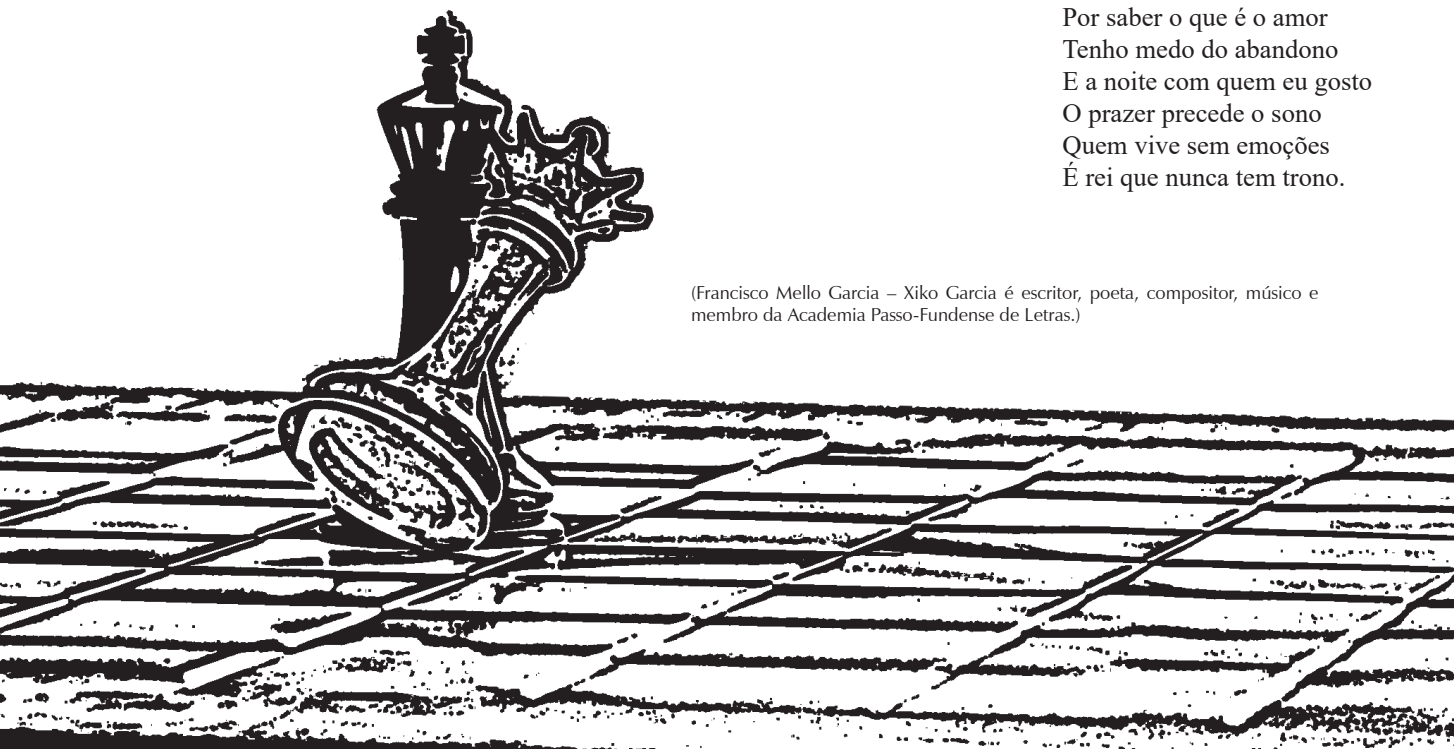
Não vivo para aparecer
 A não ser no que conheço
 Pois talento Deus me deu
 Desde fino ao mais espesso
 Não ando atrás de sucesso
 A custa de qualquer preço
 Pois muitos conseguem isto
 Por meios que eu agradeço
 De graça só tive apelido
 Mas pago até o endereço
 Minha imagem eu quem vendo
 Não compro nada do avesso
 Luto é pelas boas causas
 Enfrento e não esmoreço
 Em muitas cheguei ao êxito
 No custo é que me entristeço
 Não gosto nem de elogio
 Que diga o que eu não mereço
 Com início, meio e fim
 O que faço recebe apreço
 De pessoas que separam
 A farinha do pó do gesso
 São quem me ajudam subir
 Pois desses eu não esqueço.

No geral, depois que subo
 Subo mais e nunca desço
 Mas pode isso acontecer
 Eu parto para o recomeço.

Cantando até já chorei
 Mas não para mostrar tristeza
 Pois Deus nos deu esse dom
 Faz parte da natureza
 Lindos olhos também choram
 Mas sem perder a beleza
 Lágrimas não se represa
 Não são águas de represa
 Quem reprime sentimento
 Sente com pouca certeza
 O choro de felicidade
 Surge bem da profundidade
 Ele existe para a plebe
 Como também para a nobreza
 E quando for por prazer
 Até chorar é uma beleza
 Pois minha pele não sabe
 Viver curtindo frieza.

Esse é o meu jeito de ser
 O dos outros não questiono
 Respeito a ordem das coisas
 Oitavo é antes do nono
 Se cortadas as ligações
 Eu nunca mais telefono
 Sentir o que os outros sentem
 Papel de papel carbono
 Há marido que tem a posse
 Mas sabe que não é dono
 Por saber o que é o amor
 Tenho medo do abandono
 E a noite com quem eu gosto
 O prazer precede o sono
 Quem vive sem emoções
 É rei que nunca tem trono.

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é escritor, poeta, compositor, músico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Vida e poesia de Casimiro de Abreu

“

“Mocidade! mocidade! Quadra de sonhos, de esperança, d’ilusões!”

Casimiro de Abreu (“Camila”)

MARCO ANTÔNIO BOMFOCO

Casimiro José Marques de Abreu, poeta popular no Brasil na época em que a poesia era amplamente lida, nasceu em Barra de São João, um vilarejo fluminense à beira-mar, em 1839, e faleceu em 1860, aos 21 anos, em Indaiáçu. Alguns autores didáticos, de maneira incorreta, afirmam que o poeta faleceu em Nova Friburgo. Contudo, o fato é que, conforme explica o filólogo Sousa da Silveira em sua excelente edição das *Obras de Casimiro de Abreu*, o poeta, na esperança de encontrar alívio para a tuberculose galopante que o atormentava, buscou refúgio no clima desta cidade. Não o encontrando, retornou ao aconchego materno em Indaiáçu. Cidadezinha esta que passou a chamar-se Casimiro de Abreu em 1938. É digno de nota que o ano de 1839 também viu o nascimento de outros brasileiros ilustres: Machado de Assis, amigo do nosso poeta, Tobias Barreto, Benjamin Constant e Floriano Peixoto.

Casimiro era filho de mãe brasileira, Luísa, e de pai português, José. O casal teve três filhos, sendo Casimiro o único varão. Seu pai chegou ao Brasil em 1829 e logo se dedicou ao comércio de exportação de madeiras. Até o ano de 1849, quando foi levado pelo pai para estudar no renomado Instituto Colegial em Nova Friburgo, o menino desfrutava de uma vida feliz, vivida em um cenário paradisíaco, como se depreende de seus célebres versos. Orgulhava-se de ter vivido em uma casa junto ao mar e às florestas, em contraste com a cidade, onde, segundo suas palavras, “se morre

abafado”. O internato, fundado e dirigido pelo professor inglês John Henry Freese, impunha uma severa disciplina aos alunos, conforme os costumes da época. O menino estranhou o novo ambiente, tão diferente da doçura de seu lar. Foi ali que, de fato, parece ter ocorrido seu primeiro encontro com o que ele chamou de “lodo do mundo”. Nesse educandário, o futuro poeta revelou uma grande aptidão para a arte do desenho. Na verdade, começou a escrever versos para expressar a saudade de casa e de sua terra natal. A saudade foi, portanto, a sua primeira musa. Esses versos, no entanto, foram destruídos por ele mais tarde, algo que viria a lamentar em carta a um amigo. Casimiro ainda não reconhecia a poesia como sua verdadeira vocação.

Após três anos e meio no internato, o jovem foi para o Rio de Janeiro, no início de 1853, para iniciar-se na prática comercial, atendendo à vontade do pai. Além de se ambientar na grande cidade, deveria continuar seus estudos. Contudo, com sua natureza rebelde e travessa, rapidamente se entediou com a rotina do ambiente comercial. Preferia passear, ir ao teatro, divertir-se e fazer novas amizades. Preocupado com o futuro do filho e seguindo o conselho de amigos, o pai decidiu enviá-lo a Lisboa para prosseguir os estudos. Naquela época, era comum que brasileiros prósperos educassem seus filhos em Portugal, e o nosso poeta não foi exceção.

Assim, em 1853, ele partiu para Lisboa, acompanhando seu tio doente, onde permaneceu por quase quatro anos. Não se sabe se foi durante sua estada em Portugal que começaram a manifestar-



boas-vindas “a estas praias brasileiras”. Faustino faleceu em 1869, aos 40 anos de idade, três meses antes do casamento de sua irmã Carolina com Machado de Assis. Carolina havia vindo para o Brasil alguns anos antes para cuidar do irmão. Segundo R. Magalhães Júnior, o poeta português morreu louco.

Em Lisboa, Casimiro escreveu grande número de poesias, peças teatrais e textos longos em prosa, alcançando certa notoriedade com publicações em jornais e revistas. Retornando ao Rio de Janeiro no ano seguinte, partiu sem demora para a fazenda paterna em Indaiáçu, desejoso de rever a mãe e os lugares queridos de sua infância. Ali, escreveu parte do poema “No lar”, onde se lê o doloroso verso: “Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!”. A verdade é que já havia trazido de Portugal um conjunto de versos intitulado *Canções do Exílio*, que compôs a primeira parte de seu único livro, *Primaveras*. Sua poesia, pelos temas e pelo cuidado na linguagem, reflete a profunda influência de Gonçalves Dias.

Pouco depois, instalou-se de novo no Rio de Janeiro, voltando a trabalhar no comércio. O ano de 1858 foi de intensa atividade literária para Casimiro de Abreu. Conforme Sousa da Silveira, o poeta já cogitava a publicação das *Primaveras*, seu volume de versos publicado em 1859 e financiado por seu pai após uma série de percalços editoriais, o que reflete a persistência diante das dificuldades. Dizem que o pai, adoentado, leu os originais do livro e, comovido com o talento do filho, chamou-o para junto de si, reconciliando-se com ele pouco antes de falecer. É preciso dizer, a bem da verdade, que sempre houve afeto entre eles, apesar da discordância de ideias. Cerca de seis meses após essa perda, o jovem, que tanto amava a vida – “Quero amor! quero vida! e longa e bela (...)” –, faleceu na flor da idade. Teve uma vida curta, assim como Álvares de Azevedo e Castro Alves, entre outros poetas românticos.

Casimiro de Abreu foi chamado de poeta do amor e da saudade. Cantou a saudade da infância, a dor do exílio, os encantos da paisagem brasileira, o pressentimento da morte (“Eu sinto que esta vida já me foge” – “Horas tristes”), o medo de amar, a idealização da mulher amada e a devoção à pátria. A obra poética de Casimiro parece ser a que mais apresenta nomes de mulheres: Maria, Madalena, Júlia, Elisa, Clara, Carolina, Camila, Raquel, Pepita... As mulheres foram, na verdade, o reino do poeta. Sua Pasárgada, como diria Manuel Bandeira. Para o nos-

“-se os primeiros sintomas da tuberculose. A informação de R. Magalhães Júnior, em sua biografia do poeta, de que ele já teria deixado Portugal doente, parece ser incorreta. De fato, Sousa da Silveira afirma que este ainda é um ponto a ser elucidado, pois, pelo que pôde averiguar em cartas autógrafas, o poeta nunca aludiu à doença em sua correspondência com amigos íntimos. Pelo contrário, ele sempre se gabava de sua boa saúde. Em 1856, visitou o Minho, terra natal de seu pai, onde residiam muitos de seus parentes. Na cidade do Porto, ainda no Norte, conheceu o poeta Faustino Xavier de Novais, que muito o impressionou pela cultura, espírito crítico e vivacidade. Com ele, desenvolveria uma amizade no Rio de Janeiro, para onde Faustino emigrou em 1858. Casimiro dedicou ao amigo o poema “A F. X. de Novais”, com 64 versos, publicado no jornal *Correio Mercantil* em 7 de junho de 1858, dando-lhe as

Dizem que o pai, adoentado, leu os originais do livro e, comovido com o talento do filho, chamou-o para junto de si, reconciliando-se com ele pouco antes de falecer.

so poeta adolescente, a mulher é: linda, bela, meiga, caprichosa, teimosa, falsa, louca, doidinha, louquinha, ardente, inconstante, zangada, feiticeira, formosa, etc. E ele se autodenomina o “vampiro infame” (“Amor e medo”), que se consome pelo desejo de seus beijos e abraços. O poeta também parece indeciso entre a morena (“Moreninha”) e a loira (“Clara”). Na literatura, ele exalta o amor idealizado, mas na vida real, a realidade não permite que ele cesse a busca por “delírios novos” (“Dores”), mantendo-se sempre absorvido por paixões passageiras, desde que outros olhos o cativem. Ele atribui à amada a mesma inconstância que ele próprio demonstra: “Pois essa alma é tão sedenta/ Que um só amor não contenta/ E louca quer variar?” (“Borboleta”). Casimiro compara a instabilidade amorosa de homens e mulheres ao comportamento da borboleta. Esta metáfora também aparece em *Primeiros Cantos* (1846), de Gonçalves Dias.

Em relação à mulher amada, a poesia ultrarromântica representa o ápice das características idealizadas e frequentemente irreais. A própria poesia é descrita por Casimiro como a Virgem Loura de belos olhos e suave fala que o acompanha desde a infância. As principais características da mulher, nessa visão, incluem:

a) Beleza idealizada: A mulher é

frequentemente descrita como extremamente bela, com traços físicos perfeitos e angelicais. Sua beleza é etérea e muitas vezes comparada a elementos da natureza, como a lua, estrelas, flores, etc.

Exemplos: “E a lágrima cristalina/ banhou-te a face divina” (“Perdão”); “Minh’alma agora remida,/ Adora o anjo – que és tu!” (“Anjo!”).

b) Pureza e inocência: A mulher é vista como pura e inocente, muitas vezes virginal. Essa pureza é associada a uma espécie de espiritualidade elevada.

Exemplo: “Nos puros olhos e na face bela,/ Dos meus sonhos a virgem conheci” (“Canto de Amor”).

c) Fragilidade e delicadeza: Ela é retratada como frágil e delicada, necessitando de proteção e cuidado. Essa fragilidade também é uma forma de exaltar sua feminilidade e graça.

Exemplo: “A flor mimosa que abrihanta o prado” (“Perfumes e Amor”).

d) Ideal inatingível: A mulher amada é frequentemente colocada em um pedestal, tornando-se um ideal inatingível. Ela pode ser uma musa distante, alguém que o poeta ama de longe, mas que nunca consegue realmente alcançar.

Exemplo: “Na valsa/ Tão falsa,/ Corrias,/ Fugias, / Ardente,/ Contente,/ Tranquila,/ Serena,/ Sem pena/ De mim!” (“A Valsa”).

e) Sofrimento e melancolia: A figura da mulher amada está frequentemente

associada ao sofrimento e à melancolia, refletindo o tom pessimista e melancólico do ultrarromantismo. O amor por ela é muitas vezes doloroso e impossível.

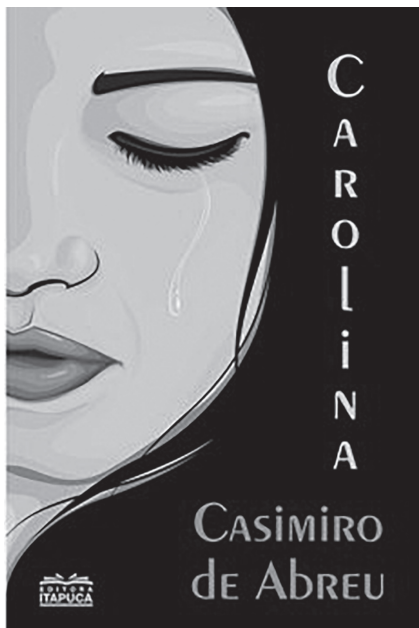
Exemplos: “Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,/ (...) Encontrara de novo a minha vida,/ O sol da primavera e a luz perdida,/ Nos braços desse amor!” (“Sempre Sonhos!...”) e “Minh’alma triste vai vagando à toa (...)” (“Minh’alma é Triste”).

f) Espiritualidade e mistério: A mulher possui um aspecto misterioso e quase sobrenatural, reforçando a ideia de que ela não pertence completamente a este mundo. Ela pode ser vista como um ser celestial ou espiritual.

Exemplo: “(...) a linda filha do meu sonho,/ A pálida mulher/ Das minhas fantasias (...)” (“Horas Tristes”).

Para concluir, devemos lembrar que a poesia romântica dominou o século XIX, de 1836 até meados da década de 1880, quando surgiu o parnasianismo. A primeira fase do romantismo foi dominada por Gonçalves Dias, que buscou inspiração na vida dos índios e em suas dores pessoais. *Primaveras* marcou a segunda fase da poesia romântica entre nós, que prevaleceu durante as décadas de 1840 e 1850. Neste período literário, predominou o sentimento pessimista e, por vezes, cínico de Álvares de Azevedo, inspirado em Byron e Musset. A terceira fase é a da chamada escola





condoreira, de inspiração social, representada por Castro Alves e influenciada por Hugo. A coletânea de poemas foi um sucesso de público, e a poesia de Casimiro marcou a vida de gerações de leitores. Conquanto alguns críticos o considerem um poeta menor, Sousa da Silveira demonstrou, na edição citada acima, que o talento do nosso poeta ia além da facilidade de versificação, pois ele retocava e aperfeiçoava os poemas com atenção, sendo, portanto, escritor e poeta correto. Seu horizonte poético não é limitado. Ao expressar seu mundo pessoal de modo espontâneo e sincero, com simplicidade e correção, conferiu grande autenticidade às suas emoções. Embora não tivesse alcançado a dramaticidade e a eloquência de seu mestre Gonçalves Dias, seu lirismo melancólico é muito original, ainda que às vezes tedioso para o leitor atual, não se limitando apenas às poesias sobre saudades. Nas suas mais elevadas qualidades, aproxima-se do mestre, parece-nos, especialmente nas *Poesias Elegíacas*, na quarta parte do seu livro, denominada de *Livro Negro*. *Primaveras* é a pequena obra de um gênio adolescente que, é claro, não teve tempo para uma maturação completa. De qualquer forma, a obra revela a força lírica de um autêntico poeta.

(Marco Antônio Bomfoco é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, ocupando a cadeira de n. 23, cujo patrono é Casimiro de Abreu.)

E se a morte não fosse o fim?

PITI OCHOA UGHINI

Às vezes me pego pensando na morte. Não nas mortes abruptas, nem nas que vêm antes da hora. Mas naquelas que chegam devagar, como quem avisa, como quem prepara. E me pergunto: quando os nossos pais, já cansados de corpo, se aproximam da partida... quem estará lá para recebê-los?

Penso nisso como quem imagina uma mudança de cidade. Um outro lugar, desconhecido, com um céu que talvez seja céu ou só um modo de consolar. Mudar nunca é simples. A gente demora pra se adaptar, sente falta do que deixou, estranha os sons, o silêncio, o tempo. Mas e se, ao chegar nesse outro lugar, houvesse alguém esperando?

Não alguém qualquer. Mas alguém que foi antes. Um irmão, uma mãe, um amor. Alguém com rosto conhecido, sorriso aberto, abraço pronto. Alguém que dissesse: “Vem, tô aqui. Já passei por isso.” Alguém que segurasse pela mão e dissesse que, mesmo sendo novo, não é tão assustador assim.

Penso, às vezes, que o meu pai talvez esteja lá. Do jeito dele, calmo, quieto, com aquele olhar que dizia muito mesmo em silêncio. Sempre que a gente se preocupava demais, ele dizia: “Agora é noite, amanhã é dia. Amanhã a gente vai pensar.” E aquilo bastava. Porque naquele instante, ele nos dava o que o medo mais precisava: repouso. Era como se ele segurasse o tempo um pouquinho, só pra nos deixar respirar.

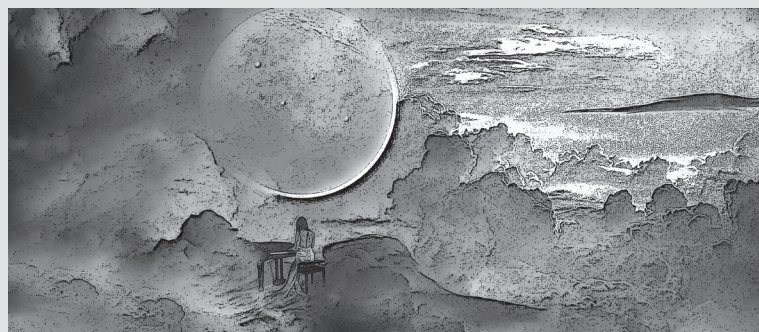
E isso me conforta.

A ideia de que a morte não é fim, mas travessia. Que lá, do outro lado, não há multidão estranha, mas reencontro. E que essa presença, esse afeto que precede, faz da chegada algo mais ameno. Menos ruptura, mais continuidade.

Fico imaginando que, talvez, o tempo não se quebre. Talvez ele só mude de forma. E que o amor, esse que aqui nos sustenta, continue sustentando lá também. A presença que foi embora do lado de cá se faz presença de novo, em outro plano. E a saudade se converte em ponte.

A morte é um enigma. Eu sei. Mas às vezes gosto de pensar nela assim: como um lugar onde os que amamos não se perdem de nós, apenas vão um pouco adiante, pra preparar a chegada.

(Piti Ochoa Ughini é professora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Reminiscências

MAURO GAGLIETTI

O poema “Reminiscências” de Mario Quintana, publicado em 1948 no livro “Sapato Florido”, é uma obra que lança luz sobre as inundações devastadoras que ocorreram em Porto Alegre em 1941. Sete anos após o evento, Quintana oferece um testemunho pessoal e poético que ressoa com as experiências atuais de desastres naturais.

No poema, Quintana captura a magnitude da cheia que, por 83 anos, permaneceu como o maior desastre natural do Rio Grande do Sul. Ele descreve vividamente como o Guaíba

transbordou, alcançando a marca impressionante de 4m76cm, bem acima da cota de inundação de três metros. O poema serve como um registro histórico e emocional, destacando a força da natureza e o impacto duradouro que tais eventos podem ter na memória coletiva e na paisagem de uma cidade.

Este poema não apenas documenta um evento histórico significativo, mas também oferece uma perspectiva íntima da relação entre o ser humano e a natureza, e como momentos de crise podem ser transformados em arte”.

(Mauro Gaglietti é Prof. Dr. e titular da Cadeira 31 da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Reminiscências

A enchente de 1941.

Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos onde eu morava.

Tínhamos assim um rio só para nós.

Um rio de portas adentro.

Que dias aqueles!

E de noite não era preciso sonhar:

pois não andava um barco de verdade assombrando os corredores?

Foi também a época em que era absolutamente desnecessário fazer poemas...

(Mario Quintana, no livro “Sapato Florido”. 1948.)



Pandemia

Acorrentada pelas próprias ideias,
Sinto o sufoco de existir.
Entre estas quatro paredes,
As janelas cobertas
Me blindaram os olhos,
Enquanto tento
Me redescobrir.
Vejo, mas não enxergo.
Escuto, mas não posso ouvir.
Sinto-me caindo
Em flagelos,
Mas não posso intervir,
Ou fugir
De mim mesma?!
Isolaram-me de
Tantos abraços,
De tantos sonhos
Que não atingi.
Isolem-me
De mim mesma!
Porque há tempos
Deixei de sorrir.
E quando percebo
O que me cerca,
O que me cega,
Que o mundo foi reduzido,
Assim como a liberdade
É contada em metros quadrados,
Eu, já tão encolhida,
Passo os dias contando nos dedos
O retorno ao “como era”.

Ao passado que já não mais me espera.
E que confronta a metamorfose interna
Pela qual por todos fomos lançados.
A ancorados em incertezas.
A angústia já vive ao meu lado.
Me sinto tão cheia
Do vazio que deixaram:
Pais, primos
E até tu, Paulo Gustavo!
E de luto
Ainda luto
Para achar vida entre tantas mortes
Quiçá pudéssemos ter mais sorte
E não esperar pela cura
De braços cruzados.
Ou tampouco esperar
Será a pressa do hoje
Consequência de um erro
Que podia ter sido evitado?
Como somos acumuladores de erros!
E por poder ou por dinheiro
Acabaremos todos
Asfixiados.

(Schaida Ferreira é graduada em Relações Internacionais e, atualmente, vive e trabalha em Bruxelas, na Bélgica.)



Maconha plantada na Avenida Brasil

ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI

Na Avenida Brasil, na direção Centro-Petrópolis, há umas duas quadras da praça Tochetto, existem dois pinheiros araucária no canteiro central, e pelo diâmetro do tronco devem ter sido plantados há pelo menos 50 anos.

São os únicos na Avenida Brasil, do Boqueirão até a Petrópolis. Poucas pessoas já se deram conta destas árvores. Como são pinheiros machos, não produzem pinhão e não chamam a atenção.

Este caso é verídico. Quase em frente há uma barbearia, que como em qualquer barbearia, tudo se sabe e tudo se inventa.

No espaço entre os dois pinheiros, um agrônomo, já falecido, excelente agrimensor, sempre utilizava aquele pequeno pedaço de terra para plantar alguma coisa que não fosse flor. Um passatempo agrônômico.

Ele havia plantado dois pés de mandioca, de folhas bem estreitas, que além de serem bonitos, eram muito ornamentais, e ainda poderiam render um bom cozido de mandioca plantada em

área central da cidade, em área pública.

Certa tarde, barbearia cheia de clientes e de jogadores de conversa fiada (barbearia é uma espécie de local de terapia coletiva, sem custo), aparecem na porta duas pessoas, dois magrelões, com cara de olhar perdido. Educados, dão boa tarde e perguntam, para espanto geral: tio aquela planta no meio dos pinheiros é maconha?

Surpresa geral. Sim responde nosso agrônomo e apoiado pelos demais. Sim. É da boa. Obrigado e até logo tio.

Na manhã seguinte, surpresa. Cadê os pés de maconha? Sumiram e só deixaram os tocos de lembrança.

Dias após os magrelões voltam e disseram que foram eles que tiraram e não disseram como fumaram.

Fizeram um elogio ao produto: tio era da boa. E foram embora.

Os presentes desandaram a rir, pois não acreditavam que a dupla tivesse acreditado na história da maconha.

Esta é a história da maconha na Avenida Brasil, cultivada em área pública.

Quem quiser confirmar, vá até a barbearia do Eri.

(Roque Gilberto Annes Tomasini é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Voo no avião Electra da Varig

ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI

Voar em avião a jato é moderno e confortável, ainda mais na primeira classe.

Viajar, de qualquer forma de transporte, não pode ser algo sem emoção, elegância. Tem que ter um charme.

Hoje, mesmo nos jatos modernos, a viagem se resume a dormir, tentar esticar as pernas e, eventualmente, ganhar um salgadinho. A água ainda é de graça. Quem conheceu o poderoso Electra, com seus quatro enormes motores turboélice, desfrutou de uma era da aviação que não volta mais.

Primeiro aquela sensação de voar naquele poderoso avião. Podia voar só com dois motores.

Se o tempo ajudasse, era um voo sereno, relaxante. Fiz vários voos na rota Porto Alegre-Brasília.

Bem agora vem o serviço de bordo:

café da manhã, almoço ou janta em pratos de porcelana. Talheres de primeira categoria, da Zivi-Hercules. Guardanapos de excelente tecido. Copos de vidro com a marca Varig.

Nas refeições, whisky outros aperitivos, vinho branco ou tinto (nacional e importado), refrigerantes e água.

A bebida era à vontade. Obviamente alguns se entusiasmavam e bebiam além da conta.

Agora a melhor parte: nos fundos do avião, na cauda, havia um enorme sofá circular para os passageiros descansarem e um espaço de uns 6-8 metros

quadrados em frente ao sofá. Eu estava num voo em que presenciei alguns passageiros bêbados, pulando e cantando músicas de carnaval.

Bonito? Depois de algum tempo aparece, furioso, o comandante, mandando todos sentarem, uma vez que a bagunça estava atrapalhando sua pilotagem, estava com dificuldade para estabilizar o avião.

Saudades do Electra.

Bons tempos.

(Roque Gilberto Annes Tomasini é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Primícias

ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI



Liberdade

O que é liberdade
Você já sentiu o gosto da liberdade?
Liberdade para que?
Será que ela nasce com o seu nascimento?
Liberdade para fazer sua vida, para sobreviver
Para fazer o bem ou o mal
Você sabe como busca-la?
A sociedade lhe ajuda a busca-la?
Porque cada vez temos mais pessoas infelizes?
A tecnologia nos permite ter tudo ou quase tudo
Mas a liberdade,
que deveria andar de mãos dadas com a felicidade
não está à venda
Tenta-se conquistá-la no dia a dia
Conseguiremos?
Depende de você e do seu próximo
Da solidariedade humana

(Roque Gilberto Annes Tomasini é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Guilhermina, minha avó!

SUELI GEHLEN FROSI

Conheci-a silenciosa. A memória mais remota que tenho remete-me a uma casa de madeira, de cujo interior não lembro nada, mas o exterior era verde, muito verde. Não só a pintura das paredes e janelas, mas aquela rendinha de madeira toda recordada, que fazia o contorno do telhado e das áreas abertas. Era verde também o pomar, que me carrega até agora às árvores cítricas, onde as limas imperavam. Mas, o que mais tenho vivido em mim é a sacadinha dos fundos. Era ali que Guilhermina trançava o cabelo e falava comigo devagar e em alemão.

Vejo-a ainda, toda bonita, alta, cabelos longos e fartos e mais escura do que era de se esperar, dado a origem alemã. Sua beleza austera escondia uma mulher que, aos poucos, pude conhecer. Eu era uma menina de menos de nove anos, idade em que nos mudamos do lugar, e ela uma senhora de mais ou menos cinquenta. As sessões em que me vejo sentada no piso da sacadinha, conversando vivamente com aquela mulher marcaram-me pelo tempo afora. Lembro bem quando começamos nossos papos. À época o caçula havia morrido do coração aos dezenove anos. Ela começou assim, do nada, a dizer que precisava chorar e que choraria comigo, por que sua mãe – a versão megera da família – não deixara que o fizesse, por que o filho dela não existia mais e uma pessoa católica deveria dar valor só para a alma, que agora estaria no céu. E ela chorou sua dor baixinho e eu segurei sua mão, que ela apertou bem forte.

De origem mais sofisticada, casou-se com um rapaz simples, pobre, por quem se apaixonou por encontrar nele a ausência total do autoritarismo presente no pai. As considerações sobre os pais eram muito claras, quanto à língua ferina da mãe e o comportamento truculento do pai. Seu casamento não agradou muito à família de origem, mas foi-lhe permitido carregar consigo muitos baús com preciosidades. Uns continham seu



enxoval, outros seus vestidos e alguns utensílios que, aos poucos, foram-se dispersando em meio às mudanças, de lavoura em lavoura.

Quando solteira ela falava um alemão mais erudito, mas esse jeito de falar fez dela alguém estranho ao meio em que se viu inserida. Aos poucos, silenciosa e observadora, passou a adotar o dialeto local, para que a aceitassem melhor, contudo, o silêncio e a solidão foram conseguindo ser sua marca pessoal. Meu avô esperou pacientemente que a aceitassem. Tolerou os comentários sobre o luxo das roupas da mulher, as conclusões de que ele nunca teria nada na vida com ela. A elegância de Guilhermina era inata, o que incomodava em meio à simplicidade dos costumes do lugar. Mesmo depois de abandonar seus vestidos e chapéus, seu jeito de andar e a forma como se fechou em si fizeram dela alvo de inveja e falatórios.

Era com rancor que ela falava sobre a opinião das pessoas, especialmente quando aconteceu de um filho, ainda pequeno, qual um bichinho acuado, gritava sob um telheiro que começara a desabar. O pedido de ajuda para que retirassem o filho dali, foi interpretado como preguiça, o que a fez desistir de

ser filha, irmã, vizinha ou qualquer condição que não fosse a de mulher de José e mãe de seus filhos. Ele a amava, ela sabia, e nunca exigiu dela grandes feitos. Foi condescendente com sua pouca garra e determinação, tão comuns às mulheres da época, mas que, nela, eram quase ausentes. Segundo ela, em solteira, não era assim. Ela tinha vontades e as manifestava com força, como uma gata cheia de dentes e unhas.

Não lembro de Mina - como a chamavam - trabalhando fisicamente. Intuo que foi poupada por alguma razão. Ouvi relatos de dores nas costas, de cirurgias, de longas viagens a cavalo, que o abnegado marido fazia, no intuito de comprar uns comprimidos, que ela descrevia pela cor e tamanho. Os amarelos eram grandes, para os rins, os brancos e pequenos, para o coração. Coramina era seu remédio predileto, do qual nunca se separou. Por vezes ela sorria levemente, ao falar das festas de sua juventude, quando usava lindos vestidos e chapéus suntuosos. Com o tempo e falta de uso, suas coisas tão lindas deterioraram-se nos baús, com exceção de um vestido e de uma sombrinha, ainda bonitos, que ela mostrou a mim e só a mim, segundo me disse.

Vovó e vovô tiveram quatro filhos



Um dia vi que vovó me observava ao encher um vaso com flores e colocá-lo sobre uma toalha bordada. Ela sorriu para mim e eu senti que éramos amigas, mais do que isso, confidentes. Aquilo aqueceu meu coração!



e duas filhas. Lina e Olga criaram-se muito prendadas, de gosto requintado e capazes de bordar e crocheter com perfeição. Costuravam seus vestidos com esmero e capricho, enquanto cuidavam do conforto da mãe. No devido tempo tomaram seus rumos. Minha mãe saiu de casa ainda solteira indo morar com uma família conhecida, para tornar-se costureira. Algum tempo depois, apaixonou-se por um rapaz lindo, aprendiz de alfaiate, que, uma vez estabelecido, pediu-a em casamento. Minha tia casou-se com um agricultor rude, mas muito trabalhador. Os rapazes eram silenciosos como o pai e seguiram trabalhando na terra, casando-se um após outro. O mais velho casou-se com mais de quarenta anos. O caçula preferiu morar com minha mãe e meu pai, tornando-se um alfaiate também.

Guilhermina não falava nos filhos, nem nos netos e eu não estranhava aquilo. Ela tinha tanta coisa pra contar! Certa feita, inesperadamente, me fez conhecer Jacobina. Segundo ela, de onde viera, havia uma mulher santa, tão santa que era seguida por multidões por causa de curas milagrosas e pelo fato de conseguir sair do chão, mas sem voar. Só saía do chão e por isso era perseguida

pela polícia. Contou que foi morta junto com muitos seguidores. Segredou-me que Jacobina era histórica, palavra que nunca esqueci e que demorei a entender.

Muitos anos depois, por ocasião da formatura do nosso filho mais velho, pude conhecer Jacobina com detalhes através do livro Videiras de Cristal, de Assis Brasil. Ao começar a leitura minha avó personificou-se, como por encanto. Senti-a falando baixinho, em alemão, a mim sentada a seus pés naquela sacadinha de paredes verdes. O interior de Lajeado e o morro Ferrabrás, agora eu sabia, foram o cenário da infância e juventude da minha avó.

Nossas conversinhas foram interrompidas bruscamente, por que nos mudamos para Passo Fundo. Minha adolescência foi sacudida uma noite, pela notícia da morte do meu avô e a posterior mudança da minha avó para nossa casa. Participei da dor pungente que a morte provocou na minha mãe. Percebi melhor, por já ser uma adolescente, qual seria o lugar de Mina na família. Não vi alguém preocupado com ela, nem manifestações de dor de sua parte, por aquele marido ocupado em mimá-la por tantos anos.

Ficamos alguns dias na casa de vovó, para que os adultos tratassem dos negócios, de pagamentos e todas aquelas coisas que devem ser feitas depois da morte de alguém. Minhas irmãs e eu corríamos pelos campos e arrumávamos a casa. Um dia vi que vovó me observava ao encher um vaso com flores e colocá-lo sobre uma toalha bordada. Ela sorriu para mim e eu senti que éramos amigas, mais do que isso, confidentes. Aquilo aqueceu meu coração! A ausência de beijos e abraços não me faziam falta, por que eu sabia do amor que partilhávamos. Nossa conexão foi-se acabando lentamente. A morte do marido e a saída de casa liquidaram sua alma de vez. De quietinha, sempre ereta e elegante, passou a taciturna, esquecida, paranoica. Perdeu um olho em uma cirurgia e o outro foi se apagando junto com a razão.

Passei muitos anos ajudando a cuidá-la. Tive-a nas mãos como a um bebê. Alimentei, banhei, troquei fraldas, sem perder a esperança de que, em algum canto da sua memória, ela lembrasse

daquela menininha que colheu palavras raras de uma mulher incomum. Compreendo hoje, que Guilhermina não era silenciosa, mas que foi licenciada!

Restam-me os perfumes que vovó deixou em seu rastro. Em sua quase letargia conseguiu perfumar sua casa com canela, cravo e manteiga, na forma de cucas inesquecíveis, cuja receita minha mãe herdou. As rosas dos jarros espalhados aqui e ali tinham um olor antigo, misterioso e quente, que procuro em cada rosa que enfeita a minha vida. Consegui fazer-me dançar de alegria e medo a cada Natal, quando São Nicolau visitava a mim e a meus irmãos desde uma semana antes, tradição que vovó passou para a família, tenho certeza.

Restou-me uma mãe corajosa, determinada, inconformada com a vida neutra e sem papéis decisivos dentro da organização familiar. Minha mãe certamente viu-se compelida a atuar em conformidade com os novos tempos. Foi moderna, antenada, brava e intensa.

Sou herdeira de enfermidades ancestrais, sei! Patologias psicológicas inevitáveis foram se desenrolando ante minha infância e juventude. Tive o privilégio de conseguir observar o desenrolar dos dramas inerentes à condição humana em vários momentos. Convivi com o vazio, com a garra instintiva de algumas mulheres, com o poder compartilhado de muitas com seus companheiros. Vi a inteligência superar adversidades e o caminhar rumo à equidade.

Orgulho-me da minha herança. Tornei-me alguém que pensa, que se sabe parte de uma geração limítrofe entre conseguir ser e ser de verdade. Tenho consciência de que minha geração impregnada pelo espírito de tantas mulheres, de subjugadas a libertas, caminha para a emancipação da humanidade. Nós produzimos filhos inconformados com a submissão, com a destruição do planeta, com tudo o que pode nos levar à inocência típica de quem se sabe parte e não donos de nada.

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Imigração alemã no Rio Grande do Sul

DILSE PICCIN CORTEZE

O Rio Grande do Sul antes dos alemães

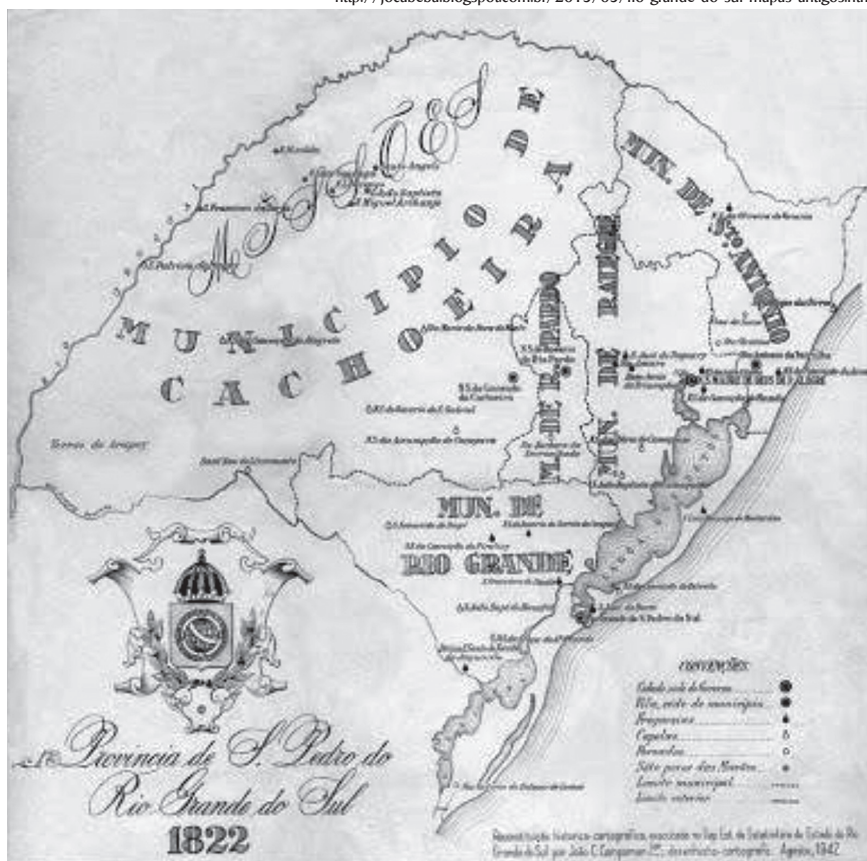
A produção pastoril e charqueadora desenvolveu significativamente a Campanha. O Rio Grande do Sul era o Pampa. Por isso, o território gaúcho terminava à orla da floresta virgem, isto é, ao pé da Serra Geral. Nas pequenas plantações de gêneros de subsistência trabalhavam os proprietários, seus familiares e, eventualmente, alguns cativos.

As fazendas pastoris de menor porte eram exploradas, sobretudo por seu dono e familiares. Os criatórios maiores possuíam, além de peões, um núcleo permanente de cativos empregados na construção de cercas de pedra; transporte de água e lenha; plantações de subsistência; produção artesanal e pastoril, etc.

Em 1808, a chegada da Família Real marcou o fim do regime colonial e iniciou o processo de independência do Brasil. Em 1817, dona Leopoldina chegou ao Brasil, da Áustria, para esposar Dom Pedro, acompanhada de cientistas e estudiosos austríacos, germânicos e italianos. A casa real austríaca interessava-se na imigração de comunidades rurais sob seu domínio.

As transformações políticas e econômicas conhecidas pelo Brasil exigiam o processo colonizador, subsidiado pelo governo. Pretendia-se que a pequena propriedade se subordinasse e apoiasse a grande propriedade. Em 1824, chegaram ao sul os primeiros imigrantes alemães. Deste ano até 1830, aportaram na Província 5.350 imigrantes vindos dos territórios da atual Alemanha. Esse processo imigratório foi, sobretudo, obra imperial, pois os latifundiários consideraram-no como contrário aos seus interesses.

Após a Independência, o financiamento da imigração provocou reações



1822, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul

entre os latifundiários, que julgavam o plano do governo para a imigração caro e pró-abolicionista. Em 1831, com a abdicação de Pedro I, as classes dominantes escravistas assumiram o poder e interromperam, até 1840, isto é, a Maioridade, o processo imigratório.

Em 1847, o fazendeiro e senador Nicolau Vergueiro empreendeu a promoção da vinda de quatrocentos imigrantes alemães, com o adiantamento pelo governo de somas para o transporte. As famílias alemãs assinaram "contrato de parceria", que determinava que os produtos do trabalho fossem divididos, não as terras. Vergados pela dívida contraída, os colonos ficavam dependentes do proprietário, reduzidos à condição semiservil. As reclamações chegaram à Europa, provocando reações desfavoráveis à imigração.

A Europa na época da imigração

Na primeira metade do século XIX, as regiões da Alemanha próximas à França vivenciaram grandes transformações. A propriedade, antes feudal, passou gradativamente para propriedade individual. O processo foi muito lento, trazendo diversas consequências de ordem econômica e social para o País. A propriedade individual não trouxe, no início, o progresso tão esperado. A partilha das terras fez com que a quantidade de hectares diminuísse, transformando os proprietários em minifundiários. A decadência econômica da Alemanha é agravada.

A Alemanha desta época era composta por mais de uma centena de estados dos mais diferentes tamanhos. As últimas alterações eram decorrência do Congresso

de Viena (1815), que havia remodelado a Europa. A Inglaterra, a Áustria, a Rússia e a Prússia eram as grandes potências da época e haviam vencido Napoleão em sua guerra. Assim, após 1815, instituiu-se uma confederação, que substituiria o antigo Sacro Império Romano-Germânico da Nação Alemã (*Heiliges Römisches Reich Deutscher Nation*) a Confederação Alemã (*Deutsche Bund*).

As guerras aconteciam constantemente na Europa nessa época. Em tempo de guerras, altos tributos eram cobrados e o serviço militar tornava-se obrigatório. Portanto, pode-se dizer que a miséria econômica da Alemanha e as constantes guerras deram grande impulso à imigração alemã para o Brasil.

Os alemães representam 5% dos imigrantes que vieram para o Brasil. Buscavam uma nova pátria. Os primeiros colonos saíram de Holstein, Hamburgo, Mecklemburgo e Hannover. Mais tarde, começaram a predominar os povoadores vindos de Hunsrück, Pomerânia e Wurtemberg. Entre os anos de 1854 até 1959, além dos alemães, famílias de outras nacionalidades entraram no Brasil em grande quantidade. Enquanto os alemães eram 176.422 os espanhóis foram 683.382; italianos, 1.507.695; ja-



Mas não havia soldados suficientemente preparados no país. Era necessário trazê-los do exterior. Além de soldados, também necessitava o país de colonos que viessem se instalar no sul.

poneses 188.723, sírios e libaneses 189.727 entre outros, em menor número.

O Brasil no início do século XIX

Em 1808, a Família Real Portuguesa fugiu para o Brasil para escapar da invasão das tropas napoleônicas. Napoleão ameaçava tomar Portugal que se negara a aderir ao Bloqueio Continental, imposto a todos os países europeus pelo imperador francês. Sete anos depois, com a derrota de Napoleão na célebre batalha de Waterloo, em junho de 1815, nada mais impedia o regresso de D. João VI (1767-1826) a Portugal, o que efetivamente ocorreu em 24 de abril de 1821.

Com o retorno da Família Real, entenderam as autoridades portuguesas que o Brasil deveria retornar à simples condição de colônia. Na verdade, o Brasil deixara de ser colônia desde 1815, quando fora incorporado ao Reino Unido de Portugal e Algarves. Com isto, nem os comandantes brasileiros nem o Príncipe Regente D. Pedro concordavam, o que determinou a proclamação da Independência.

Esta proclamação, no entanto, encontrou muitas oposições no Brasil, pois os governantes das províncias eram portugueses e mantinham-se fiéis àquela Coroa. As tropas lusitanas tiveram que sair daqui, expulsas, em 1823. Novo exército teve que ser formado para garantir militarmente a independência, pois em Lisboa grandes aparatos de forças militares estavam sendo preparados para invadir o Brasil.

Mas não havia soldados suficientemente preparados no país. Era necessário trazê-los do exterior. Além de soldados, também necessitava o país de colonos que viessem se instalar no sul. O problema militar quanto à soberania sobre a Província Cisplatina havia gerado diversos conflitos com a Argentina. Por recomendação de D. Leopoldina, arquiduquesa da Áustria e filha do Imperador Francisco I, com quem D. Pedro se casara em 1816, decidiu-se trazer não só soldados, mas também colonos da Alemanha. Lá existiam milhares deles desempregados desde o fim das guerras napoleônicas.

A difícil missão de angariar colonos e engajar soldados alemães para os Batalhões de Estrangeiros do Brasil coube ao Major Johann Anton von Schaeffer. Schaeffer havia chegado ao Brasil em 1814 e conseguido conquistar a amizade de D. Leopoldina, pelo interesse que ambos tinham nas ciências naturais.

De posse de uma procuração que o nomeava como “Agente de afazeres políticos do Brasil”, Schaeffer encontrou inicialmente grandes dificuldades para contratar soldados na Alemanha. A exportação de soldados era terminantemente proibida, desde o Congresso de Viena, em 1815. As grandes nações europeias (Prússia, Inglaterra, Áustria e Rússia), não permitiriam o surgimento de outro “Napoleão” no mundo. D. Pedro I, com a independência do Brasil, foi considerado um usurpador do poder, um rebelde que traía o seu país.

Enquanto que em alguns estados alemães havia a proibição, em outros



Mapa da Europa Século XIX

existia o direito dos cidadãos à emigração, principalmente nos estados da atual Renânia, onde, pela proximidade com a França, a destruição tinha sido maior, e onde mais se fizeram sentir os efeitos do fim do feudalismo. Os camponeses, que agora podiam abandonar o campo, não encontravam trabalho nas cidades, também já repletas de artesãos desempregados pela explosão demográfica. A revolução industrial estava substituindo a mão de obra pelas máquinas que produziam mais e melhor.

Os minifúndios criados pelo direito hereditário, aliado às terras exauridas por sua contínua exploração, foram fatores que determinaram a expulsão dos camponeses que, por não encontrarem ocupação nas cidades, tinham apenas uma saída: a imigração.

O governo brasileiro oferecia 77 hectares de terras, além de ferramentas, gado, sementes, auxílio financeiro durante os dois primeiros anos e isenção de impostos nos primeiros 10 anos. Com estas facilidades, a missão de Schaefer foi grandemente facilitada.

Para não chamar a atenção das autoridades, Schaeffer embarcava soldados disfarçados entre as famílias de colonos. Vieram assim, no período de 1824 a 1830, aproximadamente 5.000 (cinco mil) colonos ao Rio Grande do Sul. Junto vieram outros tantos soldados que permaneciam no Rio de Janeiro, engajados aos Batalhões de estrangeiros.

Na verdade, os que aqui denominamos de soldados, na Alemanha eram mercenários, aqueles que lutavam por dinheiro, geralmente defendendo uma nação ou governo que não era o seu. No Brasil eram designados de Brummer, que em 1851 foram contratados pelo governo para lutarem na Guerra contra Oribe e Rosas.

A denominação Brummer significa resmungador, murmurador, o que eles de certo faziam por causa do soldo e das condições de vida; e, também, por falarem um dialeto estranho aos demais imigrantes alemães.

A vinda de imigrantes para o Brasil também atendia às expectativas de parcela da elite brasileira que defendia o “embranquecimento” da população. As elites brasileiras, influenciadas pelo cientificismo e pelo positivismo, entre o final do século XIX e o começo do século XX, acreditavam que o branqueamento era a solução para o desenvolvimento do país.

Schaeffer montou uma rede de suba-

gentes espalhados pela Alemanha a fim de angariar colonos e soldados para a emigração. Como a emigração para a América do Norte já era comum e vinha ocorrendo em grande quantidade, bastou que o “Agent d’Affaires Politiques” de D. Pedro I se utilizasse do conhecimento e da disponibilidade desses agentes para ver facilitada sua ação. Johann Wenzelau Neumann, Joachim David Hinsch e Johann C. Müller trabalhavam em Hamburgo, Luiz F. Kalmann em Bremen e o Dr. Jacob Kretschmar em Frankfurt.

Imigração alemã no Brasil

Apesar de a imigração alemã ter sido muito mais expressiva na região Sul do país, outras regiões também receberam imigrantes alemães. Em 1827 deu-se o início da imigração alemã em São Paulo tendo, como objetivo, mão de obra para as lavouras de café; os primeiros imigrantes se instalaram em Santo Amaro, depois indo para São Roque, Itapeverica e Embu. No Rio de Janeiro e Espírito Santo, a quantidade de imigrantes foi bem menor. No Rio de Janeiro, os imigrantes começaram a chegar no ano de 1824, instalando-se na colônia de Nova Friburgo e, em 1845, na região de Petrópolis. Já no Espírito Santo, a colonização foi marcada pela chegada dos colonos da região de Pomerânia, entre 1850 e 1870. No Paraná, os primeiros imigrantes começaram a chegar em 1829, tendo grande fluxo de imigrantes nos anos de 1879 e 1951, sendo Curitiba, Ponta Grossa e Rio Negro as cidades que mais receberam os colonos.

Santa Catarina, juntamente com o Rio Grande do Sul, são os Estados “mais alemães” do Brasil, tendo cada um, na década de 30, 20% da população de origem alemã. Em Santa Catarina, os primeiros imigrantes chegaram em 1850, na colônia de Dona Francisca, hoje Joinville. Depois Blumenau, em 1854 e, em seguida, em Brusque, no ano de 1860. Hoje, são estimados aproximadamente 5 milhões de descendentes alemães em solo brasileiro.

A colonização alemã no Estado do Rio Grande do Sul

Quando os alemães chegaram ao Rio Grande do Sul, a Província possuía não mais do que 100.000 habitantes, distribuídos entre o planalto setentrional, o litoral, a depressão central e a campanha. A composição política datava de

1809. Nessa primeira divisão política, a província era dividida em quatro municípios: Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo, Rio Grande e Porto Alegre. Os colonos alemães ficaram localizados primeiramente apenas em Porto Alegre (São Leopoldo/1824) e Santo Antônio (Três Forquilhas e Torres/1826).

Os soldados que o governo imperial brasileiro necessitava ficavam no Rio de Janeiro e eram distribuídos de acordo com suas características físicas nos Batalhões de Estrangeiros do exército (2.º e 3º Batalhões de Granadeiros e 27.º e 28.º Batalhões de Caçadores). Os colonos e suas famílias eram enviados para Porto Alegre, e o governo provincial dava-lhes o destino final: a colônia alemã de São Leopoldo, fundada no local onde se localizava a antiga “Real Feitoria do Linho Cãnhamo”.

A data 25 de julho é até hoje comemorada como a data magna da Imigração Alemã no Brasil. O dia denomina, inclusive, inúmeras associações culturais voltadas às tradições germânicas. Mas a verdade é que os primeiros 39 colonos chegaram ao local, o Porto das Telhas, hoje Praça do Imigrante, em São Leopoldo (RS), pelo menos dois dias antes. Eles haviam deixado a capital do império no barco bergantim *Protector*, no final de junho, e chegado a Porto Alegre no dia 18 de julho.

Foram recebidos pelo presidente da província José Fernandes Pinheiro (1774-1847), depois Visconde de São Leopoldo que, após alguns dias, os encaminhou para a futura colônia. Em carta assinada em 23 de julho de 1824, o presidente informa ao Rio de Janeiro que os primeiros colonos já haviam deixado Porto Alegre naquela data, com destino à Feitoria. Antes, haviam sido acomodados e assistidos com “carne, farinha, algum legume e tempero de toucinho e sal”.

Por mais que houvesse ocorrido algum atraso devido ao tempo ou ao transporte, é muito provável que os primeiros colonos tenham chegado a São Leopoldo antes do dia 25, data consagrada por lei estadual de 1924 – ano do centenário. Em 2005, o Congresso Nacional instituiu o dia 25 de julho como o Dia Nacional da Etnia Teuto-Brasileira.

Na verdade, o início da imigração alemã para o Rio Grande do Sul começou com a chegada e a instalação de 38 imigrantes na antiga Real Feitoria de Linho Cãnhamo, hoje conhecida com São Leopoldo, no dia 25 de julho de 1824.

No total, entraram no Rio Grande do Sul cerca de 48 mil alemães entre os anos de 1824 e 1914 (ROCHE, 1969, p.146), em períodos intercalados.

Durante este tempo, foram criadas 142 colônias, distribuídas principalmente nas regiões próximas ao rio dos Sinos. Com a saturação das terras da região do Vale dos Sinos, dadas aos primeiros imigrantes, os próximos colonos passaram a receber terras mais distantes, próximas a outros rios, como Vale do Caí, Vale do rio Taquari e Vale do Jacuí. Todas essas regiões receberam grande influência germânica na construção da sua cultura. Uma colônia corresponde a aproximadamente 250 000 m² ou dez alqueires.

No Vale dos Sinos surgiram as colônias de Campo Bom, em 1825, Dois Irmãos, em 1824, Ivoti, em 1828, Nova Hartz, em 1854, Sapucaia do Sul, Colônia de Nova Palmeira (hoje Araricá), Saporanga, Estância Velha (sendo o primeiro colonizador o sapateiro Mathias Franzen), Hamburger Berg, em 1824 (hoje Novo Hamburgo), e a Fazenda Mundo Novo (Igrejinha), em 1847. Nem todos os imigrantes alemães se dedicaram à agricultura, tendo alguns se dedicado à marcenaria, à carpintaria, e outros à sapataria e curtição de couro.

No vale do Caí, as cidades de origem portuguesa de Monte Negro e São Sebastião do Caí também receberam imigrantes alemães. As famílias que chegaram se instalaram nas cidades de Pareci, Harmonia, Pareci Novo, Bom Princípio, Feliz, em 1846, Alto Feliz, em 1850 e Petrópolis, em 1858.

Os alemães das antigas colônias dos Vales dos Sinos e do Caí passaram a se instalar em colônias de outras regiões, porém, isso não impediu com que imigrantes vindos de Westphália e Pomerânia, na Alemanha, viessem para essas colônias.

No Vale do Rio Jacuí foram formadas as colônias de Cachoeira do Sul e a antiga colônia de Santo Ângelo. No Vale do Rio Pardo, a cidade de Santa Cruz, em 1849 e Monte Alverno, em 1860.

No Vale do rio Taquari foi instalada a Colônia dos Conventos (Lajeado), em 1853, a de Estrela, em 1846, a Colônia Neu Berlim (hoje Marques de Souza) em 1868, e outras cidades como Canabarro, Forquetinha, Forqueta, Cruzeiro do Sul e Boa Esperança.

Na região Sul do Estado, os imigrantes fundaram a colônia de São Lourenço, em 1856. Esses desbravadores tiveram muitas dificuldades, pois enfrentaram

o descaso das autoridades em relação a sua situação. As terras a eles cedidas não eram muito boas para o cultivo, pois em lugares sem estrutura e situadas no interior de matas virgens. “A conquista da terra nas colônias não foi como as da terra de trigo nos Estados Unidos e Argentina, no século XIX. Essa conquista, difícil e lenta, fez do colono alemão o pioneiro do desbravamento” (ROCHE, 1969, p.51).

A ideia inicial de fundar também uma colônia no litoral, mais precisamente no Presídio das Torres, foi do presidente da província José F. Fernandes Pinheiro, futuro visconde de São Leopoldo, que já havia organizado a fundação da colônia de São Leopoldo e da colônia de São João das Missões, esta última que redundaria num fracasso completo. Como foi nomeado para ministro da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, em novembro de 1825, ele não pode concluir sua obra, cabendo aos seus sucessores na presidência da província, os Brigadeiros José Egídio Gordilho de Barbuda e Salvador José Maciel, o andamento do projeto.

Entre 1824 e 1830 entraram no Rio Grande do Sul cerca de 5.350 alemães. Por problemas políticos e, depois, por causa da Revolução Farroupilha, a imigração ficou interrompida entre 1830 e 1844. Reiniciada a imigração, entre 1844 e 1850, chegaram mais dez mil imigrantes e, entre 1860 e 1889, outros dez mil. Entre 1890 e 1914 chegaram mais 17 mil alemães (IMIGRAÇÃO).

A imigração alemã não foi em grande contingente, mas em grande período de tempo, que vai da segunda década do século XIX até a metade do século XX, tendo um número de aproximadamente 250 mil imigrantes alemães vindos para o Brasil. Não há dados de quantos alemães vieram fugidos durante o regime nazista na Segunda Guerra Mundial, mas sabemos que, em 1936, judeus alemães fundaram a Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência no Rio Grande do Sul, deixando registrada a sua história.

Para incentivar os imigrantes a vir para estas terras, o Governo Imperial fazia promessas de que receberiam 50 hectares de terra com vacas, bois e cavalos; auxílio de um franco por pessoa no primeiro ano; isenção de impostos e serviços nos primeiros dez anos; liberação do serviço militar; nacionalização imediata e liberdade de culto.

De todas essas promessas, somente

a da terra foi realizada integralmente e até superada, pois, ao invés de 50 hectares, os colonos receberam 77. Os dois últimos itens: “nacionalização imediata e liberdade de culto” não foram cumpridos, pois contrariavam a constituição brasileira. As outras promessas foram concedidas parcialmente. Mas a posse da terra, que era de fato o que lhes interessava, foi obtida, mesmo à custa de grande esforço e trabalho.

Rio Grande do Sul Dificuldades enfrentadas

Agostinho Both, em seu livro “Linha divisória”, deixa claro que nem tudo foram “rosas” para os Imigrantes alemães no processo de transferência de sua terra natal até se instalar no Rio Grande do Sul. Muitas dificuldades foram encontradas: insegurança com o desconhecido, insuficiência de recursos financeiros para procurar algo melhor em termos de transporte, alimentação, terra e tudo o mais de que pudessem precisar.

A viagem de travessia pelo Atlântico era feita em barco a vela e, por isso, dependiam do vento favorável para o bom andamento da mesma, que levava de 90 a 120 dias. Ocorriam acidentes que, algumas vezes, dizimavam a embarcação toda. Apesar de tudo, sabe-se que dos 27 embarques organizados por Schaeffer, no período de 1824 a 1829, chegaram ao Rio de Janeiro cerca de 5.000 colonos e outros tantos soldados. Estes eram engajados nos Batalhões dos Estrangeiros. Os colonos ficavam alojados em galpões da Praia Grande (Niterói), aguardando viagem ao sul. A travessia oceânica era feita em navios de 3 mastros. As viagens para Porto Alegre eram efetuadas em bergantins, sumacas e escunas, com 2 mastros apenas, por causa do pouco calado da barra de Rio Grande.

A Capital da Província de São Pedro era atingida, em média, em 3 semanas de viagem. Aqui, depois de recepcionados pelo Presidente da Província, ficavam alojados na extremidade sul do porto, em prédio do arsenal de guerra, próximo à atual usina do gasômetro. De Porto Alegre eram transportados para São Leopoldo, de carroça. Em 1824, chegaram a São Leopoldo 126 imigrantes; em 1825, 909; em 1826, 828; em 1827, 1.088; em 1828, 99; em 1829, 1.689 e em 1830 chegaram 117, totalizando 4.830 imigrantes.

Os recém-chegados à Real Feitoria do

Linho e do Cânhamo logo se depararam com novos problemas:

- por falta de demarcação das terras, muitos ficaram instalados nos prédios antes ocupados pelos escravos, aguardando por meses o assentamento dos lotes;

- a demarcação dos lotes fora feita apenas na parte frontal, ficando os limites laterais por conta dos proprietários, o que gerou muitas brigas e questões judiciais;

- os subsídios que deveriam ser pagos nos primeiros dois anos eram suspensos tão logo o agricultor tivesse meios de autosustentar-se, o que ocorria já ao final do primeiro ano;

- os imigrantes que chegaram em 1829 e 1830 nada receberam, pois as verbas haviam sido suspensas no orçamento pelo governo imperial.

A cultura imigrante

A chegada dos imigrantes transformou o perfil da sociedade brasileira. Por um lado, os estrangeiros assimilaram hábitos e costumes vigentes no Rio Grande do Sul: por outro, contribuíram para modificar os modos de agir, de pensar, de se alimentar e de se divertir da população que aqui vivia, transformando-se em um dos componentes da formação do povo sulino.

Mesmo com o passar do tempo e muitos descendentes dos primeiros colonos tendo nascido no Brasil, as colônias imigrantes continuaram tendo uma forte ligação com a cultura e a língua alemã. Sofrendo influências do espaço em que viviam, formaram, então, uma cultura teuto-brasileira.

As escolas em que os filhos dos colonos estudavam eram organizadas pela própria colônia, com condições muito precárias. Não havia escolas públicas disponíveis, e nem professores que soubessem o alemão, para poderem ensinar a Língua Portuguesa aos recém-chegados ao Brasil.

Mas é importante ressaltar que as escolas em alemão foram proibidas na década de 30 pelo governo Vargas, com a sua campanha de nacionalização, tendo que somente ensinar a Língua Portuguesa.

As escolas tiveram grande apoio e ajuda das igrejas das colônias, tanto da católica romana, quanto da evangélica de confissão luterana. As igrejas eram de grande importância na conservação da cultura alemã dentro das colônias.



Algumas colônias sobreviveram, mesmo que de forma precária, voltando a um estilo de vida humilde, há muito tempo já extinto na Alemanha.

No grande período em que se deu a colonização de outras etnias europeias no Brasil, a religião oficial era o catolicismo romano, não tendo validade nenhuma outra religião.

Os casamentos realizados pelos pastores não eram válidos e não era permitido se reunirem publicamente ou em lugares com características de igreja ou templos. Os evangélicos, porém, não se submeteram ao catolicismo oficial, rompendo com o “monobloco religioso” do País (ROCKENBACH & FLORES, 2004, p. 47).

E com o passar do tempo formaram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a IECLB. A cultura alemã também se estendia nas grandes festas religiosas, bailes e o Kerb. O Kerb é como se fosse uma quermesse, em homenagem ao padroeiro da igreja. A festa durava três dias, ao som de bandinhas e regadas a chope, vinho, com muitas comidas e doces, e a colônia era toda enfeitada com guirlandas e bandeirinhas.

A Oktoberfest, uma festa trazida da Baviera (Alemanha) pelo prefeito da cidade de Blumenau, em 1983, que lembra o casamento do príncipe Ludovico com a princesa Tereza da Saxônia, virou tradição e marca da cultura teuto-brasileira no país. Hoje, a cidade de Blumenau tem a maior festa da Oktober, seguida por Santa Cruz do Sul e Igrejinha, sendo que várias outras cidades do Estado do Rio Grande do Sul aderiram às “festas de outubro”.

A festa apresenta várias atrações, como jogos germânicos, desfiles, bailes, bandinha para dançar, comidas típicas, vinho, chope e diversos campeonatos relacionados aos “canecos de chope”, tendo como símbolo dois bonecos alemães: o Fritz e a Frida.

Como diz Giralda Seyferth, no livro *Os Alemães no Sul do Brasil*, cultura, etnicidade e história: “A etnicidade teuto-brasileira tem sido reafirmada de diferentes formas ao longo deste

século, sempre se destacando um modo peculiar, diferente, de ser brasileiro”. (p.13) A identidade teuto-brasileira deixou e tem deixado suas marcas nas mais diversas áreas, fazendo com que a história da colonização alemã no Brasil fique cada vez mais viva.

A política imigratória

A princípio, o governo brasileiro sempre reconheceu, desde a independência, que a imigração estrangeira seria indispensável para o crescimento do país.

Por iniciativa de Dom Pedro I foram criadas colônias alemãs de norte a sul do Brasil, porém com enfoque nos estados do Sul (1824). Os imigrantes alemães se reuniam em grupos e formavam as colônias, onde podiam exercer suas profissões, sem restrições em relação ao idioma, religião ou tradição. Por muito tempo, diversas colônias ficaram isoladas, algumas até esquecidas e desprovidas de ajuda, gerando grandes lutas de sobrevivência dos colonos alemães nas novas e isoladas terras, com clima diferente e, em muitos casos, ataques ou hostilidade por parte de brasileiros (índios ou não). As vias de acesso que foram prometidas não foram feitas e, se chegaram, foram décadas mais tarde. A construção de uma infraestrutura básica também fálhara, com o governo descumprindo suas promessas iniciais.

Algumas colônias sobreviveram, mesmo que de forma precária, voltando a um estilo de vida humilde, há muito tempo já extinto na Alemanha. Outras colônias conseguiram se desenvolver e se expandir demograficamente, graças a sua economia e a novos trabalhos, alguns desconhecidos dos brasileiros, pois tinham técnicas diferentes, ganhando mercado nacional e também internacional, pela venda de produtos coloniais e matérias-primas e importação de manufaturados e equipamentos que não eram produzidos no Brasil.

Devido às falhas na política de imigração, o governo brasileiro resolveu mudar as regras, pretendendo assim atrair somente colonos com condições econômicas de se estabelecerem no país e se desenvolverem. Os colonos passariam a arcar com os custos da viagem e também a pagar pelas terras.

Assim sendo, a imigração que inicialmente tinha uma política de povoamento, de ocupações de espaços



vazios e demográficos, agora tratava de garantir que os imigrantes se tornassem mão de obra para as lavouras de café.

Com a expansão da lavoura cafeeira (1840) e com a proibição do tráfico de escravos (1850), o governo brasileiro sentiu a necessidade de aumentar a quantidade de trabalhadores livres, o que se intensifica com a chegada das leis que pré-anunciavam a abolição por completo da escravidão. Para suprir a falta de mão de obra, medidas foram tomadas para atrair mão de obra europeia, e o direito de trazer imigrantes, antes sob o controle do governo imperial, foi aumentado. Assim, cada província poderia ter sua própria política de imigração e promover como quisesse maneiras de realizá-la.

Surgiram as companhias de colonização, criadas para promover a colonização no Brasil; compravam terras baratas e as revendiam caras aos colonos. Os proprietários das companhias de colonização enriqueceram rapidamente, enquanto muitos colonos se endividaram e voltaram à Alemanha.

Investiu-se em propagandas para atrair os imigrantes para o Brasil, que tratavam o país como sendo o paraíso. Cartazes, jornais, folhetos, livros e fotografias eram distribuídos na Europa, por meio de agências contratadas e com ajuda das companhias de colonização, para estimular a vinda dos imigrantes.

Os problemas na imigração

Em 1859, o governo da Prússia lançou

o «decreto Heydt», que proibiu a imigração de prussianos para o Brasil. Isso foi resultado direto da revolta de Ibicaba, em São Paulo. Nessa fazenda de café, de propriedade do Senador Vergueiro, imigrantes de diversas nacionalidades europeias se revoltaram contra as péssimas condições de trabalho nas plantações. Essa revolta teve repercussão na Europa, fazendo com que o governo prussiano bloqueasse a imigração para o Brasil. Com a Unificação da Alemanha, em 1871, essa proibição foi estendida para o país inteiro, só sendo completamente revogada em 1896 (embora a imigração para os três estados sulinos tenha sido permitida antes). Em decorrência da proibição alemã, o Brasil viu-se obrigado a procurar novas fontes de imigrantes em regiões mais pobres da Europa, como Itália e Polônia.

Os problemas começavam já na vinda para o Brasil, nos navios, em viagens que poderiam durar cerca de 3 a 4 meses pelo Oceano Atlântico. Em algumas situações, imigrantes esperavam o navio por cerca de dois meses no porto de Hamburgo, em condições precárias, onde inclusive ocorriam óbitos. Muitas viagens foram feitas em navios com excesso de passageiros, e as pessoas viajavam espremidas, com alimentação deficiente e má higiene, quando não aconteciam inúmeros óbitos por causa de epidemias. Também muitos imigrantes morriam ao chegar ao Brasil, por

causa de doenças tropicais.

Ao chegar ao Brasil, os imigrantes alemães sofreram para se adaptar ao clima brasileiro, ao idioma e às novas condições de vida, normalmente primitivas, que já não tinham em seu país de origem.

Em alguns casos, chegavam ao Brasil e, por não estarem suas terras demarcadas, ficavam alojados em prédios ocupados antes por escravos, aguardando durante meses o assentamento em seus lotes. Também por problemas na demarcação de terras, muitas brigas surgiam.

O isolamento das colônias também dificultava a adaptação ao novo ambiente, na medida em que faltava acesso a tratamento médico para doenças ou partos (quando a colônia não tinha seu próprio médico), e muitos morriam por não chegarem a tempo na cidade mais próxima, pois dependiam de transporte por tração, o que era lento e poderia levar horas ou dias. A distância, mas também a falta de dinheiro, dificultavam o acesso a tratamentos.

A situação precária para sobrevivência causava muita decepção e desgosto, pois não eram as perspectivas que tinham quando decidiram emigrar. As promessas de que iriam para o “paraíso” aumentavam o sofrimento quando se viam frente a frente a matas fechadas para derrubarem a machado, e até as mulheres tinham que ajudar.

O cumprimento do combinado, como o desenvolvimento da região pela construção de vias de acesso e a oferta prevista de subsídio com dinheiro ou instrumentos de trabalho (ferramentas, sementes, gado, material de construção) não aconteceu na maior parte das colônias alemãs. A liberdade de culto de religião, apesar de declarada, era somente tolerada, pois ia contra a constituição brasileira. Para tanto, os imigrantes protestantes não poderiam construir prédios que tivessem a aparência de igreja, nem usar sinos e cruzeiros.

Muitas terras recebidas pelos imigrantes eram simplesmente “íngratas”: secas e ácidas, sem capacidade de boa produção de alimentos para a própria subsistência. Até descobrirem quão inférteis eram aquelas terras, já haviam investido trabalho, sementes e tempo ao tentar cultivá-las, e entre a espera da colheita e a frustração de não conseguir colher nada, passavam fome.

Quando os imigrantes eram empregados em alguma fazenda, muitos se viram na condição de “semiescravos”; muitas

vezes trabalhavam por horas a fio e não recebiam tudo o que fora prometido pelo trabalho, em outras eram maltratados pelos donos das fazendas.

Apesar das dificuldades sofridas, os imigrantes sabiam que valera a pena deixar sua terra com as inseguranças, guerras, miséria, falta de expectativa de uma vida melhor e que, em muitas situações, se não migrassem padeceriam de fome. Vieram em busca de terra fértil para produzirem alimentos e serem proprietários, coisa impossível de conseguir em sua terra de origem. No Brasil, os imigrantes encontraram tudo aquilo que desejavam e finalmente puderam sonhar com um futuro de muitas venturas, terra própria e fértil, mercado para seus produtos, alimento farto e autoridades mais preocupadas com os recém-chegados do que as de seu país.

Nacionalização e assimilação

O brasileiro comum, em geral, manteve uma postura entre a desconfiança e a hostilidade ao imigrante alemão. A opinião geral ficou mais contundente após a Unificação da Alemanha, com a percepção de que as relações entre as colônias do sul do Brasil e a Alemanha pudessem desencadear um movimento ameaçador à integridade do Brasil. Essa ideia se estendeu com intensidade variável por quase quarenta anos, até a Primeira Guerra Mundial, sendo propalada por diversos intelectuais, com grande destaque para as obras de Sílvio Romero, paladino do “perigo alemão”.

Esse temor, por outro lado, era infundado, já que grande parte dos imigrantes havia emigrado antes da reunificação e o carinho e o sentimento de reciprocidade em relação à terra natal era dedicado à aldeia ou à família, e não à nação. Esses imigrantes pioneiros e os Brummer chegados em 1851, ao receberem os novos grupos, pós-reunificação (os *Reichs-deutsche* ou *alemães do Império*), não se harmonizaram bem, considerando-os eruditos demais, excessivamente apegados à região de origem e defensores de um país que não dizia respeito à sua história.

A suspeita de antibrasilidade ganhou reforço pela questão religiosa, com a presença de imigrantes luteranos; pelo relativo isolamento dos colonos em locais de difícil acesso; pela falta de escolas oficiais e, portanto, pela ausência de educação para os filhos de imigrantes para que aprendessem

o idioma português; pelo sucesso empresarial de alguns imigrantes, que passaram a dominar alguns mercados locais. Isto levava a casos em que políticos locais, como João José Pereira Parobé, declarassem que preferiam o atraso econômico do Estado a ver a prosperidade depender dos povos de origem germânica.

A antipatia em relação à Alemanha também se baseou em alguns episódios diplomáticos, entre eles: o desejo manifesto do governo alemão de adquirir uma colônia na América; o desembarque de marinheiros alemães da canhoeira *Panther*, em Santa Catarina, em 1905, sem autorização do governo brasileiro, para buscar e prender um marinheiro acusado de deserção; a manobra feita para aumentar os preços do café, iniciada em 1906 e liderada pelo alemão Hermann Sielcken. A negociata deu resultados, porém o consórcio se desfez em 1913, e alguns de seus fundos foram confiscados pelo governo alemão no início da Primeira Guerra Mundial.

A campanha de nacionalização

Entre 1937 e 1945, uma parcela significativa da população brasileira sofreu interferência na sua vida privada produzida por uma “campanha de nacionalização”. Esta população - chamada de “alienígena” pelo governo brasileiro - era composta por imigrantes e seus descendentes. Tanto o Brasil Império como a Primeira República permitiram que grupos de imigrantes se estabelecessem em comunidades isoladas, principalmente no sul do Brasil. Essas pessoas não se adaptaram à sociedade brasileira, fato que preocupava o governo nacionalista do presidente Getúlio Vargas. O Exército teve um papel importante durante este processo de assimilação forçada destas áreas de “colonização estrangeira”, onde havia os chamados “quistos étnicos” no Brasil.

Os brasileiros de origem alemã viam-se como parte de uma sociedade plural, de modo que o “*Deutschtum*” (sentimento de pertença a uma comunidade com uma ascendência alemã compartilhada) parecia compatível com o fato de que eles também eram cidadãos nacionais. No entanto, o governo Vargas só aceitava a ideia do *jus soli*, de modo que todas as pessoas nascidas no Brasil deveriam ver-se apenas como daqui e deixar outras associações étnicas para trás. A visão verde amarela contrasta

com o *jus sanguinis* dos descendentes de alemães que, na época, ainda estavam ligados legal e afetivamente à terra ancestral.

De fato, mesmo após gerações no Brasil, muitos descendentes de alemães ainda se sentiam fortemente ligados à terra dos antepassados.

Na década de 1930, o Brasil abrigava uma das maiores populações alemãs fora da Alemanha, com 100.000 pessoas nascidas na Alemanha e uma comunidade de quase um milhão de brasileiros de ascendência alemã, cujos antepassados vinham se estabelecendo no país desde 1824. A ditadura varguista pretendia extirpar qualquer identificação nacional que não se encaixasse na proposta do regime. Fortemente influenciada pela obra de Gilberto Freyre, “*Casa-Grande e Senzala*”, que apresenta o brasileiro como fruto da miscigenação de raças, tornou-se uma questão nacional a eliminação de qualquer tentativa de enquistamento étnico. As restrições começaram em 1938, mas a situação piorou muito quando o Brasil declarou guerra aos países do Eixo, em 1942. Todas as escolas foram obrigadas a ensinar exclusivamente em Português, e a publicação de livros, jornais e revistas em línguas estrangeiras (que na prática significava alemão e italiano) foi submetida à censura prévia por parte do Ministério da Justiça. Membros do Exército brasileiro foram enviados para as áreas de «colonização estrangeira» para «monitorar» a população local. Pessoas eram hostilizadas e agredidas caso falassem alemão na rua. A polícia fiscalizava a vida privada das pessoas, invadindo as casas para queimar livros escritos em alemão.

Muitas pessoas foram presas pelo simples fato de falarem alemão. Em 1942, 1,5% dos habitantes de Blumenau foram encarcerados por falar alemão. Em Santa Rosa houve um campo de concentração, conforme depoimento de Saul Liberali, informação dada à RBS em programa especial sobre a perseguição aos alemães.

Em muitas cidades brasileiras muitos indivíduos, mesmo nascidos no Brasil, não sabiam se expressar em Português. De uma hora para outra, essas pessoas passaram a ser impedidas de falar na única língua que conheciam, inclusive dentro de casa, já que o governo enviou muitos espões para fiscalizar a língua usada nos lares. O censo de 1927 em

Blumenau mostrou que, embora 84% da população da cidade fosse nascida no Brasil, apenas 28% tinha o português como língua materna e 53% tinha o alemão como idioma. A repressão à língua alemã durante o governo Vargas foi, em decorrência da perseguição, bastante traumática para muitas pessoas.

O nazismo no Brasil

Logo que assumiu o poder na Alemanha, o Partido Nazista toma para si a tarefa de se organizar no exterior, onde significativas populações de origem alemã estivessem presentes. Cerca de 3.000 pessoas se filiaram ao nazismo no Brasil, tornando o braço brasileiro do partido o maior fora da Alemanha. O apoio ao regime nazista era generalizado entre os brasileiros de origem alemã, o que certamente preocupou as autoridades brasileiras. As concepções de raça e nacionalidade pregadas pelos nazistas eram facilmente compatíveis com o «Deutschtum» dos alemães do Brasil. No entanto, os nazistas não conseguiram transformar esse apoio informal em uma adesão forte ao partido no Brasil e suas ações locais, como propostas de boicote, foram resistidas pela maior parte da população de ascendência alemã. Apenas 5% dos alemães natos no Brasil filiaram-se ao partido nazista, sendo que o maior grupo estava em São Paulo e não nas colônias alemãs do Sul.

Em abril de 1938, Getúlio Vargas proibiu o Partido Nazista no Brasil (curiosamente, os próprios partidos brasileiros foram proibidos antes, em dezembro de 1937). O partido de direita do Brasil, a Ação Integralista Brasileira, em contraste com o Partido Nazista, admirava a miscigenação, e teve na figura do sertanejo um nobre ideal de representação do povo, que eles achavam ser essencial para a identidade nacional brasileira. Isso entrava diretamente em conflito com a ideologia nazista de pureza racial, o que era um problema, já que os integralistas foram capazes de atrair alguma associação entre os brasileiros de ascendência alemã, competindo, assim, com a organização nazista. Ademais, até 1937, quando Vargas impôs uma ditadura, os integralistas, ao contrário do Partido Nazista, foram capazes de participar nas eleições, e por isso havia uma tendência natural de apoio aos integralistas por parte dos



De simples grupo religioso, os muckers estavam formando uma seita, que passaria a perseguir todos os seus críticos na colônia.

nazistas brasileiros.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) alistou muitos alemães e brasileiros de ascendência germânica para lutar ao lado das forças aliadas na Itália, o que foi trágico para muitos deles, considerando-se que os soldados foram obrigados a lutar contra a sua Alemanha natal. No momento da declaração de guerra contra a Alemanha, revoltas populares contra cidadãos de origem alemã eclodiram no Rio Grande do Sul, como resposta ao afundamento brutal de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, que resultou em mais de 600 mortes. Quando o Exército reprimiu esses tumultos e garantiu a integridade física dos cidadãos alemães, o interventor Cordeiro de Farias, entusiasta da campanha de nacionalização, apresentou sua renúncia, que foi rejeitada. Em breve, ele seria enviado para a Itália como comandante militar e substituído pelo coronel Ernesto Dornelles, um líder muito mais moderado.

Há diversas especulações de que os nazistas tinham planos de criar uma área alemã no Brasil. Segundo historiadores, isso não passa de uma falácia, pois tais intenções jamais foram documentadas. Algumas fontes citam uma suposta expedição patrocinada por nazistas na Floresta Amazônica. Segundo a historiadora Ana Maria Dietrich, expedições de reconhecimento do território eram comuns na época. Porém, o fato de um expedicionário alemão ter morrido durante o caminho e ter sido enterrado com uma cruz contendo uma suástica, no Amapá, passou a ser explorada como atração turística. Para o historiador Rafael Athaides, os boatos de que os nazistas agiam sorratamente para conquistar o Sul do Brasil não passam de invenções criadas durante a Segunda Guerra Mundial.

O mito do “perigo alemão” servia como subterfúgio para o Estado Novo

(1937–1945) implementar livremente sua política da nacionalização dos imigrantes. Ademais, visando interesses econômicos, Getúlio Vargas se aproximara dos Estados Unidos e, para isso, foi necessário um rompimento com a Alemanha nazista, que até então era a maior parceira comercial do Brasil. O próprio Vargas era admirador de Adolf Hitler e sua ditadura foi de clara inspiração fascista.

De fato, o Partido Nazista nunca representou uma ameaça séria ao Brasil. Seus membros não tinham interesse em participar das eleições nem de registrar o partido na Justiça Eleitoral do Brasil. Em decorrência, o presidente Getúlio Vargas e os governadores locais nem se importaram com a sua fundação, pelo contrário, eram inclusive simpatizantes e até participavam de festividades nazistas.

O historiador Rafael Athaides assevera que não há justificativa em se fazer uma associação entre os grupos neonazistas hoje existentes no Brasil e os brasileiros descendentes de alemães. Athaides acha pouco provável que haja qualquer ligação, pois um levantamento do perfil dos indivíduos presos por neonazismo mostra que nenhum deles é descendente de nazistas históricos. Tratam-se de jovens desajustados, «desprovidos de referencial identitário e que manipulam os signos do nazismo no mundo». Responsabilizar os descendentes de alemães do Sul pela sustentação de grupos separatistas e neonazistas acontece mesmo quando práticas qualificadas como «neonazistas» são praticadas por caboclos do interior do Pará. Esse tipo de estereótipo é criticado na obra do historiador René Gertz.

Revolta dos Muckers

É conhecido pelo nome de **Revolta dos Muckers** o episódio ocorrido entre 1868 e 1874 na região da cidade gaúcha de São Leopoldo.

Primeira colônia alemã fundada no Rio Grande do Sul, o núcleo de São Leopoldo vinha se desenvolvendo desde a década de 1820, sem maiores sobresaltos. Os problemas começam com certo fanatismo religioso que começa a tomar conta da comunidade. Ocupando uma região chamada Padre Eterno, atualmente o município de Sapiranga, que ficava próximo ao vilarejo Fazenda Leão e Campo Bom, entre Ferrabraz e

Hamburgerberg, os “muckers” eram assim chamados pelos seus pares da comunidade alemã como um sinônimo para “beato”, “fanático” ou “santarrão”. Tal grupo era formado por imigrantes que se reuniram em torno do carpinteiro e agricultor João Jorge Maurer e de sua mulher Jacobina Mentz Maurer, inicialmente para obter esclarecimentos de natureza espiritual e, mais tarde, como seguidores religiosos.

Criança de saúde frágil, muito disposta a chorar, com dificuldade de aprendizado, sofrendo de insônia, agitada durante a noite com sonhos, sofrendo de convulsões, Jacobina era certamente uma mulher com sérios problemas nervosos, talvez até mentais. Com o passar dos anos, os problemas se agravaram e Jacobina sofria constantes convulsões, pronunciando palavras sem nexos. Para a gente de origem humilde da região, aqueles sintomas eram interpretados como uma intervenção externa, possivelmente divina. Jacobina lia a bíblia, fazia pregações junto com o pastor João Jorge Klein e acreditava que Deus falava com ela, além de realizar curas e reunir um grupo cada vez mais crescente de devotos para reuniões em sua casa.

Um claro misticismo passa a envolver o grupo que a segue, chegando até mesmo a elaborar uma doutrina em que estes acreditavam ser eleitos por Deus para fundar na Terra uma nova era, começando a trabalhar concretamente neste sentido. De simples grupo religioso, os muckers estavam formando uma seita, que passaria a perseguir todos os seus críticos na colônia. Sua influência na comunidade cresce rapidamente, e Jacobina é presa, para logo depois ser libertada por falta de provas, o que aumenta sua fama.

Por volta de 1873 ocorrem os primeiros incidentes, como assassinatos e atentados, sendo os “muckers” apontados como responsáveis. Os adeptos de Jacobina promovem um ataque em massa contra os principais adversários, e são deslocadas tropas do Exército e da Guarda Nacional para a região para conter os fanáticos. Os rebeldes chegam a resistir a três investidas, matando o comandante das tropas legalistas. A 2 de agosto de 1874, porém, a maior parte dos “muckers” é encurralada e morta, incluindo Jacobina. Os sobreviventes são condenados a altas penas e, mesmo depois de soltos, são alvo de violenta perseguição dos outros colonos.

O idioma e a identidade étnica

Os imigrantes germânicos que chegaram ao Sul do Brasil, no século XIX, eram um grupo heterogêneo, já que provinham não apenas de diversas partes da Alemanha, mas também de outras regiões europeias de língua alemã, como Suíça, Áustria ou Rússia (região do Volga). Assim, entre os povoadores, havia prussianos, pomeranos, austríacos, suíços, renanos, bávaros, etc. Em consequência, esses grupos trouxeram seus dialetos regionais para o Brasil. Vale lembrar que a Alemanha apenas se unificou em 1871 e que o alemão padrão hoje existente era, até o século XIX, uma língua literária, criada por Martinho Lutero na sua famosa tradução da Bíblia. O povo germanico, no seu dia a dia, não usava o alemão padrão para se comunicar, mas diversos dialetos regionais.

Nos primeiros anos de imigração para o Brasil, os alemães reuniam-se em pequenos grupos, formando suas colônias. Apesar de essas terras serem habitadas por pessoas de diversas partes da Europa Central, o maior grupo normalmente provinha da região mais pobre da Alemanha à época, o Hunsrück, sendo que sua língua materna era o dialeto francônio-renano. Em decorrência, mesmo os povos que provinham de outras regiões acabavam, por imposição da maioria, adotando o dialeto francônio-renano do Hunsrück. Esse processo ocorreu em várias comunidades alemãs no Brasil, nas quais o dialeto hunsrückisch se impôs e exterminou os outros. Em algumas áreas, contudo, outros dialetos regionais se impuseram. Nos municípios de Westfália (Rio Grande do Sul) e de Rio Fortuna (Santa Catarina), o dialeto vestifaliano é o usado. Nos municípios de Pomerode (Santa Catarina) e Santa Maria de Jetibá (Espírito Santo), predominou o pomerano.

Nessas comunidades alemãs, o dialeto hunsrückisch manteve-se, durante vários anos, como a língua principal de comunicação. As colônias povoadas no Sul formaram-se, normalmente, em regiões de floresta despovoadas ou habitadas por índios, que foram expulsos para a chegada dos imigrantes. Os alemães não escolheram morar nessas regiões inóspitas porque se sentiam superiores e não queriam conviver com a população brasileira. Acabaram ali por escolha do governo brasileiro, preocupa-

do em povoar regiões de fronteira, a fim de evitar eventuais invasões dos países vizinhos. Em decorrência, os imigrantes, por muito tempo, viveram isolados nessas colônias, nas quais o contato com falantes de português era eventual.

Os imigrantes tiveram que construir suas próprias escolas, igrejas e estrutura social. O governo não disponibilizava escolas públicas nas colônias para que os alemães aprendessem o português. No século XIX, a educação não era uma prioridade no Brasil.

Portanto, para dar educação aos seus filhos, os imigrantes alemães tiveram que criar suas próprias escolas, nas quais se ensinava o alemão padrão hochdeutsch, embora em casa e na rua falassem seus dialetos regionais.

Nas primeiras décadas de imigração, a língua não era um fator identitário para os imigrantes. Isolados em comunidades rurais, nas quais o contato com os brasileiros era inconstante, conseguiam viver dentro das colônias sem delas precisar sair e sem precisar aprender o português para sobreviver. Contudo, a partir da década de 1870, o contato com elementos de fora da comunidade alemã cresceu. Os brasileiros e outros imigrantes, sobretudo italianos, começaram a aparecer com mais frequência e as trocas comerciais se intensificaram. A língua portuguesa começava a ser ouvida com maior regularidade e a necessidade de aprender o português tornara-se mais imperativa.

Depois de décadas vivendo numa ilha linguística, esse contato deve ter trazido à tona a questão da identidade étnica: falavam alemão, mas já eram nascidos no Brasil. Apesar dos esforços dos teuto-brasileiros para aprender o novo idioma e de uma parte deles, provavelmente, já não querer ser vista como “alemão”, na visão dos “brasileiros”, eles continuavam a ser “alemães”. Isso, sem dúvida, contribuía para a lentidão da integração, pois se criava um impasse: as novas gerações, ainda falando um português limitado, não conseguiam, e nem queriam, se desvincilhar de sua origem alemã, ao mesmo tempo em que não queriam ser vistos como “estrangeiros”, “estranhos”, já que também não o eram.

Formou-se, portanto, uma identidade híbrida, teuto-brasileira. Tinham o alemão como língua materna e viam-se como membros de uma comunidade étnica alemã, mas a lealdade política era em relação ao Brasil e não mais à Alemanha. O aprendizado da língua



Casa do imigrante (São Leopoldo)

portuguesa, cada vez mais presente, acelerava o processo de integração, mas o preconceito sofrido pelos brasileiros que falavam um português trôpego causava vergonha e acarretava fechamento e isolamento. A Nacionalização, imposta em 1937 pelo presidente Getúlio Vargas, tentou forçar a assimilação dos descendentes de imigrantes. Todas as escolas alemãs no país foram fechadas, aniquilando o meio-escolar teuto-brasileiro.

O alemão padrão aprendido na escola foi, assim, eliminado, enfraquecendo muito o uso do alemão nos centros urbanos, que passou a ficar limitado à zona rural. O fechamento das escolas fez com que as pessoas se apegassem cada vez mais ao dialeto alemão usado no dia a dia, distante do alemão padrão. Assim, os falantes de alemão no Brasil passaram a ser associados, de forma preconceituosa, a gente da zona rural, falante de um alemão “errado”, dialetal, distante da variedade culta da língua. Na década de 1940, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, a língua alemã foi proibida de ser falada publicamente. Certamente as pessoas não pararam de falar alemão nas colônias, porém essas ações contribuíram para a maior presença de elementos da língua portuguesa no alemão local.

As medidas da ditadura varguista fizeram com que muitos indivíduos passassem a ter vergonha e medo de serem “alemães”. Devido ao trauma, muitos, por opção própria, não queriam mais falar alemão. Ao invés de alcançar a integração, a Nacionalização, ao proibir o alemão e pregar a discriminação, contribuiu para um maior isolamento,

uma perda, mesmo que temporária, do processo de integração.

Paulatinamente, os traumas da Nacionalização foram sendo superados e a integração continuou. A nova geração que aprendia o dialeto já absorvia um alemão com características do português. Esses indivíduos, embora há gerações no Brasil, continuavam a serem vistos como “alemães”, por não falarem bem a língua portuguesa. O dialeto que falavam não era o alemão padrão usado na Alemanha e muito menos a língua oficial do Brasil, o português, o que reforçava, mesmo que inconscientemente, uma identidade híbrida. As escolas no Brasil já passavam a ensinar exclusivamente em português, mas nos intervalos, nas casas e nas ruas, o dialeto alemão continuava a ser usado nas colônias. A partir da década de 1970, com a popularização da televisão, a língua portuguesa “invadiu” as casas dos colonos. O contato maior com o português faz com que aprendessem mais naturalmente a língua, aumentando ainda mais as interferências na língua alemã materna.

Na década de quarenta do século passado, nas pequenas comunidades de origem alemã, a língua, na comunicação familiar e comunitária, era alemã. Aprendiam a falar em português somente pelo ensino escolar. Ainda hoje é muito comum tal costume.

Hoje, os descendentes de alemães estão completamente integrados à sociedade brasileira há mais de três gerações. O que se assiste nas antigas colônias alemãs é uma tentativa de alavancar o turismo local, usando o que restou de uma cultura teuto-brasileira extinta

desde a década de 1940 para promover festas ditas “alemãs”.

Referências

- ALBÚM OFICIAL. Sesquicentenário da imigração alemã. Porto Alegre: Edel Ltda., 1974.
- ATHAIDES, Rafael. O Partido Nazista no Paraná (1933-1942). 1. ed. Maringá: EDUEM, 2011.
- BOTH, Agostinho. Linha divisa. Passo Fundo: UPF, s/d.
- DELPHINO, Cristine. Revolta dos Muckers. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-imperio/revolta-dos-muckers/>>. Acesso em: 21 jul. 2015.
- DIETRICH, A. M. Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil. 1. ed. São Paulo: Todas as Musas, 2012.
- GERTZ, René E. O neonazismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS/AGE, 2012.
- IMIGRAÇÃO alemã no Brasil. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil> Acesso em 28/08/2015.
- LAMPAMAN, Helmut. Uma vida dedicada ao trabalho e ao progresso do Brasil: homenagem ao sr. Augusto Carlos Petersen. Sertão Santana: mimeo, 1983.
- MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. Os alemães no sul do Brasil. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.
- PICCOLO, H.. Imigração Alemã e Construção do Estado Nacional Brasileiro: Rio Grande do Sul, século XIX. *Revista Acervo*, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 10, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/299/261>>. Acesso em: 17 Jun. 2015.
- ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROCKENBACH, Sílvio Aloysio & FLORES, Hida Agnes Hübner. Imigração alemã 180 anos História e Cultura. Porto Alegre: Corag, 2004.
- SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994.
- SCHOSSLER, Alexandre. Lya Luft: “A cultura alemã me influenciou muito”. 25.12.2004. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/lya-luft-a-cultura-alem%C3%A3-me-influenciou-muito/a-1437528>> Acessado em: 28/08/2015.
- SPENTHOF, Odair José. Nacionalização, resistência e adaptação: os alemães em Passo Fundo e Carazinho durante o Estado Novo. Dissertação (Mestrado em História) – UPF Passo Fundo, 2002.

(Dilse Piccin Corteze é professora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O caso do Meleca: um processo e um casamento



L. JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Certamente a primeira causa importante que me passou pelas mãos foi o caso do Meleca. Ainda estava no quinto ano de Direito, já com carteira de solicitador, mas não tinha absolutamente nenhuma experiência de processos ou assuntos de Fórum. Só o que não me faltava eram a cara e a coragem.

“Meleca” era o nome pelo qual era conhecido o meu grande e inesquecível amigo José Carlos Della Mea, engenheiro agrônomo, falecido prematuramente e nome de rua em Passo Fundo. Ele foi o mais competente agrimensor do seu tempo, com atuação em nossa região, estendida a Santa Catarina, Paraná, ao planalto central e ao vizinho Paraguai. Além disso, era um personagem muito interessante, uma personalidade magnética. Apesar de algumas idiossincrasias, era considerado um verdadeiro gênio,

nem sempre compreendido. Recebera o apelido, pelo qual foi conhecido a vida inteira, no tempo do curso Científico, no Colégio Conceição, onde nos aproximamos e nos tornamos amigos.

O que chamo “o caso do Meleca” foi uma disputa entre sua família e alguns parentes paternos, a respeito de uma fazenda no Paraná, pertencente a sua avó, vendida pouco antes de ela falecer. Inconformados com o negócio, que havia sido feito por seu pai, naquela época já falecido, os parentes iniciaram uma demanda contra o Meleca, sua mãe e sua única irmã.

Quando foram citados, provavelmente pelo oficial de justiça Hermes Cruz, de saudosa memória, ele imediatamente me trouxe cópia da petição inicial, de autoria do eficiente advogado Jurandyr Algarve. Meleca queria a todo custo que eu, que nem mesmo era advogado, assumisse a defesa da sua família naquele processo de enorme responsabilidade. Eu era um simples solicitador, sem

nenhuma experiência. Sequer sabia elaborar uma petição inicial ou contestação, o que forçosamente teria que fazer. De pronto me recusei a assumir a causa, até porque havia impedimentos legais para um solicitador atuar em juízo sem o concurso de algum advogado formado. Mas o Meleca não queria saber das minhas explicações. Simplesmente me queria como seu advogado. Dizia que eu era seu maior amigo e que só confiava em mim para ser seu advogado. Eu estava simplesmente apavorado: se perdêssemos, o patrimônio da família dele poderia ficar totalmente comprometido.

Não houve jeito. Fazendo das tripas coração, coloquei todo o meu empenho e elaborei a contestação (defesa escrita), que apresentei no prazo legal. Consegui que o professor Murilo Annes, meu professor de processo civil na Faculdade, a assinasse comigo. Murilo foi um grande professor, que me inspirou a aprofundar os estudos de processo e que sempre se dispôs a me orientar nas minhas primei-

ras causas. Acredito que tenha considerado satisfatório o meu trabalho. Ao menos não lhe opôs nenhuma restrição.

Em consequência do processo, durante algum tempo houve alguma estranheza e afastamento entre a família Della Mea. Ao que sei, passados os anos, retomariam as suas boas relações.

Quanto ao processo, não teve avanços imediatos. Envolveria pessoas conhecidas e de prestígio. Acredito que o próprio advogado contrário, geralmente muito combativo, estava um tanto constrangido. A cidade era ainda pequena, os advogados eram poucos e bem relacionados e todo mundo se conhecia. A causa em si exigia um trato cuidadoso e delicado, para evitar melindres e mal-entendidos ou criar novas inimizades. Passaram-se dois ou três anos sem que fosse marcada a audiência. A prova era difícil e trabalhosa. Dependia do retorno de precatórias encaminhadas a comarcas do oeste do Paraná, onde as coisas eram difíceis e demoradas.

Ainda que indiretamente, aquele processo facilitou o romance e depois o casamento do advogado Alberi Ribeiro, que se tornaria uma das figuras proeminentes da nossa Faculdade de Direito e do Fórum, com a jovem Maria Elisa (Neca), irmã do Meleca. Posso dizer que fui o Cupido, de certo modo responsável por terem se conhecido e aproximado. Alberi integrava a equipe do professor Murilo Annes, em cujo escritório nos reuníamos periodicamente para nos atualizarmos e trocar ideias sobre a causa. Ele também participava das reuniões, às quais nos fazíamos presentes o Meleca, sua irmã e eu. Não demorou para se apaixonarem, noivarem e casarem. Alberi e Neca foram muito felizes no casamento. Tiveram os filhos Daniel, juiz de direito no Mato Grosso do Sul, e André, engenheiro-agrônomo como o Meleca, que cuida dos negócios da família.

E o processo, o que terá acontecido com ele? Com o ingresso do Dr. Alberi na família Della Mea, o caso terminou ficando a seu cargo. Com isso deixei de acompanhá-lo e não tenho certeza sobre o destino que teve. Ao que consta, a causa nem chegou a ser julgada. É possível que as partes tenham chegado a algum acordo. É certo que se reconciliaram, o que, de qualquer maneira, foi bom para todos.

(L. Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Innamorata

Innamoratevi del tempo
che è ciò per cui andiamo sempre alla ricerca,
e di tutto ciò che già abbiamo.

Innamoratevi del sole
che ci riscalda
e che ci dà speranza che il buio non sia eterno.

Innamoratevi del mare
che ci ruba tanto con il suo battito d'onde,
ma che tanto ci riporta indietro.

Innamoratevi del cielo
che di giorno ci solleva lo sguardo
e di notte ci illumina con la luce splendente delle sue stelle.

Innamoratevi delle stagioni
che ci trasportano dall'effimera tempesta
allo sbocciare dei fiori.

Infine, innamoratevi della vita
che più lenisce che ferisce,
e che ci ricorda che è tutto ciò che vale,
anche se non ha prezzo.

(Schaida Ferreira é graduada em Relações Internacionais e, atualmente, vive e trabalha em Bruxelas, na Bélgica.)



Os bons jogos eletrônicos e a boa aprendizagem

“

Pesquisadores como James Paul Gee e David W. Shaffer sustentam que alguns jogos de sucesso incorporam princípios de aprendizagem que são efetivos em contextos de aprendizagem.



O primeiro jogo de computador moderno, Spacwar!, foi criado em 1962. Desde então, inúmeros jogos foram desenvolvidos e hoje a indústria de jogos é uma das que mais cresce no mundo. Com o avanço da internet, os jogos se tornaram interativos, permitindo que milhares de jogadores participem simultaneamente de um único jogo.

No âmbito da pesquisa acadêmica sobre os jogos eletrônicos, há uma crescente evidência de que estes podem ser mais do que simples entretenimento; eles podem ser ferramentas poderosas para a aprendizagem. Pesquisadores como James Paul Gee e David W. Shaffer sustentam

que alguns jogos de sucesso incorporam princípios de aprendizagem que são efetivos em contextos de aprendizagem. Esses princípios, integrados ao design

dos jogos, são fundamentais para criar experiências envolventes e educativas que se estendem além do simples prazer do jogo.

De acordo com Gee, os princípios de aprendizagem não apenas sustentam o engajamento dos jogadores, mas também promovem uma compreensão mais profunda e significativa dos conteúdos apresentados.

Vamos ilustrar cinco desses princípios usando como exemplo o jogo eletrônico L.A. Noire, desenvolvido pela Team Bondi e publicado pela Rockstar Games em 2011.

Este jogo exemplifica perfeitamente como os princípios de aprendizagem podem ser aplicados em um ambiente de entretenimento, criando experiências que são ao mesmo tempo desafiadoras e educativas. A seguir, apresentamos e definimos os cinco princípios, acompanhados de exemplos extraídos de L.A. Noire.

1. Identidade: Nos jogos eletrônicos, a motivação do jogador é frequentemente impulsionada pela identidade do personagem com quem ele joga. Esta identidade pode ser pré-definida ou moldada pelo próprio jogador. Em L.A. Noire, o jogador assume a identidade de um detetive na Los Angeles dos anos 1940, o que proporciona uma imersão única e

uma conexão pessoal com o papel desempenhado.

2. Interação: A interação é essencial para o desenvolvimento dos jogos eletrônicos. O jogador recebe feedback e enfrenta novos desafios com base em suas ações dentro do jogo. Em L.A. Noire, o jogador pode escolher diferentes estratégias de investigação para resolver os casos, refletindo a importância da interação contínua para o progresso e a aprendizagem.

3. Agência: Os jogos eletrônicos proporcionam aos jogadores a sensação de controle sobre suas ações e decisões. Em L.A. Noire, o jogador tem a liberdade de explorar e coletar pistas, influenciando diretamente a resolução dos casos e experimentando as consequências de suas escolhas.

4. Ferramentas Inteligentes e Conhecimento Distribuído: Muitos jogos apresentam personagens e elementos que funcionam como ferramentas inteligentes, oferecendo conhecimento e assistência ao jogador. Em L.A. Noire, o parceiro do detetive auxilia na localização de objetivos e na coleta de informações, demonstrando como o conhecimento pode ser distribuído e utilizado estrategicamente.

5. Pensamento Sistemático: Os jogos eletrônicos incentivam o pensamento crítico e a análise das relações entre eventos, fatos e habilidades. Em L.A. Noire, a resolução dos casos exige uma interpretação cuidadosa dos eventos e uma aplicação sistemática das habilidades disponíveis, promovendo uma abordagem analítica e lógica.

Como se vê por esta breve exemplificação, os jogos eletrônicos inteligentes não são apenas uma diversão de alta tecnologia, mas também um meio eficaz de promover a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo. Ao incorporar princípios de aprendizagem, como identidade, interação, agência, ferramentas inteligentes e pensamento sistemático, entre outros, os jogos oferecem uma plataforma rica para a exploração de conceitos complexos e o desenvolvimento de habilidades críticas. L.A. Noire é um exemplo notável de como esses princípios podem ser aplicados para criar uma experiência de jogo que é tanto envolvente quanto educativa.

No entanto, é importante enfatizar que nossa intenção não é simplesmente promover o uso indiscriminado de jogos eletrônicos na educação. Insistimos que, conquanto vários jogos de lazer possam servir como auxiliares no processo de ensino e aprendizagem, essa não é uma característica universal dos jogos. Ademais, nem todos os jogos são uma diversão inofensiva, e muitos carecem das características positivas que discutimos aqui. Sem dúvida, as atividades em frente às telas trazem o risco de dependência, e, no caso dos jogos violentos, o jogador pode se identificar com o agressor. Por isso, é crucial selecionar com cuidado os jogos e aplicá-los de maneira inteligente, com objetivos pedagógicos em mente, para que possam realmente oferecer oportunidades adicionais de engajamento e educação de forma eficaz e inovadora.

Bibliografia

- GEE, James Paul. What video games have to teach us about learning and literacy. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.
SHAFFER, David W. How computer games help children learn. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.

(Marco Antônio Bomfoco é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Os sons do silêncio

DANIEL VIUNISKI

“

Eu preciso de você, leitor, para nos imaginar, porque realmente não existimos se você não o fizer

Vladimir Nobokov (Poeta Russo, 1899-1977)

Ao chegar à madrugada recebo a escuridão, minha velha amiga, com um agradável “olá, bem vinda”. Vamos conversar outra vez. O silêncio é ensurdecedor e meu subconsciente é ativado para que minha memória flua. Uma visão suavemente arrepiante se aproxima e ativa aquela série interminável de lembranças.

Lembro dos sons da minha infância em Passo Fundo. Eram muitos e lembro de praticamente todos eles. Morava com meus pais na Avenida Brasil, ainda bucólica, com pouco movimento, especialmente a noite. As casas eram

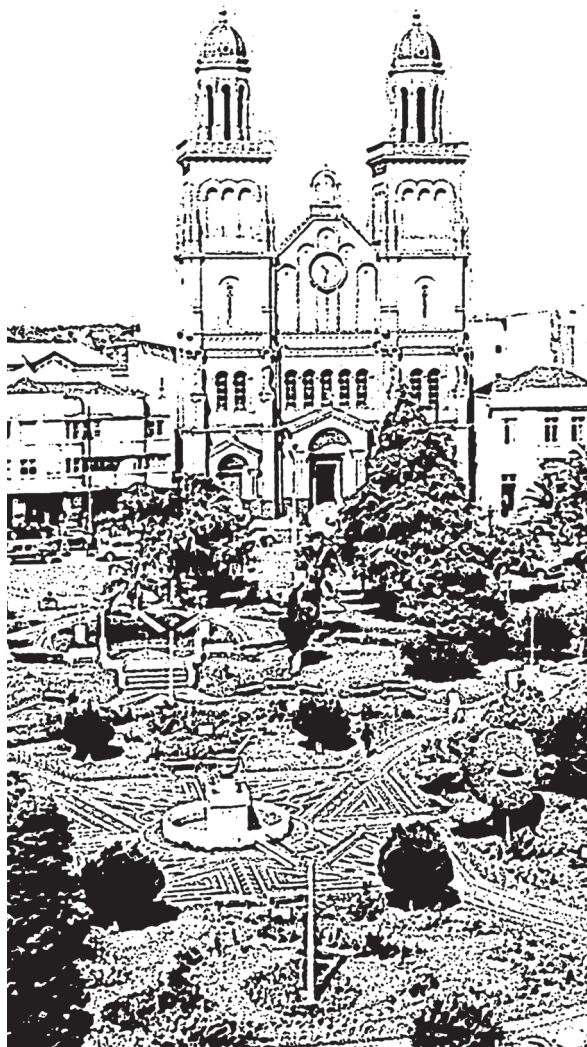
baixas, alguns sobrados destoavam das demais edificações. Assim, o som se propagava com mais intensidade. Os sons do dia, os sons da noite e do amanhecer.

Haviam os sons naturais das folhas das árvores. A brisa delicada movimentava-as parecendo que dançavam num ritmo gracioso. E, também dos animais e insetos. O grilo estrilava, os insetos chiavam, às vezes impedindo um sono deleitante. Ao amanhecer os galos cantavam desesperadamente anunciando que novo dia chegara. Havia muitas casas com galinheiros, na época. Ao sair de casa para a escola percebia nitidamente que os pombos arrulhavam. Agora lembrei, existiam muitos pombos nas praças e perambulando. Hoje não os vimos mais. Cães vadios latiam de fome pelas ruas. Aqueles que estavam nos pátios rebatiam nervosamente os latidos. Ao me aproximar do Instituto Educacional, onde estudava, ouvia da obscura Vila Sapo, o coaxar de uma legião de sapos. Ao longo dos canteiros da Avenida Brasil meu caminhar apressado para não me atrasar no colégio, era acompanhado pelo assoviar dos pássaros. Lindas lembranças de minha infância que o silêncio da noite recorda com nitidez. Ah! Estava esquecendo. O assobio cortante do vento minuano. Em Passo Fundo de minha infância, onde não existiam prédios altos, ele vinha com mais poder. Assobiava e penetrava pelas



“

som do meu vento minuano, que sopra a partir do Sudeste, partindo de uma massa de ar polar com forte velocidade, também parece não mais existir. O que aconteceu com ele?



janelas, portas e frestas. E, quando a geada levantava sob sua orquestração, não havia agasalho que o contivesse. O minuano entranhava-se nos corpos gélidos e, nossos ouvidos sentiam o silvo gelado. O som do meu vento minuano, que sopra a partir do Sudeste, partindo de uma massa de ar polar com forte velocidade, também parece não mais existir. O que aconteceu com ele? Não percebo mais seu som e não sinto mais seu álgido.

Haviam também os sons provocados pelo homem. Esses incrivelmente tinham horários. Muito próximo a casa onde morava passavam os trilhos da Viação Férrea, hoje Avenida Sete de Setembro. O trem noturno saía da Gare em direção a Cruz Alta e parava no Hotel Internacional, onde hoje existe uma loja de doces. Cada vez que o trem passa por uma passagem de nível, segue o mesmo padrão estabelecido por lei: duas buzinas lon-

gas de três segundos cada, seguida por uma curta de um segundo e mais uma longa de três segundos. Além do som acentuado do ferro de sua rodas em contato com os trilhos. Eu só voltava a dormir se o sono me vencesse.

Mas, também havia o badalar do relógio da Catedral. Há cada quinze minutos uma série de batidas e a cada hora batidas correspondentes. Quando fechava três horas da madrugada, por exemplo, eram quatro batidas, mais três. Os velhos sons de Passo Fundo às vezes tão lancinantes, às vezes tênue. O som do relógio some de minha memória, mas aparece o apito da Brahma. Muito intenso, surgia várias vezes ao dia. 7:55 e 8:00; 11:55 e 12; 12:55 e 13:00 e 16:55 e 17:00. Os sibilos eram precisos e quem passava por perto ouvia claramente as garrafas de vidro chacoalhando na esteira e o líquido nelas adicionado. Era um verdadeiro balé. Também os guardas noturnos com seus indefectíveis apitos. Eles contratavam com os moradores que lhe pagavam pelos serviços. Desta forma, ao chegarem na frente das casas, apitavam. Os moradores, embora incomodados com isso, tinha a certeza se estarem protegidos. Muito próximo ficava a fábrica de pregos, como chamávamos a Metalúrgica Gerdau. Os sons da fábrica eram enérgicos, penetrantes e transitavam em nossos ouvidos com vigor durante o dia todo.

Mais agradáveis eram os sons dos boleros, sambas e valsas que vinham deleitar os ouvidos, diretos dos bailes do Clube Comercial. A orquestra de Jazz Tangará, do Maestro Célio Barbosa enlevava as noites insones de um menino que em seus devaneios sonhava um dia dançar um bolero de Augustin Lara, tendo em seus braços uma linda mulher. Nos bailes de carnaval as marchinhas adentravam nosso lar de forma aprazíveis. Mamãe Eu Quero, O Teu Cabelo Não Nega, Aquarela do Brasil e tantas outras. O carnaval do Comercial era em minha casa.

Os sons mudaram. Permanecem os sons naturais, com menor volume, aumentaram os sons humanos. Mas, aqueles de minha infância desapareceram. Os trens foram desativados, a Cervejaria Brahma e a Gerdau fecharam, o Clube Comercial tem nova acústica que não deixa propagar o som para fora de seu recinto, os guardas-noturnos não existem mais. O relógio da Catedral não badala mais a noite.

Foram muitos sons em minha vida. Sons que ficaram afetivos no meu eterno subconsciente. Os anos se passaram e não perdi minha ternura com minha vida. Afinal, estou em Passo Fundo há mais de oito décadas. Por isso afirmo com convicção: Não tenho idade... tenho história.

(Daniel Viuniski é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O tio Antônio nas guerras dos maragatos e chimangos

L. JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Os quatro tios-avós que tive, irmãos do avô Luiz Augusto, o tio Antônio Augusto, maragato convicto, herói e revolucionário, advogado combativo e exemplar, foi o único que conheci. Além dele e de quatro ou cinco irmãs, o avô tivera os irmãos Cyrino, formado na Escola Normal e professor renomado, os tios Afonso e Alfredo — e dois que faleceram na infância. Antônio Augusto era o último dos varões, filho de Luiz Custódio de Azevedo, que foi professor público durante longos anos em Santana do Livramento, e de sua esposa, D. Virginia Leite Nunes de Oliveira.

Durante a minha infância e juventude sempre ouvia falar do tio Antônio. O pai, os tios e outros parentes sempre lembravam dele com respeito e admiração. Era um nome legendário, espécie de patriarca da família. Para veranear em Iraí, passava por Passo Fundo todos

os verões, com sua esposa e filhas, sem se demorar na cidade. Mas nunca o havia encontrado. Sei que o pai o visitava nos hotéis ou residências em que se hospedava.

Sempre tivera vontade de conhecê-lo, mas nunca se apresentava oportunidade. Pouco antes do meu casamento, no verão de 1965, me dispus a visitá-lo em seu apartamento em Porto Alegre, no Edifício Jequitibá, na Avenida João Pessoa, proximidades da Faculdade de Direito. Ele já passava dos noventa, mas se apresentava lúcido e vigoroso, em trajes caseiros. Recebeu-me calorosamente, como filho de um sobrinho querido. Sua esposa, tia Maria, ainda vivia, e moravam com o casal duas filhas solteiras. Além delas havia os filhos Acilino, Aluísio e Alziro, todos radicados na capital. Um deles, não sei exatamente

qual, foi médico famoso, que deixou nome em Porto Alegre, ligado ao Dr. Franklin Verissimo, primo de Erico por ele evocado no “Solo de Clarineta”. O primo Aluísio, foi pai do advogado Hélio Faraco de Azevedo e dos professores Plauto Faraco de Azevedo, da Faculdade de Direito da UFRGS, e Tasso Faraco de Azevedo, da Faculdade de Odontologia de Pelotas.

Tio Antônio, nascido em Santana do Livramento no ano de 1869, juntamente com seu irmão Cyrino, acompanhou meu avô quando foram estudar em Porto Alegre. Antes de ingressar no Colégio Militar, então denominado Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul, juntamente com Cyrino,



curso preparatórios na Escola Normal (hoje Instituto de Educação General Flores da Cunha). Por ser simpático ao movimento republicano, Antônio Augusto foi punido com a transferência para a distante província do Ceará. Retornando a Porto Alegre, seria mais uma vez desligado do Colégio Militar e transferido para o 12º Regimento de Cavalaria, em Santana do Livramento.

Quando do golpe de estado perpetrado pelo primeiro presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca, que dissolveu a Câmara e o Senado e decretou estado de sítio, o 12º de Cavalaria se sublevou. Entre os rebelados se encontrava Antônio Augusto. Ele se incumbiu de trazer da vizinha Rivera os próceres federalistas Rafael Cabeda e Paulino Vares.

Com a renúncia de Deodoro e a posse do vice-presidente Floriano Peixoto, juntamente com outros antigos alunos pode ser reabilitado e retornar ao Colégio Militar.

Caggiani (1961:110-112), a respeito dele, conta que, por ser “maragato de

convicção, por ocasião da Revolução de 1893, ouvindo a voz do sangue que é a eloquência atávica das raças saiu célere para cumprir o seu destino, incorporando-se às falanges do federalismo. Nessa heroica jornada, no posto de capitão, revelou-se um combatente digno dos maiores elogios, não só por sua capacidade bélica como pela bravura e desprendimento pessoal no desempenho das mais árduas missões, tendo participado, entre outros, dos sangrentos combates do Rio Negro e Rio Grande.

Com a derrota do federalismo, Antônio Augusto obrigou-se a emigrar para a Argentina, de onde só pode regressar depois da anistia concedida pelo governo federal, indo residir em Itaqui. Naquela cidade contraiu núpcias com D. Maria Reguera e, com o diploma obtido no Colégio Militar, exerceu a profissão de agrimensor. Dali se deslocou para Uruguaiana, onde se dedicou ao magistério e ao jornalismo, fundando o jornal “A Notícia”.

Segundo o consagrado historiador santanense, “ao eclodir a Revolução de

1923, Antônio Augusto de Azevedo, que jamais vacilara em defender seus ideais políticos, pegou em armas e no campo de luta mais uma vez deu provas de seu ardor e da sua bravura. Comandando o regimento revolucionário Vasco Alves no posto de coronel, tomou parte nos combates de Seival, Palomas, Ponche Verde e no cerco de Uruguaiana”.

Passados os períodos das revoluções, já residindo em Alegrete, Antônio Augusto exerceu a advocacia, profissão em que militou até os oitenta e sete anos.

Esse foi o tio Antônio, como o chamávamos em família, professor, jornalista, advogado e coronel de milícias, provado em muitas batalhas, derradeiro sobrevivente dos Azevedos de outrora, cujo sangue carregou e cujo nome evoco com unção e respeito, em sentido tributo à memória dos meus maiores.

(L. Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Um jornal centenário, independente e comprometido

L. JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

O Nacional, ao completar seu primeiro centenário, é um dos mais antigos e longevos jornais publicados no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Foi fundado no ano de 1925, pelo advogado Herculano de Araújo Annes, associado a seus primos Hiram de Araújo Bastos, proprietário da antiga Livraria Nacional, e Americano de Araújo Bastos. Todos eram ligados à situação política local. Herculano era filho de Gervásio Lucas Annes, coronel-comandante da Guarda Nacional, duas vezes intendente (prefeito), e chefe do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Hiram e Americano eram filhos de Gabriel Bastos, que integrou a junta governativa que governou o município no início do período republicano.

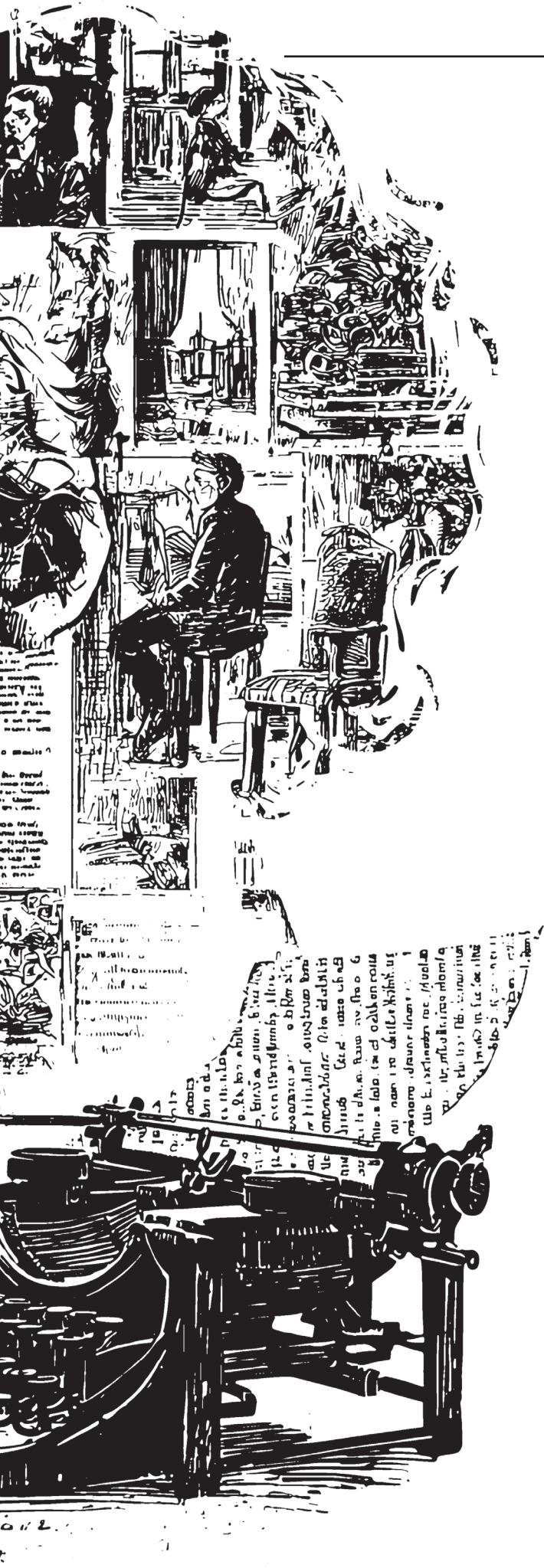
Apesar de seus proprietários e dirigentes serem estreitamente ligados ao partido dominante e à administração local — o intendente eleito em 1924 era Armando de Araújo Annes, irmão do Dr. Herculano — em seu primeiro editorial, o jornal se proclamou independente. Sob o seu próprio título, desde o início, em todas as edições, no frontispício da sua primeira página, fez inscrever essa condição de jornal independente.

Até então, todos os jornais publicados em Passo Fundo e noutros lugares eram invariavelmente vinculados a partidos políticos, defendendo seus postulados e atacando sistematicamente os adversários. No Estado atuavam, desde os primeiros anos do novo regime, dois partidos, inconciliáveis e inimigos desde a guerra civil de 1893: o Partido Republicano, dos chimangos, e o Partido Federalista dos maragatos). As duas agremiações acabavam de depor as armas para fazer cessar a Revolução de 1923, o derradeiro conflito armado que houve no Brasil. Inconformados com a derrota de seu candidato Assis Brasil e com as fraudes que permitiram mais uma recondução do presidente Borges de Medeiros ao governo do Estado, os maragatos tinham se insurgido pelas armas a fim de removê-lo do poder. O armistício de Pedras Altas de modo algum logrou pacificar o Estado. Ao contrário: continuavam vivos e intensos os ódios que levaram os dois partidos à luta armada.

Por isso, aquela singular declaração de independência do novo órgão de imprensa, proclamada num dia do inverno de 1925, não foi em vão. Além de estímulo à pacificação e à harmonia entre as famílias passo-fundenses, conseguiu a todo tempo demonstrar que pode existir uma imprensa livre de sectarismos e outras influên-

“
O armistício de Pedras Altas de modo algum logrou pacificar o Estado. Ao contrário: continuavam vivos e intensos os ódios que levaram os dois partidos à luta armada.





“ Foi mais longe O Nacional sob o comando de Múcio de Castro. Além de preservar ciosamente a sua independência, passou cada vez mais a comprometer-se com os interesses maiores da comunidade.

cias, voltada à defesa do bem comum e de outros valores.

Múcio de Castro, que assumiu a direção em 1940, deu continuidade ao propósito de preservar a independência do jornal. Jamais permitiu que se submetesse a injunções dos poderosos, fossem elas políticas, sectárias ou de grupos. Chegou a enfrentar a força e o arbítrio de duas ditaduras, primeiro da do Estado Novo e depois da de 1964, que tentou sem êxito silenciar o jornal.

Foi mais longe O Nacional sob o comando de Múcio de Castro. Além de preservar ciosamente a sua independência, passou cada vez mais a comprometer-se com os interesses maiores da comunidade. Reconhecidamente, a todo tempo, agora sob a batuta do incansável Múcio de Castro Filho, o jornal sempre esteve presente e atuante, ao lado ou à frente em todos os movimentos e iniciativas relevantes da história de Passo Fundo ao longo deste século e do anterior.

O mais importante e significativo de todos foi, sem dúvida, o movimento coletivo de que resultou a criação da Universidade de Passo Fundo. A atividade de O Nacional, com seus editoriais e noticiários, somando-se à atuação pessoal de Múcio enquanto deputado estadual e empresário da comunicação, foi decisiva para a abertura das primeiras escolas de ensino superior e depois para a oficialização da Universidade, ocorrida em 1968, pela qual batalhou longa e denodadamente.

Esses fatos foram determinantes para impulsionar não somente a educação e a formação das novas gerações, mas também para impulsionar a atividade econômica no seu conjunto. A presença da Universidade e do sistema de ensino superior que aqui progressivamente foi implantado foi o fator que possibilitou a crescente pujança da indústria, do comércio, da medicina de alto padrão, da construção civil e do agronegócio, orgulho da nossa cidade. Daí resultou tornar-se o município, nesta primeira quadra do século XXI, uma das principais economias do Estado e da região sulina.

Por tudo isso, O Nacional, chegou ao primeiro centenário, sob a inspiração do ideal de independência adotado por seus fundadores, como parte inseparável da história da cidade, comprometido com seus anseios e ideais, prossegue altivo e intemorato em sua missão de intérprete e defensor dos anseios e necessidades da nossa gente e da nossa terra.

(L. Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Cada qual com seus danos

WILSON RODYCZ

A criatura humana pode não ter ideias, mas não pode ter uma só.

(“Maria sem tempo”, Domício da Gama)

— “Pá, pá, pá...” — vozeava para o passageiro que desembarcara e cujas malas ele carregara até o carro de praça. “Pagamento” era o que significavam aquelas sílabas gritadas de modo disfônico. Fizera o trabalho e esperava a recompensa, estendendo a mão e segurando indelicadamente o braço do recém-chegado, que lhe deu uma nota.

— Pá, pá, pá, ahá, ahá... — exigia mais.

Por aparentar ser violento, o viajante deu-lhe mais algum dinheiro. De agradecimento, mais um som ininteligível.

Luca retornou ligeiro ao local de desembarque, porém, todos já tinham ganhado os seus rumos. Conhecia bem

o fluxo de chegadas e partidas dos coletivos, os destinos, os motoristas, os cobradores, os fiscais,

os atendentes dos guichês das companhias e até os transeuntes mais frequentes. O próximo coletivo ia demorar. Hora de pegar o auto e dirigir para o seu outro local de trabalho, a saída do supermercado, onde sempre ganhava mais algum.

— Raaamm, raaamm, bi-bip, bi-bip... — vocalizou como de hábito, deu ré, saiu do box e ganhou a rua.

Era um DKW novinho, daqueles que as portas dianteiras abriam para a frente. Não cometia infrações, transitava pela mão certa, não queria ser multado. Só tinha bronca do inspetor, que não lhe concedia a carteira. Envaidecia-se quando algum motorista lhe fazia um aceno.

No mercado, clientes já quase amigos, senhoras, solicitavam a sua ajuda:

— Faz favor, mudinho, leva pra mim.

Não sabia a língua dos sinais. Comunicava-se por gestos e sons monossilábicos. O mais importante é que compravam para nos porta-malas dos carros e uma nota no seu bolso, ou um pacote de feijão, ou uma peça de roupa, ou um pão.

Nasceu numa família de muitos irmãos, cada um de pai diferente. Os vizinhos ainda lembravam que esse parto foi de gêmeos. Desse esforço, resultou a morte da mãe e da outra criança; e ele, surdo. Daí que também não

aprendeu a falar. As irmãs lhe deram o nome Luciano, o iluminado, expressando, talvez, um oculto desejo de que o recém-nascido tivesse luz. A irmandade foi espalhada pela vizinhança. As meninas de oito anos ou mais tiveram a “sorte” de ser pegadas para criadas por alguma família. O mudinho foi vivendo ao deus-dará, catarrento e dissimulado, a partir de um certo tempo amadrinhado por tia Catarina. Deixou-a algumas vezes, mas sempre retornava quando se desentendia com as famílias que tentavam adotá-lo. Cresceu e se albergou nos fundos do terreno dela. A boa senhora entendia a sua linguagem, compreendia o seu comportamento e lhe dava carinho, que ele retribuía respeitando-a mansamente e compartilhando a sua parca renda. “É preciso se conformar com a vontade de Deus”, ela dizia.

— Qual foi o motivo da briga desta vez, Luca? — queria saber a diretora do Grupo Escolar que, embora tentasse, não compreendia o quanto aquele menino de dez anos e ainda não alfabetizado sofria com as zombarias dos colegas. Ele os alcançava e descarregava a sua raiva, machucando-os, às vezes severamente. Era magro, contudo, mais esperto do que os outros.

E teve uma vez em que, jovem, com a libido a mil, deu um tapa no rosto de uma moça na esquina do fórum.

— Por que fez isso, mudinho? — perguntou o delegado.

Luca se levantou, bateu na palma de uma das mãos



“

Não deu para entender. Tantas impossibilidades acumuladas. Saiu da delegacia arrasado.

com o punho fechado da outra:

— Pá, pá, pá, ahá, hahá...

“Ela não quis namorar comigo”, presumiu o policial.

— Tem que ter jeito pra conquistar uma garota, Luciano.

— Pá, pá, pá, oá oá, oá...

Não deu para entender. Tantas impossibilidades acumuladas. Saiu da delegacia arrasado. Ia pelo meio da rua, mão no bolso, absorto, e não percebeu a aproximação de um veículo. Foi atingido nas pernas. Caiu, mas se levantou imediatamente, gesticulando e vociferando:

— Pá, pá, pá, ahá, ahááá... — “Não foi nada, cada um paga o seu!”, e saiu mancando, envergonhado das pessoas que se aglomeraram.

Junho, forte do inverno daquele ano. Uma chuva fina e persistente tornava lisos os paralelepípedos. O corpo de uma pessoa jazia estendido na pista. A motorista tentava explicar que o sinal estava aberto para si:

— O pedestre... Eu não podia imaginar que ele fosse... Freei, os pneus...

Do ouvido direito escorria um filete vermelho-escuro. Ela se agachou e tentou ver se respirava. Populares se aproximaram, discutindo em partidos. A culpa foi dela, que devia ter dirigido com mais cuidado. Não, foi do louquinho, que andava pelo meio da rua, como se fosse um carro.

O guarda chegou, reconheceu a situação. Colocou o corpo na viatura e rumou ao hospital. Os enfermeiros fizeram os procedimentos protocolares até que o médico chegasse.

No final da tarde, um boletim informou que Luciano Chaves, trinta e dois anos, filho natural de Maria Chaves, faleceu em consequência de traumatismo craniano. Alguns se consternaram, outros disseram que um dia isso ia acontecer.

Libélula Especial



VERA MARIA BORGHETTI GAZONI

– Como assim, só três asas?

– Pois sim! Era uma Libélula que nasceu diferente. Todas têm quatro asas. Mas essa só tinha três.

Voava com dificuldades, mas lá do alto sentiu que podia sobreviver. Em suas revoadas, chocava-se em árvores, confundia insetos nojentos com flores e não entendia por que tinha que ser assim...

Também tentou relacionar-se com outros insetos, mas sentia que apenas eram atraídos pelo brilho que suas asas emitiam sob as luzes. Acabava novamente triste em seus voos solitários.

Mas um dia encontrou um LIBÉLULO que tinha as QUATRO ASAS!!! A princípio, o viu apenas como um ser da mesma espécie. No entanto, com o tempo, sentiu que era também um ser diferente dos demais pirilampos, besouros, borboletas que havia encontrado em sua trajetória de vida. Suas asas tinham um brilho hipnotizante e transparente. Formou-se um grande CORAÇÃO. Acasalaram-se e ela não sentiu mais que tinha só três asas!

Esse bichinho completava sua deficiência. Contavam histórias, voavam por lugares encantadores com uma visão detalhada de tudo, vendo belezas que antes sozinhos nem haviam percebido...

Porém... Ah, porém... um dia ele se foi. Voou sem se despedir. Assim, a Libélula perdeu mais uma asa. Hoje ela tenta voar, trôpega, com as asas que lhe sobraram, tendo que se amparar em galhos que, muitas vezes, a machucam. Mas mesmo se debatendo, ela tenta sobreviver e, quem sabe com o tempo, conseguirá entender POR QUE ainda continua a bater as asas.

(Vera Maria Borghetti Gazoni tem graduação em Letras e pós-graduação em Folclore. Foi professora de Língua Portuguesa na rede estadual e particular de ensino, em Passo Fundo, RS.)

(Wilson Rodycz é desembargador aposentado do TJRS, morador de Gramado, RS.)

Ato 1 – O Envelhecimento nas linhas de Deus na Escuridão

SILVANA ALBA SCORTEGAGNA

Este “Ato” propõe explorar o envelhecimento humano por meio da literatura, em todos os seus gêneros, como parte do novo projeto “Diálogos entre literatura, ciência e envelhecimento humano,” vinculado à Academia Passo-Fundense de Letras (APLetras). A partir da conexão entre “Ato” e o tema do envelhecimento, pretendemos refletir sobre os aspectos culturais, sociais e emocionais de diferentes fases da vida. Além disso, esse projeto busca aproximar a formação acadêmica-profissional dos objetivos da APLetras, contribuindo para a promoção e o estudo da produção literária e científica.

Mas, como um “Ato” pode explorar as nuances de cada etapa do processo de envelhecimento (da juventude, da vida adulta, da meia-idade e da velhice) por meio da produção literária, em todos os seus gêneros? Considerando a diversidade das culturas, a ideia é incluir diferentes recursos artísticos, como pintura, música, dança, teatro, obras literárias incluindo-se narrativas pessoais, como âncoras para a compreensão dos aspectos subjetivos, culturais e sociais que permeiam o envelhecimento humano. Entende-se que com esses recursos será possível oferecer uma perspectiva abrangente do envelhecimento, a multiplicidade das “velhices”, sem perder o caráter ideográfico, intrínseco a esse processo.

Indo um pouco mais além, a inclusão de histórias de indivíduos, o compartilhamento de suas experiências relacionadas ao envelhecimento, de suas narrativas, poderá enriquecer a comunicação com as produções artísticas, criando uma aproximação dialógica entre a cultura, a arte e a experiência humana. Por meio desta interconectividade, pretende-se aproximar e estreitar os vínculos do público leitor com as produções da Revista “Água da Fonte” e com outras atividades da APLetras, o que poderá, em uma via de mão dupla, fomentar o convívio entre os sujeitos e potencializar seus recursos de saúde para o seu bem-estar e crescimento individual e coletivo.

Tendo explicitado sinteticamente o início deste novo projeto, cabe justificar a escolha da temática do envelhecimento, para além da formação acadêmica-profissional. Entende-se que com o aumento crescente da expectativa de vida e da longevidade humana, a análise de aspectos do processo de envelhecimento em obras literárias, poderá auxiliar a reflexão mais humanizada, compassiva e cuidadosa sobre a velhice e as suas faces, necessária na cultura ocidental em que o ageísmo marca presença,





Desde o nascimento de Pouquinho, Felicíssimo sabia que lhe caberia a função de cuidar do irmão caçula mais frágil, que para a gente da pequena comunidade de Buraco da Caldeira, flanava em algum lugar entre o estranho e o santificado.

tecendo consequências danosas a saúde do indivíduo.

Partindo dessa premissa, em - Ato I - busca-se por meio de Deus na Escuridão de Valter Hugo Mãe, publicada no ano de 2024, pela editora Biblioteca Azul, iluminar a compreensão de alguns dos desafios psicológicos e sociais que o envelhecimento traz. Para alcançar esse objetivo – Ato I - pretende responder à questão: Como o envelhecimento é simbolicamente explorado nesta obra? Para responder a essa indagação, inicialmente serão descritos aspectos biográficos do autor e uma síntese da obra.

Valter Hugo Mãe, nascido em 1971 é um dos destacados autores portugueses da atualidade. Um dos autores mais premiados de sua geração em Portugal, tendo recebido o importante Prêmio José Saramago em 2007. A atribuição deste prêmio contribuiu para consolidar sua presença na literatura, abrindo portas para o reconhecimento internacional. O Prêmio José Saramago é entregue a autores jovens que escrevem em língua portuguesa, com o objetivo de homenagear Saramago e incentivar a nova literatura lusófona.

Valter Hugo Mãe, utiliza um estilo literário poético e fluido, explora diferentes formas de narrativas, focando-se na interioridade de seus personagens. Sua abordagem poética e espiritualizada, pode oferecer contrastes interessantes sobre como o envelhecimento pode ser permeado de limitações ou de oportunidades de descobertas.

Síntese da obra Deus na Escuridão

Ambientado na Ilha da Madeira, Deus na Escuridão conta a história de dois irmãos, Pouquinho (Serafim) e Felicíssimo (Paulinho), e da necessidade de cuidar de alguém. Desde o nascimento de Pouquinho, Felicíssimo sabia que lhe caberia a função de cuidar do irmão caçula mais frágil, que para a gente da pequena comunidade de Buraco da Caldeira, flanava em algum lugar entre o estranho e o santificado.

Pouquinho “nasceu sem as origens” (p.25), sem órgão sexual; e por ser abreviado, todos os chamariam de Pouquinho (p.30). Os temas da fraternidade, da insularidade e da ausência ganham notoriedade na obra, além da temática do amor. A ideia de que amar é sempre um sentimento que se exerce na escuridão. Uma aposta sem garantia que se pode tornar absoluta. A dúvida está em saber se os irmãos podem amar

como as mães que, por sua vez, amam como Deus.

Pouquinho e Felicíssimo vivem nas alturas, em casas incrustadas em uma rocha íngreme, em uma pequena comunidade, na ilha da Madeira. Para Felicíssimo, o irmão é gêmeo de Deus (p.29), um ser abençoado. A narrativa explora temas como fraternidade, insularidade, ausência e amor – este último retratado como um sentimento exercido na “escuridão,” uma aposta sem garantias.

Como o envelhecimento simbolicamente é explorado nesta obra?

De modo geral, podemos fazer uma analogia simbólica com aspectos do envelhecimento já na escolha do título da obra - Deus na Escuridão, tendo como amparo a teoria psicanalítica freudiana.

A escuridão, nas teorias de Sigmund Freud, tem uma aproximação significativa nas explorações do inconsciente, dos medos e angústias humanas. Na obra Em o Ego e o id, de 1923, Freud utiliza metáforas relacionadas à escuridão para descrever os domínios desconhecidos e não acessíveis da mente humana. Compara o inconsciente a uma região obscura, um espaço da mente que está fora do alcance direto da consciência, mas que exerce grande influência sobre nossos pensamentos e comportamentos. Ele argumenta que as profundezas do inconsciente abrigam desejos reprimidos, vivências traumáticas e impulsos inaceitáveis para a consciência. A escuridão, nesse sentido, se avizinha ao desconhecido e ao reprimido, ao que evitamos enfrentar ou reconhecer. Sendo assim, trazer essas partes “escuras” da psique para a luz da consciência, pode aliviar o sofrimento e encontrar um caminho para elaborar os conflitos internos.

Podemos conectar a escuridão com os sentimentos de medos infantis. Em textos como Inibição, Sintoma e Angústia, de 1923 e em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, de 1905, Freud discute o medo infantil como uma expressão de angústia primitiva, relacionada ao desamparo, ao abandono e à incapacidade da criança de controlar ou compreender o mundo à sua volta. Pode-se associar a escuridão à ausência de proteção, frente a sentimentos de vulnerabilidade e desproteção.

O medo infantil, pode se estender na vida adulta, expressando-se em formas mais complexas de angústia. Assim, a metáfora da escuridão, no contexto do envelhecimento humano, traz uma rica dimensão psicológica, conectando-se profundamente com medos, angústias e lutos relacionados as perdas e a percepção do fim da vida. A escuridão evoca, simbolicamente, o desconhecido, a perda de controle e a ausência de luz, que podem ser associados aos desafios psicológicos do envelhecimento. Em Deus na Escuridão, Mãe explora a ideia de que amar é sempre um sentimento que se exerce na escuridão, uma aposta sem garantias.



Ao simbolizar o medo do desconhecido, a escuridão pode refletir sentimentos inquietantes de desamparo e incertezas diante do estreitamento do futuro e da morte, especialmente na velhice. Acompanha o avançar dos anos, a proximidade do fim da vida, o que pode gerar angústia, e essa “escuridão” que abriga o desconhecido pode simbolizar o temor a perdas reais e simbólicas, e os temores que cercam a morte ou a finitude. As pessoas idosas podem se sentir angustiadas e desamparadas ao enfrentar essa realidade que impõe limites contumazes a existência.

À medida que as pessoas envelhecem, os sentimentos que permeiam o enfrentamento os limites das capacidades físicas, das alterações de papéis sociais, e da identidade pessoal, podem ser significativos e precisam de um olhar cuidadoso. Nesse contexto, a escuridão pode simbolizar tanto sentimentos de estranhamento quanto de invisibilidade, conforme a pessoa se distancia de funções e papéis valorizados socialmente, que antes definiam suas atribuições de vida e conferiam um sentido próprio de valor, de ser e estar no mundo.

Em 1919, Freud explora o conceito do “estranho”, que descreve a sensação de algo ser ao mesmo tempo familiar e profundamente perturbador. A escuridão pode ser uma metáfora para esse

“estranho”, representando algo que não é completamente entendido, mas que evoca sentimentos de angústia e medo.

A escuridão também pode representar a angústia que acompanham o abandono familiar e social, um fenômeno que para muitos pode ser comum na velhice. À medida que amigos e parceiros amorosos falecem, e as conexões familiares e sociais diminuem ou se nulificam, muitas pessoas idosas enfrentam sentimentos de solidão. Isso pode ser devastador, despertar sentimentos de vazio interior e de desconexão do mundo exterior. A escuridão, nesse caso, pode refletir a ausência de vínculos e a sensação de estar só em um universo que antes era habitado por vínculos e pessoas significativas.

Em seus escritos recentes, o professor, escritor e membro da APLetras, Agostinho Both define as vivências, diante da perda de amigos que faleceram e da dor da saudade, como um sentir-se “viúvo”. Em escritos anteriores ele nos diz: “Já me canso de perder amigos. A velhice tem disso: vai nos deixando solitários. A gente até vai se acostumando a sentir a própria morte. Nestes tempos difíceis de solidão, em razão de doenças somadas, nos acostumamos a não compartilhar dores e alegrias. Ficamos somando os falecidos quase todos estranhos para nós. Mas, de repente, se vai quem ama-

mos. Se vai quem dividíamos a alegria, as surpresas, o Brasil e nossas famílias. Mas quando assim, sem aviso prévio, se vai um amigo de referência aí ficamos como quem vai atravessar um rio sobre um tronco fino e não sabe onde se segurar para não cair...” A velhice é retratada como um período de confronto com questões onde a morte deixa de ser uma abstração periférica e se torna uma presença familiar constante.

Pode-se comparar a dor da perda de amigos queridos à dor da perda de um irmão ou irmã, dada a profundidade dos vínculos afetivos que construímos ao longo da vida. É importante lembrar que alguns amigos nos acompanham desde a infância ou juventude, e sua ausência é especialmente sentida. Quando perdemos essas pessoas que compartilharam décadas de nossa história, é necessário reposicionar a relação que termina com a convivência externa. É fundamental cultivar a conexão que foi construída, guardando-a de maneira introjetada em nosso interior.

Entretanto, a escuridão não é apenas um construto negativo. Na obra de Mãe, a frase-título sugere uma presença discreta: Deus está na escuridão, em posição de ocultação e de vigilância, uma vigilância que é protetora e não fiscalizadora (...) ao contrapor Deus e a sua luz às trevas em que estão mergu-



lhadas existências humanas marcadas pela carência, pela ignorância e pelas provações (p.18).

Então, a escuridão também pode simbolizar um espaço de introspecção, reflexão e aceitação da velhice, ressignificação de perdas e traumas vividos. O envelhecimento e a velhice, convidam a uma reavaliação do que foi vivido, das conquistas, das rupturas e das lacunas que não puderam e não podem ser preenchidas, em um tempo que se esgota.

Nessa “escuridão”, é possível encontrar um sentido de bem-estar ou de felicidade na subjetivação da velhice, um trabalho psíquico onde a pessoa pode resgatar ou revisitar aspectos do si que não puderam ser plenamente expressos anteriormente. Isso oferece uma alternativa rica ao olhar sobre o envelhecimento, não somente como um período de perdas, mas como uma oportunidade criativa para redescoberta, de encontrar novas maneiras de ressignificar a própria existência, o que pode haver de transformador em uma história que se aproxima do momento de concluir. A subjetivação da velhice pode resultar em sabedoria, serenidade e um sentido do que significa envelhecer, tendo como amparo sentimentos que sustentam uma inteireza de si.

Os resultados da tese de Agostinho Both evidenciam um potencial de desen-

volvimento real expresso na sabedoria, intimidade e sentido da vida. A análise dos proferimentos das pessoas idosas demonstrou que a sabedoria contribuiu para com o desenvolvimento enquanto se manifesta em diferentes graus de individualidade do entendimento, pela sua operacionalidade e pela manifestação de maturidade. O desenvolvimento manifesta-se pela intimidade ao se revelar em encantamento, em densidade afetiva e em valorização da vida. O desenvolvimento pelo sentido da vida é materializado significativamente pela fé. Adicionalmente, a solidariedade dos mais velhos e suas aprendizagens ao longo da vida consubstanciaram tanto a sabedoria quanto a intimidade e o sentido da vida.

Portanto, ao retomar a metáfora da escuridão no envelhecimento percebe-se que ela abarca tanto as angústias relacionadas ao envelhecimento, ao fim da vida, quanto as possibilidades de compreensão e aceitação da própria existência, da história escrita e vivida. Reflete o complexo processo de lidar com perdas e as transformações, mas também com o potencial de encontrar significado e reconciliação interior do que se foi, do que se é e do que se poderá vir a ser.

Ainda na obra “Deus na Escuridão” de Mãe, é possível encontrar outros temas

que dialogam com o envelhecimento e a velhice, apesar desses tópicos não serem explicitamente o foco central de sua narrativa. A vulnerabilidade física e emocional que acompanha o envelhecimento é um aspecto que pode ser relacionado a obra literária.

Mãe explora a vulnerabilidade dos personagens frente à passagem do tempo e as incertezas da vida. A “escuridão” interpretada como uma metáfora para a sensação de angústia frente a perda de controle sobre o corpo e a mente, pode ter aproximação com sentimentos que ocorrem diante da perda das origens, emoções frequentemente experimentadas por pessoas idosas.

“Tu achas que as pessoas podem perder as origens em qualquer idade. Eu sei que as origens dos velhinhos são beberas podres, uma pelica de galinha encarquilhada que se depena decadente” (p.73). Esta narrativa parece explorar a relação entre envelhecimento e a perda de identidade, de si, ou de nossas raízes, algo associado às origens das pessoas. Quando o narrador afirma que as pessoas podem perder as suas origens em qualquer idade, ele parece questionar a permanência daquilo que nos constitui como sujeitos humanos ao longo da vida — nossas memórias, cultura, e identidade — o que sugere que esses elementos podem se desintegrar, se

perder ou serem abandonados à medida que vivemos.

A perda da identidade como um constructo subjetivo refere-se ao processo em que uma pessoa sente que sua identidade, formada por experiências, valores, crenças e relações, se dissolve ou se transforma. Esse fenômeno pode ocorrer em várias circunstâncias, como mudanças significativas na vida ou até mesmo em contextos sociais e culturais que desafiam a percepção de si mesmo. Quando as interações sociais se alteram, seja por perda de relacionamentos significativos, mudanças de ambiente ou novas influências culturais, a autoimagem e a autoestima podem ser afetadas negativamente. A maneira como a sociedade reconhece ou ignora um indivíduo também desempenha um papel crucial na manutenção ou perda da identidade.

Ao referir-se às “origens dos velhinhos” como “beberas podres” e “uma pelica de galinha encarquilhada”, Mãe usa uma metáfora para retratar a declínio físico e, talvez, as inquietações emocionais ou espirituais que o envelhecimento pode trazer. A imagem de algo que se depena, de uma galinha decadente, evoca a ideia de fragilidade e de um processo de perda contínua de algo vital. Essa descrição sugere que, com o envelhecimento, as pessoas podem se afastar de suas origens, ou que suas origens podem se degradar até se tornarem quase irreconhecíveis — como algo que já não tem mais a força vital que antes possuía. É uma reflexão melancólica, mas que pode retratar vivamente a passagem do tempo e a transformação inevitável das

nossas raízes pessoais, especialmente na velhice.

No envelhecimento, situações traumáticas que incidem sobre o corpo, nas alterações do esquema corporal e/ou da imagem corporal, podem ser associadas a uma perda de identidade. A identidade é construída em parte pela maneira como uma pessoa vê e sente seu corpo, e como ela se percebe em relação às suas capacidades. Diante da falta de uma coerência orgânica e/ou funcional, pode haver uma falta de um sentido de si. É assim que, em Deus na Escuridão - Ao menino que nasceu sem o órgão sexual, falta até o nome próprio: quase sempre omite-se que ele é Serafim (p.20)... por ser abreviado, todos o chamariam de Pouquinho (p.30). Em Deus na escuridão, a falta de coerência orgânica e funcional é aceita tendo como suporte a espiritualidade. Para Felicíssimo, o irmão é gêmeo de Deus (p.29), um ser abençoado.

Ao nascer sem suas origens, o personagem Pouquinho se torna dependente dos outros para sobreviver. Neste cenário, as relações de acolhimento, o apoio familiar e social, os vínculos afetivos de amizade, familiares e transgeracionais, ganham especial importância. Os vínculos de amizade têm destaque na obra de Valter Hugo Mãe. Tantas vezes minha mãe lhe descia parte do que vinha das hortas, bocados de nossas galinhas ou coelhos.

No envelhecimento, a interdependência também se intensifica, com a necessidade de cuidadores, familiares ou redes de apoio. Para muitas pessoas idosas, as mudanças no corpo podem

levar a perda de autonomia, gerando desafios psicológicos relacionados à baixa autoestima, a inadequação/vergonha e a um senso de identidade fragilizado, o que pode impelir a emergência de sintomas depressivos. Afinal, diante de tantas alterações: quem sou eu?

Durante a velhice, é comum se aproximar mais de questões espirituais em busca de um sentido existencial. Em “Deus na Escuridão”, essa busca é simbolizada pela escuridão como um espaço de questionamento e de tentativa de conexão com o divino. Os personagens enfrentam a necessidade de encontrar respostas para conflitos existenciais, para os mistérios da vida e as limitações humanas diante de suas circunstâncias, o que pode ser relacionado a vivências de traumáticas no processo do envelhecimento em que o uso da introspecção e a busca por respostas transcendentais, se fazem necessário.

Para finalizar, destacamos que o “Ato I” é apenas o começo de uma exploração contínua, permite vislumbrar que a reflexão psicanalítica pode facilitar o processo de transformação e consentir que as pessoas idosas reencontrem um sentido de continuidade, mesmo diante das desafiadoras mudanças. Deixamos em aberto as possibilidades para futuros atos, e convidamos os leitores a refletirem sobre o processo de envelhecimento e as conexões com as obras literárias em suas vidas, pautadas no conhecimento científico.

(Silvana Alba Scortegagna é professora universitária e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





Educação e novas tecnologias: formação crítica em tempos de fake news

JANAÍNA RIGO SANTIN

As tecnologias de informação e comunicação romperam com muitos paradigmas da modernidade, em especial ao inaugurar uma nova esfera pública produzida por uma sociedade em rede.

Percebe-se que a ideologia e o convencimento por meio do argumento persuasivo estão em desuso, dando lugar à imagem, ao magnetismo e à fascinação produzida pelos meios virtuais, formando e conformando a opinião pública a partir desta nova esfera pública virtual.

As pessoas passam a interagir muito mais no meio virtual do que no meio real. Tais mudanças trazem muitos pontos positivos, como a capacidade de desterritorialização, a transmissão global de informações em tempo real e as facilidades no seu acesso. Porém, a desterritorialização provocada pela internet favorece a imobilidade dos indivíduos e a desilusão com o envolvimento social. Vive-se uma época de perda da experiência do coletivo, onde não é mais necessário encontrar-se presencialmente com o outro e buscar alternativas aos

problemas sociais a partir de um diálogo aberto, plural, isonômico, livre de coerções e coações.

Os algoritmos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação selecionam as notícias e acontecimentos a partir do interesse do usuário, o que favorece o desenvolvimento de posições extremistas e fechadas ao dissenso.

E quando se pensa esta realidade aplicada à educação, por meio da internet, os alunos possuem um “mundo” de informação a sua disposição, e a grande dificuldade se mostra, hoje, em selecionar e qualificar o que está disponível na web. Identificar o que é verdadeiro e o que é falso, o que tem qualidade e o que carece de fontes confiáveis. Neste estado de coisas, é preciso verificar como os mecanismos democráticos podem ser afetados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, que podem prejudicar o conhecimento e até mesmo manipulá-lo, dissuadindo a verdade e induzindo ao engano.

Nesse contexto, as novas tecnologias e abordagens pedagógicas estão transformando o papel do professor em sala de aula, que cada vez mais passa a ser

um mediador, um guia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, que em uma sociedade complexa deverão ser muito mais proativos do que no passado. É importante que as faculdades tenham disciplinas específicas que possibilitem a formação da consciência crítica e a compreensão dessa realidade que é imposta pela cultura atual: aprender a desmistificar as informações divulgadas de maneira massiva e acrítica pelas redes sociais. Aumentar canais de diálogo, de interface entre as disciplinas, de encontro com o outro, que é diferente e tem pensamentos diversos aos seus e, aos poucos, retomar algo que nunca deveria ter sido perdido: o gosto pelo debate de ideias, pela multiplicidade de pensamentos e pelo encontro em meio a tantos desencontros.

Desenvolver uma educação para a pluralidade, para a solidariedade e para o sentido de pertencimento, que é realmente o que desenvolve a cidadania.

(Janaína Rigo Santin é advogada e professora titular da Faculdade de Direito da UPF. Doutora em Direito pela UFPR, com estágio pós doutoral na Universidade de Lisboa. Docente permanente do Mestrado em Direito e do Mestrado e Doutorado em História da UPF. É membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Eu tirei umas férias no Hospital da Cidade

ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI

Era um dia normal. Fui almoçar no restaurante Tempero Brasil. Ótimo restaurante.

Normalmente voltaria caminhando até minha casa, por cerca de 9 quadras.

Na saída do restaurante há uma escadaria de 9 degraus. Tentei desce-los me agarrando numas grades de ferro e senti que estava sem força nas pernas. Uma pessoa que trabalha no restaurante viu que eu estava mal e disse que me levaria no seu carro até minha casa.

Agradei e não tive forças para caminhar 6 metros até o carro. Não me lembro como, mas entrei no carro e ela me conduziu até o portão de entrada do prédio. Fui até o portão e, mesmo me agarrando com as duas mãos no portão, não tinha força nas pernas para ficar em pé.

Pessoas do prédio e moradores vizinhos, viram que eu estava mal e chamaram a ambulância da UNIMED. Foi minha salvação, pois se tivesse entrado no meu apartamento, teria desmaiado e ninguém teria me socorrido, pois sou viúvo e moro sozinho.

Enfim, entrei no H. Clinicas e fui conduzido para uma enfermaria destinada a pessoas com dores no tórax e com AVC.

Um pouco de história do Hospital da Cidade

“Numa foto tirada em 1922, em frente ao Hospital, ainda por rebocar, está a Diretoria com os seguintes componentes: Gabriel Bastos, Píndaro Annes, Max Ávila, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Juvenal Moliterno, Amador César Sobrinho “Dudu” e Hellmut Homrich.

O fundador e primeiro Presidente que inclusive elaborou o Primeiro Estatuto e o Regulamento do Hospital, foi Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

Mais tarde, já como Presidente, Píndaro Annes dirigiu o Hospital por mais de trinta anos. Era sua “cachaça”. Ia pela manhã, à tarde e muitas vezes à noite. Só deixou o Hospital em meados de 1960.

O atual H. da Cidade deve a estes personagens e aos que os sucederam toda a sua atual estrutura.

Voltemos à minha entrada na sala de emergência.

Na enfermaria, tiraram a roupa e colocaram o elegante



Fui até o portão e, mesmo me agarrando com as duas mãos no portão, não tinha força nas pernas para ficar em pé.

avental de mostrar a bunda. Em segundos já me injetaram, não sei o que, e, eu, já consciente de que a coisa era feia, mas se morresse, morreria bem assistido. Como praticamente fui socorrido na rua, não sabia se meu filho e outros parentes sabiam onde eu estava e o que teria me ocorrido. Depois soube que, naquela emergência, entravam pessoas com AVC. Como fiquei sem saber onde teria ido parar meu celular (ficou com uma vizinha) não podia avisar ninguém e se porventura teria algum conhecido perguntando por mim.

Por um tempo ficou a notícia que teria me dado um AVC. Mais um pouco e já estariam me enviando para a cremação.

É a vida, ou melhor, o encaminhamento para “outra vida”.

Hospital pra lá de lotado e depois de umas 10 horas na enfermaria, me arrumaram um pequeno quarto onde minha filha, que veio desesperada de Lages, dormiu ao meu lado.

Bem, na manhã seguinte, fui para o quarto 521. Cheguei no paraíso.

Aí começou uma estadia que imaginava curta e que se estendeu por 10 dias.

Atendimento nota 10.

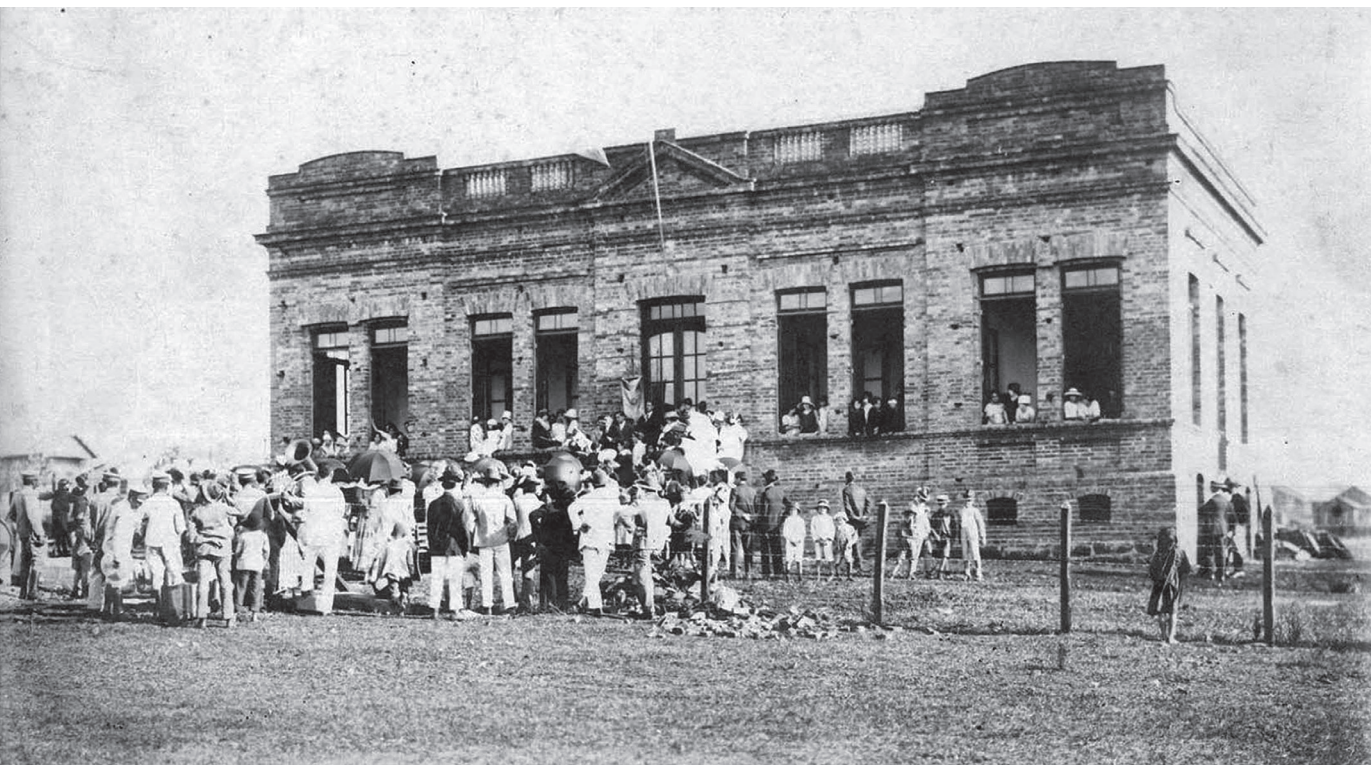
Sobre a alimentação, não vou esquecer a maravilhosa comida para diabéticos, arroz integral, enriquecida por dois ricos envelopes com 1 grama de sal. Duas colheres de caldo de feijão, uma salada, pouca, mas boa.

Mas quase ia me esquecendo da sopa, “especial” para diabéticos.

Café da manhã, bom, e sem exageros. Salame, só em sonho.

Lanchinhos e frutas. Chá a noite.

Enfim, um café da manhã e demais refeições compatíveis para diabéticos. Parabéns ao pessoal da cozinha e da copa.



Mas, tem mais.

As moças, todas muito atenciosas, boas de papo. Uma era separada ou viúva e propus casamento. Leva todo o pacote, com vários filhos, foi a resposta. Mas disse que, para incentiva-la, que eu cozinhava, limpava a casa e lavava a louça e a roupa.

As gurias que traziam as refeições arrecem estavam saindo e já tinha, no corredor, uma fila de outras atencientes com computador e várias gavetas com “surpresas” para o indefeso paciente.

Umam mediam a pressão e picavam meus dedos com uma monstruosa coisa amarela. Cada picada era de 100 ml ou mais.

Sorridentes, pegavam minha mão. Diziam que lindos dedos, bem gordinhos e colocavam meus dedos dentro de um negócio que, juro, extraia minhas energias. Algumas tiravam minhas energias em 5 ou 8 dedos diferentes. Parecia um filme de ciência ficção; ao final perdia os sentidos e, esgotado, dormia a noite inteira. Nem no banheiro ia.

Uma noite colocaram aquela coisa amarela, no meu

dedo que estava em cima de um travesseiro. Antes de perder os sentidos pela enorme perda de sangue, juro que aquela lança, atravessou meu pobre dedo, furou o travesseiro e acho que só parou quando chegou no lençol. Fraco, ia pedir uma transfusão de sangue,” A negativo”, mas me disseram que a UNIMED não pagava transfusão de sangue, dava só gelatina de frutas vermelhas, vinho Bordeaux seco e beterraba.

Mas 3 ou 4 enfermeiras, não satisfeitas, ainda diziam, calma, ainda tem mais. É só uma picadinha, é pro seu bem, e antes que eu pudesse dizer, muito abrigado, hoje não precisa, elas diziam, não vai doer e zap, tá pronto. Não doeu, tudo bem? Eu, ainda tonto, perguntava, amanhã tem mais?

Resposta: amanhã tem mais sim, mas agora tem outra. Dai vinham com uma seringa, que parecia uma bomba de encher pneu de bicicleta. E dê-lhe tirar sangue.

Tinha uma moça que tinha tanta prática de tirar sangue, que você não sentia nada.

Meu pulso, meus dedos estão cheios de marcas de agulhas.

Juro que uma olhou para o meu lindo dedão do pé direito e ficou tentada em dar só uma picadinha.

Disse só na barriga. Resultado, minha inocente barriga tá cheia de furos.

Só posso comer gelatina. Se tomar água, vaza tudo, a barriga tem tanto furo que tá igual aquelas conchas escorredores de massa.

Esta é uma pequena crônica sobre minhas férias no Hospital da Cidade.

Melhor rir do que chorar.

A toda equipe do posto 5, os meus agradecimentos pela eficiência técnica e profissional.



(Roque Gilberto Annes Tomasini é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O Cascão de Alho



ELÁDIO V. WESCHENFELDER

“Morre, aos 95 anos, o homem mais sujo do mundo. Acreditava que a limpeza era a causa fundamental das doenças. Por isso, não tomou banho durante 75 anos.”

A notícia acima pode não ser verdadeira, mas serve de pretexto para contar outra história similar e verdadeira, tanto que a vi com meus próprios quatro olhos. Por isso, conto tudo o que vi e ouvi dos vizinhos, que preferem o silêncio. O que não ouvi, inventei para ajudar a Literatura. Assim, movido pelo impulso de não me calar diante das grandes invenções da humanidade e de criaturas tão singulares, encorajo-me a te contar quase tudo o que cheirei, vi, ouvi e imaginei. Assim contribuo com Shakespeare para revelar que há mais coisas entre o céu e a terra do eu sonha nossa limitada sabedoria.

Tudo começou com a terrível guerra da fragmentação da grande Iugoslávia em seis pequenos países: Eslovênia, Sérvia, Croácia, Bósnia e Herzegovina e Montenegro. Na ocasião, o Presidente russo Mikhail Gorbachev (1985-1991) instituiu a famosa Perestroika, que significava reestruturação econômica. Além da ideia, lembro que ele tinha um mapa na parte frontal da cabeça calva. Assim, como quase tudo tem um fim, a União Soviética começou

a se desmanchar pelas beiradas. Foi daí que alguns voos chegaram à mãe gentil, que abriu as portas para acolher milhares de famílias de boa qualidade técnica.

Elástico Von Alius, que era um membro do exército sérvio, veio ao Brasil para fugir das bombas lançadas pelos aviões da OTAN. Poderia morrer, pois era um espião a serviço do poderoso exército soviético. Vendeu tudo o que tinha e pousou discretamente em São Paulo, onde contrerrâneos já tinham abertas algumas fronteiras profissionais. Mais tarde, rumando mais ao Sul do Brasil, foi acolhido em uma grande cooperativa de eletrificação rural, onde ainda presta serviço de manutenção na área das comunicações. E assim, como terceirizado, acredite quem quiser, aqui cravou o pé até quando der. Como uma discreta coruja, só trabalha à noite, nos finais de semana e nos feriados, preferindo andar pelas veredas, enquanto a maioria das pessoas dorme.

Vindo de uma região muito fria, sempre gostou da Wodka feita de ameixas. Quando ébrio, na presença de certas pessoas, abre o lero, para defender fervorosamente a tese de que os humanos provêm da terra e da água. Depois de um certo tempo, para elas retornarão devagarinho, quer queiram ou não. Mas sempre carregadas de impurezas, quer pequenas ou grandes. Crê, que a sujeira e a limpeza são muito relativas e que as causas de muitas doenças residem no fato do excesso de limpeza. Se viemos do lodo, lodo devemos carregar, não nos sujeitando aos enganosos produtos químicos que contaminam corpos, rios e mares. Sabão, sabote, xampu, cremes, perfumes contêm



Não haverá choro, dores e nem ranger de dentes. Os vermes não o consumirão, podendo, no futuro, ser encontrado por cientistas e, quem sabe, recomeçar uma vida nova.



elementos prejudiciais à saúde. Podem crer, por isso as alergias, as endemias...

Assim, há mais de duas décadas, prefere banhos de chuva, fontes naturais e cachoeiras, quer seja verão ou inverno para tornar o corpo resistente. Gosta dos extremos, tanto que no verão usa casacos grossos; no inverno, bermudas, camisetas para desafiar o corpo, tornando-o resistente a quaisquer oscilações climáticas. Somado à coerência de seus princípios e atitudes, usa um emplastro que o protege de todos os males do corpo e da alma. Alho in natura e em cápsulas. In natura, tipo dentes de alho nos bolsos, bolsinhos e no porta-luvas. Em cápsulas, para nas viagens para fugir do controle sanitário. Confessa que jamais ficou doente e que nunca se vacinou contra Covid-19, Dengue, Malária, Chikungunya e outras doenças. Dependendo das pessoas com que se depara e prega seus princípios, recebe severas críticas, com exceção de poucos e raros simpatizantes que perderam o faro por força da Covid-19. Sempre que pode, indica a leitura do livro *As Academias dos Sábios de Sião*, que trata sobre a Teoria da Conspiração. Nega ser um livro Fake. Mas que existe, existe. Porém, o Dr. Google pode te dar algumas dicas.

Gaba-se por estar livre dos mosquitos, abelhas, carrapatos, pulgas, moscas e outros vermes, vírus e bactérias. Também não higieniza a casa, não lava o carro e não usa quaisquer tipos de material de higiene e limpeza. Para não acostumar o corpo com vários tipos de alimento, consome só um cardápio por semana, tipo só melancia,

só peixe cru por uma semana, sopão de verduras e assim vai. Aos sem-leitura, recomenda lerem de *Os Miseráveis*, *Macunaíma*, *O Tatu*, *Dom Quixote* e *Urupês*. Adora o antigo personagem Cascão, da Turma da Mônica. No entanto, não fala do seu cheiro.

Elástico Von Alius já programou como e onde dará fim a sua vida regular para entrar conscientemente noutra sem sair do planeta Terra. Poupa-se de uma longa viagem ao céu ou ao inferno. Não será incinerado, nem enterrado na terra e nem jogado nas águas. Quando sentir que deverá decidir onde ficará seu cascão de alho, irá até os confins da Sibéria. Lá cavará sua sepultura no gelo, bebendo Vodka até atingir um profundo e longo. Não haverá choro, dores e nem ranger de dentes. Os vermes não o consumirão, podendo, no futuro, ser encontrado por cientistas e, quem sabe, recomeçar uma vida nova. Então será o herói de um novo tempo, pois no antigo foi incompreendo. Será um Deus, pois superou a morte, um problema insolúvel até então. Usará a Inteligência Artificial para criar um emplastro à base de alho para livrar a humanidade do problema da melancolia. Se Brás Cubas não chegou finalizar o plano, Elástico Von Alius terá resolvido dois grandes problemas dos terráqueos: a morte e a tristeza. Por onde passará, o bem-dito será louvado!

(Eládio Vilmar Weschenfelder é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Uma poesia esquecida de Mario Quintana

MARCO ANTÔNIO BOMFOCO

“E as árvores dizem qualquer coisa/
que não entendes (...)”

Carlos Drummond de Andrade, A rosa do povo.

Mario Quintana, no poema intitulado “Árvore”, escrito para a sua coluna “Do Caderno H” no jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, em 7 de setembro de 1968, aborda de maneira admirável o enigma que envolve as árvores sagradas, oferecendo uma nova reflexão sobre o tema. O poema em questão não integra a sua Poesia completa, lançada pela Nova Aguilar em 2005. Trata-se de um curioso achado que fizemos ao consultar a coleção do Caderno de Sábado na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Sem dúvida, as coleções de jornais velhos podem ser comparadas a um sótão onde se depositam bens de toda sorte: elas contêm tudo que alguém possa procurar e mais alguma coisa.

As árvores ocupam um lugar singular no imaginário humano, desde as referências bíblicas a árvores sagradas até os versos de poetas ilustres da antiguidade, como Virgílio e Ovídio. Entre nós, Augusto dos Anjos escreveu



poemas que contemplam as árvores como “A árvore da serra” e “Minha árvore”. Destaque-se, ademais, que, conforme apontado por Emanuel de Moraes, a árvore figura como termo de “excepcional importância” na obra de Carlos Drummond de Andrade, sendo utilizada como símbolo da fugacidade da vida e da representação da morte. Na mitologia, as árvores frequentemente são apresentadas como cenários propícios para manifestações do sobrenatural, servindo de morada a deidades e espíritos. No judaísmo, o candelabro de sete braços simboliza a árvore celeste. Na visão dos antigos gregos, as árvores eram consideradas como dotadas de alma. No cristianismo, a árvore de Natal se destaca como um símbolo que marca o advento da primavera espiritual. Examinaremos agora como Quintana elabora este tema a partir da sua constante reflexão sobre a natureza da poesia e a missão do poeta.

A seguir está o poema de Quintana:

Árvore

Tenho uma árvore de poemas
Com seiva de sangue e lua.
Fecha os teus olhos cansados,
Vem sentir que manso aroma...

Vem deitar à sombra dela,
Doce pelúcia no chão...
Mas, de seus frutos, não comas
Pelo mal que te farão.

As suas raízes sugam,
Fundo, cada vez mais fundo,
O meu coração sepulto.

Ai, suas negras raízes...
Árvore de verdes folhas,
Aberta aos ventos do mundo!



Quanto ao gênero, este poema é um soneto italiano composto de dois quartetos e dois tercetos. Quanto ao metro, Quintana opta pelo uso do heptassílabo ou redondilha maior. Neste verso melódico de sete sílabas poéticas, conforme a contagem de Castilho, as sílabas acentuadas são qualquer sílaba e a última. Os esquemas acentuais que se destacam neste soneto são: 1+4+7 e 1+5+7. A redondilha maior, um dos versos mais tradicionais da língua portuguesa, tem suas origens no cancionário medieval. No tocante à rima, entretanto, o poeta adota certas irregularidades. É importante ter em mente que os poetas modernos desenvolvem quase sempre tipos especiais ou pessoais de métrica ou variações das formas tradicionais. O mais comum para Quintana é combinar os dois ritmos, o da tradição e o da invenção. Quintana utiliza a rima nos versos pares do segundo quarteto (chão, farão), nos versos ímpares do primeiro terceto (sugam, sepulto) (rimas toantes em que a paridade é só das vogais) e no segundo verso do primeiro terceto e no terceiro verso do segundo terceto (fundo, mundo). Além disso, a rima interna pela assonância do U em “fundo”, presente no segundo verso do primeiro terceto, acrescenta um efeito sonoro adicional. Os demais versos são brancos ou soltos, permitindo uma maior variedade e fluidez na estrutura do poema.

Antes de adentrarmos em maiores detalhes, é notável que o poeta imediatamente insere no cenário uma atmosfera sobrenatural. Portanto, é claro que a atmosfera do soneto não se inclina para aquele sentido encantador do lirismo do cotidiano que esperamos encontrar ao ler os quintanares. Além disso, os mitos funcionais associados a elementos como sangue e raízes não se alinham com as imagens das coisas rotineiras que, normalmente, servem de refúgio para o poeta em meio à opressão. Quintana é mais conhecido como poeta solar, e não noturno. Neste poema, ele explora temas como a inspiração e a dualidade inerente à criação poética. Ao expressar a angústia do criador, os versos adquirem uma tonalidade intimista que mistura realidade e fantasia. Ainda assim, mesmo quando a sensibilidade é exaltada, a busca por valores espirituais não chega a des-

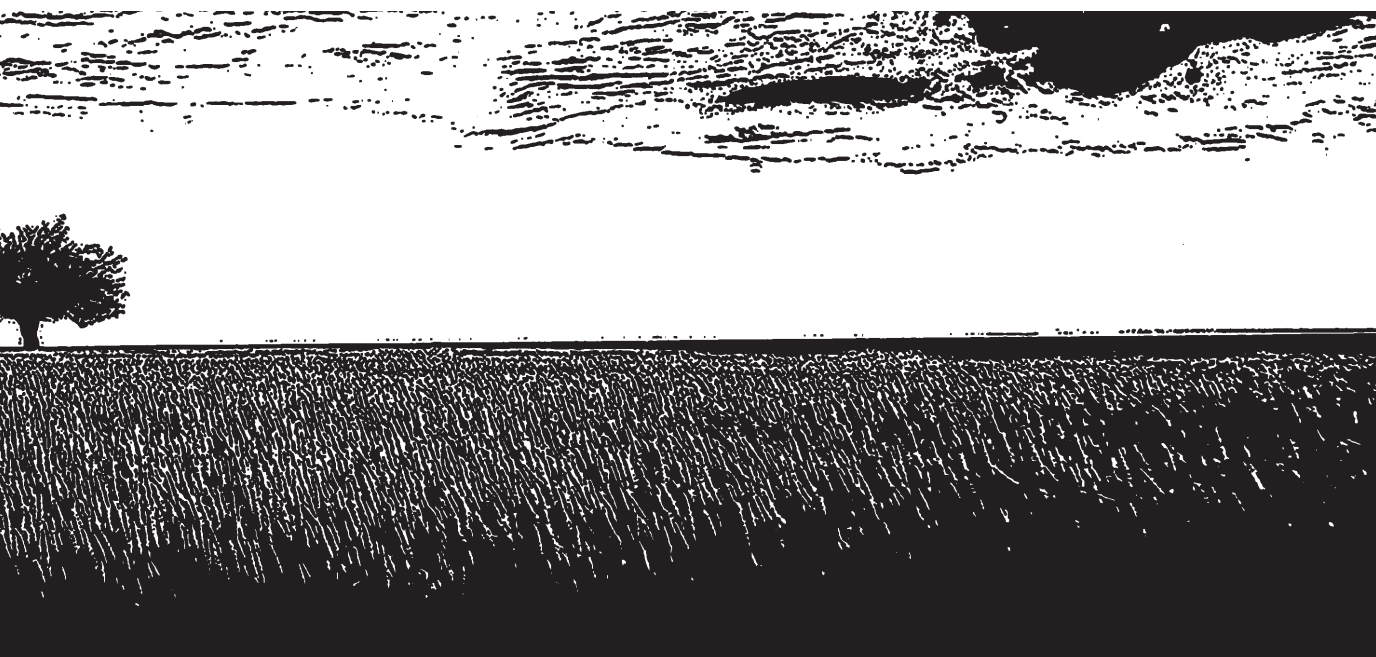
materializar a realidade, como acontece frequentemente na poética simbolista. Em contrapartida, o poema de Quintana apela de forma marcante para os sentidos, destacando-se especialmente a visão e o olfato por meio de referências a “olhos cansados”, “manso aroma” e “folhas verdes”.

Nesse soneto, Quintana se distancia do amor ideal, tema recorrente em muitos de seus versos, para nos introduzir a um universo completamente distinto. O soneto se inicia da seguinte forma:

Tenho uma árvore de poemas
Com seiva de sangue e lua.

Nos versos iniciais, duas surpresas emergem: a árvore de poemas e a seiva de sangue e lua. Este início revela-se singular e perturbador. O efeito de surpresa é reconhecido pelos teóricos da literatura como um dos elementos fundamentais na constituição da linguagem poética. A presença do sobrenatural introduz uma atmosfera de inquietação. O poema de Quintana deslumbra como um cenário surrealista. É da natureza do surrealismo os desvios da função habitual de seres e objetos. O uso de imagens incomuns e a atmosfera de sonho são elementos surrealistas presentes no texto. Ousadas desse tipo são representativas da inclinação do poeta ao sobrenatural que parece começar com *O aprendiz de feiticeiro* (1950) e que se aprofunda numa espécie de trilogia que ele escreveu no espaço de dez anos, a saber: *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), *Esconderijos do tempo* (1980) e *Baú de espantos* (1986). Este último livro traz um poema que aborda o tema das árvores: “A árvore dos poemas”. De certa forma, Quintana retoma e desenvolve a tradição azevediana, em sua tendência de mesclar o mágico e o natural.

Na interpretação desses versos, é crucial levar em conta a concepção compartilhada por diversas culturas de que o sangue é percebido como sede da alma e da vida. O soneto acrescenta um elemento novo e surpreendente ao conjunto: a lua. Num raciocínio tentativo, poderíamos afirmar que, se o sangue simboliza a vida e sua perda conduz à morte, a lua



talvez represente a ressurreição ou um novo ciclo de vida. De fato, esta simbologia está presente na representação da lua minguante em algumas mitologias. Assim, a natureza da seiva da “árvore de poemas” revela-se eterna, uma vez que nela entrelaçam-se o natural e o sobrenatural. De qualquer forma, o sentimento de solidariedade pelo ser humano logo se torna evidente. Os versos 3 e 4 convidam o leitor:

Fecha os teus olhos cansados,
Vem sentir que manso aroma...

O eu lírico convida o leitor a fechar os olhos e se aproximar para absorver o “manso aroma” (verso 4) que a árvore de poemas exala, sugerindo, de certa maneira, que permita a vida desdobrar-se naturalmente. Em sua essência, a vida tem razão em todos os sentidos. O poeta parece dizer também: não se deixe iludir pela superfície das coisas. No fundo só uma coragem nos é exigida: a de aceitar a experiência do desconhecido. Em resumo, aquilo que inicialmente parece estranho pode, com o tempo, revelar-se como nosso aliado mais leal. A lição é clara: todas as experiências, inclusive as inaudíveis e maravilhosas, devem encontrar espaço dentro da existência. Neste contexto, a aceitação, em sintonia com a perspectiva de Manuel Bandeira, conduz à alegria de viver.


No texto literário, os sinais de pontuação estão sujeitos à escolha deliberada do escritor. Quintana demonstra uma habilidade infalível ao utilizar a pontuação em seu poema. Primeiramente, observe-se o uso das reticências no final do primeiro quarteto. O verso 4 é o seguinte: “Vem sentir que manso aroma...”. A voz que se expressa no poema solicita uma pausa para a percepção da sensação. No segundo quarteto, elas surgem no final do verso 6, “Doce pelúcia no chão...”, com a mesma intenção. Assim como se vê, o poeta emprega as reticências para indicar pausas de leitura, como uma espécie de notação musical. Tais reticências são comuns na poesia romântica e simbolista. Por outro lado, o ponto final, que conclui o segundo quarteto, assinala o fim da sugestão de um sonho ilimitado. A pontuação denota a mudança que ocorre na atmosfera do soneto, ou seja, no nível do sentimento. Já a conjunção adversativa, que inicia o verso 7, assinala a mudança de pensamento: do convite passa-se à admoestação. A contemplação é abruptamente interrompida. As reticências reaparecem no primeiro verso do terceto final, “Ai, suas negras raízes...” (verso 12), quando se retoma a definição do objeto de contemplação.

No verso 12, repete-se o substantivo “raízes” (verso 9) que agora vem antecedido do qualificativo “negras”. Observe-se, ainda, que a vírgula, no verso 12, dá ênfase à interjeição “Ai” que exprime o lamento do eu poético. Entretanto, o verso 14, que conclui com um ponto de exclamação, devolve a esperança ao leitor. A expressão “negras raízes” enfatiza a natureza ambígua do dom ou fado, contrastando com o sentimento de esperança que prevalece tanto no início quanto no final do soneto. Se observarmos minuciosamente esses versos, perceberemos mais duas facetas. Em primeiro lugar, conforme M. Rodrigues Lapa observa no contexto do português literário, quando o adjetivo precede o substantivo (como em “negras raízes”), ele “tende a embrandecer-se, adquirindo matização afetiva”. Em segundo lugar, a omissão do ponto de exclamação após a interjeição (“Ai”) atenua o lamento expresso pelo eu poético. Assim, o segundo terceto resgata a atmosfera sombria inicial com notável delicadeza, culminando em um desfecho impregnado de esperança. Estas escolhas revelam-se cruciais, conferindo à expressão a nota precisa, essencial para a plenitude e significado desta composição poética.

A poesia intrinsecamente abraça paradoxos, representando um encontro único entre a sensibilidade, a inteligência e a vontade do poeta. Na verdade, o convite encerra em si um paradoxo: a “seiva de sangue e lua” (verso 2) produz “manso aroma” (verso 4). O poeta recorre à sinestesia que é uma figura de mistura. Na expressão “manso aroma”, ocorre a reunião de termos pertencentes a planos sensoriais diversos. Assim, “aroma”, que é uma palavra do domínio sensorial do olfato, é determinada pelo adjetivo “manso”, que traz o significado de macio e que pertence ao domínio sensorial tátil. Portanto, a expressão colabora para uma percepção diferente do mundo, acentuando o sentido da mensagem. Prosseguindo na leitura, a “sombra” (verso 5) é comparada a uma “doce pelúcia” que cobre o chão (verso 6). Note-se que a figura da sinestesia reaparece aqui. Além disso, “sombra” é uma palavra tipicamente simbolista que carrega a conotação de “mistério”. O poeta aproveita esse significado para criar uma atmosfera mística no poema. Ao longo de sua carreira, Quintana permaneceu fiel ao estilo neossimbolista com o qual estreou em seu livro *A rua dos cataventos* (1940). No entanto, isso não o impediu de se aproximar da tradição surrealista.

É certo que este não é um convite comum. O eu poético convida o leitor a se aproximar da fonte da poesia, para comungar com





algo eterno. As reticências deixam as coisas em suspenso, convidando o leitor a refletir e concluir por si mesmo, como num convite à contemplação.

Quanto à estrutura, esse soneto divide-se em duas partes: na primeira há um convite, e na segunda, uma admoestação. O convite se desenrola do verso 1 ao verso 6, enquanto a admoestação tem seu início no verso 7 e se estende até o desfecho final do soneto. Na primeira parte, os versos 4 e 5 trazem um convite para que o leitor se refugie à sombra da árvore:

Vem sentir que manso aroma...
Vem deitar à sombra dela,
Doce pelúcia no chão...

Destaca-se a aliteração presente em palavras como “vem, vem”, distribuídas simetricamente em versos sucessivos, ainda que distantes. Essa repetição estrategicamente disposta não apenas reitera ideias semelhantes em estrofes distintas, mas também intensifica o interesse do eu poético pelo destino do seu semelhante. A insistência afetiva cria uma ligação semântica marcante entre os dois quartetos, proporcionando uma teia poética que une esses elementos de maneira persuasiva e impactante. Por fim, nos versos finais da primeira parte (versos 5 e 6), ocorre a aliteração do som D em um arranjo de três palavras (“deitar, dela, doce”): /...D...D...D... / que interrompe o movimento vibrante do S, como mostraremos a seguir, formando uma suave barreira que prepara o terreno para a admoestação no verso 7 e abre caminho para a assonância do U na segunda parte do soneto.

Por outro lado, o convite demanda certos cuidados. Na segunda parte, iniciada pela conjunção adversativa “mas” (verso 7), encontra-se esta advertência:

Mas, de seus frutos, não comas
Pelo mal que te farão.

Os versos revelam uma antítese intrigante entre a imagem de “manso aroma” e a advertência para evitar o consumo dos frutos, instigando uma tensão entre a aparente serenidade e o perigo oculto. Notavelmente, o poema evoca imagens bíblicas, encontrando paralelos no livro do Gênesis (2:17), onde Deus proíbe o homem de comer do fruto da árvore do conhecimento. Da mesma forma, os frutos da árvore de poemas não devem ser consumidos. A razão para essa proibição

torna-se clara ao considerarmos que o coração do protagonista está sepultado (verso 11), e são as raízes da árvore que se alimentam dele (verso 9). Nesse contexto, o ‘coração’ é uma palavra bíblica que engloba sentimentos, vontade e mente, como reflete o Salmo 22:26, que proclama que “o coração viverá eternamente”. Mantendo isso em mente, prossigamos com a leitura:

As suas raízes sugam,
Fundo, cada vez mais fundo,
O meu coração sepulto.

A árvore é uma metáfora para a criação poética, sendo alimentada pela “seiva de sangue e lua”. Suas raízes são personificadas, sugerindo uma ação ativa ao “sugarem” o coração, criando uma imagem poderosa e emotiva. A “árvore de poemas” estende suas raízes aos recantos mais profundos da alma humana, aproximando-se da solidão do leitor e oferecendo-lhe amparo. O poeta parece sugerir que o leitor precisa adentrar as profundezas de sua própria existência, enfrentando a grande interrogação que muitas vezes nos confronta: o coração. A tensão no soneto se organiza entre a emoção e o pensamento.

As vogais e as consoantes assumem um valor expressivo ao serem repetidas ou combinadas, contribuindo para o significado do poema. Neste soneto, destacam-se duas recorrências sonoras: a assonância do U na sílaba tônica e a aliteração do S. Os versos 9 a 11 revelam o sofrimento suportado pelo eu lírico, cujo único objetivo é que sua criação funcione como refúgio contra a opressão. Nos versos 9 e 10, o efeito da dor é sugerido pela repetição da mesma sílaba, amplificada pela assonância do U. Assim, a sensação de angústia é intensificada de forma marcante: fún/do.

A vogal U, classificada foneticamente como grave, fechada, velar e posterior, evoca uma sensação de fechamento e escuridão. Por essa razão, pode sugerir sentimentos de angústia e experiências dolorosas ou negativas, como tristeza, doença e morte. Assim, a vogal U parece transmitir a ideia de escuridão, confinamento, dor e desespero. Essa assonância cria uma atmosfera adequada para introduzir a imagem sombria que surge no verso 11, reforçando o efeito poético geral:

O meu coração sepulto.

Neste ponto, o leitor percebe a íntima ligação do poeta com a representação simbólica, onde o coração assume um papel de profunda ressonância emocional e espiritual. A imagem apresentada no verso 11 busca capturar a atmosfera noturna característica do romantismo e do simbolismo literário. É importante observar que os versos 9 e 11 compartilham uma rima toante em U, intensificando a expressão da dor revelada no verso 10 e ampliando a angústia do eu lírico. O som U, surdo e fechado, transmite melancolia, como em “sepulto”. A tonalidade noturna é enfatizada por referências diretas, como “sangue” no verso 2, “fundo” no verso 10 e “negras” no verso 12. O contraste presente nos versos 5 e 6 entre a “sombra”, usualmente associada à escuridão, e a “doce pelúcia”, que evoca suavidade e conforto, cria uma antítese sugestiva.

Por outro lado, o som S evoca a ideia de sopro, sussurro e movimento vibrante. A aliteração do som S em “seiva de sangue e lua” (v. 2) e em “suas raízes sugam” (v. 9) contribui para criar uma sonoridade envolvente e musical. Como vimos no início do poema, o eu lírico parece sussurrar um convite ao leitor. A suave e efusiva sonoridade do S transmite uma sensação de acolhimento caloroso. Assim, a aliteração do S domina a primeira parte do soneto, representando o convite, ao passo que a assonância do U predomina na segunda parte, que traz a admoestação. Por sua vez, a aliteração do D sinaliza a transição entre essas duas figuras citadas. Observaremos, mais adiante, que no terceto final a assonância do A deverá confirmar a harmonia poética estabelecida ao longo do poema, consolidando a sua mensagem e culminando na plenitude do poema. Um esquema que ilustra a ordem de ocorrência das figuras sonoras no soneto pode ser representado da seguinte maneira: S... D... U... A. Notavelmente, o A final, desempenha um papel crucial na conclusão. Como se vê, esses elementos sonoros em conjunto com o significado das palavras fortalecem e enriquecem o tema ou o sentimento expresso pelo poeta.

A metáfora “ventos do mundo” (verso 14) retrata o aspecto tumultuado e enigmático da existência humana. O protagonista adverte sobre a possibilidade de encontrar refúgio na arte. Ao permanecer fiel à sua vocação, o poeta não apenas enfrenta os “ventos do mundo”, mas também oferece uma palavra

fraternal de conforto para a angústia de muitos. A árvore de poemas alimenta-se da própria vida do criador (versos 9-11). A poesia tem como seu foco central o “eu”, que revela o ponto de vista único através do qual o poeta interpreta o mundo. A árvore é descrita como uma aura desconhecida, proporcionando uma espécie de redenção transfigurada.

No espaço do poema, somos espectadores do rico espetáculo de sons e imagens criado pelo protagonista. É o “eu”, portanto, que governa esse espetáculo. Esta representação do poeta como intérprete de uma dor profunda ecoa uma tradição já estabelecida em nossa poesia, remanescente de Gonçalves Dias. Vejamos o terceto final:

Ai, suas negras raízes...
Árvore de verdes folhas,
Aberta aos ventos do mundo!

A sutileza na escolha sonora revela-se crucial na composição poética, como exemplificado pela assonância com a vogal A. Perceptível na primeira sílaba de cada verso do terceto final, essa técnica aperfeiçoa a composição, interrompendo a continuidade do sentimento de melancolia e solidão estabelecido no primeiro terceto e dissipando-o na mente do leitor. Isso ocorre porque a vogal A frequentemente sugere uma qualidade aberta e expansiva, o que pode ser associado a conceitos de liberdade, abundância e amplitude – exatamente o tom dominante no terceto final. Novamente, somos brindados com a maestria do poeta, evidenciada em sua seleção cuidadosa dos sons.

Por fim, é relevante notar que a imagem da árvore solitária sendo assaltada pelo vento é uma recorrência na mitologia nórdica, ecoando, assim, a crucificação do eu. Essa experiência é vivida pela divindade pagã germânica Odin (ou Wotan) em sua busca pela fonte de vida que constitui o âmago do indivíduo, descobrindo-a dentro de si mesmo (cf. *The Poetic Edda*, Hovamol, 139, na tradução de Henry Adams Bellows). Assim, torna-se inevitável a associação, para os budistas, com a iluminação de Buda sob a Árvore Bodhi, e, para os cristãos, com a vitória de Cristo “pregado a uma árvore assaltada pelo vento”, isto é, na cruz ou madeiro no calvário. A ideia germânica de que ninguém pode conhecer as raízes que sustentam essa árvore (o mistério da existência) parece equivaler à síntese que Quintana faz ao iniciar o v.

12 com uma interjeição que expressa a aflição emocional do eu lírico: “Ai, suas negras raízes...”. Mais impactante com seu lamento expressivo e mais sombrio com o adjetivo escolhido, esse verso transmite uma sensação ainda mais profunda de desespero, pois a ausência de verbos contribui para a impressão de imobilidade total. Tal sensação será apaziguada nos versos seguintes devido à assonância do A, mencionada anteriormente, e à afirmação final otimista.

Assim, fiel à sua visão otimista do mundo, a árvore de poemas ostenta folhas verdes de esperança e se estende de braços abertos (v. 13-14). Esta árvore poética personifica o amor incondicional, enquanto a poesia é habilmente apresentada como uma fonte vital. O vislumbre do mistério é suficiente para o sábio, pois, como definiu o apóstolo, fé é confiança nas coisas não vistas. O eu poético não desconsidera as forças do espírito. Os dois últimos versos fecham de forma digna o soneto, onde a “Árvore” do título se transforma na “Árvore de folhas verdes”, indicando a poesia como a esperança de salvação, assim como a árvore mencionada pelo profeta cujas folhas permanecem sempre verdes (Jeremias 17:8). A leitura que acaba de ser feita teve por fim contribuir para a compreensão da mensagem poética de Mario Quintana.

Bibliografia

- ANJOS, A. dos. Poesia e prosa. São Paulo: Ática, 1977.
BANDEIRA, M. A versificação em língua portuguesa. In: BANDEIRA, M. Poesia completa e prosa seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2020, v. 2, p. 915-938.
CARVALHAL, T. F. Itinerário de Mario Quintana. In: QUINTANA, M. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 13-27.
CUNHA, F. A leitura aberta: estudos de crítica literária. Rio de Janeiro: Cátedra / Instituto Nacional do Livro, 1978.
FIJALKOWSKI, K; RICHARDSON, M. Surrealism: key concepts. Londres: Routledge, 2016.
GOMES, E. O individualismo romântico: Álvares de Azevedo. In: COUTINHO, A. (org.) A literatura no Brasil. São Paulo: Global, 2004, v. 3, p. 139-152.
LAPA, M. R. Estilística da língua portuguesa. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
MORAES, E. de. Manuel Bandeira: análise e interpretação literária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
---. Drummond rima Itabira mundo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
QUINTANA, M. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
RONCARI, L. Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

(Marco Antônio Bomfoco é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O Rio Grande de Jayme Caetano Braun

ALEXANDRE DA ROSA VIEIRA

Um estado que sempre fez de seus correntinos, modelo vivo da cultura e folclore local, evidenciando suas práticas voltadas aos valores fundamentais ligados à terra onde vivem. Assim é o Rio Grande do Sul, um naco de pampa da cultura sul americana que resiste fortemente a influência da globalização nos afazeres de um povo. O papel de representantes destas manifestações folclóricas cristalizam-se em figuras populares que fizeram de sua vida a divulgação destas manifestações.

O ano de 2024 marca o legado do centenário de uma das mais importantes figuras do folclore rio-grandense, Jayme Caetano Braun, um dos troncos missioneiros que fez da poesia, da música e da comunicação marcas indelévels do homem e da mulher gaúchos. Nasceu em 30 de janeiro de 1924 em Timbaúva, então distrito de São Luiz Gonzaga, na Região das Missões no Rio Grande do Sul, vindo a falecer em 8 de julho de

1999 depois de marcar sua vida profissional na capital gaúcha. Ícone da música tradicionalista gaúcha, tem seu nome em ruas, praças e CTGs no Rio Grande do Sul e em todo o Brasil. É considerado o patrono do Movimento Payadoril no Brasil. Trabalhou com publicações de poemas em jornais como O Interior e A Notícia (de São Luiz Gonzaga), também em programas radiofônicos e como funcionário público no Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Servidores do Estado e também na Biblioteca Pública do Estado. Jaime teve mais de dez obras escritas, participou de mais de 15 obras musicais entre discos e cds, foi co-fundador da Estância da Poesia Crioula.

Ao longo de sua carreira, Braun produziu diversas payadas, poemas e canções, sempre destacando a cultura e as tradições do Rio Grande do Sul. Com o objetivo de divulgar e promover a imagem, a vida, a história do povo gaúcho

No dia 8 de dezembro de 2023, foi publicado no Diário Oficial do Estado

o Decreto nº 57.354, que institui o ano de 2024 como o Centenário de Jayme Caetano Braun, conhecido como “El Payador”. Braun, importante improvisador da poesia folclórica gaúcha, faleceu em 8 de julho de 1999, mas imortalizou o gaúcho através dos seus versos.

Pajada

Como falar em pajada
Sem Jayme Caetano Braun?
É ele, o referencial!
Que trilhou toda a estrada
E faz uma falta danada
Os versos do professor
Que era mestre em compor
Mas que deixou seu legado
E sempre será lembrado
Dom Jayme “El payador”

(Versos da música tema dos festejos farroupilhas 2024.)

(Alexandre da Rosa Vieira é presidente do Conselho Estadual de Cultura e membro da Academia Passo-Fundense de Letras)

Justiça Comunitária em Passo Fundo: Um Modelo de Eficácia no Tratamento Adequado das Desavenças

ISRAEL KUJAWA¹

MAURO GAGLIETTI²

No alvorecer da década de 2010, Passo Fundo (RS) testemunhou o desabrochar de uma iniciativa ímpar, cujo eco ressoou pelos corredores da Justiça e adentrou o seio das comunidades.

O Projeto Justiça Comunitária, impulsionado pelo anseio incessante por paz e cidadania, ultrapassou as fronteiras do teórico para se entrelaçar nas vias urbanas, nos recantos dos lares e na alma da população. Amparado pelo Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania), emergiu um elo robusto entre o Ministério da Justiça, a Secretaria de Reforma do Judiciário, a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e a Imed (Atitus), moldando esse ímpeto reformista.

Assim, por intermédio de uma coalizão extensiva, englobando, ao mesmo tempo, as instituições educacionais municipais — Escola Guaracy Barroso Marinho e Escola Coronel Sebastião Rocha —, e, ao mesmo tempo, as Associações de Moradores dos bairros Zachia e Valinhos, germinou uma malha de agentes comunitários versados na gestão de querelas, fomentando a justiça de maneira democrática e universal.

Ademais, a instauração da Secretaria de Segurança Pública na Prefeitura Municipal de Passo Fundo (RS), como contrapartida da Prefeitura aos recursos federais e estaduais, assinalou um marco decisivo, alicerçando o financiamento governamental para este empreendimento visionário.

Assinala-se, ainda, que os articulistas deste ensaio desempenharam um papel preponderante nesse percurso, valendo-se da fenomenologia para desvendar a quintessência das vivências humanas e concretizar o paradigma de justiça comunitária.



Contextualização e Seleção das Cidades e dos Bairros

A seleção dos bairros Zachia e Valinhos, em Passo Fundo, para incursões de segurança foi meticulosamente estudada, ante o legado de elevada criminalidade e dissensões. O exame minucioso dessas localidades desvelou um apelo premente por estratégias que restabelecessem a tranquilidade e incentivassem o bem-estar coletivo. Tal postura evidencia a diligência das autoridades locais em perseguir soluções sinérgicas e comunitárias.

No interstício de 2010 a 2012, Passo Fundo foi assolado por índices preocupantes de delinquência, culminando na criação de iniciativas como os Territórios da Paz nos bairros Integração e

José Alexandre Zachia. A constituição da Força Tarefa de Combate aos Homicídios, e subsequente formação da Equipe Especializada em Homicídios da 1ª Delegacia de Polícia, sublinhou a seriedade do quadro.

A percepção disseminada acerca da violência nesses enclaves foi determinante na escolha, ainda que tal estigma recaísse injustamente sobre muitos dos seus habitantes, repercutindo até mesmo nas suas oportunidades laborais, e realçando a premência de intervenções que alterassem esse panorama.

Atesta-se que a justiça, em sua essência poliédrica, é vital para a contextualização do *modus operandi* do Projeto Justiça Comunitária. Desde noções ancoradas na igualdade e na equidade até visões focadas na reparação, na media-

“

O exame minucioso dessas localidades desvelou um apelo premente por estratégias que restabelecessem a tranquilidade e incentivassem o bem-estar coletivo.



ção e na restauração, coabitam distintas interpretações de justiça no tecido comunitário. Ao acolher essa pluralidade, o projeto em tela soube moldar suas práticas mediadoras para corresponder às exigências peculiares de cada situação.

Desse modo, no coração pulsante dos bairros Zachia e Valinhos em Passo Fundo (RS), o Projeto Justiça Comunitária desabrocha como uma flor de lótus na lama da adversidade, simbolizando a pureza da justiça em meio às águas turvas do conflito. Este projeto, um mosaico de humanidade e direito, foi a resposta da sociedade aos ecos distantes de um Judiciário que, por vezes, parece mais um labirinto do que um refúgio.

Sob o manto do Pronasci, o projeto

tece uma tapeçaria de segurança cidadã no qual cada fio é uma ação preventiva, cada nó é uma parceria fortalecida e cada bordado é uma vida transformada. Desde 2010, o Pronasci tem sido o vento sob as asas de mais de 145 municípios de diferentes estados do país que foram selecionados mediante critérios associados aos altos índices de criminalidade, impulsionando-os para além dos horizontes da justiça tradicional, em direção a uma era na qual a paz é uma cultura e a inclusão social é a norma.

Com a implementação de políticas públicas que são tanto escudo quanto espada, o Pronasci defende a juventude e procurou tratar as raízes da violência. Programas como Mulheres da Paz e Protejo são as sementes plantadas em

solo fértil, germinando em projetos que florescem em justiça e polícia comunitárias próxima do povo.

A Justiça Comunitária em Passo Fundo constituiu-se em um farol de esperança, guiando os navios perdidos da comunidade para portos seguros de diálogo e entendimento. Aqui, agentes comunitários são os faroleiros, capacitados para mediar tempestades de desentendimentos e acender as luzes da compreensão.

Neste novo paradigma, a segurança pública é uma sinfonia composta por múltiplos instrumentos: a Bolsa Formação, a modernização das forças de segurança e a valorização da Guarda Municipal. Cada medida é uma nota na partitura da harmonia social, cada ação é um acorde no concerto da cidadania.

Assim, o Justiça Comunitária e os demais projetos, dançam juntos na valsa da transformação, girando em um baile onde cada passo é um avanço rumo a uma sociedade mais justa, mais segura e infinitamente mais humana. Eles são a prova viva de que, quando a justiça se une à comunidade, o resultado é uma obra-prima de paz e prosperidade.

Reflexões sobre a Implementação e os Impactos do Projeto

A concepção de Justiça transcende os limites do Judiciário, entrelaçando-se com as vicissitudes emocionais da sociedade. Essa expansão é vital na medida em que embora o Judiciário se proponha como santuário para os desfavorecidos, muitos o percebem como ineficaz. As metamorfoses na estrutura judiciária, como a jurisdição comunitária, espelham um renovado espectro de segurança, alinhado a uma perspectiva sistêmica. O Pronasci, ao desvendar a complexidade da Justiça, tece uma sinergia entre dimensões formais e vivências autênticas. Iniciativas como o Justiça Comunitária, em Passo Fundo, fortalecem essa transição, fomentando o tratamento mais adequado dos conflitos, disputas e fomentando o engajamento cívico. Assim, o acesso à Justiça, enquanto política pública, amplia horizontes, erigindo comunidades acolhedoras e seguras no qual a cultura da paz floresce, propondo uma abordagem sistêmica ao acesso à justiça por intermédio da implementação de políticas públicas, desbravando novas perspectivas para o enfrentamento de desafios sociais complexos.

O Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, Pronasci, ilustra essa abordagem, adotando medidas para salvaguardar a juventude e fomentar a inclusão social. Enquanto políticas públicas atendem às demandas sociais, programas como o Pronasci confrontam desafios abrangentes e persistentes, diferentemente dos projetos, que são mais pontuais e temporários. O Pronasci, portanto, representou uma proposta inovadora de segurança pública, envolvendo a sociedade civil e priorizando a prevenção e a integração comunitária.

Dessa forma, o acesso à Justiça, como política pública de direito humano essencial, adquire novas dimensões, abrindo caminhos para a construção de comunidades mais seguras e inclusivas nas quais a cultura de paz prospera sem preconceitos ou discriminações. Compreendendo a Justiça em sua multiplicidade de causas, que relaciona o formal ao cotidiano e a diversas áreas do saber, o Pronasci foi implementado desde 2010 em mais de 145 municípios brasileiros. A escolha dos locais para execução foi influenciada por vários fatores, incluindo a participação da população, como protagonista das estatísticas criminais, de indivíduos e instituições que almejavam a redução das injustiças. Assim, a abordagem sistêmica do acesso à justiça como direito humano fundamental, por meio da efetivação de políticas públicas, oferece novas perspectivas para lidar com desafios complexos de segurança pública, gerando impactos positivos em comunidades por todo o Brasil.

Políticas públicas são iniciativas governamentais para satisfazer necessidades sociais, enquanto programas e projetos possuem metas distintas e temporais. O Pronasci, como uma política pública de segurança, implementou estratégias para proteger a juventude, inovando em abordagens preventivas e integradoras. Essa iniciativa promoveu parcerias e ações específicas para combater a criminalidade, incluindo programas sociais e suporte jurídico, visando assegurar justiça em regiões vulneráveis por meio da participação comunitária e ações multidisciplinares, fortalecendo laços locais e aprimorando a segurança cidadã. No contexto das políticas públicas, programas e projetos compartilham objetivos, mas diferem em propósito e duração. Política pública é um conjunto de ações e



decisões do Estado, fundamentadas em leis, para atender às necessidades da sociedade e alcançar objetivos específicos, geralmente relacionados ao bem-estar social, segurança, saúde, educação, entre outros.

Um exemplo de política pública vinculada ao Pronasci, executado pelo Poder Executivo Federal, entre 2010 e 2015, especialmente pelo Ministério da Justiça e Cidadania e sua Secretaria Nacional de Segurança Pública, foi a implementação de medidas de segurança voltadas à população jovem, com o intuito de prevenir a violência e promover a inclusão social. Enquanto programas, como o Pronasci, abordaram desafios amplos e duradouros, os projetos foram mais específicos e temporários. O programa em questão visava promover justiça em áreas vulneráveis, integrando a comunidade na resolução de conflitos.

Nesses termos, estabeleceu-se um “novo paradigma”, constituído por ações de prevenção e não apenas repressão, valorizando os profissionais de Segurança Pública por meio do Programa de Bolsa Formação, capacitação contínua, modernização das instalações e equipamentos destinados aos profissionais de segurança pública, melhorias do sistema prisional, trabalho intersetorial e integração entre di-

versos órgãos, maior inserção dos municípios, com incentivos à criação de Plano Municipal de Segurança, estímulos ao desenvolvimento de Conselhos de Segurança Municipais, capacitação das Guardas Municipais e valorização de seu trabalho, implantação de secretarias municipais de segurança e criação dos Gabinetes de Gestão Integrada. O Pronasci representou uma proposta distinta de segurança pública no país, abrindo espaço para a participação da sociedade civil, para melhor atendê-la. Assim, foram formuladas ações para reverter o quadro de jovens infratores, combater a cultura do machismo nas regiões mais vulneráveis e abrir espaços para a participação das lideranças comunitárias na busca pela resolução dos problemas relativos à criminalidade nos territórios, ações classificadas como locais.

Desse modo, o Pronasci incentivou ações focadas em diversos projetos contra a criminalidade, como atividades sociais para os jovens, fortalecimento de lideranças femininas e a criação da polícia comunitária, mais próxima dos cidadãos. Os bons resultados foram fruto de políticas concretas, envolvendo a Brigada Militar, Polícia Civil e diversas secretarias das prefeituras, aliados à tecnologia, com a inserção da Central de Videomonitoramento



das Vias Públicas e do Observatório da Segurança Pública. Em sintonia com essas ações, projetos sociais, como Mulheres da Paz, Protejo, Casa da Juventude, Pacificar, Justiça Comunitária e Agência de Boas Notícias, proporcionaram novas oportunidades aos jovens e à comunidade. Destaca-se também sua base legal, incluindo a Constituição Federal de 1988 e o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O propósito principal desse programa foi garantir o acesso à justiça em territórios considerados “vulneráveis” por meio de medidas de descentralização, urbanização e recuperação dos espaços públicos com a efetiva participação dos agentes políticos da própria comunidade.

Ao sensibilizar, mobilizar e selecionar os agentes comunitários, formando-os a partir da ação integrada de uma equipe multidisciplinar, o Ministério da Justiça estabeleceu parcerias com as prefeituras e universidades para proporcionar o tratamento adequado de conflitos envolvendo vizinhos, famílias e junto ao ambiente escolar. Dessa maneira, o Pronasci visou democratizar o acesso à justiça em áreas vulneráveis, descentralizando ações e envolvendo agentes comunitários.

O Projeto Justiça Comunitária em Passo Fundo, RS, exemplificou a im-

plementação local do programa. Mobilizou e capacitou agentes comunitários para mediar conflitos, promovendo direitos humanos e cultura de paz, sem discriminação e contribuiu para que a Prefeitura recebesse recursos para estruturar a Secretaria Municipal de Segurança Pública.

Retratos da Transformação: Mediadores do Projeto Justiça Comunitária

Nas tramas do destino cada fio no qual entrelaça a história de uma comunidade, os mediadores do Projeto Justiça Comunitária são os artesãos da esperança, tecendo o manto da paz sobre os Bairros Zachia e Valinhos. Como pintores que dão cor ao mundo, eles transformam o cinza dos conflitos em um arco-íris de soluções.

Marli, a tecelã da gratidão, com mãos firmes e coração aberto, entrelaçou os fios da compreensão, criando um tapete no qual a discórdia dá lugar à harmonia. Zulmira, a sacerdotisa da serenidade, com seu bálsamo de palavras, curou as feridas abertas pelo desentendimento, unindo os retalhos da comunidade em um quilt de união.

Cristiane, a guardiã da sabedoria, com seu caleidoscópio de escuta ativa, refletiu a luz da empatia, iluminando caminhos antes sombrios da inimizade. Lázaro, o escultor da paciência, com cinzel e martelo de diálogos, esculpiu a pedra bruta do rancor, revelando a forma pura do entendimento.

Cristiano, o arquiteto da justiça, com planos de compreensão e vigas de respeito, construiu pontes sobre os rios turbulentos da discórdia. Gerci, a educadora apaixonada, semeou no solo fértil da mediação as sementes do bem comum, que floresceram em jardins de cooperação.

Clelia, a exploradora de si mesma, navegou pelos mares da autodescoberta, içando as velas da liberdade, encontrando novos horizontes além dos julgamentos. Ione, a maestrina do silêncio, com sua batuta invisível, orquestrou a sinfonia da calma na qual cada pausa é uma nota de paz.

Andreia, a visionária do direito, com sua bússola de estratégias e mapas de comunicação, traçou rotas para novos destinos de resolução de conflitos. Seu crescimento pessoal, marcado pela educação e emancipação, é um farol que guia outros na tempestade da vida.

Como um farol que desafia a escuridão, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) é o guardião da alvorada para as almas tempestuadas pela violência doméstica. Sua luz, um convite à segurança e dignidade, guia as mulheres a um refúgio onde seus direitos são sagrados e inalienáveis.

Nascido do coração do Projeto Justiça Comunitária, o CRAM é uma política pública que floresceu no Bairro Zachia, um oásis de esperança desde 2011, ganhando consistência a partir de 2017. Com a força do governo federal e o cuidado da Prefeitura, tornou-se um santuário de apoio e orientação.

A cada mulher acolhida, a cada história ouvida, o CRAM fortalece sua missão, registrando mais de 380 cadastros e beneficiando mais de 800 vidas. Por meio de ações proativas e uma rede de suporte que inclui o Ministério Público, o Judiciário e o número 180, o CRAM estende suas mãos em busca ativa daqueles em silêncio.

Para que a luz do CRAM brilhe ainda mais, são necessários mais recursos, a emancipação financeira das mulheres e um olhar mais sensível às sombras da violência. Assim, o CRAM e seus mediadores cantam uma melodia de mudança na qual cada verso é um passo em direção à justiça, cada coro, um manifesto de esperança. As mediadoras são as cultivadoras da justiça comunitária, cuja essência inspira a transformação e cuja memória é eternizada na história de resiliência da sua comunidade.

E entre esses relatos inspiradores, Loreci ecoou o questionamento uníssono: “Por que o projeto não chegou antes?”

Essas vozes são testemunhas vivas da transformação que a mediação traz, uma sinfonia de resiliência e esperança em um mundo que anseia por paz e reconciliação.

Conclusão

O Projeto Justiça Comunitária em Passo Fundo (RS) emergiu como um paradigma notável de como políticas públicas podem fomentar a harmonia e a equidade mediante a engajada participação popular. Sua abordagem abrangente e eficaz fornece insights preciosos para outras empreitadas similares em âmbito nacional, enfatizando a relevância do intercâmbio interdisciplinar e da cooperação entre entidades

e indivíduos. Este projeto transcende a mera aplicação de leis, adentrando um território onde a justiça é moldada pela própria comunidade, transformando conflitos em oportunidades de crescimento e coesão social.

Justiça Comunitária, <https://justicacomunitariapf.blogspot.com> visite e descubra como a ação das mediadoras e dos mediadores moldaram e ainda estão moldando o modo das pessoas se relacionarem em suas comunidades com as mãos da justiça e os corações da compaixão.

Notas

¹Prof. Dr. Israel Kujawa [PhD em psicologia social pela Universidade do Porto (Fpceup, 2017), Portugal]. Participou, entre 2010 e 2012, da articulação envolvendo o primeiro escalão da Prefeitura de Passo Fundo (RS), as coordenações das Escolas dos Cursos da Imed (Atitus), as diretorias da Uampaf, das Associações de Moradores dos bairros Zachia e Valinhos, as Escolas Municipais, tendo em vista demonstrar os benefícios do Pronasci para a cidade no que se refere ao acesso à justiça por parte das pessoas mais necessitadas. Em 2016 defendeu tese de doutorado em psicologia na UFRGS. A referida tese foi publicada no livro intitulado “Segurança Pública e Psicologia” (CRV, 2016), no qual defendeu aproximações entre os conceitos de segurança, cidadania e justiça. Desempenhou as funções de Secretário Municipal da Habitação em 2008 e do Planejamento em 2010, no município de Passo Fundo, RS, Coordenador Pedagógico e Diretor de escolas públicas. Em 2011 e 2012 foi Coordenador Adjunto, na 7ª Coordenadoria Regional de Educação. Coordenou a capacitação pedagógica de professores em 14 escolas públicas estaduais, na região norte do Rio Grande do Sul. Ministrou em 2012 a disciplina “O conflito na visão das ciências sociais”, em duas edições do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Mediação de Conflitos e Justiça Restaurativa na Imed. Participou, na mesma instituição, dos Projeto de Pesquisa e Extensão, “Juventude, Psicologia Positiva e Justiça Restaurativa: Formas de Evitar a Violência” e do Projeto de Extensão “Justiça Comunitária em Passo Fundo”. Coordenou o Projeto de Pesquisa e de extensão sobre as intervenções da psicologia na socioeducação. Professor concursado, em 1993, da rede pública estadual do Rio Grande do Sul. Atua como professor e gestor na educação Indígena desde 2023.

²Prof. Dr. Mauro Gaglietti coordenou, entre 2010 e 2013, o Projeto Justiça Comunitária nos bairros Zachia e Valinhos em Passo Fundo (RS). É escritor e titular da Cadeira 31 da Academia Passo-Fundense de Letras na qual exerce a curadoria das edições do Café Filosófico. É Professor do Curso de Pós-Graduação “Justiça Restaurativa e Mediação por intermédio da empatia” na URI (Santiago, RS) e no Curso de Direito na Uniavan (Balneário Camboriú e Itapema, SC). Ao mesmo tempo, desenvolve mentoria em soft skills junto a Rede de Farmácias São João (RS, SC e PR) por intermédio da capacitação dos gestores em Comunicação Não Violenta (CNV), mediação de conflitos e inteligência emocional. Sua titulação abarca o Doutorado em História/PUCRS, Mestrado em Ciência Política/UFRGS, Especialização e Graduação em História/UFSM. É mediador de conflitos formado nos cursos realizados no Brasil e Argentina - entre 1998 e 2009 - sob a curadoria do Prof. Dr. Luís Alberto Warat, sendo, ainda, capacitado em mediação de conflitos pelo Ministério da Justiça em 2011 sob a mentoria do Psicólogo Juan Carlos Vezzulla da Universidade de Coimbra sob a orientação do Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos.

³Informações acerca da implementação do Projeto Justiça Comunitária em Passo Fundo (RS) junto ao <https://justicacomunitariapf.blogspot.com>. Você encontrará imagens e os nomes das pessoas que implementaram

o Projeto Justiça Comunitária nos bairros Zachia e Valinhos.

⁴As instituições que participaram do Projeto Justiça Comunitária nos bairros Zachia e Valinhos em Passo Fundo (RS) entre, 2010 e 2013, foram as seguintes: Ministério da Justiça, Secretaria da Reforma do Judiciário, Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Polícia Comunitária (Brigada Militar), Polícia Civil, Prefeitura Municipal de Passo Fundo, Escola Municipal de Ensino Fundamental Guaracy Marinho, Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Sebastião Rocha, União das Associações Comunitárias de Passo Fundo (Uampf), Escola de Pais do Brasil, Associação de Voluntários de Passo Fundo (Avoce), Núcleo de Prática Jurídica da Imed (Nujur), Ong Leão XIII, Fase/Case, Conselho Tutelar, Susepe, Escola de Direito da Imed, Escola de Psicologia da Imed, Escola de Gestão Pública da Imed, Escola de Odontologia da Imed e Escola de Administração da Imed.

⁵Os mediadores comunitários residentes no bairro Valinhos foram formados e capacitados pela Coordenação do Projeto Justiça Comunitária e pelo Ministério da Justiça e Cidadania. Seguem os nomes: Clélia Garcia Calegari, Cristiane da Silva, Cristiano da Silva Dias, Dione Luiz Tohmé, Gerci da Silva de Vargas, Ione Salet da Silva, Lázaro Alencar Frantz Brizola, Loreci Ávila Ribeiro, Marli da Veiga, Zulmira de Jesus Morais Risson, Armanda da Silveira, Clélia Garcia Calegari e Oscar Ferreira da Silva. Já, pelo seu turno, os mediadores comunitários moradores no bairro Zachia tendo igual formação e capacitação: Andréia Maria Carvalho, Cínara Aparecida Nunes dos Santos, Joceli das Chagas, Letícia Karine dos Santos Carvalho, Luiz Fernando Lemes Florêncio, Marilena do Amarante, Rosana Kátia de Oliveira, Rosane Nickel de Lima, Santa Catarina da Silva, Suzana Graeff, Cleusa Rodrigues dos Santos, Josiane Gonçalves de Araujo, Daniele da Silva Meira e Roseli Silva Macedo dos Santos.

⁶As pessoas que foram fundamentais para a aprovação e a implementação do Pronasci no Brasil, no Rio Grande do Sul e, em particular, em Passo Fundo, entre 2010 e 2015, foram: Tarso Genro, Ministro da Justiça (2007-2010), criou o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) e a Bolsa Formação para policiais. Prefeito Airton Lângaro Dipp, Vice-Prefeito Rene Ceconello, Secretário da Sempas Ermindo Simonetti, Secretário de Segurança Pública Advogado Márcio Patussi, Marisa Ré De Rocco (Gestora do Projeto Justiça Comunitária na Secretaria Municipal de Segurança Pública), Prof. Dr. Mauro Gaglietti (Coordenador do Projeto Justiça Comunitária), Prof. Dr. Marcelino da Silva Meleu (Advogado do Projeto Justiça Comunitária e integrante da Coordenação), Prof. Dr. Luiz Ronaldo Freitas de Oliveira (Psicólogo do Projeto Justiça Comunitária e integrante da Coordenação), Isabel Frosi Benetti (Assistente Social do Projeto Justiça Comunitária e integrante da Coordenação), Prof. Dr. Israel Kujawa (PhD em Psicologia Social pela Universidade do Porto, Portugal, sendo o responsável pela interlocução entre os movimentos sociais, entidades, instituições e a Coordenação do Projeto Justiça Comunitária), Eduardo Capellari (Ceo da Imed/Atitus), Prof. Dr. Henrique Kujawa (Diretor da Imed), Prof. Dr. Marcelino Pedrinho Pies (Diretor da Imed), Prof. Dr.ª Thaise Nara Graziottin Costa (Coordenadora da Escola de Direito da Imed), Prof. Dr.ª Sabrina Frâncio (Escola de Administração da Imed), Prof. Dr. Júlio Cezar Consul (Tenente Coronel da Brigada Militar e Coordenador da Escola de Gestão Pública da Imed), Juiz de Direito Luis Christiano Enger Aires (Poder Judiciário), Promotora de Justiça Ana Cristina Ferrarezze (Ministério Público), Promotora de Justiça Cleonice Aires (Ministério Público), Juiz de Direito Dalmir Franklin de Oliveira Jr (Poder Judiciário), Prof. Dr.ª Beatriz Gershenson (Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (Doutorado e Mestrado)/PUCRS, Advogado Ricardo Cesar Correa Pires Dornelles (Presidente da Comissão de Mediação, Arbitragem e Justiça Restaurativa da OAB/RS), Nilson Santa Helena da Silva (Presidente da Associação de Moradores do Bairro Zachia), Professora Rejane Inchoste (Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guaracy Marinho), Professora Gerci da Silva de Vargas (Professora da Escola Municipal

de Ensino Fundamental Coronel Sebastião Rocha e Coordenadora dos mediadores comunitários do bairro Valinhos), Lígia Mazoleni (Coordenadora da Associação de Voluntários de Passo Fundo (Avoce), Sueli Gehlen Frosi (Coordenadora da Escola de Pais do Brasil em Passo Fundo), Antônio Santos (Presidente da Uampf – União das Associações de Moradores de Passo Fundo), Rubens Mário dos Santos Franken (Presidente da Ong Assistência Social Diocesana Leão XIII), as Advogadas: Laura Teston Machado, Keli Susana Pilatti, Janaína Vieira Benites, Daniela Lipstein, Ângela Roberta Fontaneli, Renata Oliveira Cerutti, Gabriela Ceratti, Carina Moraes Ceconello, Natália Formagini, Aline Taiane Kirch, Aleteia Hummes Thaines, Morgana Giacomini, Andréia Gomes, Letícia Nunes Simão, Ariane Sommer Torres Rufatto, Bárbara Fincato da Silva, Lucieli Breda, Dionara Cristina da Silva, Bárbara Siteneski de Oliveira e os Advogados: Eduardo Tedesco Castamann, Luiz Felipe Nunes, Celso Tadeu Zwirts e Luciano Leal Bronzoni. Psicólogas: Gabriele Albuquerque Silva, Anelise de Souza Légori, Natacha Martins Machado, Marinês Pituco Bicca, Cerita Bressan, Mônica Golfetto Rech e o Psicólogo Glen Rigo da Silva. Assistentes Sociais: Lísia Rodigheri Godinho e Maria Anabel Almeida Bonfim. Gestão Pública: Iracema Pimentel Ferrari. Os demais nomes, cerca de 91 pessoas, se encontram registrados no blog do Projeto Justiça Comunitária no blog do Projeto Justiça Comunitária <https://justicacomunitariapf.blogspot.com>. O mesmo já conta com mais de 87 mil acessos e foi criado e atualizado pela Psicóloga Gabriele Albuquerque Silva que tem Mestrado em Educação pela UPE.

⁷A Prefeitura Municipal promoveu o Simpósio sobre a implantação do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) em Passo Fundo em maio de 2010. Ações e projetos sobre segurança pública foram discutidos na Câmara Municipal de Vereadores. Com recursos que chegaram a R\$ 3,1 milhões, subsidiados pelo Governo Federal, Passo Fundo se inseriu à época no programa com oito projetos voltados à prevenção da violência: Gabinete de Gestão Integrada Municipal (GGIM), Mulheres da Paz, Proteção, Plano Municipal de Segurança, Diagnóstico, Justiça Comunitária, Canal Comunidade e Pacificar. (Publicado em 20 de maio de 2010 [<https://www.pmpf.rs.gov.br> – Página 117 de 134]).

⁸O balanço parcial acerca dos resultados alcançados no período inicial de implantação do Projeto Justiça Comunitária nos bairros Zachia e Valinhos realizado pela coordenação no período entre 12 de julho de 2011 e 26 de maio de 2012 apontam para o que segue: Procedimentos envolvendo o acolhimento às pessoas com necessidades do âmbito social, psíquico e jurídico = 976 pessoas foram atendidas pelo Núcleo de Justiça Comunitária nos bairros Zachia e Valinhos; Atendimentos no âmbito jurídico, psíquico e assistência social = 591; Encaminhamentos para o Núcleo de Prática Jurídica da Imed, para a Clínica de Psicologia da Imed, para o Cras, para o Conselho Tutelar e para a rede de saúde pública = 329 pessoas; Ações comunitárias coletivas realizadas todas as entidades e instituições citadas anteriormente = 21; Sessões de mediação com vários encontros nos quais houve o comparecimento de todas as pessoas envolvidas nos conflitos = 53; Sessões de mediação de conflitos que foram exitosas (todas as pessoas informaram que ficaram satisfeitas com os resultados) = 76,87 %. Por fim, salienta-se que houve 81 procedimentos de acolhimento (escuta ativa, sensível e empática) sob forma de pré-mediação nas quais houve o comparecimento de uma ou duas pessoas que desejavam resolver as questões postas sem a devida correspondência das demais pessoas envolvidas nas desavenças que não compareceram nas sessões de mediação por várias razões. A totalização final dos resultados alcançados pela ação da mediação comunitária junto ao projeto em tela foi protocolada junto ao Ministério da Justiça para serem sistematizada junto ao CNJ – Conselho Nacional de Justiça – para posterior publicação.

⁹O blog do Projeto Justiça Comunitária <https://justicacomunitariapf.blogspot.com> já conta com mais de 87 mil acessos (consulta realizada em 08/Maio/2024). O referido blog foi criado e atualizado pela Psicóloga Gabriele Albuquerque Silva que possui Mestrado em Educação pela UPE.

Elegia a Dércio Marques

Se pudesse ser cruz não seria de madeira,
Meus braços abertos são floresta brasileira.

O Ipê nasceu das flores amarelas.

Na cabeça do tempo ele plantou um Ipê amarelo.
No centro da vida fincou um mastro pau-ferro.

Fez seu jardim de gente.
As flores sabem mais
A dor que se sente.

Homem-floresta - sementeiro,
Homem-água - aguaceiro,
Homem-fogo - fogaréu!
Homem-luz - estelar,
Homem-ar - respiradouro,
Homem-arvoredo:

Mato de pião, quebra-pedra,
Mangeroba, manjerição,
Comigo-ninguém-pode, arruda
Erva-mate e capim-limão.

Revoada no Norte e no Sul,
João-de-barro, sabiá e Anu,
Quero-quero as tuas penas,
Garça-branca, albatroz, Jacu.

Andorinha, Canindé, Azulão,
Atobá, Beija-flor, Bacurau,
Bem-te-vi, Calhandra, Chopim,
Caboclinho, Cisne, Urutau.

Canindé, Coruja, Gaivota,
Gavião, Mariquita, Biguá,
Marreca, Pelicano, Inhambu,
Mergulhão, Pombo, Carcará.

Pintassilgo, Arara, Pariri,
Araponga, Chororó, Canário,
Periquito, Pica-Pau, Tachã,
Maçarico, Jaçanã, Papagaio.

Sexta-feira é um lobo-homem,
Lobisomem para te azucrinar.

Menino da rua, brinca na lua.
Nasceu no berço de todos os azuis.

Quando meu barco navega em ti,
Dandô, oh dandei em todo lugar,
Cantam as estrelas suas canções.
Sou vento que brinca de dandar!

Ser água é nosso destino
Chuva, riacho, rio e mar,
Esperança, nosso menino,
Não paramos de dandar!

Dandô nos levando,
Borboletas avoando,
Cachoeiras pulando,
Feitos rios volteando,
Canarinhos cantando,
Versos, músicas, nosso ar.
Cantar, voar, sempre dandar!
Indignar, enfrentar, lutar
Toda a beleza, pintar,
Para o povo desfrutar.

Dércio Curupira faz dandar.
Somos vara de marmelo
Apenas para te lembrar,
Vai neste canto te danar.

Gente ruim não se acaba.
Gente boa tem que vingar.
Dércio, homem-arvoredo,
Floresta purifica nosso ar.

(Luiz Carlos Tau Golin é historiador e membro correspondente
da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A criança e o sueD

HENRIQUE SANTIN BOEIRA

HENRY GIOVANI DE OLIVEIRA LONGO

Andando pelos escombros de sua cidade natal, que um dia foi bela e cheia de vida, porém hoje arruinada e destruída, uma criança escreve em seu caderno: “a guerra continua, não encontro sobreviventes, minhas roupas estão rasgadas e empoeiradas com carvão. Quando olho para cima, o buraco negro no céu tenta me sugar, mas eu luto, minha família está segura no bunker. Mais informações, no futuro”.

Ele anda e tropeça nos escombros, enquanto se lembra do passado. A fome e o frio consomem o garoto enquanto ele, aos poucos, desmaia. E quando pisca os olhos, encontra-se em um lugar branco e vazio. Vê ali uma criatura, tão alta que não é possível nem ver o seu rosto. Usava um manto branco, asas grandes e sua pele tinha uma cor incompreensível de entender. A criatura fala “Olá, meu nome é sueD, eu estava esperando por você, eu sei que você quer acabar com essa guerra e voltar como tudo era antes, e eu sei como fazer isso”. A criança, embora assustada, pergunta: “então, como eu acabo com essa guerra?”.

O menino, fraco, consegue ouvir a criatura que fala:

— Existe um laboratório aqui perto, eles estão planejando aumentar essa guerra lançando criaturas poderosas e malignas no mundo.

— Mas como eu chego lá? – pergunta a criança.

— Bem, é só virar a esquina e ir reto

por uns 30 minutos. Eu abrirei a porta do laboratório para você e, também, vou dar para você uma espada para que consiga matar qualquer criatura. Porém, é preciso que você saiba que ela se quebrará depois que você matar cinco coisas.

Então a criança acorda completamente, e quando olha para o lado, a espada realmente está na sua mão. Ele se levanta e vai em sua jornada. Vira a esquina e vê dois soldados em sua frente e, com duas espadadas suas, eles morrem. Então, ele segue pelo caminho e vê dez soldados saqueando uma casa abandonada. O menino desvia o caminho, entrando em um beco escuro perto da casa e, então, ele encontra uma criatura de aproximadamente 1,77 metros que começa a correr atrás dele. A criança estava pronta para matar, mas lembrou que a espada se quebraria em cinco espadadas, e ele já havia gastado duas.

Então corre rapidamente para uma saída que dá para um beco, e quando vê, ao fundo, está o laboratório, e como prometido por sueD, a porta estava aberta. A criança entra e vê uns 100 cientistas olhando para um computador, que estava mostrando uma criatura parecida com um morcego, só que maior e com um aspecto humano. Ele olha para outro lado do laboratório e vê uma cápsula de metal forte escrito “PERIGO, NÃO ENTRE”.

Quando ele olha para a cápsula, algo fala em sua mente para entrar nela. A criança tenta resistir, mas o chamado é mais forte. Ele entra discretamente no laboratório, abre a porta e encontra três pessoas com roupas estranhas que continham um símbolo na parte de trás.

Eles apertam um botão e uma rachadura aparece na parede. Então, a rachadura começa a crescer, até romper a parede e revelar um grande portal, e criaturas parecidas com morcegos começam a sair do portal rapidamente. Enquanto isso acontece, a criança vê outro botão na mesa do laboratório, que diz “AUTODESTRUIÇÃO DE PORTAL”. O menino imediatamente corre para apertar o botão, só que é impedido pelas três pessoas com roupas estranhas, que olham para ele com olhares completamente brancos, como se estivessem sendo controlados pelas criaturas.

Sem pensar duas vezes, a criança pega a espada e mata as três pessoas. Conforme havia dito sueD, a espada se quebra um segundo depois de matá-las.

O menino olha para trás e vê os outros cientistas correndo em direção à sala em que estava. Ele fecha a porta e a tranca, e passa a ouvir as batidas na porta. Aperta então o botão da autodestruição, que acaba explodindo o portal e o laboratório inteiro.

Quando ele olha para aquela cápsula, algo fala em sua mente para entrar no laboratório. A criança, que depois da explosão estava bem machucada, olha para cima enquanto estava deitada nos escombros do laboratório. Nesse momento, ela vê a mão de sueD saindo do céu e puxando-a para cima, enquanto, abaixo, olha os escombros de sua cidade.

(Henrique Santin Boeira e Henry Giovanni de Oliveira Longo são alunos do 7º ano do ensino fundamental da Universidade de Passo Fundo.)



Centauro centenário

Nascido lá no rincão
5º. Distrito da terra
bom cabrito de uma era
deste pago macanudo
a parteira gritou:é boludo!
Da trintona matriarca
veio pra deixar sua marca
mescla de bugre beçudo.

Seu pai Amélio foi jogador
no osso era certo
foi um desses caborteiros
fruto de viúva germana
um piazito dos bacanas
apegado aos cavalos
não lhe pisassem nos calos
era lambança tirana.

Foi chegado em cancha reta
petiço meio metido
contador de causo comprido
negociante bem crinado
na vida fez quase tudo
foi ginete de primeira
amarrado em carreira
não foi lá de muito estudo.

Teve 3 manas na vida
e um mano mais criado
lá no Cristo foi soldado
no velho tiro de guerra
adorava uma querela
e também um rabo de saia
sempre estava na raia
quem nem pinto por quirera.

Foi um tronco dos Nogueira
árvore que deu 3 ramos
ao longo de 77 anos
foi taura de valentia
que da doma não corria
cavaleiro de luxo
foi cruzaltense e gaúcho
e apreciador das “gurias”

Nesse seu caminho andejo
misturou com os Pimentel
com a filha do coronel

Fez família e 2 piás
mas era de namorar
em segunda relação
uma filha veio então
para a história continuar.

Vindo na revolução
cruzou peleias até mundial
não gostou da capital
que n’alma lhe fez estrago
teve la e voltou ao pago
a campanha era seu chão
fugiu da agitação
mas nunca caiu no grago.

Foi enxerido em política
com seu lenço colorado
entendia do babado
sempre com muita esperteza
trancou o pe na fortaleza
adiando a emancipação
preferia o xucro chão
com sua gaudéria beleza.

Dizer que era de direita
era pra mostrar valor
honra de libertador
que ele trouxe do berço
trovador de prosa e verso
faz falta em nossos dias
onde trapaça e covardia
tomou conta do universo.

E nos derradeiros dias
passados os anos noventa
já não benzia tormenta
so algum negócio enrolado
os amigos sempre do lado
pra um churrasco e um mate
nascera pra ser mascate
buenacho deu seu recado.

Hoje já faz 100 anos
que o taura vinha ao mundo
pra deixar marco profundo
e uma raça que se expande
no firmamento onde ande
abençoe tua gente
que a tua falta ainda sente
pra cavalgar neste rio grande.

(Antônio Pimentel Nogueira é coronel-
médico do exército e poeta, radicado
em Porto Alegre, RS.)

Aprendendo com os animais

ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA GONÇALVES DIAS

Houve dias que precisei de ajuda, porque “uma andorinha sozinha não faz verão”.

Contava dia-após-dia, como “de grão-em-grão a galinha enche o papo”.

Ou semelhante ao “trabalho de formiguinha”.

Teve vezes em que “me vi em papos de aranha”.

Porém outras vezes “acertei na mosca”!

Sobre essa aprendi que: “em boca fechada não entra mosca”,
Imagina então: “Ter boca de jacaré”!

Melhor é ter “boca de siri”,

Para outro animal significa: “não abrir o bico”.

O que seria mais fácil do que “quebrar o bico”.

Se a prosa ficar boa, “podemos marcar uma galinhada”.

“Pode ser no fritar dos ovos”!

Falando nisso, “se você esparramar um saco de penas, voltaria juntá-las”?

Porisso devemos andar “como se andasse pisando em ovos”!

Dizem que “papagaio velho não aprende falar”,

E se “o papagaio comer o milho, pode o periquito levar a fama”.

Sabemos também que “quando um burro fala, o outro baixa a orelha”.

Também porque “burro velho não pega marcha”.

Além disso, “corro do burro quando ele foge”.

O que não devo fazer é “andar de burro amarrado”,

também para não “dar com os burros n’água”,

semelhante à quem tem “tromba de elefante”.

Para evitar que “ele tenha “o rabo preso”,

o que é diferente de estar “com o rabinho no meio das pernas”!

Voltando falar em papagaio: “se ele acompanhar o joão-de-barro, vira ajudante de pedreiro”.

Até parece que “tenho sangue de barata”.

Bem que às vezes “tenho gênio de cão”,

mesmo que as vezes fico “mais atrapalhada que cusco em tiroteio”.

Só não devo “ficar ouriçado”.

E nem deixar “entrar minhoca na minha cabeça”.

Nem também “ter cabeça de bagre”.

Porém as vezes “tenho que baixar a crista”.

Melhor é “andar faceiro como ganso novo em taipa de açude”.

Bem que “ganso novo mergulha raso”.

Não sou “amiga do cão”.

Tampouco sou “amiga da onça”.

O que nunca tive foi “espírito de porco”,

Nem sequer derramei “lágrimas de crocodilo”.

Nem “me fiz de leitão”, ...

Falando em amizade, não faço questão de um “abraço de urso”,

principalmente porque “o tatu tem a gordura embaixo do casco”.

Voltando a falar em porco: tem animais que “incomodam mais que porco solto”.

Outros são “mais curtos que coice de porco”.

O que poderia “virar uma porcaria”.

Antigamente dizia-se: “ninguém chuta cachorro morto”.

Da mesma forma que “insetos não são atraídos por lâmpada apagada”.

Hoje apenas: alguém “me passou um cachorro”.

Ou “fulano: me cachorreou”!

Me aconteceu, que cheguei pensar em “meter os cachorros nessa pessoa”!

De ter certeza: “É agora que o bicho vai pegar”!

E daí: “Se correr o bicho pega, e se ficar o bicho come”!

Mas também não vou “fazer um bicho de sete cabeças”.

Pode acontecer de “a cobra fumar”!

Mas lembrei: “cachorro que late não morde”!

A pessoa iria somente “sentir-se acoada”.

Antes que eu me sentisse “num mato sem cachorro”,

Ou visse “um poste fazendo xixi no cachorro”.

ou ainda que desse “um arranca rabo”,

achei melhor “picar a mula”.

Na vida temos fases: Às vezes “solta-se a franga”, outras vezes “segura-se a franga”.

Outro dia, sem dever “paguei o pato”,

Outra vez “paguei um mico”.

O que não posso fazer é “cutucar vespeira com vara curta”.

Sabendo que “gato escaldado tem medo de água fria”,

fiquei como “cada macaco no seu galho”,

e “macaco velho não mete a mão na cumbuca”,

E nem sequer “cair do galho”,

mas pode ficar “com uma pulga atrás da orelha”!

Para evitar de “cuspir marimbondo”.

Difícil fica quando nos deparamos com “cobras e lagartos”.

Certa noite precisei sair. Como “à noite os gatos são pardos”,

fiquei de olho no “pulo do gato”,



Ainda correndo o risco de “trocar gato por lebre”,
 com o “olhar da coruja”,
 e como o “voar da águia”.
 Mesmo que “filho de peixe, peixinho é”,
 “nem tudo o que cai na rede é peixe”.
 Ruim mesmo é sentir-se “um peixe fora d’água”!
 Ou também quando “o mar não está para peixe”.
 E se “nesse rio tiver piranha, o jacaré nadará de costas”,
 Enquanto isso o peixe pode “se sentir jogado às traças”,
 Então achei melhor “vender meu peixe”.
 E “quando os gatos saem e os ratos sobem pra cima da mesa”?
 Han! Daí se prepara!
 Mesmo sabendo que “um dia é da caça e o outro é do caçador”,
 “Se não tiver cão, caça-se com gato”.
 Nem que seja “uns gatos-pingado”,
 o que será melhor do que “um balaio de gatos”.
 bom é estar ligado, porque “o mal do urubu é pensar que o boi está morto”,
 “Se for apreçado, come cru”.
 E se for “boi lerdo, poderá beber água suja”.
 E por falar nele, “dou um boi pra não entrar em uma briga,...”
 assim evito de gastar com uma boiada.
 Confirmo: “nem que a vaca tussa” ou “vá pro brejo”!
 Seja “vacca gorda” ou “vacca magra”.
 Que pode-se comparar como “quando acaba o leite da barrosa”.
 Enquanto isso tem alguém que, “com um pé de galinha, faz uma sopa”!
 Fácil é “levantar uma lebre”,
 O pior nisso tudo, é “engolir um sapo”.
 Certa vez recebi um cavalo de presente, e “a cavalo dado não se olha os dentes”,
 e também porque “cavalho encilhado passa na nossa frente uma só vez”,
 porém, certo dia “quase caí do cavalo”.
 Daí, “tirei o cavalinho da chuva”.

Procurando “mantê-lo na rédea curta”.
 O que é semelhante à “cortar as asas” da ave.
 Mas daí ela não poderá mais “arrastar a asa”!
 O que não devemos fazer é “procurar chifre em cabeça de cavalo”.
 Sabendo que “ovelha não é pra mato”,
 e “o bom cabrito não berra”,
 se ele berrar, “pode dar zebra”.
 Como não tenho “memória de elefante”,
 com receio de me deparar com o “bicho do mato”,
 ou ficar “me mosqueando”,
 “Tipo mosca tonta”.
 Ou seja, “andar feito um zumbi”,
 é melhor ir parando por aqui, antes que “se vá o boi com a corda”,
 ou vire “conversa pra boi dormir”.

Conclusão:

Por ética zoológica não dei “nome aos bois”,
 como também “não coloquei a carroça na frente deles”;
 Em defesa da ovelha digo: Deus me livre do “lobo que tem pele de cordeiro”;
 Não “prendi um pássaro na mão, mas deixei o bando voando”,
 mesmo sendo esse “o meu animalzinho de estimação”.
 Ainda, eu não sendo um animal, “quiseram tirar o meu couro”,
 porém sei que “enquanto os cães latem, a carruagem passa”,
 Enquanto isso, “as abóboras aproveitam a oportunidade, e se ajeitam”!
 Não “matei um leão por dia”, nem
 “matei dois coelhos com uma cajadada só”, pois o Meio Ambiente precisa ser protegido.
 Mas confesso que consegui afastar os bichinhos!

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2024-2025.)



Renascimento de Narciso

Ainda criança, dançava flamenco. Narciso vermelho no cabelo, graça no corpo.

-Moça de respeito não dança, casa! - diz o pai.

Cortam-se sonho e flor. Concreta-se o jardim.

Filhos crescem. Marido morre. Concreto racha. Pela fenda, surge o broto. Pela orelha, sente ela os ramos. E a flor desabrocha.

Emparedada

Todas as noites, ele fazia com que ela subisse pelas paredes. Contudo, o que, a princípio, era diversão, prazer, tornou-se, pouco a pouco, tormento. Em silêncio, buscava uma saída. Finalmente, a oportunidade chegou. Em marcha acelerada, alcançou a fresta e, de lá, gritou:

- Liberdade! Lagartixa de estimação nunca mais!



Um ser tão veredas

Você

Despertou meu ser,

Sertão a florescer

Depois que a chuva vem.

Tem histórias pra contar,

Veredas a explorar...

Sem faca ou carabina,

Me ensina a lutar:

Palavras inventar,

Enredo a se formar

E transformar o mundo ao redor.

Drummond já dizia:

“Lutar com palavras

É a luta mais vã. Entanto,

Lutamos mal rompe a manhã”.

Amanhã,

Será, de novo, um novo dia,

De medo e valentia...

Ousa! Cria!

Me faz companhia

Na arte da grafia,

Sangria desatada

Que nada entretém,

Detém...

Refém

De algo que domina,

Envolve feito sina

E alucina

Sem querer.

- Venha nadar neste rio,

Riobaldo!

Resistir já não dá mais...

Tudo embalde!

- Não precisa ser assim,

Dia a dia,

Diadorim!

Assim como escrever,

O amor faz só doer

Se não pode SER.

MUSAS

Concretizaram suas
verdades sobre as
conquistas.

EM SÉRIES

Melhor
não saberem
que as amo

PRESENTE

Retratava o viver,
fosse nó no peito.



AMARGAS

Com lágrimas
suplicou
em prece.

FICÇÃO

O mundo se faz
presente e autônomo,
graças a sua ficção.

Luzes

Sou o último
apago as luzes
fecho a porta
jogo fora a chave

não sou retorno
nem entorno

em torno teço
estrelas unificadas
em destinos

deixo (nada autorizado)
escrito o último suspiro
e no cantar
o som se faz cíclica
resposta ao iluminar
o trajeto

(as luzes ainda acesas).

CORA LAUS

Defendia o que
abraçava com o
coração.

(Pedro e Tânia Du Bois são
escritores passo-fundenses que
sucumbiram à pandemia da
Covid-19, em abril de 2021.)



Urubu matreiro

O urubu matreiro
 abre as asas lá no alto
 escondendo o sol.
 Lá embaixo
 fica tudo escuro.
 O jabuti, eterno casmurro,
 grita:
 - Xi, já vem chuva por aí!
 A sapaçada dá risada,
 pula, se agita
 e faz cantoria bonita.

Mas o urubu danado
 fecha as asas bem depressa.
 Jabuti casmurro
 põe a mão na testa e protesta:
 - Xi, me fizeram de burro!
 E a sapaçada, que não entende nada,
 pula aflita, se agita
 E chora até alta madrugada
 - Uéééé, uéééé, uéééé...



Boca

Boca
 É o que há de mais sagrado
 Com ela mato a sede
 Do corpo
 Por ela mato a sede
 Da alma
 Nela mato a sede
 Do amor
 Boca é presente divino

Cito versos clandestinos
 Enfrento a palavra alheia
 Dissipo desentendimentos
 Trago a lume pensamentos
 Boca também é tormento
 Mas, sempre haverá tempo
 Para refletir
 Calar o mau dito
 E sentir a boca feliz
 Calando o coração aflito
 Boca é filtro
 E água corrente
 A resgatar corações e mentes.

(Marcos Antônio Bulgos de
 Andrade é membro da Academia
 Passo-Fundense de Letras.)

A pampa chorou!

A pampa chorou,
 Numa enxurrada de tristeza,
 Que brotaram dos rios,
 Enchentes de calafrios,
 O Rio Grande e o Brasil,
 Levantaram-se varonil,
 Mexendo com nossos brios!

São corpos boiando,
 Inertes na solidão
 Pais, filhos e irmãos,
 Nesta barrenta agonia,
 Enquanto o governo assistia,
 Impávido e sem ação,
 Andando na contra mão,
 Envolvidos nesta burocracia!

Despertos e com coragem,
 Exército de civis,
 Não carregavam fuzis,
 Somente solidariedade,
 Com muita boa vontade,
 Foram heróis deste tormento,
 Marcando este evento,
 Um hino a humanidade,

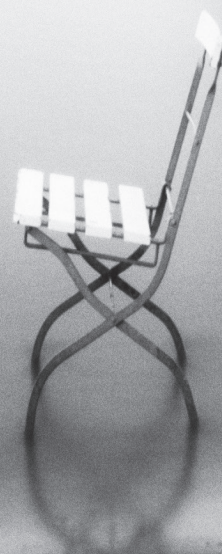
Assistimos uma destruição,
 Arrasando vilas e cidades,
 Frutos da natureza ou da bandidagem,
 As águas revoltadas,
 Pessoas e animais tragados,
 Muitos heróis se arriscando,
 Vítimas, já sem esperança, se salvando,
 Homens simples revestidos de soldados!

As águas se fizeram presentes,
 Num povo que não se entrega,
 Não são borrachos de bodega,
 Seja na paz ou na guerra,
 Só querem ter paz nesta terra,
 Bento Gonçalves ressuscitado,
 Os Farrapos são convidados,
 Esta luta que jamais se encerra!

Não é tempo de recuar,
 Vamos das cinzas reconstruir,
 Iremos voltar a existir,
 Irmanados na antiga vivência,
 Trazemos na essência,
 A força de nossa história,
 O gaúcho é a Glória,
 E isto ele tem consciência!

O tempo, ah o tempo!
 Fle deixa cicatriz,
 É Deus quem diz,
 Que ele é a suprema fortaleza,
 Consola toda a tristeza,
 Somos de tempos imemoriais,
 Descendentes de vultos imortais,
 Não desistimos, a vitória é nossa certeza!

É momento de reconstruir,
 Jamais se acomodar,
 Temos todos que ajudar,
 Vontade, dever e ação,
 Não resta só comoção,
 Restituir o que foi perdido,
 Um amanhã de luz, o hoje esquecido,
 Está é nossa missão!



A teoria interpessoal do desenvolvimento cognitivo de Henri Wallon

MARCO ANTÔNIO BOMFOCO

Os esforços para explicar o avanço do desenvolvimento cognitivo durante a infância começaram nas primeiras décadas do século XX. Três pioneiros se destacam nesta área: Jean Piaget (1896-1980), Henri Wallon (1879-1962) e Lev Vigotski (1896-1934). Este estudo examina a contribuição de Wallon, sem pretensão de esgotar o assunto, que defende um desenvolvimento contínuo e integrado das funções psicomotoras e emocionais, em contraste com Piaget, que propõe que as crianças em todo o mundo progridem através de quatro estágios ou períodos distintos e sequenciais.

Na teoria de Wallon, inteligência e afetividade formam um par intrínseco na evolução psíquica da criança. Ele argumenta que o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da interação entre os domínios emocional e social, o que era uma ideia avançada para a época, pois desafiava a ciência predominante, que tratava esses aspectos de forma isolada. Em outras palavras, Wallon integra aspectos biológicos e emocionais com o ambiente social, oferecendo uma visão abrangente do desenvolvimento infantil e antecipando conceitos modernos em psicologia e neurociência (cf. Izquierdo, 2015).

Henri Wallon, psicólogo e médico francês, contribuiu significativamente para a psicologia do desenvolvimento ao expandir a compreensão do tema com uma abordagem distinta e, por vezes, oposta à dos principais pensadores da área no início do século XX, como Freud, Piaget e Vigotski, entre outros. Em relação a Freud, Wallon, embora reconhecesse a importância do estudo do consciente e do subconsciente, divergiu dele quanto à existência de

significado erótico nas fases iniciais do desenvolvimento infantil. Além disso, Wallon discordou de Piaget quanto à primazia em sua proposta de uma lógica interna e culturalmente universal (ou seja, fixa e invariante) na origem do conhecimento. Por isso, conciliar uma abordagem pluralista, como a de Wallon, com o esquema unilinear de desenvolvimento de Piaget seria difícil.

Para Wallon, o desenvolvimento cognitivo avança de uma forma menos contínua do que pressupõe a hipótese de estágios de Piaget. É amplamente reconhecido na literatura que Piaget foi influenciado pela filosofia kantiana. Os quatro estágios do desenvolvimento cognitivo propostos por ele, que se estendem do nascimento ao início da adolescência, refletem as categorias do entendimento de Kant. Essas estruturas cognitivas visavam explicar como os indivíduos organizam e interpretam suas experiências. A teoria de Piaget postula que a sequência dos estágios de desenvolvimento cognitivo é universal, significando que crianças em diferentes culturas e ambientes passarão por esses estágios na mesma ordem, a saber: a) estágio sensório-motor, b) estágio pré-operatório, c) estágio operatório concreto e d) estágio operatório formal. Contudo, a velocidade com que progridem pode variar. Por exemplo, durante o estágio sensório-motor, os bebês interagem com o mundo através dos seus sentidos e ações motoras, enquanto no estágio operatório formal, os indivíduos desenvolvem habilidades de raciocínio abstrato.

Note-se que a fonte de Piaget é problemática, uma vez que Kant afirmava que a realidade é inacessível para nós. Como resultado, o filósofo alemão trabalhou mais com a imaginação do que com a realidade. Ora, não é aceitável que



toda a determinação do mundo depende exclusivamente da percepção subjetiva. Enfim, Kant concluiu que a sensibilidade e o entendimento são duas fontes do conhecimento humano, mas ele as considerava dissociadas, existindo de forma desvinculada ou independente. Na racionalidade moderna, tudo é construído pela subjetividade: tenta-se construir a natureza sobre o fundamento do sujeito (o “eu”, de Descartes). É dentro dessa tradição que Piaget trabalha. A ideia de que a racionalidade humana é predominantemente científica, ou instrumental, serve como base para todo o programa teórico de Piaget.

Piaget acreditava que a cognição é ‘construída’, daí o termo ‘construtivismo’. A teoria construtivista teve um impacto profundo na educação. Piaget via a criança como um agente ativo, enfatizando que ela constrói sua

compreensão do mundo ao invés de simplesmente receber conhecimento de forma passiva (uma característica da educação tradicional criticada na chamada “educação bancária” de Paulo Freire). Podemos utilizar a analogia da criança como um pequeno cientista, que realiza experimentos para entender o mundo a seu redor. Nesse sentido, vale a pena observar que o filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) também defendia uma abordagem construtivista da aprendizagem, destacando



Assim como Vigotski posteriormente, Wallon defende que o desenvolvimento cognitivo não pode ser compreendido sem considerar os aspectos sociais da aprendizagem.

os erros e as fantasias da criança como parte natural do crescimento, em vez de desvios que tanto a criança quanto o adulto cometem (cf. Chamadoira, 1984). Wallon olhava com reserva para o rousseunismo da educadora italiana Maria Montessori e outros defensores do movimento chamado “Escola Nova”, como Dewey e C. Freinet, que adotaram os “métodos ativos”. Para Wallon, esses métodos só deveriam ser utilizados em situações bem específicas, a fim de estabelecer, por exemplo, uma conexão



a importância da experiência prática e da reflexão crítica no processo educativo. Certamente, a teoria de Piaget fez com que os educadores valorizassem exclusivamente experiências de aprendizagem dinâmicas, permitindo que os alunos se envolvessem e explorassem ativamente os conceitos de maneira prática. No entanto, essas ideias levaram à desvalorização da educação clássica, resultando em diversos problemas na formação dos estudantes. Parece-nos que tais problemas se refletem na queda do desempenho acadêmico, nas dificuldades de leitura, nos problemas de convívio no ambiente escolar e no desrespeito pelos professores, que têm sido reduzidos a meros mediadores. Não percebiam, esses, que a dimensão afetiva é fundamental para a conduta; não reconheciam, assim, que a aprendizagem envolve tanto afeto quanto humildade.

Somente quando esses pré-requisitos estão presentes é que o intelecto da criança se desenvolve normalmente. Acresce, ainda, que essa visão da criança deriva do chamado progressismo de Jean-Jacques Rousseau, que afirmava, entre outras coisas, que “cada idade tem suas capacidades”. Para piorar as coisas, Piaget era um determinista que seguia o evolucionismo lamarckiano, uma teoria já superada na biologia de sua época (cf. Piattelli-Palmarini, 1994). Note-se, contudo, que a maioria das críticas a Piaget se concentram em seus métodos de pesquisa, pois a amostra que ele utilizou consistia em seus três filhos e outras crianças de status socioeconômico elevado, o que torna os resultados difíceis de generalizar (cf. Kleinman, 2012). Não é aqui, evidentemente, o lugar para uma análise aprofundada do construtivismo, que parece considerar

entre a escola e a vida social (cf. Jalley, 2017).

Wallon desenvolveu um método próprio para a análise dos dados, o que levou à criação de uma escala de cinco estágios do desenvolvimento da personalidade e de três leis que determinam as relações entre os estágios. Na teoria de Wallon, a afetividade desempenha um papel tão expressivo quanto a inteligência. Assim, há uma alternância entre dois tipos de estágios: uns são marcados pela predominância da afetividade sobre a inteligência, enquanto outros pela predominância inversa da inteligência sobre a afetividade (cf. Jalley, 2017). O desenvolvimento da personalidade avança segundo uma sucessão de estágios, a saber: a) estágio impulsivo e emocional, b) estágio sensorio-motor e projetivo, c) estágio do personalismo, d) estágio categorial e e) estágio da

adolescência. Assim como Vigotski posteriormente, Wallon defende que o desenvolvimento cognitivo não pode ser compreendido sem considerar os aspectos sociais da aprendizagem. Em resumo, dentro da perspectiva construtivista, Piaget enfatiza os mecanismos biopsicológicos presentes no aprendiz individual, enquanto Vigotski destaca a importância central dos fatores sociais para a aprendizagem. De fato, Piaget dedica pouco espaço em sua obra para a discussão dos fatores sociais. Por outro lado, Vigotski valoriza o papel dos pais, professores, pares e do meio cultural, englobados no conceito de “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP). Assim, surgem, a rigor, duas versões do construtivismo: a) construtivismo radical: o desenvolvimento cognitivo é um processo solitário e centrado na criança. Em outras palavras, as crianças dependem principalmente de seus próprios esforços independentes, ou seja, elas constroem as estruturas mentais ao observar os efeitos das suas próprias ações no ambiente (Piaget) e b) construtivismo social: a interação social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades cognitivas. Em outras palavras, as crianças se desenvolvem com a assistência dos outros (Vigotski).

É importante compreender que Wallon vê o ser humano como um todo, e não apenas em sua dimensão racional. Para Wallon, o desenvolvimento da pessoa completa não ocorre de maneira linear e contínua, como na teoria de Piaget, mas envolve movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias nos conjuntos funcionais. A vantagem específica do método dialético adotado por Wallon é sua capacidade de lidar com o absoluto e com a totalidade. Em síntese, o método de estudo de Piaget é analítico, decompondo seu objeto de estudo em partes e considerando as relações entre elas. Por outro lado, o método de Wallon é não-analítico, pois abrange e interpreta o objeto na sua globalidade. O procedimento seguido por Wallon está arraigado no método dialético-materialista, cujo pressuposto principal é que não existem estados na vida da matéria, mas processos. Os chamados estágios do desenvolvimento não são independentes uns dos outros, mas sim entrelaçados.

Como dissemos, do ponto de vista de Wallon, cognição e afetividade alternam em termos de prevalência ao longo do

processo de desenvolvimento, sendo que a afetividade desempenha um papel fundamental na conexão com a realidade. Por outro lado, enquanto Piaget enfatiza que a mente da criança se desenvolve através da interação com o ambiente físico (o mundo dos objetos), Vigotski destaca a importância da interação com o ambiente social para o desenvolvimento da mente infantil. Em contrapartida, Wallon, adotando uma perspectiva mais abrangente, analisa a vida psíquica da criança em três aspectos fundamentais: 1) conhecimento, 2) afetividade e 3) atividade.

A abordagem de Wallon é crítica e integradora, pois considera os resultados de pesquisas de diversas áreas, revelando a intenção de unificar o conhecimento. É fundamental observar que, enquanto Piaget se limita, em grande parte, aos problemas estruturais da aprendizagem, Wallon destaca a influência da experiência real com os outros. Em oposição ao intelectualismo de Piaget, que se baseia no ideal matemático de conhecimento, Wallon acentua a importância da experiência social concreta, reconhecendo que a criança tem uma ligação íntima com seu ambiente. Em seu racionalismo intelectual, Piaget vê o universo exterior apenas como um instrumento para o desenvolvimento da inteligência.

Linguagem, pensamento, inteligência e emoção são fenômenos interligados e inseparáveis, que interagem de forma conjunta no desenvolvimento humano. Henri Wallon destacou a importância das emoções no desenvolvimento cognitivo, acreditando que elas são a base para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e que o desenvolvimento afetivo e cognitivo estão intrinsecamente ligados. Portanto, para Wallon o aprimoramento das competências acadêmicas não se limita apenas ao desenvolvimento da expressão verbal e do raciocínio matemático.

Agora, resumimos as principais diferenças entre as propostas de Wallon e de Vigotski:

a) Foco emocional (Wallon) vs. Foco social (Vigotski): Wallon enfatiza o papel das emoções, enquanto Vigotski destaca a importância da interação social.

b) Diferentes fase de aprendizagem (Wallon) vs. Zona de Desenvolvimento Proximal (Vigotski): Wallon propõe diferentes estágios de desenvolvimento que integram aspectos emocionais,

motores e cognitivos, enquanto Vigotski introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que se refere ao potencial de aprendizado da criança com a ajuda de um mediador.

c) Integração de componentes psicológicos (Wallon), isto é, processo de integração progressiva dos componentes emocionais, motores e cognitivos (em vez de seguir uma linha única de progressão cognitiva, como em Piaget) vs. Papel da cultura e linguagem (Vigotski): Wallon sugere um processo de integração progressiva dos componentes emocionais, motores e cognitivos, em contraste com a ênfase de Vigotski na influência da cultura e da linguagem no desenvolvimento cognitivo.

Finalmente, Henri Wallon buscou construir um modelo integral de compreensão do ser humano que também contribuísse para a reflexão político-pedagógica. Seu empenho político resultou no Plano Langevin-Wallon, elaborado entre 1944 e 1947, com o objetivo de promover a igualdade de oportunidades no sistema educativo francês. Wallon teve, sem dúvida, o grande mérito de introduzir o tema das emoções na discussão epistemológica. Em resumo, Wallon deu primazia à dimensão da afetividade em oposição à abstração e às relações interpessoais em vez do individualismo. Em seu trabalho diário, tanto como cientista quanto como inquieto investigador da mente humana, Wallon nunca parece ter esquecido o sentimento da vida.

- Bibliografia
BJORKLUND, David F. *Children's thinking: developmental function and individual differences*. 2. ed. Pacific Grove: Brooks/Cole, 1995.
CHAMADOIRA, Luiz Carlos (org.). *Educação integral pela Trilogia Analítica*. São Paulo: Proton, 1984.
COLMAN, Andrew M. *A dictionary of Psychology*. 4. ed. Oxford: OUP, 2015.
IZQUIERDO, Ivan. O papel do emocional e do social na aprendizagem e na memória. *Pátio*, n. 74, p. 6-9, 2015.
JALLEY, Émile. *Actualité de la pensée d'Henri Wallon*. *La pensée*, n. 391, p. 27-38, 2017.
KLEINMAN, Paul. *Psych 101*. Nova York: Adams Media, 2012.
PIATTELLI-PALMARINI, Massimo (org.). *Théories du langage / Théories de l'apprentissage. Le débat entre Jean Piaget et Noam Chomsky*. Paris: Seuil, 1979.
--- Ever since language and learning: afterthoughts on the Piaget-Chomsky debate. *Cognition*, n. 50, p. 315-346, 1994.
TREVARTHEN, Colwyn. An appreciation of the interpersonal Psychology of Henri Wallon. *Enfance*, v. 47, n. 1, p. 43-46, 1993.

(Marco Antônio Bomfoco é professor, acadêmico de Psicologia e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Anabel e o livro

MARCOS ANTÔNIO BULGOS DE ANDRADE

Anabel era uma lesminha muito ansiosa, teimosa e comilona. Triste, pois não arrumava emprego em lugar nenhum. Devorava tudo o que via. Seu apelido de casmurra se dava por conta de seu temperamento e personalidade irritadiça.



Certa feita, quando andava pela floresta onde morava esbarrando nas pedras do caminho, encontrou um livro. Aff, pensou, não serve para comer. Empurrou o livro, que se abriu, então viu uma ilustração muito bela. Ficou admirada e resolveu dar uma espiada. Adorou e leu todo o livro.

O caso é que, ao terminar de ler, notou que havia deixado o livro todo gosmento. Ai, ai, suspirou, como vou fazer se a cada leitura estrago os livros? E pior, nem vou poder emprestar para outros!

Mas era tarde, já havia se apaixonado pela leitura e agora nem irritada estava mais. Só pensava em quem, ali na floresta, poderia ter livros para lhe emprestar. Lembrou, então, do Seu Corujo Rosa e foi conversar com ele.

- Uau. Falou seu Corujo Rosa, impressionado. Que alegria saber que há mais indivíduos que gostam de ler, nesta floresta! E, severo, continuou. Vou te emprestar, puxando vários livros de suas estantes, mas, quando terminares de ler, quero-os limpos e cheirosos como te entreguei. Seu Corujo gostava de perfumar os livros que tinha.

Ai, ai, lamentou Anabel, e agora, como faço para ler sem melear?

Com a sacola de livros já toda lambuzada, parou na beira da estrada e começou a chorar.

Borboméia, uma borboleta muito linda que por ali voava, a viu, suspendeu seu voo de beleza e foi falar com ela.

- O que houve Anabel?

- Estou triste, respondeu, escondendo o rosto com as antenas. O seu Corujo Rosa me emprestou estes livros e eu terei de devolver sem ler, já que os lambuzo e os estrago quando folheio. Então desandou em choro novamente.

- Calma - disse a linda borboleta.

- Mas como ficar calma, Borboméia?

- Tenho uma ideia - replicou Borboméia. Eu não sou boa em leitura, na verdade, sou uma "lesma" - brincou. Anabel, magoada, lançou um olhar de reprovação para Borboméia, pelo bullying, e repreendeu.

- Ô, Borbo, eu aqui triste e tu fazendo piada!

- Desculpe, desculpe. Como eu ia dizendo, não sou boa em leitura, mas, que tal se eu virasse as páginas para você ler?

Os olhos de Anabel brilharam. Seu rosto se iluminou e então deu um gracinha.



- Aaaaaiiiii, que dimais. Você faria isso mesmo, por mim?

- Claro, mas...

Anabel murchou com o "mas". Com uma cara irritada, emburrada, foi logo dizendo.

- Eu não tenho dinheiro para pagar, já vou avisando.

Borboméia riu e retrucou.

- Mas vou querer paga pelo serviço.

Anabel pôs-se a chorar novamente. Então, Borboméia explicou.

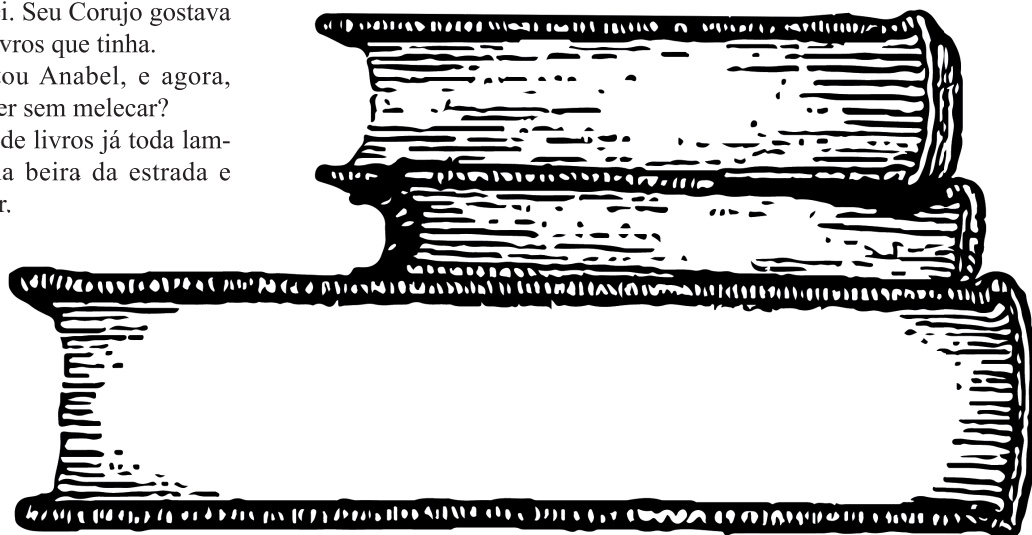
- Eu viro as páginas se você ler a história em voz alta, para que eu possa usufruir do livro também.

Anabel pulou de alegria e desde aquele dia viraram amigas inseparáveis e leitoras vorazes, já que ao ver a amiga lendo, Borboméia pegou o gosto pela coisa toda e passou a ler também.

Agora, todos os finais de tarde se reuniam à beira do Lago da Viola Enluzada e, ao som do canto das cigarras e dos irmãos Saponores, que eram tenores, liam livros e contavam histórias para os moradores do local.

Anabel, em virtude de tudo o que aprendera nos livros, até abriu uma empresa de consertos, já que percebera que sua gosma serviria para colar as folhas e capas de livros que rasgavam, além de outros objetos quebrados e casas dos moradores da floresta. Agora ela detinha outro apelido Anabel do riso largo.

(Marcos Antônio Bulgos de Andrade é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Aplicação da lei no tempo nas relações de trabalho

ROMEU GEHLEN

O tema relativo à aplicação da lei no tempo tem sido objeto de análise pelos lidadores do Direito, seja pela importância do tema, seja porque implica cuidados jurídicos ao tempo da aplicação da lei em quaisquer das áreas do Direito. A questão teve acentuada importância e debate com o advento da chamada Reforma Trabalhista, em vigor a partir de setembro de 2017.

As relações de trabalho são reguladas pela Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. Desde então, sucederam inúmeras leis e outras fontes de direito para normatizar as relações de trabalho, especialmente por Súmulas e Orientações jurisprudenciais do Tribunal Superior do Trabalho.

O contrato de trabalho é uma relação jurídica continuada, de trato sucessivo. Por isso, não é de realização instantânea, mas acontece passo a passo. Quando ocorre a edição de uma lei nova, surge a questão da aplicação dessa lei aos contratos em curso. Os Tribunais pátrios têm se dividido na análise dessa matéria em face da novel legislação que alterou artigos da Consolidação. Há entendimentos de que os contratos em curso, ao tempo da Reforma Trabalhista, não teriam a incidência da lei nova sob o argumento de que ocorrera direito adquirido (direito consumado). Aqui reside a análise do presente trabalho.

O princípio basilar sobre a aplicação da lei no tempo se fundamenta no seguinte sentido: os atos praticados ao tempo da lei velha terão a incidência daquela lei; os atos praticados ao tempo da lei nova, a incidência desta lei.

O artigo 6º da Lei de Introdução ao Código Civil Brasileiro, lei de aplicação geral, determina que a lei nova terá efeito imediato e geral, respeitados apenas o ato jurídico perfeito, o direito adquirido e a coisa julgada.

Destarte, porque as relações de trabalho são de trato sucessivo, posto que assim acontecem, não há como, sob o olhar jurídico, aplicar-se a lei velha sobre atos futuros.

Amauri Mascaro Nascimento, citado por Arnaldo Süssekind (in Curso de Direito do Trabalho, Rio de Janeiro, Renovar, 2002, pg. 163), ensina que *“efeito imediato, permitido pelo direito, é a aplicabilidade da lei às situações que se desenvolvem à época da sua vigência e que, portanto, não estão, nesse momento, consumados”*.

No mesmo prisma, doutrinadores e tratadistas renovados, como Carlos Maximiliano, Raul Robier e outros não destoam do entendimento de que as leis novas atingem os contratos em curso, exatamente porque sobre os contratos continuados não acontece o pretendido direito consumado.

O Supremo Tribunal Federal, em atenção ao que dispõe o art. 97 da Constituição Federal, emitiu Súmula Vinculante n. 10 nos seguintes termos: *“Viola a cláusula de reserva de plenário (CF, art. 97) a decisão de órgão fracionário de Tribunal que, embora não declare expressamente a inconstitucionalidade de lei ou ato normativo do poder público, afasta sua incidência, no todo ou em parte”*.

Por conseguinte, não há como afastar a aplicabilidade da lei nova, seja em contratos de trabalho novos ou mesmo aos contratos em curso quando da edição da novel legislação.

Não obstante isso, decisões do TST eram no sentido: *“Desse modo, inaplicável a nova redação do art. 71, § 4º, da CLT aos contratos de trabalho em curso quando do advento da Lei 13.467/2017”*. Em contrapartida, o mesmo Tribunal, por outras Turmas, tinham entendimento contrário: *“A discussão recai em torno da aplicação da nova redação do art. 71, § 4º, da CLT, alterado pela Lei nº 13.467/2017, aos fatos ocorridos após a sua vigência. [...] Assim, uma vez que o contrato de trabalho é de trato sucessivo, a norma de direito material, embora não retroaja, é aplicável a situações consolidadas em sua vigência e, assim, adequada ao caso a nova redação dada ao artigo 71, § 4º, da CLT.*

Embora persistisse a insegurança jurídica, diante das decisões conflitantes entre si, com a venia dos que entendem contrariamente, vínhamos defendendo em vários processos que a lei nova merecia sua plena aplicação mesmo aos contratos em curso por ocasião e a partir da alteração legislativa. As vicissitudes da vida social e a contemporaneidade



dos fatos não devem alterar a ordem jurídica construída ao longo dos anos. Vicente Ráo, jurista de significativa respeitabilidade, que mesmo ao 80 anos de idade (1973) presidia a Comissão Jurídica Interamericana da OEA, na categoria de Embaixador, em sua obra *O Direito e a Vida dos Direitos*, publicada pela Editora Revista dos Tribunais (5ª ed. Anotada e atualizada por Ovídio Rocha Barros Sandoval, 1999), já proclamava, referindo-se à vida do Direito, que *múltiplos e graves fatores operam no sentido de sustar o curso normal de seu desenvolvimento e procuram destruir, de ponta a ponta, toda a ordem jurídica que caracteriza a civilização contemporânea*.

Importa, pois, consagrar, a todo tempo, os fundamentos que norteiam o Direito para afastar caminhos tortuosos e que não encontram respaldo na base da construção do bom Direito. As civilizações necessitam, no alvorecer de qualquer época, da segurança que advém dos princípios basilares que formam a verdadeira ciência jurídica. Em relativa medida, o Direito serve para manter e gerar harmonia entre as pessoas e na sociedade.

Nesse patamar, em recente decisão do plenário do Tribunal Superior do Trabalho, por pequena maioria, ainda assim com louvável acerto, firmou tese: *A Lei nº 13.467/2/17 possui aplicação imediata aos contratos de trabalho em curso, passando a regular os direitos decorrente de lei cujos fatos geradores tenham se efetivado a partir de sua vigência. Reforma trabalhista. Aplicação imediata aos contratos em curso e Direito intertemporal.*

A decisão por maioria, dos vinte e sete Ministros do TST, doze Ministros se posicionando contrários à aplicação da lei nova aos contratos em curso na data da sua vigência, demonstra a insegurança jurídica que paira no sistema jurídico brasileiro e que, de certo modo, contribui para o atraso na prestação da justiça permitindo recursos a Tribunais Superiores com base nas divergências jurisprudenciais. Urge, pois, aplicação dos princípios gerais do Direito, o respeito aos fundamentos da essência do Direito, regulando as condições existenciais do homem em plena consonância na sociedade em que vive para uma paz mais duradoura.

(Romeu Gehlen é advogado, pós-graduado em Direito e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Para isso não tem saída



Em caso de ser assaltado
Não reaja e salve a vida
Esta orientação é dada
E por demais é difundida.

Os ladrões entenderam isso
E ampliaram a investida
A população desarmada
Ela em tudo é desprovida.

Eles, em forma de gangs
São time que tem torcida
No interior já está assim
Lá na vila e na avenida.

Ao chegarem em nossas casas
Querem rosa e margarida
Toalha limpa e banho morno
E cama bem estendida.

O pai vai virar sobremesa
A família, mesa servida
Quem sofre sequela assim
É para não ser esquecida.

Para ladrão a entrada é fácil
Até em porta interrompida
Mas a justiça, por ser cega
Para isso não tem saída.

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é escritor, poeta, compositor, músico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A árdua caminhada para a construção do porto marítimo do litoral norte – Arroio do Sal, RS

IRINEU GEHLEN

Engenheiro Fernando Machado Carrion, homem de fé, determinado, honesto, competente e de uma perspicácia arrebatadora, jungida ao dinamismo e à organização incomuns. Tais atributos fazem dele um homem, um político e um empreendedor de respeito e de uma existência exitosa e fecunda em tudo que se propõe e em tudo que se lança, tanto no campo do empreendedorismo quanto da política, da engenharia, além de um empresário de reconhecida capacidade e inteligência.

Conheço o Dr. Fernando Machado Carrion há mais de 40 anos e posso testemunhar sua fecunda e invejável trajetória traçada ao longo de quatro décadas.

Casado com a Dra. Gilda Monteiro Machado Carrion, desde 1965, mulher de fibra e garra. Carrion é Engenheiro Civil formado na UFRGS, atuou como engenheiro residente do DER/SC; professor de física; engenheiro em várias ferrovias e rodovias; engenheiro fiscal

do DAER; concursado no DAER-RS em primeiro lugar; adesguiano; especialista em rodovias nos EUA; conferencista; diretor da CINTEA; Diretor de Engenharia da antiga COHAB-RS; Prefeito Municipal de Passo Fundo; Presidente da AMZOP; Assessor da Prefeitura Municipal de Ciríaco RS; Presidente do Conselho Deliberativo da CNM; Deputado Federal (1991-1995); Membro da Comissão de Transportes e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados; Relator da Lei 8630 do Sistema Portuário Brasileiro; Membro do Sistema Habitacional da Câmara dos Deputados e Parlamentar de Inquéritos; agropecuarista e agricultor; Membro da Comissão de Desenvolvimento do Município de Passo Fundo; Colunista do Jornal do Comércio; proprietário da Empresa Portocar de Consultoria de Obras Portuárias; e Coordenador e Mentor do Projeto Final do Porto de Arroio do Sal RS.

Pois bem, este homem com a bagagem de conhecimentos expostos sonhou construir o segundo Porto Marítimo do Rio Grande do Sul, atendendo critérios técnicos e estudos históricos que remon-

tam desde Dom Pedro II e Engenheiros Europeus.

Trata-se, na verdade, de uma tarefa difícil, dura e complexa. Destarte, o talento, o homem, o político, o empreendedor, o íncito, o sábio e pensador, Dr Fernando Machado Carrion mostra-se um iluminado.

Lembro-me, num jantar, em galeteria de Passo Fundo, o Dr Carrion me relatou e expôs a ideia do Projeto e solicitou meu assessoramento jurídico ao empreendimento. A partir de então, começaram os estudos, as reuniões e os trabalhos permanentes que já contam com mais de dois anos. Desde então, o idealizador se convenceu da viabilidade da construção do Porto do Litoral Norte e, para tal, estudou a fundo o projeto realizado em Londres pelo Engenheiro John Clark em 1875, apresentado ao Imperador do Brasil Dom Pedro II, já naquela época.

Em abril de 2018, o Dr Carrion apresentou e entregou o projeto dos Ingleses ao General Hamilton Mourão, pessoalmente. Já em julho de 2018, percorreu os estudos e conclusões iniciais ao então Deputado Federal, hoje Senador, Luiz





Carlos Heinze. Por fim, em agosto do mesmo ano, entregou, pessoalmente, os estudos detalhados do Engenheiro John Clark, com a recomendação da construção do Porto, ao Deputado Jair Messias Bolsonaro, também pessoalmente e, na época, candidato a Presidente da República, hoje, nosso digníssimo Presidente.

Em outubro de 2018, nosso ilustrado coordenador — repleto de entusiasmo e vigor — viajou à Europa e visitou os Portos da Holanda (Roterdan) e outros para aquirir mais conhecimentos e adotar modelos semelhantes ao que deveria implantar no Brasil, em Arroio do Sal – RS.

As execuções começaram a andar celeremente e, ao apagar das luzes de 2018, em dezembro, houve a primeira audiência pública em Torres com o beneplácido do Exmo Sr Prefeito Municipal, Carlos Alberto Matos de Souza, sob a coordenação do mentor do Projeto Fernando Machado Carrion. Lembrou-me de que alguns vereadores também participaram juntamente com empresários de Caxias do Sul e municípios adjacentes de Torres. Assim, encerrou-se o ano de 2018 com aquela ideia e com aquele sonho em vias de se concretizar. É claro, faço aqui apenas uma sinopse dos prolegômenos genéticos do Porto. Pois, diversas outras reuniões aconteceram durante o ano findo, muitas em Torres, muitas em Caxias do Sul, outras em Porto Alegre e Passo Fundo e diversas em Brasília junto ao Ministério da Infraestrutura e Departamento Nacional

de Portos, em cujas oportunidades, sempre, o atual Senador Luiz Carlos Heinze esteve presente e oferecendo o suporte necessário e eficiente à ideia de se construir o Porto, obra bilionária com geração de milhares de empregos diretos e indiretos e resgate da economia gaúcha com incontáveis benefícios também ao Estado de Santa Catarina e ao País.

Sem dúvidas, ser aquilo que somos para nos tornarmos o que somos capazes de nos tornar é “sinae dubio” — o único fim da vida. Como se observa, Carrion está escrevendo sua história e culminando por idealizar e concretizar a maior obra do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, com espírito audacioso e com raro gesto de coragem, lança-se de corpo e alma na consecução deste magno objetivo.

Nessa trajetória, em janeiro de 2019, Carrion visitou os Portos de Itapuã-SC e Suape-Pernambuco, com o desiderato de conhecer modelos que pudessem ser adaptados ao nosso Projeto. Em fevereiro de 2019, com sua vontade férrea, arrojo e destemor, sobrepujou todos os obstáculos e conseguiu contratar o Anteprojeto do Porto.

Em março de 2019, por iniciativa do idealizador e coordenador Carrion e com o apoio incondicional e incansável do Senador Luiz Carlos Heinze, a Marinha do Brasil – DHN – Diretoria de Hidrografia e Navegação, instalou duas estações maregráficas na foz dos rios Mambituba e Tramandaí, no período de

15/03/2019 a 05/05/2019 para pegar o ciclo lunar completo e medir a variação das marés no litoral que engloba o local do Porto.

Em abril de 2019, a Marinha do Brasil, em trabalho exitoso concluiu seu levantamento batimétrico de 100 km quadrados no trecho entre o km 23 e o km 31 ao sul do Farol de Torres. Ainda no mês de abril de 2019, Carrion dedicou-se à escolha da área pertinente e adequada ao Porto, com fulcro no levantamento da Marinha do Brasil e com cuidados extremos ao meio ambiente e comparando as terras com áreas oferecidas em Torres e Arroio do Sal. Por questões exclusivamente técnicas, optou-se por Arroio do Sal que oferece a melhor área e com menor impacto ao turismo e ao meio ambiente.

Em junho de 2019, fora apresentado Anteprojeto contendo e prevendo: Obra Marítima; Ponte de Acesso e Sistema de Transportes; Berço de recebimento de gás natural através de FSRU-Floating Ship Regasification Unit; Berço para movimentação de contêineres e equipamentos; Berço para exportação de granéis agrícolas; Sistema viário; Edificações de apoio; Recepção de grão via rodoviária; Cinco armazéns graneleiros; Pátio de Contêineres e Sistema de correias transportadoras.

Este Anteprojeto foi apresentado e gestado na Prefeitura de Torres, em 20/06/2019 com a presença honrosa do Senador Heinze e o Prefeito de Torres.

Aqui cabe destacar o esforço despendido pelo Senador. Sua palavra amiga e seu ideal de servir e propagar o bem comum fizeram dele o astro patriótico que possibilitou brilhar ainda mais a ideia de construir o Porto de Torres. Depois, por questões técnicas, como já evidenciado, optou-se por Arroio do Sal.

É importante frisar que o Senador Heinze vem dando sustentação pessoal ao Engenheiro Fernando Machado Carrion e ao Projeto suporte político legal e necessário junto aos órgãos governamentais. Inegavelmente, Heinze é um gênio com o coração protegido pela bondade da alma e pelo sentimento de amor à Pátria. Em nenhum momento se comprometeu com o êxito fácil que promove as glórias efêmeras e passageiras. Fê-lo com caráter ávido por penetrar no âmago das coisas com perseverança e com vontade indestrutível. É isso que notamos no nosso Senador. Irritam-no, apenas, quando alguém vacila no propósito. Nunca se mostrou um sábio aos próprios olhos, mas o é aos olhos da sociedade. Não tolera o arbítrio e o abuso de direito, homem simples e firme, mas dotado de uma bondade surpreendente sem perder de vista os valores da coragem, determinação e decisão. Perdoe-me, Senador, mas, precisei fazer esta digressão honesta ao seu respeito. Sem o Senador e sem o Engenheiro Carrion, dificilmente o Porto de Arroio do Sal será uma realidade. Claro, aqui, enfatizo a importância da participação dos proprietários da área e de seus competentes e atuantes advogados, sempre voltados à condução da legalidade e da moralidade do negócio.

Em junho de 2019, o Dr. Carrion recebeu do Almirante Garcez, chefe da DHN, no Rio de Janeiro, a Carta Náutica do Litoral, conforme levantamento realizado pelo Navio Antares e com menção sobre a profundidade do litoral do futuro Porto e com sugestão do Almirante para que fosse realizado pelo Dr Carrion o levantamento batimétrico complementar.

Ainda, em junho de 2019, houve a apresentação do Antiprojeto pelo Projetista com as seguintes indicações: mínima necessidade de dragagem futura em razão das duas correntes marítimas das Falklandes (Sul-norte com águas frias) e corrente do Brasil (Norte-Sul com águas quentes) sentido Equador para o Sul, correndo ambas as correntes em sentidos contrários com a velocidade de até quatro milhas por hora, o que impede a deposição de sedimentos.

-Área de cabeça do Porto com 60 hectares;

-Testada para o mar – 647 metros (pé de praia);

-Berço de atração para navios de contêineres com 6 porteineres;

-Berço de granéis sólidos;

-Berço de gás natural;

-3.000 metros de ponte lançada ao mar;

-Quebra mar de 1000 metros na extremidade da ponte;

-Calado de 17 a 18 metros;

-Capacidades estimadas: a) 8 milhões de toneladas/ano de granéis sólidos; b)500 mil Teus/ano; c) 4º Porto do Brasil em granéis sólidos; e, d)7º Porto do Brasil em movimento de contêineres;

-Navios a serem recebidos: a) grãos, Post Panamax com 54 metros de largura; b) Contêineres New Panamax com 51 metros de largura.

Em julho de 2019, o Dr. Carrion, obstinadamente, efetuou levantamento batimétrico complementar entre os Km 09 e 12 ao Sul do Farol de Torres, por recomendação do Almirante Garcez, quando fretou a Traineira Finoquinas do Comandante Serginho. Além disso, passou a navegar em companhia do presidente da Colônia dos Pescadores do Passo de Torres, comandante Adriano Joaquim, em cuja oportunidade mediu coordenadas, profundidades e a hora legal em 650 pontos no mar, durante o dia 10/07/2019, cobrindo a superfície de 21 km quadrados.

Em 26/07/2019, Carrion apresentou ao Senador Heinze o Laudo Técnico devidamente assinado, com Carta Náutica, em anexo.

Já reconhecida pelo DHN da Marinha do Brasil, indicando área para o Porto em Arroio do Sal, distrito de Rondinha, situado entre 21,4 e 22 km ao sul do Farol de Torres, com área de 557 há, com seus pontos extremos sul e norte no litoral com as coordenadas:

-S29° 30” 36” Ponto mais ao sul

-W 49° 51” 21”

-S 20° 30” 19” Ponto mais ao norte

-W 49° 51” 09”

Situa-se a 1700 a 1100 metros ao norte do Balneário Jardim Olívia que, segundo informações dos pescadores da Colônia de Passo de Torres, é o ponto onde se encontra a maior profundidade do mar no trecho entre a Foz dos Rios Mambituba e Tramandaí, fato comprovado pelo levantamento batimétrico realizado anteriormente pelo Navio Antares da Marinha.

O Laudo assinado pelo Dr. Carrion, em 26/07/2019, demonstra que a declividade da Plataforma Continental, na frente da área do Porto é de até 1% para termo de comparação mais de 6 vezes superior que a do Porto de Rio Grande.

As principais rodovias de acesso ao Porto são as seguintes:

BR 285, de São Borja a São José dos Ausentes e a Sombrio (Sanga de TOCA) com conexão na BR 101 no km 425, servirá para o escoamento e para o transporte de grãos e de fertilizantes.

BR 101, no km 26,8 em Três Cachoeiras, ligação com ponte sobre a Lagoa Itapeva e Viaduto sobre a Estrada do Mar RS 389 direto ao Porto com 9,5 km. Trânsito previsto: 3.600 caminhões por dia.

Rota do Sol: Acesso em Terra d’Areia – No km 43 da Br 101 à Serra (Caxias do Sul) e Região.

BR 290: Free Way, acesso de Osório a Porto Alegre e ao Vale do Rio dos Sinos.

Processo aberto na Secretaria de Portos – Brasília em 30/05/2019, com o nº 50.000.028967/2019-42 em nome de FERNANDO CARRION é referente à licença posteriormente concedida em 09/03/2020 pela Secretaria Nacional de Portos – Órgão do Minfra, na presença do Senador Heinze, proprietários da área e outros.

Agosto de 2019

26 de agosto de 2019: Na companhia do Senador Luis Carlos Heinze, estivemos oficialmente em audiência pública em Arroio do Sal comunicando, com base no laudo de 26/07/2019, a escolha do Porto em Rondinha, audiência assistida por centenas de pessoas das comunidades do Litoral Norte.

Em 16 de agosto de 2019, na cidade de Passo Fundo, foi realizada reunião com os 4 proprietários da área do Porto e com o responsável pelo projeto, a fim de ser constituída a SPE (Sociedade para fins Específicos). Participantes: Antônio Roso – Eng. Ronaldo Bolognesi – Eng. Fernando Carrion – Adilson Oliveira da Silva – Clóvis Fernando Nascimento e Moisés Muri. Aos 4 proprietários, coube participarem com a área de 50 hectares para implantação e ao Eng. Bolognesi a execução do projeto, sendo prevista a futura expansão do TUP até a área de 560ha. Registre-se que o Eng. Ronaldo Bolognese, por acordo, retirou-se do grupo recentemente.

Desse modo, ao Eng. Fernando

Carrion, coube a participação como idealizador da obra, a coordenação geral do Projeto do TUP, e a escolha da área através de Laudo Técnico atrás já referido.

Outubro de 2019 – 25/10/2019 – Segundo levantamento batimétrico complementar realizado, Carrion contratou, em Passo de Torres, a Traineira Cainá 2 – saída no dia 25/10/2019 às 5:00 horas, comandada pelo Comandante Adriano, tripulação 4 marinheiros, embarcação com 1,30 m de calado, eslora 17 m e boca 4,50 metros, equipada com GPS – Sonda – Piloto Automático e Sonar. Enviei meu substituto imediato, Eng. Edson Brum, que realizou todas as planilhas e cálculos após a navegação ter abrangido área de 5 km de litoral (entre o Km 18,6 e o Km 23,6 com referência Ponto Zero no Farol de Torres, ao sul do mesmo, por 6000 metros no través do litoral, fechando uma área de 31,2 quilômetros quadrados com medições nos vértices de 196 quadrados inscritos dentro do retângulo externo de 5 km x 6 km. Esta navegação foi realizada na frente da área do Porto, sendo assim definitiva para fixar e conhecer a profundidade de suas águas, que confirmaram a isóbata – 20 metros a 2500 metros da linha da praia, o que permitirá o calado no Porto de 17 a 18 metros com toda a segurança. Como se verifica, a navegação realizada teve seu reconhecimento pela DHN da Marinha do Brasil, com a entrega em 11 de novembro de 2019 da Carta Náutica da Marinha referente a este trecho do Litoral Norte.

Novembro de 2019 – Com o recebimento da Carta Náutica da marinha, pudemos prosseguir no projeto com o lançamento das estruturas marítimas de acesso e quebra-mar.

Mais uma reunião na CIC de Caxias do Sul que, desde 2018, vem prestando através de sua participação, do MOBICAXIAS e da Universidade de Caxias, inestimável colaboração à causa do Porto a quem somos imensamente gratos e devedores de toda a sua dedicação.

17 a 19 de dezembro de 2019 – Entrega da parte inicial do projeto na Secretaria de Portos – Brasília.

- Visita na ANTAQ.

- Entrega do Relatório referente ao Projeto: foi entregue ao Presidente Bolsonaro e ao Vice-Presidente Gal Mourão, na companhia do Senador Heinze.

ANO 2020

Fevereiro/2020 – 04/02/2020 – Reunião com os Proprietários da Área do

porto sobre a visita realizada na véspera dos representantes da China RAILWAY.

Março/2020 – 05/03/2020 – Visita ao Porto de Pecém – Fortaleza/Ceará e à ZPE (Zona de Processamento de Exportação de Pecém) – Enorme semelhança do litoral entre Fortaleza e Pecém (40 km) com a linha da costa retilínea, muito parecida com o Litoral Norte no trecho onde está implantado o TUP em Arroio do Sal.

Ponte de acesso com 2,4 km (Pecém) e em Arroio do Sal com 3 km ambas no través do Litoral.

Quebra-Mar 1,7 km (paralelo à costa) – em Pecém. E 1 km (inclinado em relação à costa) em Arroio do Sal, sendo o condicionante para o ângulo de inclinação do Quebra – Mar em relação à costa, função exclusiva da direção principal dos ventos em cada Porto, o que é peculiaridade única do local.

A diferença existe apenas na amplitude das marés da lua cheia de 9/3/2020 de 3,05 metros em Pecém para 1,30 metros em Arroio do Sal.

10 de março de 2020 – Brasília – Reunião com Senador Heinze e a Comissão de Proprietários da área, após termos recebido na Secretaria dos Portos a autorização para o Projeto apresentado em dezembro. Em sequência, reuniões com o IBAMA e a ANTAQ sobre o Porto.

- Apoio recebido ao Projeto do Porto de Entidades Classistas como: FIERGS, ACISA de Passo Fundo – Caxias do Sul (CIC – SIMECS – SINDUSCON – SIMPLAS e MOBÍCAIXAS).

Julho de 2020

17/07/2020 – Teleconferência com Senador Heinze, Bolognesi, Antônio Roso, Tiago Zanotelli e Carrion – hoje deu entrada no Protocolo da ANTAQ em Brasília, por via eletrônica, nosso Projeto.

Nº. do Processo na ANTAQ: 50.300.012.811/2020-07 em nome de Porto Meridional – para análise técnica com engenheiro Albert Vasconcelos.

Não há risco de vazamento. Só tem acesso ao Processo os Procuradores designados: Tiago Zanotelli – Fernando Carrion.

Agosto de 2020

13/08/2020 – Viagem de Passo Fundo a São Borja para reunião do Eng. Fernando Carrion, coordenador do Projeto do Porto e mais o Dr. Irineu Gehlen, com

o Senador Heinze, presencial, em pleno período da pandemia do coronavírus, para acelerar e decidir as bases de formação definitiva da Empresa do Porto Meridional, proprietária e responsável pela área do Porto e pela elaboração do Contrato Definitivo e do Projeto para futura implantação do TUP em Rondinha, Município de Arroio do Sal, a 22 km ao Sul do Farol de Torres.

Impossível olvidar os grandes empreendedores do Porto: Adilson Oliveira da Silva, Clóvis Fernando Nascimento, Moisés Muri e Antônio Roso. Estas pessoas constituirão a sociedade que dará seguimento ao grande projeto que levará o sonho à realidade.

Como afirmava o sábio: “Aquele que emprega toda a sua energia e toda a sua perseverança em perseguir um fim único não pode deixar de triunfar”.

O inolvidável Gandhi proferiu: “De que vale a fê se ela não for convertida em ação?”.

Já Demóstenes, o grande, lutou incansavelmente para criar a pátria indestrutível. Para isso, sacrificou tudo. Chamaram-no de Leão de Atenas.

Aqui, vemos homens obstinados transformando um sonho em realidade.

O Senador Heinze e o Dr. Carrion, para nós, são fontes de inspiração transmitidas semelhantemente à vontade férrea de Demóstenes.

Para tanto, não há mais espaço para a prevalência dos interesses individuais e de grupos, mas, sim, a competência, a razão e o interesse coletivo. Nesse sentido, o porto de Arroio do Sal é obra gigantesca em favor do coletivo.

Acerca de tamanho empreendimento, desejo, particularmente, que o sol, com seus venâbulos e sua luz, rompa as trevas e barreiras e faça exalar o incensório sálmico na vida de cada um dos integrantes e responsáveis por essa magnânima obra.

Sabemos que o homem é, ao mesmo tempo, o mármore e o escultor: Não pode fazer-se, sem sofrer. “As grandes mentes têm propósitos; as outras têm veleidades (Washington Irving)”.

Péguy, durante as suas caminhadas literárias afirmava: “A esperança é como uma luz que atravessa a escuridão da noite”.

Alguém desconhecido proferiu a seguinte frase: “Não conteis com o vosso talento. Se o tendes, o trabalho há de desenvolvê-lo; se não o tendes, o trabalho há de supri-lo.

Arroio do Sal, 14 de dezembro de 2020

A árdua caminhada para a construção do porto marítimo do litoral norte - Arroio do Sal - RS, está chegando ao fim: A parte I relata a sôfrega caminhada da viabilização para a construção do Porto Marítimo do Litoral Norte, que será construído em Arroio do Sal, no Rio Grande do Sul, em breve. Agora, a parte II dá sequência aos atos praticados a partir de 13 de agosto de 2020, até a presente data.

No dia 13/08/2020, sob a coordenação e comando do Engenheiro Fernando Machado Carrion, juntamente com seu assessor jurídico, deslocaram-se até a cidade de São Borja, no escritório do Senador Luiz Carlos Heinze, para decidir as bases da formação da empresa proprietária da área onde se instalará o Porto Meridional. Sem dúvida aquela viagem foi decisiva no processo global do ambicioso Projeto.

Em dezembro de 2020, como resultado da viagem a São Borja, ocorreu um ponto de inflexão importante, visto que, o Engenheiro Ronaldo Bolognese, por acordo, retira-se do grupo societário, abrindo espaço para a contratação de uma das maiores mentes em conhecimento portuário, marítimo e ampliação de praias, o Engenheiro João Acácio Gomes de Oliveira Neto.

Dando continuidade à consecução do projeto, em virtude de contatos realizados pelo Engenheiro Fernando Machado Carrion, em janeiro de 2021, a BRASKEM, do Polo Petroquímico de Triunfo, RS, mostrou-se interessada na instalação de um Terminal Fixo no Porto de Arroio do Sal.

Já, em abril de 2021, dando sequência aos objetivos focados no Porto, o Empresário Antônio Roso, obteve para o Porto de Arroio do Sal, da BSBIOS, a possibilidade de exportação de um milhão de toneladas/ano, de soja e/ou farelo, e da COTRIJAL a exportação de 500 mil toneladas/ano, de soja em grão.

A concepção do Projeto

Serão necessários 2,9 milhões de metros cúbicos de rocha de basalto para construção dos MOLHES e 300 mil peças de 3 toneladas de CORELOKS, sendo o aterro do molhe composto de:

NÚCLEO - 2 milhões de metros cúbicos de pedras de 1 a 500kgs.

SUBCAPA - 700 mil metros cúbicos

de pedras de 500kgs a 2 toneladas.

MANTO INTERNO - 150 mil metros cúbicos de pedras de 2 a 4 toneladas.

NO FINAL - 340 mil metros cúbicos de CORELOKS de 3 toneladas cada um.

O Quebra Mar responde por 55,5% do total do investimento da infraestrutura.

O Projeto do Porto de Arroio do Sal é de um Porto ONSHORE. A criação de uma bacia interna de um quilômetro quadrado com aprofundamento através da dragagem de nove milhões de metros cúbicos que responde por 19,2% do total do investimento da infraestrutura.

O prazo de implantação da obra de infraestrutura varia de 18 a 24 meses.

O projeto será apresentado pelo competente e destacado Engenheiro João Acácio Gomes de Oliveira Neto, presidente da DTA (que é a nova contratada para execução do projeto), em substituição a Bolognese Engenharia, e, em Porto Alegre, em 09 de agosto de 2021, foi por ele informado previsão de custo de 1.278.000.000,00 (um bilhão, duzentos setenta e oito milhões de reais) para a infraestrutura do Porto, sendo: 709 milhões de reais o custo dos Quebra Mares; 245 milhões de reais a dragagem; e 160 milhões de reais o acesso do porto à BR101 com a ponte sobre a Lagoa Itapeva; e, o montante de 164 milhões de reais para as instalações em terra.

O empreendimento é viável pelo lado ambiental, havendo necessidade da revisão do plano diretor do Município de Arroio do Sal, cujo Prefeito Affonso Flávio Angst, tem sido incansável na consecução do projeto.

O PAY BACK inicialmente demonstrado para o negócio foi de 06 anos, ou a terça parte do PAY BACK em caso de outros Portos para comparação.

Em setembro de 2021, realizou-se uma reunião em Porto Alegre, com o Procurador Geral do Estado Dr. Marcelo Dornelles, o Senador Luiz Carlos Heinze, Promotores de Justiça, Procurador da República em Capão da Canoa e outras autoridades do Ministério Público onde foi feita ampla explanação do Projeto do Porto, com debates e questionamentos que proveitosamente foram respondidos pelo Projetista Engenheiro João Acácio, facilitando os futuros encontros.

Também, em setembro, foram continuados esforços junto à ACERGS (Associação dos Cerealistas do Estado do Rio Grande do Sul), no sentido de ser feita carta de confidencialidade para cumprimento futuro de cota de exportação de soja em grão ou derivados, pelo

Porto de Arroio do Sal. Registre-se, que a ACERGS, exporta 4,56 milhões de toneladas de soja por ano.

Em 29 de outubro de 2021, em Chapecó - SC, Capital do Oeste do Estado, houve reunião na sede da AURORA, uma das três grandes na exportação de carnes do Brasil. Para conhecimento de todos informa-se que a AURORA é composta de 11 cooperativas ligadas a ela, uma das quais a ALFA que responde por 25% do tamanho da AURORA. A reunião, coordenada pelo Dr. Fernando Machado Carrion, contou com a presença dos presidentes e diretores de ambas, bem como de cooperativas filiada, ficando acertado na ocasião que será colocado no plano plurianual da AURORA, a logística através de escoamento de suas cargas de frango e suíno, na totalidade ou parcialmente, pelo Porto Meridional de Arroio do Sal, após ficar demonstrado que as distâncias de Chapecó ao Porto de Paranaguá (Paraná); de Chapecó ao Porto de Itajaí (Santa Catarina); e, de Chapecó ao Porto de Arroio do Sal (via Erechim, Lagoa Vermelha e pela BR285 até o Porto), as distâncias são praticamente as mesmas, na ordem de 530 a 540 quilômetros, com a oferta de maior calado (17 metros) no Porto de Arroio do Sal, que o torna mais competitivo.

Foi informado pelo Diretor Celso Capelaro, da AURORA, que são exportados 600 mil toneladas/ano de carnes de frango e suínos por Itajaí e o abate diário é de 120 mil aves e 28 mil suínos. Foi informado pelo Engenheiro João Acácio, em boa hora, que o navio classe NEW PANAMAX vai poder operar no Porto Meridional inobstante ter 366 metros de comprimento, boca de 49 metros, calado de 15,20 metros e capacidade para 13 mil TEUS (Contêiners).

Em 12 de novembro de 2021, houve reunião com as indústrias do fumo em Venancio Aires e Santa Cruz do Sul (RS) a fim de conhecerem o Projeto do Porto. A reunião foi exitosa.

Em 23 de novembro de 2021, houve reunião também, com a FIERGS, em Porto Alegre, oportunidade em que foi exposta a situação e o Projeto do Porto, com o apoio da FIERGS e também de empresários da zona sul do estado, com a presença indispensável do mentor e coordenador do Porto.

Em 24 de novembro de 2021, em Arroio do Sal, foi feito o lançamento do Projeto do Porto Meridional, pelo Senador Luiz Carlos Heinze, a todos os Prefeitos do Litoral do Estado, com



a presença do Diretor de Operações José Manoel Nolasco, da MARUBENI GRÃOS BRASIL – TERLOGS – Terminal Marítimo da empresa do Japão, que se motivou para substituir a exportação anual de 5 milhões de toneladas de soja, hoje, realizada pelo Porto de São Francisco do Sul – SC, para o Porto de Arroio do Sal – RS, considerando sua visão logística.

No início de dezembro de 2021, houve apresentação do Projeto do Porto à Imprensa de Porto Alegre, com a presença do Jornal Correio do Povo, Jornal do Comércio, TV Pampa, com a Diretoria do Porto Meridional.

Em 16 de dezembro de 2021, a diretoria e o coordenador promoveram reunião em Brasília, junto ao IBAMA, ocasião em que foi apresentada a nova diretoria do Porto Meridional para a titularidade do processo de licenciamento (processo nº 02001.004776/2020-76).

Assim, encerram-se as atividades do ano de 2021 na consecução do Porto. Todavia, em 2022, já em janeiro, as atividades retornaram aceleradas.

Em 14 de janeiro de 2022, aconteceu em Jaquirana (RS), com os exportadores de madeira (que exportam 18 mil metros cúbicos por ano), a apresentação do Projeto do Porto pelo Engenheiro Fernando Machado Carrion, onde se manifestaram favoráveis tornando a reunião exitosa.

Salienta-se, à guisa de informação,

que o processo no IBAMA, para aprovação, tem o seguinte rito:

FCA – Documento de Abertura: do Porto para o IBAMA/Brasília em março de 2021;

TR – Termo de Referência – Resposta do IBAMA para o Porto em 15 de março de 2022 com o cronograma de execução do EIA RIMA;

EIA RIMA – Fase de Estudos Ambientais: do Porto para o IBAMA. O tempo dos estudos médios é da ordem de 12 meses, atualmente em andamento;

AUDIÊNCIA PÚBLICA – Aguardamos por ela dentro do tempo de execução do EIA RIMA;

Após seguem-se a LP – que é a primeira Licença Prévia do IBAMA, dizendo da possibilidade de o empreendimento ser construído no local apresentado;

Por último, segue a Licença de Instalação (LI) do IBAMA, acompanhado da ordem de início de serviço da infraestrutura do Porto Meridional.

Devemos referir, ainda, o recebimento de documento com data de 27 de outubro de 2021, da Marinha do Brasil, Capitania dos Portos de Tramandaí, Parecer nº 06/2021: “Nada tem a opor as obras requeridas de implantação das estruturas de atracação do Porto Meridional, em Arroio do Sal”.

Em abril de 2022 ocorreu a Audiência Pública com o Lançamento da Frente Parlamentar de Apoio pela Assembleia

Legislativa do Rio Grande do Sul ao Projeto do Porto Meridional. Proponente: Deputado Issur Koch, Presidente da Comissão da Frente do MERCOSUL, com a presença do Senador Luiz Carlos Heinze, vários deputados e o Projetista, Engenheiro João Acácio.

Em 18 de maio de 2022 – Reunião Almoço da AARS – Associação do Aço do Rio Grande do Sul, com o Presidente Engenheiro José Antônio Martins, Vice-Presidente Adelar Santarém, Senador Luiz Carlos Heinze com a apresentação e descrição do Projeto do Porto aos empresários do aço.

Em 25 de maio de 2022 – Atendendo convite expedido da Associação dos Práticos da Barra do Porto de Rio Grande, houve uma reunião, com apresentação do Projeto e demonstração in loco do trabalho realizado pela praticagem do Porto e mostra suas instalações.

Informações importantes: a cada 1 pé (30 centímetros) de aumento do calado, aumento em 2 mil toneladas a carga do navio.

Assim, se o Porto de Arroio do Sal dispuser de 3 metros a mais de calado que qualquer outro, permitirá que um navio possa receber 20 mil toneladas a mais de carregamento, como motivo de comparação, logística e economicidade o que vem a expressar a diferença de calado.

Em 23 de junho de 2022 – Reunião Almoço na ACI – Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo – Campo Bom e Estância Velha. Os portos têm liberdade de praticar as tarifas para cobrir os seus custos.

Feita exposição pelo Engenheiro João Acácio de diferentes Concepções Portuárias, como se vê a seguir:

PORTO ONSHORE. Rotterdam (HOLANDA); Zuebruge (BÉLGICA); Arroio do Sal; Valparaíso (CHILE).

PORTO ESTUARINO: Precisa de Dragagem Permanente. Shanghai (CHINA); Itajaí e Rio Grande.

PORTO ESCAVADO EM DÁRSENAS: Açu (Rio de Janeiro).

OFFSHORE: Porto Yang Shan é o novo Porto SHANGAI, ligado a ele por Ponte de 32 quilômetros sobre o mar da China.

Dia 1º de julho de 2022 – Câmara de Dirigentes Lojistas de Tramandaí – Imbé – Reunião Almoço de Empresários.

Exposição do Projeto do Porto Meridional pelo Diretor Kohl da DTA.

Em 08 de março de 2023 – Visita em Brasília com a Diretoria do Porto Meridional.

À ANTAQ

Ao Ministro dos Portos – Márcio França; com o Senador Luiz Carlos Heinze, onde foi feita exposição completa sobre o Projeto do Porto pela DTA.

Em 24 de julho de 2023 – ANTAQ – Agência Nacional de Transportes Aquaviários publicou no Diário Oficial da União, da 2ª feira, o Edital de Autorização para Construção e Exploração do Porto Meridional, em Arroio do Sal, no Litoral Norte.

O Projeto Inicial contempla um terminal de uso privado do tipo ONSHORE, com capacidade estimada em 40 milhões de toneladas. A obra incluirá calado inicial de 17 metros que permitirá recepção de navios de grande porte.

Conforme publicação, a obra tem valor previsto de 6 Bilhões. “Segundo o Engenheiro João Acácio Gomes de Oliveira Neto, Presidente da DTA Engenharia que lidera o empreendimento, os recursos para a execução da obra poderão ser captados por meio das seguintes fontes. São elas: Equity (capital de investidores), estruturação de dívidas, com fundos de investimentos, Fomento via BNDS e Fundo da Marinha Mercante (FMM)”.

“Ele explica que essas fontes, são possibilidades que podem atuar em conjunto ou individualmente.”

João Acácio acrescenta: “O próximo será a liberação da Licença Ambiental (LI) pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA). Depois disso, a construção deve ocorrer em 24 meses, e o primeiro navio deve atracar em 2026”.

A Diretoria do Porto Meridional Participações S.A. é constituída pelos seguintes empreendedores e parceiros:

Adilson Oliveira da Silva

Clóvis Fernando do Nascimento

Antonio Roso

Marcos Aurélio Pasinato

Paulo Roberto Purper da Cunha

Moises Mury da Cunha

Projetista: Engenheiro João Acácio Gomes de Oliveira Neto

Coordenador Geral: Engenheiro Fernando Machado Carrion

Departamento Jurídico: Dr. André Busnello

Assessor Técnico: Engenheiro Edson Antonio Brun

Ao Dr. André Busnello rendemos nossa homenagem pela importância da sua presença e pela relevância do seu trabalho na consecução de todos os

atos atinentes ao Porto, o que vem se dando com firmeza jurídica, capacidade, coragem, determinação, probidade e aguçada perspicácia na solução dos problemas.

Não se pode olvidar, também, o fecundo trabalho prestado ao Porto pelo Engenheiro Edson Antonio Brun, ao longo desta caminhada.

Agosto de 2023

Estão sendo procedidas sondagens em terra, dentro da área apresentada de 83 hectares, para que se conheça bem o terreno para receber as fundações das obras que vão ser construídas nele.

A estas sondagens seguir-se-á sondagem marítima do solo marinho, com a finalidade de conhecer todo o fundo do mar dentro da bacia de EVOLUÇÃO de navios e onde serão construídos os molhes de pedra e os píeres de atracação. Da mesma forma serão feitos os estudos de sondagem do fundo da Lagoa Itapeva, antes de ser construída a infraestrutura sobre a mesma Lagoa, cuja ponte fará a ligação entre o Porto e a BR 101.

Após essa sondagem, o projeto de engenharia desenvolvido pelo modelo computacional e matemático será seguido de um estudo em escala reduzida, a ser feito no Laboratório Hidrológico e Hidrográfico situado no Instituto de Ottawa, Canadá, a cargo do Engenheiro Monsieur Fournet, que é mestre no assunto e que visitou a DTA em São Paulo, em janeiro passado e com quem o coordenador, Engenheiro Fernando Machado Carrion, esteve pessoalmente a convite do Engenheiro João Acácio Gomes de Oliveira Neto, presidente da DTA e Projetista do Porto Meridional. Estes estudos simulam completamente as condições, como as águas vão se comportar, levando em conta a ação das correntes marítimas, dos ventos e das marés. A previsão deste estudo é para o mês de março de 2024.

Finalizando, em síntese, o Projeto do Porto Meridional, em desenvolvimento, já teve sua apreciação e aprovação até hoje, em diferentes ocasiões, pela Secretária Nacional dos Portos, hoje Ministério dos Portos; Serviço de Patrimônio da União (SPU); Ministério da Marinha; Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ); e, hoje, tramita no IBAMA, de onde espera a Licença Prévia (LP) e a Licença de Instalação (LI), após o rito de passagem pela audiência pública e todas as demonstrações necessárias que serão feitas ao Órgão Gestor

do Meio Ambiente do Brasil.

Pontos Destacados

BRASKEM;

BSBIOS e COTRIJAL;

Concepção do Projeto;

Custo da Infraestrutura;

PAY BACK;

Ministério Público e Procuradoria Geral do Estado;

ACERGS;

AURORA – ALFA e Filiadas;

Características de Navios;

Indústrias de Fumo;

FIERGS;

Lançamento do Projeto aos Prefeitos;

Marubeni Grãos Brasil – Japão;

Imprensa de Porto Alegre;

IBAMA/Brasília – Nova Diretoria Porto Meridional;

Rito de Aprovação do Projeto no IBAMA;

Jaquirana/RS – Exportadores de Madeira;

Parecer da Marinha do Brasil de 27 de outubro de 2021.

Audiência Assembleia Legislativa/RS – Frente Parlamentar Apoio Projeto Porto.

Associação Aço Rio Grande do Sul – AARS;

Associação Práticos Barra Porto Rio Grande;

Influência do calado na carga do navio;

ACI – Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha.

Diferentes Concepções Portuárias;

Câmara Dirigentes Lojistas de Tramandaí – Imbé;

Brasília – Audiências: ANTAQ e Ministro dos Portos; e

Autorização da ANTAQ no Diário Oficial da União.

Registrar os acontecimentos para a concretização e existência de mais um Porto no Estado do Rio Grande do Sul, para mim, salvo melhor juízo, é de suma importância, porquanto, teremos registrada a história da árdua tarefa da construção do Porto de Arroio do Sal por homens de raro idealismo, vontade indômita, capacidade e coragem inabalável. Esta Obra Portuária revela amor à Pátria.

Arroio do Sal, 13 de agosto de 2023

(Irineu Gehlen é assessor jurídico do coordenador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Chimarrão espuma verde

Espuma verde,
Que eu aqueço,
Tendo o mesmo endereço,
A cuia morena,
Num bocal que é o emblema,
4- Da prata que ornamentava
A Bomba se acomodava,
Num ritmo de poema!

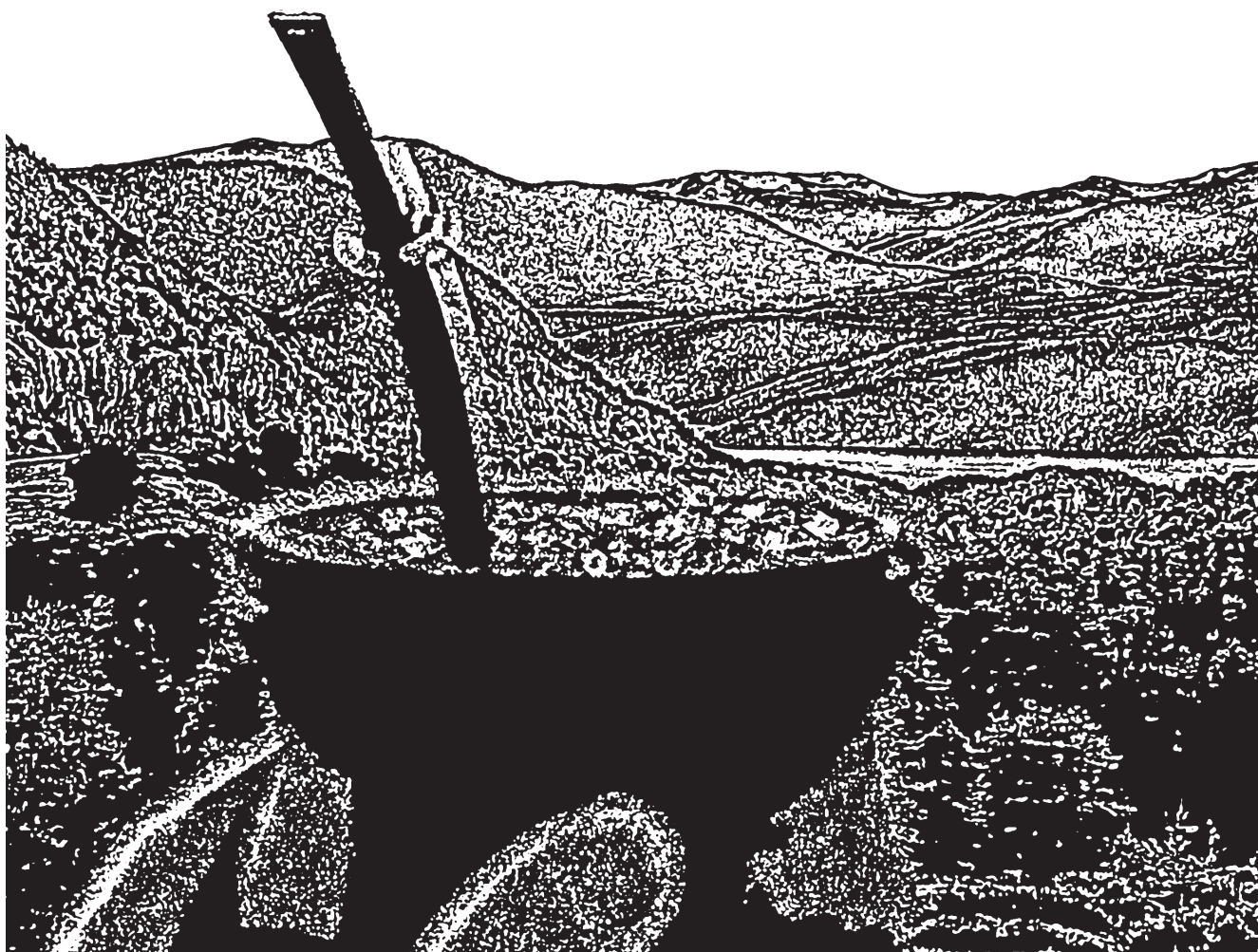
E assim eu vou cevando,
Aquecendo a inspiração,
Sovendo meu chimarrão,
Nesta orgia baguala,
Seja galpão ou na sala,
Não importa o lugar,
4- E que o mate vá testemunhar,
Este momento de gala!

Na paz da solidão,
Com a água na cambona,
Já que tudo emociona,
Aquecido no braseiro,
Alerta como escoteiro,
Entrincheirado no galpão,
Remoendo emoção,
Tendo Deus como meu parceiro!

Louvada cuia gaúcha,
Sempre troca de mão,
Conserva meu chimarrão,
Em roda de causo reúno,
Já ouviu muito tribuno,
É a gaúcha Querência,
Que faz a minha essência,
O Rio Grande que eu resumo!

Charlando num Monólogo,
Reinventando o passado,
O braseiro avermelhado,
Sinto o cheiro da fumaça,
O porongo é a taça,
Que me embriago sonhando,
Num resmungo vou vivendo,
Eternizando a força da nossa raça!
Solidão que me abraça!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Um romance inusitado em Cardiff

HUGO LISBOA

Em 1988, passei alguns meses em Cardiff, no País de Gales, no Reino Unido, num estágio médico.

O período de visita à renomada faculdade de Medicina: “Cardiff University School of Medicine”, foi ótimo e estive apreendendo uma excelente medicina. Entretanto, enfrentei a solidão de um estrangeiro com dificuldades na língua do país e sem muitos amigos. Foi então que encontrei um patologista, Dr. L, que estava na mesma situação. Era um colombiano boa praça e muito divertido. Durante nossas conversas, ele me contou uma história peculiar.

Dr. L estava ansioso para namorar e,

por isso, começou a cortejar uma cabeleireira de um salão de beleza na cidade. Ele a convidou para vários jantares, na esperança que o romance florescesse. Esses jantares, caros, comprometiam o seu orçamento e, mesmo com esse investimento, o relacionamento não avançava.

Um dia, decidido a encontrar sua pretendente, Dr. L foi até o salão de beleza. Lá, encontrou a dona do salão, uma senhora elegante de 70 anos, que já conhecia de vista, que o convidou para jogar bridge enquanto esperassem a cabeleireira. Esse jogo deveria ser com 4 pessoas, porém ela sugeriu uma partida a dois.

Durante o jogo, a senhora ofereceu para tomarem um aperitivo com brandy

e assim o fizeram bebendo quantidades razoáveis. Após bons goles, já entorpecidos pelo álcool, o desejo carnal se manifestou. Surpreendentemente, Dr. L acabou se envolvendo febrilmente com a senhora, dona do salão de beleza. Foi, como diz o ditado: se não tem tu, vai tu mesmo.

Na saída, caminhando alegremente para sua casa, ele refletiu sobre como o desejo pode levar para caminhos inesperados, transformando uma simples visita em uma noite inesquecível.

O jogo de bridge terminou empate.

(Hugo Lisboa é médico e membro da Academia Passos-Fundense de Letras.)



Tertúlia de canto e música

Tertúlia de canto e música,
Invocação imortal,
Nas páginas de tuas canções,
Falas das emoções,
Desta terra sem igual.

Tuas histórias são perenes.
Nas letras emocionadas,
Elas falam de amor
E também de tua dor,
Perdidas em longas estradas...

Nesta pampa desbravada,
Acumulando emoção,
Ao descobrir Passo Fundo,
Inventariando ao mundo,
Sem qualquer procuração!

E continuou sua sina,
Cantando a nossa gente,
Incorporando a bandeira
Da cidade companheira,
Na mídia se fez presente.

Nossa terra foi louvada,
Sempre foste bom letrista,
Cada nota musical,
Na fala tradicional,
Teixerinha nos conquista.

Em toda parte do universo.
Difundiu nossos costumes,
Cantarolava na viola,
No disco em espetáculo pelos países afora,
Sempre nas rodas de sucesso;
Teixerinha te louvamos,

Invocou nossa querência,
Agradeceu a hospitalidade.
Falou do Ivo Paim,
Da Marlene e do Capitão Serafim
E de outras autoridades.

Na melodia serena,
Da paisagem do Planalto,
Cantou também o Patrão Ulisse,
Até mesmo o que ele disse,
Do Sebastião Vidal, o arauto.

Gloria a ti Teixerinha,
Por torná-la conhecida,
Em programa de televisão,
Ou em alguma estação,
As homenagens revividas.

No alcance de tua voz,
No repente da garganta,
Elevou o nosso Estado,
Passo Fundo no costado,
No ri timo da percanta.
Enfrentou o Flavio Cavalcanti,
Que sempre te desafiou,
Quebrou disco, fez baixaria,
Fez que não entendia,
Mas sua fama não maculou

A sorte corria de teu lado,
Pois teu talento é grande,
O Brasil te conheceu,
E assim foi que nasceu,
Não tem quem suplante.

Valeu a pena a coragem,
O modo de proceder,
Vencestes cantando bem'
Sem nunca dizer amém,
Foste grande até no entardecer

Ninguém conseguiu te vencer,
Foste o maior cantor,
A tua única derrota,
Foi a vida torta,
Ditada por um amor.

Amou demais Teixerinha,
Só que foi a mulher errada,
Ela te trocou por um amigo,
Na verdade, teu inimigo,
Que te deixou nu na estrada.

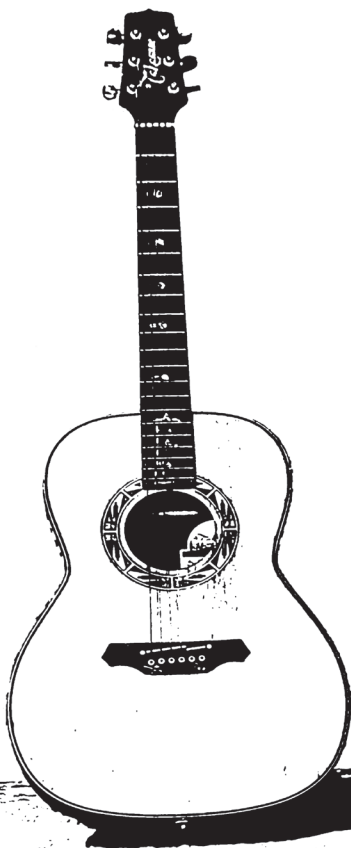
Levou o que mais estimavas,
Era aquela paixão.
Pela Mary que te traia,
Com o Trilha – ela fugia,
Roubando teu coração.

Lutou até onde pode,
A doença te enfraqueceu,
Ela te deixou na orfandade,
Então perecias de saudade,
Sem ela, tudo morreu!

Ficaram teus poemas,
Deixou tuas letras imortais,
Foste o rei dos gaúchos,
Sem gastar nenhum cartucho,
O céu é a sinfonia de teus corais!

Permanecestes imortal,
Teixerinha não desapareceu,
Ficou tua voz e também tua canção,
No abrir de tua garganta,
ouvimos teu coração,
E a te escutar sabemos que não morreu!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da
Academia Passo-Fundense de Letras.)





O poema de Borges que Borges nunca escreveu

GILBERTO R. CUNHA

Antes mesmo que as redes sociais se transformassem, para o delírio dos incautos, no território fértil onde vicejam textos de qualidade literária duvidosa, porém, supostamente, assinados por nomes consagrados no mundo das letras; essa abominável prática já existia. E, por mais incrível que isso possa parecer, levou intelectuais da estatura do economista Roberto Campos e do escritor Moacyr Scliar a caírem nesse tipo de armadilha e ajudarem a difundir algo falso como sendo verdadeiro. Esse é o caso do poema “Instantes”, cuja autoria é falsamente atribuída a Jorge Luis Borges, que ganhou notoriedade em vários países do mundo, com destaque no Brasil.

Em nosso País, “Instantes”, possivelmente, chegou por obra e graça do escritor Moacyr Scliar, em 1987.

Segundo relato do próprio Scliar, a história começou naquele ano, quando ele esteve na cidade de Rosario, Argentina, para participar de um encontro de saúde pública. Uma cópia do aludido poema foi distribuída aos participantes desse evento. De volta a Porto Alegre, traduziu os versos para o português e publicou o poema, que supostamente levava a assinatura de Borges, no jornal Zero Hora. A repercussão foi imediata. Esses versos se multiplicaram por todos os lados. Apesar de deveras piegas, o poema foi usado sem qualquer constrangimento em discursos públicos, epígrafes de livros, mensagens natalinas, cartazes de autoajuda (eu me lembro de ter visto um desses, ornamentando a propaganda de um laboratório de medicamentos, afixado na sala de espera da antiga sede da Rádio Uirapuru, no começo dos anos 1990) e citado, como se de Borges fosse, por intelectuais de escol, caso do economista Roberto Campos.

Nesse meio tempo, Scliar tomou conhecimento, por intermédio da viúva de Borges, Maria Kodama, durante um café da manhã, em Guadalajara, por ocasião da entrega do prêmio Juan Rulfo a Néli-da Piñon, que aquele poema nunca fora escrito por Borges, mas sim por uma escritora americana chamada Nadine Stair. A história havia começado, em 1986, quando esse poema foi publicado, em espanhol, na revista Uno Mesmo, ao lado de uma caricatura de Borges. O locutor de uma rádio de Buenos Aires leu o poema no ar, supôs, apressadamente, que era de Borges, e o resto é lenda. Moacyr Scliar tratou de corrigir o erro que havia ajudado a perpetrar, na própria Zero Hora e em coluna na Folha de São Paulo. Mas, tudo indica, sem maiores êxitos, pois, até hoje, muita gente ainda acha que aqueles versos são de Borges.

A tentação de se deixar levar pelos versos de “Instantes”, não obstante a qualidade literária duvidosa, é maior do

que o senso crítico. Afinal, quando se está à beira da morte, quem não gostaria de uma segunda chance? Um excerto de “Instantes”, para rememorar: “Se eu pudesse viver novamente a minha vida, / na próxima trataria de cometer mais erros. / Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais. / Seria mais tolo ainda do que tenho sido; / (...) / Se eu pudesse voltar a viver, / começaria a andar descalço no começo da primavera / e continuaria assim até o fim do outono. / Daria mais voltas na minha rua, / contemplaria mais amanheceres / e brincaria com mais crianças, / se tivesse outra vez uma vida pela frente. / Mas, já viram, tenho 85 anos / e sei que estou morrendo”.

Versos poucos palatáveis para gostos literários minimamente apurados. No final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, na era Internet, algo parecido se repetiu com “La Marioneta”, a falsa despedida de Gabriel García Márquez. Desta feita, apresentações Power Points, musicadas, eram distribuídas à exaustão via e-mail. No mesmo diapasão de “Instantes”, “La Marioneta” dava o tom: “Se, por um instante, Deus se esquecesse de que sou uma marionete de trapo e me presenteasse com um pedaço de vida, possivelmente não diria tudo o que penso, mas, certamente, pensaria tudo o que digo. / Daria valor às coisas, não pelo que valem, mas pelo que significam. /

Dormiria pouco, sonharia mais, pois sei que a cada minuto que fechamos os olhos, perdemos sessenta segundos de luz. / Andaria quando os demais parassem, acordaria quando os outros dormem. / Escutaria quando os outros falassem e gozaria um bom sorvete de chocolate. (...) / Aos velhos ensinaria que a morte não chega com a velhice, mas com o esquecimento. Tantas coisas aprendi com vocês, os homens... / Aprendi que todo mundo quer viver no cimo da montanha, sem saber que a verdadeira felicidade está na forma de subir a escarpa. / São tantas as coisas que pude aprender com vocês, mas, finalmente, não poderão servir muito porque quando me olharem dentro dessa maleta, infelizmente estarei morrendo”. Versos improváveis de terem sido escritos por Gabo. E, e fato, nunca foram do famoso autor de “Cem anos de solidão”. Mais tarde, se descobriria que foram escritos por Johnny Welch, um ventríloquo que trabalhava no México, para o seu boneco de nome Mofles.

Outro caso muito popularizado de “falsa autoria”, nos tempos pré-internet, é o poema de Eduardo Alves da Costa, “No Caminho, com Maiakovski”, que muitos atribuem a Brecht ou ao próprio Maiakovski. Os versos mais conhecidos são esses: “Tu sabes, / conheces melhor do que eu / a velha história. / Na primeira

noite eles se aproximam / e roubam uma flor / do nosso jardim. / E não dizemos nada. / Na segunda noite, já não se escondem: / pisam as flores, / matam nosso cão, / e não dizemos nada. / Até que um dia / o mais frágil deles / entra sozinho em nossa casa, / rouba-nos a luz, e, / conhecendo nosso medo, / arranca-nos a voz da garganta. / E já não podemos dizer nada”.

A diferença, nesse caso, é que os versos de Eduardo Alves da Costa são, literariamente, bons, quando comparados com os de “Instantes” e de “La Marioneta”. Eu lembro de panfletos mimeografados, produzidos pelo movimento estudantil da UFRGS, no começo dos anos 1980, com esses versos assinados como se fossem de Maiakovski.

Para encerrar essa história, “Instantes” não seria nem de Jorge Luis Borges e nem de Nadine Stairs. Os versos originais, com algumas modificações, seriam do escritor e humorista americano Don Herold (1889-1966), publicados no Reader’s Digest, edição de outubro de 1953. Não fui conferir essa informação. Divirtam-se!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

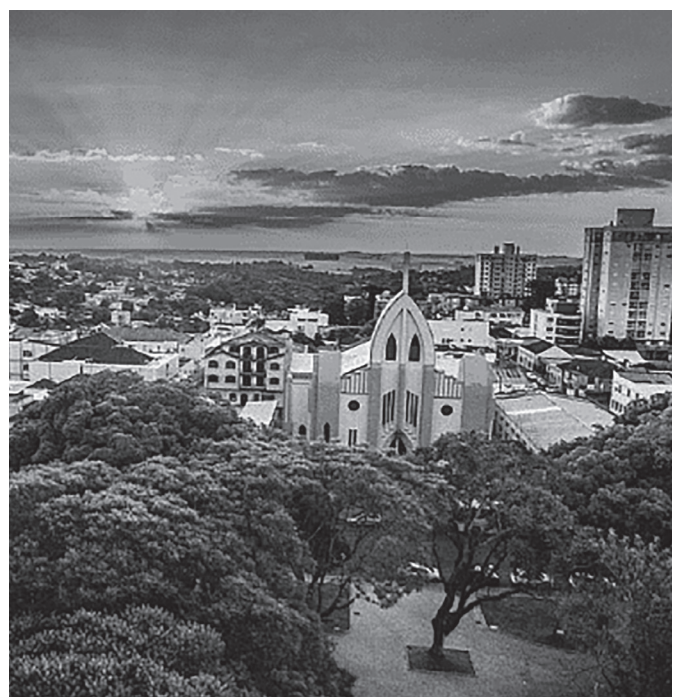
Cruz Alta

Cruz Alta
terra sagrada
linda internada
da guapa tradição
Cruz Alta
terra tão trigueira
estação primeira
do meu coração.

Quem passa pelo planalto
avista bem no alto
uma grande cruz
foi onde os tropeiros
ficaram raízes
e foram felizes
sob a divina luz.

Dos tauras
por ti gerados
Erico Veríssimo
Pinheiro Machado
deram teu recado
a tantos recantos
e te amaram tanto
chao abençoado

Chegando aos duzentos
carrega nos tentos
renovados ventos
de prosperidade
e quem te conhece
nunca mais esquece
e sempre aparece
pra matar a saudade.



Em vez do gato de Schrödinger, o gatinho preto de Machado

GILBERTO R. CUNHA

O gênero epistolar, ainda que não faltem exemplos para provar a utilidade e o valor artístico de cartas na literatura, costuma ser olhado com certas ressalvas, não raro preconceituosas ou cheias de melindres, nos meios acadêmicos. Não são poucos os óbices, em tempos que missivas laudatórias atraem cada vez menos adeptos, de escrita digital apressada e corretores ortográficos “amigos” a nos ajudar a cometer verdadeiros atentados contra o vernáculo. E, acrescente-se que, o intuito primeiro de quem escreve uma carta, quase sempre, não é produzir literatura. Evidentemente, estamos nos referindo a cartas pessoais, supostamente não fictícias, e não do romance epistolar como gênero literário, que teve seu apogeu no século XVIII, quando foram produzidas obras como *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, publicada em 1774.

A correspondência pessoal, especialmente de famosos, suscita a curiosidade de muita gente e, não raro, quando publicada, pode se constituir em obra de sucesso ou se destacar pelo valor inestimável como fonte primária aos estudiosos dos temas que tratam. Mas, sempre se deve desconfiar da “sinceridade epistolar”. Quem pode garantir que o relatado numa carta realmente aconteceu daquela forma? Que o emitente não omitiu informações ou que, deliberadamente, não fantasiou a realidade dos fatos? Como identificar as ditas “verdades inventadas”? Eis questões que exigem atenção redobrada quando se faz a leitura desse tipo de obra.

Eu, particularmente, apesar da dificuldade no entendimento do conteúdo, sou apreciador do livro “For and Against Method” (A Favor e Contra o Método), que além das derradeiras aulas sobre o método científico, proferidas por Inre Lakatos, na London School of Economics, em 1973, inclui a troca de correspondência, real, mantida entre Lakatos e Paul Feyerabend, e um diálogo



introdutório fictício, uma vez ambos falecidos, recriado pelo organizador da obra, Matteo Motterlini. O livro mostra que, mesmo no terreno árido da filosofia da ciência, quando a genialidade dos interlocutores se sobrepõe, há espaço para a literatura florescer em uma troca de correspondência. Impossível ignorar como não sendo literárias, afirmações do tipo “a ideia está tão clara e bem definida como uma borboleta morta na caixa de um colecionador”, posto por um interlocutor, e, pelo outro, réplicas como “mostrando a inconclusividade das conclusões”, ao afirmar “eu não tinha problemas no início e agora eu não tenho nada além de problemas”.

Da correspondência de Machado de Assis, coligida pela Academia Brasileira de Letras em cinco tomos, sob supervisão de Sergio Paulo Rouanet, com organização e comentários de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, sobressai-se a força da veia literária da pena machadiana. Um bom exemplo é a carta enviada a uma moça, sua vizinha, Alba Araújo, que lhe havia presenteado com um gatinho preto para companhia, depois da morte de Dona Carolina. Como forma de agradecimento, Machado escreveu uma carta, em que adota o ponto de vista do felino e assina como “Gatinho Preto”. Ei-la: “Quinta-feira. / D. Alba, / Só agora posso pegar na pena e escrever-lhe para agradecer o obséquio que me fez dando-me de presente ao

velho amigo Machado. No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe aos joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças, e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá. Só não consente que eu trepe à mesa, quando ele almoça ou janta, mas conserva-me nos joelhos e eu puxo-lhe os cordões do pijama. / A minha vida é alegre. Bebo leite, caldo de feijão e de sopa, como arroz, e já provei alguns pedaços de carne. A carne é boa; não creio, porém, que valha a de camundongo, mas camundongo é que não há aqui, por mais que os procure. Creio que desconfiaram que há mouro na costa, e fugiram. / Quando virá ver-me? Eu não me canso de ouvir ao Machado que a senhora é muito bonita, muito meiga, muito graciosa, o encanto de seus pais. / E seus pais, como vão? Já terão descido de Petrópolis? Dê-lhes lembranças minhas, e não esqueça este jovem Gatinho Preto.”

Gênio esse Bruxo do Cosme Velho!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Apoio:



PREFEITURA DE
**PASSO
FUNDO**
Cidade melhor, vida melhor.

